

1570/556.

2131

OBRAS
DO
PADRE ANTONIO VIEIRA.

SERMÕES.



IMPrensa UNIÃO-TYPOGRAPHICA.
RUA DOS CALAFATES, 113.

SERMÕES

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA.

TOMO XI.

LISBOA

EDITORES, J. M. C. SEABRA & T. Q. ANTUNES

RUA DOS FANQUEIROS, 82

1856



SERMÃO

DO

SANTÍSSIMO NOME DE MARIA.

Na occasião em que sua santidade instituiu a festa universal do mesmo santíssimo nome.

Et nomen Virginis Maria. Luc. I — 27.

I.

Se o sermão desta nova solemnidade se prégera no ceu, todas as gerarchias dos espiritos bemaventurados, e todos os nove coros dos anjos se haviam de achar neste auditorio. A materia tão immensa como breve se resume toda a uma só palavra. Isto é o que refere o evangelista S. Lucas no texto, tambem breve, que propuz, dizendo que a Virgem escolhida para Mãe de Deus, tem por nome Maria : *Et nomen Virginis Maria.* (Luc. I — 27) Um anjo trouxe a embaixada á Virgem, o mesmo anjo foi o primeiro que pronunciou o nome de Maria ; e todos os anjos haviam de concorrer, como dizia, a ouvir o panegyrico do mesmo nome : mas porque ou para que ? Por ventura para saberem alguma coisa de novo ? Não ; porque muito mais sabem e penetram deste al-

tissimo argumento os anjos, do que podem discorrer e alcançar todos os entendimentos humanos. Por ventura para se aproveitarem dos maravilhosos efeitos, que em seus veneradores causa o mesmo nome? Também não; porque os anjos nem teem que emendar, nem podem crescer. Não teem que emendar, porque no ceu não ha peccado: nem podem crescer, porque no ceu não se augmenta a graça. A que fim logo se haviam de achar neste auditorio hoje, desde o infimo ao supremo, todos os estados dos anjos? Digo, que só para ouvir o nome de Maria. E vêde se fallo com fundamento.

Tres vezes na Historia dos Cantares viram os anjos a Esposa Divina, que é a mesma Virgem; e notam os mais advertidos expositores, que outras tantas vezes perguntaram quem era: *Quæ est ista? quæ est ista? quæ est ista?* (Cant. III — 6) Os anjos bem sabiam, que a cheia de todas as virtudes e graças, como a composição cheirosa composta de todas as especies aromaticas, era unicamente a bemdita entre todas as mulheres: pois porque perguntam quem é? *Quæ est ista, quæ ascendit per desertum, sicut virgula fumi ex aromatibus myrrhæ, et thuris, et universi pulveris pigmentarii?* (Ibid.) Os anjos bem sabiam que a que amanheceu neste mundo desfazendo as trevas da noite, e abrindo as portas aos primeiros resplandores da luz, como formosa e alegre aurora, era a Mãe do verdadeiro Sol; pois porque perguntam quem é: *Quæ est ista, quæ progreditur quasi aurora consurgens?* (Ibid. VI — 9) Os anjos bem sabiam que a que subiu da terra ao ceu com a mão sobre o braço do seu amado, e não indo buscår as delicias, senão levando-as já consigo, era a mesma Senhora no triumpho de sua gloriosa Assumpção; pois porque perguntam quem é: *Quæ est ista, quæ ascendit de deserto, deliciis affluens, innixa super dilectum suum?* (Ibid. VIII — 5) Perguntar a primeira vez, tinha desculpa, se foram homens; mas não só uma, senão tantas vezes, sendo anjos? Sim, é por isso mesmo. Quem não pergunta por ignorancia, pergunta por gosto: e é tanto o gosto que todos os espiritos angelicos recebem em ouvir pronunciar o nome de Maria, que só porque lhe respondam que é Maria, perguntam tantas ve-

zes quem é: *Quia Mariæ dulce nomen desiderant sibi responderi*, diz Richardo Laurentino.

Eu não posso negar que o pensamento é exquisito, e parece remontado: mas por que se não attribua só á agudeza e devação deste auctor, oíçamos a outro não menos devoto, nem menos sabio: *Tantæ virtutis* (são palavras daquelle espirito extatico, que, sendo mestre e doutissimo, por humildade se chamou idiota) *Tantæ virtutis, et excellentiæ est tuum sanctissimum nomen, ó beatissima Virgo, ut ad invocationem ipsius cælum rideat, et angeli congaudeant*: É tão grande (diz) a virtude e excellencia de vosso santissimo nome, ó Virgem beatissima, que quando se pronuncia e invoca, todo o ceu ri, e todos os anjos se alegram. Admiravel coisa por certo, que os espiritos celestes os quaes estão com os olhos cheios da vista de Deus, tenham outro desejo, e outro gosto! Mas ainda é mais admiravel, que este desejo seja de ouvirem o nome de Maria, e este gosto, quando o ouvem.

E por que ninguem cuide que estes dois testemunhos recebidos, e approvados de toda a escola da theologia, fallaram com as affectações do encarecimento, a mesma Virgem Maria como Oraculo superior a todo o criado, nos ensinará sinceramente a verdade do que havemos de crer. Fallando a Senhora com santa Brigida nas suas revelações, diz assim: *Filius meus quantum honoravit etiam nomen meum, audi*: Ouve, Brigida, quanto meu Filho não só me honrou a mim, senão tambem o meu nome. *Nomen meum est Maria; hoc nomen cum angeli audiunt, gaudent in conscientia sua, et regratiantur Deo*: O meu nome é Maria; e este nome quando o ouvem os anjos, se alegram interiormente, e dão graças a Deus por elle: não porque oíçam alguma coisa de novo; mas porque se lhes renova a memoria, e o gosto do que já sabem, que isso quer dizer, *in conscientia sua*. E não só os anjos do ceu, senão os que neste mundo guardam os homens, quando algum nomea e invoca o nome de Maria, logo se chegam mais a elle para o ouvir de mais perto, e lhe assistem com maior cuidado: *Angeli etiam boni audito hoc nomine statim appropinquant magis justis*. De sorte, que para fazermos mais nossos os nossos anjos da guarda, e sermos mais benevo-

lamente assistidos delles, a melhor oração, e o maior obsequio que lhes podemos fazer, é nomear muitas vezes o nome de Maria.

Sendo pois os anjos tão devotos, ou, para o dizer com phrase de S. Hylario, tão ambiciosos ouvintes do nome de Maria; de que outro exordio podia eu usar neste seu dia, nem mais nobre, nem mais bem fundado: ou que exemplo podia propor mais efficaç e mais digno de imitação aos que com intendmento e curiosidade humana esperam as primeiras noticias deste novo assumpto? Das que eu trago para publicar (que são as mais importantes ao inteiro conceito do mesmo nome) só posso affirmar, que me não poupei ao estudo. E posto que a materia é tão alta e incomprehensivel, que ainda ~~onde os ouvintes são homens,~~ de-vêra o prégador ser anjo; se ouvirmos comtudo o pouco que se pôde dizer, com a attenção e estimação que a mesma materia merece; não só prometto que imitaremos os anjos, mas que em parte não pequena os excederá a nossa sorte mortal. Os anjos ouvem o nome de Maria com tanto desejo e tanto gosto, como vimos; nós não só o podemos ouvir com desejo e com gosto, mas com grande utilidade e augmento de graça, dos quaes o seu estado não é capaz. Para que assim seja (que é o fim que pretendu a egreja nesta nova celebridade) valhamo-nos do favor, auxilio, e virtude do mesmo nome, dizendo: *Ave Maria.*

II.

Et nomen Virginis Mariae—

Para fallar do nome ineffavel de Maria, e para se entender com distincção e clareza o pouco que se pôde dizer de materia tão immensa, primeiro que tudo devemos suppor, que coisa é isto a que chamamos nome. O nome, diz Aristoteles, é uma vez significativa, cujo significado lhe dá a instituição de quem o fez. Diz mais, que os fins para que se inventaram os nomes, é a declaração dos conceitos por elles significados; porque como os conceitos não se vêem, e as vozes se ouvem, pelas vozes ouvidas, vi-

mos em conhecimento dos conceitos que não vêem. Isto supposto, o instituidor do nome de Maria foi Deus, o qual o revelou primeiro a S. Anna, e depois a São Joaquim, assim como o nome de Jesus, primeiro foi revelado á mesma Virgem, e depois a S. José. O tempo desta instituição foi antes de todo o tempo, no principio sem principio da eternidade. Então, como diz a mesma Senhora, foi concebida na mente divina: *Nondum erant abyssi, et ego jam concepta eram*: (Prov. VIII — 24) e então saiu da bocca do mesmo Deus o nome com que foi significado este eterno conceito do Altissimo: *Ego ex ore Altissimi prodivi primogenita ante omnem creaturam*. (Eccles. XXIV — 5) A primeira conclusão, pois, que d'aqui se segue, é, que nós não podemos conhecer, senão muito imperfeitamente, ~~as divinas perfeições~~ que se encerram no nome de Maria; porque o conceito do que significa este soberano nome, foi parto do intendimento divino, que é infinito; e o significado pela voz do mesmo nome é o que nós só podemos perceber com o intendimento humano, que é tão fraco e limitado. Para dizer, porém, alguma coisa do que fôra mais facil calar e venerar com o silencio, se dividirá o meu discurso em tres partes. Na primeira veremos quão alta dignidade é a do nome de Maria, por ser o seu instituidor Deus. Na segunda, quão immenso é o significado que na breve e doce voz deste sacratissimo nome se encerra. Na terceira, como nos havemos de aproveitar e valer dos maravilhosos effeitos do mesmo significado, pela invocação frequente do mesmo nome. A mesma Senhora se digne de favorecer a tenção com que para gloria sua, e igual bem de nossas almas, fiz eleição deste assumpto.

III.

O cardeal S. Pedro Damião escrevendo a origem do nome de Maria, diz que o tirou e desenvolveu Deus dos thesouros de sua divindade: *De thesauro divinitatis Mariæ nomen evoluitur*. Não encomendou Deus a instituição deste soberano nome, nem a Adão, nem a Noé, ou a algum dos maiores patriarchas, nem a Michael, nem a Gabriel, ou a algum dos mais sabios cherubins,

ou serafins do empyreo; mas assim como o conceito e a idéa deste grande nome foi o latendimento divino; assim o som e a voz quiz que fosse pronunciado de sua propria bocca. E quem duvida, que a mais alta e excellenté dignidade a que pôde subir em sua origem uma creatura, é ter por seu immediato e total auctor o mesmo Deus? Ao terceiro dia da criação do mundo disse Deus á terra, que produzisse as ervas e as plantas: *Germinet terra herbam virentem, et lignum pomiferum.* (Genes. I — 11.) Ao quinto disse á agua, que produzisse os peixes e as aves: *Producant aquæ reptile animæ viventis, et volatile super terram.* (Ibid. — 20) Ao sexto dia tornou a fallar com a terra, e disse-lhe, que produzisse todo o genero de animaes: *Producat terra animam viventem in genere suo, jumenta et reptilia, et bestias.* Porém no quarto dia, em que houve de ornar o firmamento, e alumiar o mundo com o sol, lua e estrellas, não disse Deus ao ceu que as produzisse, senão que elle por si mesmo fabricou, e acendeu aquelles luminosos do universo, e por si mesmo as collocou no firmamento: *Fecit Deus duo luminaria magna, luminare majus, ut præset diei, luminare minus, ut præset nocti et stellas: et posuit eas in firmamento.* (Ibid. 16 e 17) Pois se Deus mandou á terra, que produzisse as plantas e animaes: se mandou á agua, que produzisse os peixes e as aves; porque não mandou tambem ao ceu que produzisse o sol, e a lua, e os outros planêtas? E se a terra produziu as flores, que são as suas estrellas; o ceu porque não produziu as estrellas, que são as suas flores? Porque essa é a differença que Deus costuma observar na producção de suas creaturas, ~~conferendo a dignidade~~ dellas. As plantas e os animaes produza-os a terra; os peixes e as aves produza-os a agua; porém o sol, a lua e as estrellas, que na alteza do logar, nos resplandores da luz, e na virtude das influencias excedem com tanta eminencia a tudo quanto lhes fica abaixo neste mundo elementar, nem ao mesmo ceu commette Deus a sua producção, senão que elle por si mesmo as produziu: *Fecit luminaria magna, et stellas: et elle mesmo las dividia e distribuiu os postos: Et posuit eas in firmamento.*

Tal foi o respeito e auctoridade, com que foram creados, e

postos no firmamento o sol, a lua e as estrellas, para que nesta mesma excepção se esteja lendo no ceu escripto com letras de oiro o singular privilegio e dignidade, com que Deus não communicou a outrem, mas reservou para si a formação e instituição do nome de Maria, isto é, daquella mesma Senhora, a quem no mesmo ceu veste o sol, calça a lua, e coroa as estrellas. Um homem escreveu, e um anjo pronunciou no nesso evangelho o nome de Maria. Quem o escreveu, foi São Lucas: *Et nomen Virgines Maria*: (Luc. I — 27) quem o pronunciou foi S. Gabriel: *Ne timeas Maria*: (Ibid. — 30) mas a formação e instituição do mesmo nome, nem a homens, nem a anjos o communicou Deus; mas elle mesmo o formou *ab eterno*, e o manifestou em tempo, quando o tirou dos thesouros de sua divindade: *A thesauro divinitatis nomen Mariæ evolvitur*. E para que vejamos quão alta dignidade e soberania encerra a singularidade desta excepção; oicamos a primeira réplica daquelles a quem pôde não parecer singular. No Testamento Velho a irmã de Moysés e Arão chamou-se Maria; no Testamento Novo, ainda antes de sua promulgação, as Magdalenas, as Saloméas, as Jacobes tambem se chamavam Marias; como foi logo tão singular um nome que já era tão commum? Porque este ou o deram, ou o tomaram os homens: aquelle só o formou e instituiu Deus. Vêde agora quanta differença vae de ser chamado por Deus, ou por outrem um nome, ainda que seja ou pareça o mesmo.

No capitulo 48 de Isaias fallando Deus com os israelitas, diz assim: *Andite hæc domus Jacob, qui vocamini nomine Israel*: (Isai. XLVIII — 1) Ouvi-me, filhos de Jacob, que sois chamados com o nome de Israel. E mais abaixo no mesmo capitulo, fallando com os mesmos, diz o mesmo Deus: *Audi me Jacob, et Israel, quem ego voco*: (Ibid. — 12) Ouvi-me, filhos de Jacob, a quem eu chamo Israel. Não sei se notaes no mesmo nome de Israel a grande differença com que diz Deus aos mesmos homens, que elles são chamados, ou elle os chama: *Qui vocamini Israel et Israel quem ego voco*. O *qui vocamini*, pertence ao nome com que elles eram chamados: o *quem ego voco*, pertence ao nome com que Deus os chama. Mas se o nome com que eram

chamados, e o nome com que Deus os chama é o mesmo nome de Israel; que differença é esta no mesmo nome? É tão grande differença, que só o mesmo Deus, que a fez, a podia bastante-mente conhecer. O nome parecia o mesmo; mas vae tanto de nome a nome, e de chamar a ser chamados, quanto vae de ser a não ser: e isto não por outra razão, nem por outra differença, senão porque o mesmo nome de Israel d'antes era pronunciado por bocca dos homens, *Qui vocamini Israel*, e agora era pronunciado por bocca de Deus, *Israel quem ego voco*. E se tão notavel differença foi a do nome de Israel na bocca dos homens á do mesmo nome de Israel na bocca de Deus; qual seria, ou qual será a do singularissimo nome de Maria em comparação da irmã de Moysés e das outras, posto que santas que tiveram ou parece que tiveram o mesmo nome? O som da voz, ou a voz do nome é a mesma; mas o nome em si, nessas chamadas Marias, foi *qui vocamini*; na verdadeira e unica Maria, é, *quem ego voco*. E tanto vae de nome a nomes, e de chamar a chamar-se, quanto vae de Deus a não Deus.

Declaremos a verdade deste pensamento divino com um exemplo humano. Encarece Plinio naquelle seu tão celebrado panegyrico o nome de Optimo, que o senado deu ao imperador Trajano. E como no mesmo auditorio assistiam os romanos todos, os quaes sabiam que outros imperadores foram tambem chamados Optimos; como responderia o famoso orador a esta objecção, que tacitamente estava dando brados contra o que elle dizia? As palavras de Plinio são estas: *Justis de causis senatus, populusque romanus Optimi cognomen tibi addidit. Per unum id quidem, et in medio positum, novum tamen*: Ainda que este nome de Optimo, ó Trajano, parece antigo, não é senão novo, e ainda que parece commum a outros imperadores, em vós é singular. E porque? Porque aos outros, ou o tomou a ambição, ou o deu a lisonja, ou o introduziu e permittiu o costume; porém a vós depois de muito consultadas as justas causas de tão superlativo nome, vol-o decretou e consagrou o senado romano: *Optimi cognomen senatus, populusque romanus tibi addidit*. E se o nome de Optimo consultado e decretado pelo senado romano é tão differente de si

mesmo, ou dado, ou tomado por outros quão eminente dignidade serô, e quão incomparavel a do nome de Maria em Maria, consultado e decretado no consistorio da Santissima Trindade, e instituido e nomeado *ab eterno*, e guardado só para ella nos thesouros da divindade pelo mesmo Deus?

IV.

Assim foi, e assim havia de ser, e tão forçosa e necessária-mente assim, que não podia ser de outro modo. Grande gloria é do nome de Maria, que tivesse a Deus por auctor; mas muito maior gloria e soberania é do ~~mesmo~~ nome, que não podesse ter outro auctor senão a Deus. As razões naturaes desta singularissima excellencia são duas, as quaes deixaram fundadas e estabelecidas, sem saberem o nome a que serviam, os dois maiores philosophos, Platão, e Aristoteles: *Ratio quam significat nomen, est definitio, quæ designat propriam rei naturam*. A razão e propriedade do nome, diz Aristoteles, consiste em ser uma definição da natureza, e essencia do seu significado, iste é, daquillo que significa. De sorte, que assim como a definição declara a natureza e essencia do definido por muitas palavras; assim o nome é uma definição breve, que o declara em uma só palavra. E como o ser e grandeza de Maria Mãe de Deus, é tão sublime e immensa, que só o intendimento divino a pôde comprehender, e só elle declarar a dignidade e perfeições superiores a todo o creado que em si encerra; d'aqui se segue, que assim como só Deus lhe pôde compor a definição, assim só o mesmo Deus lhe pôde dar o nome. Celebra o divino Esposo as perfeições da Virgem Senhora nossa, debaixo da metaphora de todos aquelles primores e graças da natureza, que fazem admiravel uma estremada formosura: *Quam pulchra es amica mea, quam pulchra es!* (Cant. IV — 1) E é coisa muito digna de reparo, que em todas estas perfeições, que são manifestadas á vista, acrescenta uma clausula, em que exceptua as que debaixo della estão encubertas e escondidas. Fallando dos olhos, diz: *Oculi tui columbarum*; e logo ajunta: *Absque eo quod in-*

trinsecus latet. Passa a descrever os cabellos, as faces, a boca, os dentes, e a falla, tudo com similhanças pastoris: *Capilli tui sicut greges caprarum, quæ ascenderunt de monte Galaad: dentes tui sicut greges tonsarum, quæ assenderunt de lavaero: sicut villa coccinea labia tua, et eloquium tuum dulce: sicut fragmen mali punici genæ tuæ:* e acrescenta do mesmo modo: *Absque eo quod intrinsecus latet.* De maneira, que não se contenta o divino Pastor com os encarecimentos do que diz, senão que em todos tome a salva, remettendo-se aos silencias do que juntamente calla. Mas se esses excessos, ou mysterios de formosura interior os calla, porque são occultos e encobertos, e os não podem ver os olhos; porque os não declara ao menos, para que os creia a fã? ~~Porque são tão profundos e impenetraveis a todo o intendimento creado, que nenhum os póde alcançar, e só Deus os póde conhecer:~~ *Absque eo quod intrinsecus latet, hoc est, soli Deo cognitum, et nemini manifestum,* commenta Ricardo de Santo Laurencio. E porque debaixo das perfeições e graças da Mãe de Deus, manifestas aos homens e anjos, e admiradas e celebradas por elles, estão occultas e encubertas outras maiores reservadas só ao conhecimento e comprehensão divina; por isso assim como só Deus lhe póde formar a definição, assim só Deus lhe póde pôr o nome. Este é o solido fundamento assentado sobre a definição de Aristoteles, porque do nome de Maria não só foi Deus o auctor, mas porque só Deus o podia ser.

Platão ainda disse mais: *Dei appellatio est, cum Deus facit inesse rei nominatæ id quod nomen significat.* Quando Deus faz que a coisa nomeada tenha todo o significado do nome, então é signal certo e infallivel (diz Platão) que a nomeação foi divina. Para intelligencia desta philosophia é necessario que nos ponhamos no paraizo terreal, quando nelle não havia mais que Deus e Adão. Fez Deus que viessem diante de Adão todos os animaes, para que elle lhes puzesse o nome: e dá testemunho a escriptura sagrada, que todos os nomes que Adão poz aos animaes, foram tão proporcionados e proprios, como convinha á natureza de cada um: *Omne enim quod vocavit Adam animæ viventis, ipsum est*

nomen ejus. (Gen. II — 19) Agora oiçamos quão sabia e elegantemente discorre sobre esta acção S. Basilio de Seleucia, e como tambem dá a Deus e ao homem nella o que toca a cada um : *Esio, Adam, nominum artifex, quando rerum esse non potes : formentur à me, nominantur à te : partiamur hujus ficticis solertia gloriam : me agnoscant artificem naturæ lege, te Dominum intelligant appellationis nomine : inde nomen, quibus ego essentiam :* Sê tu, Adão, diz Deus, artifice dos nomes, já que o não pôdes ser das coisas. Foram formadas por mim, sejam nomeadas por ti. Partamos entre ambos a gloria desta grande obra : a mim reconheçam-me por seu Auctor pelo direito da natureza, e a ti por seu senhor, pela imposição dos nomes : dá tu o nome aos que eu dei a essencia. Não podia o homem subir a maior dignidade, que a partir Deus com elle a gloria da creação do mundo. Mas nesta partição, ou partilha, que parecia tão igual, ainda houve uma forçosa desigualdade, e differença grande. O homem pôde dar o nome, mas não pôde dar a essencia : só Deus pôde dar as essencias, ainda que não dê os nomes. Mas quando Deus dá o nome, é tal a efficacia da palavra e nomeação divina, que pelo mesmo nome fica obrigado Deus a dar tambem o significado, e a essencia. Isto é o que disse Platão, e esta a segunda e maior gloria do nome de Maria. Se Deus antes de escolher e predestinar aquella humilde donzella de Nazareth, lhe déra o nome de Maria, era Deus obrigado por força deste nome a dar á mesma Virgem a dignidade de Mãe, e todas as outras excellencias e graças para que foi predestinada ; porque faltando ao nome o seu significado, e á pessoa nomeada a sua dignidade, e á dignidade as suas prerogativas, faltaria tambem Deus (o que é impossivel) á verdade da sua palavra, e não seria a nomeação divina, nem ainda humana, como as de Adão no paraíso.

Adão no paraíso, como dissemos, posto que não pôde dar as essencias ás creaturas, pôde-lhe comtado dar os nomes convenientes, e proporcionados ás mesmas essencias. E se d'aquí inferir alguém, que os nomes das outras chamadas Marias, os quaes receberam por imposição humana, terão ao menos esta propriedade e proporção com o seu significado ; digo, que de nenhuma

modo. A razão é, porque a sciencia com que Adão no paraíso conheceu as essencias dos animaes, e lhe pôde dar os nomes proporcionados, e proprios, não era como a que hoje teem os homens natural e imperfeita, senão outra muito mais alta, sobrenatural, e infusa, de que elle e todos seus descendentes ficaram privados pela culpa. E este é o defeito por que os nomes que hoje poem os homens, ou são contrarios, ou improprios, e muito alheios do que querem significar. No mesmo Adão temos a experiencia. Poz Adão o nome a sua mulher, e chamou-lhe Eva, que quer dizer vida: e dando a razão do nome, acrescentou um erro sobre outro, declarando que lhe chamára vida, por ser mãe de todos os viventes: *Eo quod mater esset cunctorum viventium*. (Gen. III—20) Ha tal cegueira? Ha tal loucura? ~~Ha tal ignorancia e desconhecimento proprio?~~ Quem foi a que introduziu a morte no mundo senão Eva? Quem fez a todos os homens de immortaes mortaes, senão o serem filhos daquela mãe? Devêra pois Adão chamar-lhe morte, e não vida, e mãe dos mortaes, ou dos mortos, e não dos viventes, como bem o argue e convence S. Cypriano. Pois se Adão se mostrou tão sabio e tão acertado nos nomes dos animaes, como agora o vemos tão ignorante e tão errado no nome de sua propria mulher? Porque aos animaes poz-lhe os nomes com a luz, e sciencia sobrenatural do estado da innocencia, e a Eva com a cegueira e ignorancia natural do estado da culpa. Que muito logo que os herdeiros desta mesma ignorancia puzessem o nome de Maria a sujeitos tão improprios e tão desiguaes da grandeza e magestade deste soberano nome? Succedeu-lhe á Mãe o mesmo que ao Filho, e ao nome de Maria com as outras Marias, o que ao nome de Jesus com outros Jesus.

Considera S. Bernardo como houve um Josué successor de Moysés, e um Jesus Sirac, e outro Jesus filho de Josedech, que se chamaram Jesus. Mas como desaffronta o santo a soberania do nome de Jesus da baixeza de est'outros synonymos? Excellentemente: *Non enim ad instar priorum meus iste Jesus nomen vacuum, et inane portat. Non est in eo magni nominis umbra, sed veritas*. Sabeis quanta differença vae desses Jesus ao nosso Jesus? Quanta vae da sombra á verdade. Os nomes de ess'outros cha-

mados Jesus, eram nomes vazios, porque somente tinham o som e a voz, e lhes faltava o significado. Só o nosso Jesus foi nome cheio, porque a verdade da significação enchia os vazios, e as medidas do nome. É o que disse o poeta com discreta lisonja escrevendo a Maximo: *Maxime, qui tanti mensuram nominis imples*. E assim como entre todos os que se chamaram Jesus, só o Filho de Maria encheu as medidas do nome de Jesus; assim entre todas as que se chamaram Marias, só a Mãe de Jesus encheu as medidas do nome de Maria. E quaes são as medidas do nome de Maria? A mesma Senhora o disse: *Quia fecit mihi magna qui potens est*. (Luc. I — 49) Quem quizer tomar a medida certa ao nome Maria, tome-a primeiro á omnipotencia divina; porque tudo o que Deus podia e pôde, é o que ~~enthesourou~~ neste immenso nome. E se todos os poderes da omnipotencia são os que só enchem as medidas do nome de Maria, vêde como o podia comprehender-outra idéa, nem pronunciar outra voz, senão a da mesma divindade: *De thesauro divinitatis nomen Mariæ evolvitur*.

V.

Depois de declarado quem foi, e quem só podia ser o Auctor do nome de Maria, que foi Deus; segue-se, como prometti, examinar a significação ou significações do mesmo nome. A lingua hebréa, a chaldaica, a syriaca, a arabica, a grega, a latina, todas conspiraram em o derivar de diversas raizes e origens, por onde não é uma só, senão muitas as etymologias deste profundissimo e fecundissimo nome, e o mesmo nome, segundo a propriedade de suas significações, não um só nome, senão muitos nomes.

A primeira etymologia, e sabida de todos é, que o nome de Maria significa, *stella maris*, estrella do mar. O mar é este mundo, cheio de tantos perigos, combatido de todos os ventos, exposto a tão frequentes tempestades; e em uma tão larga, temerosa, e escura navegação, quem poderia chegar ao porto do ceu, se não fosse guiado de lá por aquella benignissima estrella? *Quibus auxiliis possunt naves inter tot pericula pertransire usque ad litus patriæ*? Por que meio poderão os navegantes entre

tantos perigos chegar ás praias da patria?—pergunta o papa Innocencio III: e responde, que só por meio de duas coisas, nau, e estrella. A nau é o lenho da cruz; a estrella é Maria: *Certe per duo, videlicet, per lignum, et stellam, id est, per fidem crucis, et virtutem lucis, quam peperit nobis Maria maris stella.*

A segunda significação e etymologia do nome de Maria, é *Domina*, Senhora por antonomasia, porque do seu dominio e imperio nenhuma coisa se exclue; Senhora do ceu, e Senhora da terra; Senhora dos homens, e Senhora dos anjos; e até Senhora por modo ineffavel do mesmo Creador do ceu e da terra, o qual lhe quiz ser, e foi sujeito. Oicamos o altissimo pensamento de S. Bernardino, e tão verdadeiro como alto: *Ille qui Filius Dei est, et Virginis Benedictæ, volens paterno principatu quodammodo principatum æquiparare, ut sic dicam, maternum in se qui Deus erat, matri famulabatur in terra:* Aquelle Senhor, que é Filho de Deus, e da Virgem, querendo em certo modo igualar o senhorio de sua Mãe, ao senhorio de seu Pae, se sujeitou e fez subdito da mesma Mãe na terra. E isto com tanta verdade, conclue o santo, que assim como verdadeiramente dizemos que todas as coisas obedecem a Deus, até Maria; assim é verdadeiro dizer que todas as coisas obedecem a Maria, até Deus: *Sicut verum est, divino imperio omnia famulantur, et virgo; ita quoque verum est, Virginis imperio omnia famulantur et Deus.*

A terceira etymologia e interpretação do nome de Maria é: *Illuminatrix*, ou *illuminans eos*, isto é, a que allumia a todos os homens. ~~Per isto é comparada a Senhora aquella columna de~~ fogo que de noite allumiava todo o exercito e povo de Israel no deserto, em quanto caminhavam peregrinos para a terra de promissão: *Tolle corpus hoc solare, qui illuminat mundum: ubi dies? Tolle Mariam, quid nisi caligo involvens, et umbra mortis, et densissimæ tenebræ relinquuntur?* Tirae do mundo este corpo solar, esta tocha universal, que o allumia (diz S. Bernardino), e onde estará então o dia, ou quem o fará? Do mesmo modo se tirardes do mundo a Maria, tudo ficará ás escuras, tudo trevas, tudo sombras mortaes, tudo uma noite perpetua, sem

que jámais amanheça. E que muito é (diz o mesmo santo) que Maria allumie a terra e os homens, se depois que entrou no ceu, a mesma patria dos bemaventurados, e a mesma côrte do empyreo ficou muito mais allumiada e illustrada com os resplandores de sua presença? *Mariæ præsentia totus illustratur orbis, et ipsa jam cælestis patria clarius rutilat virginæ lampadis irradiata fulgore.*

A quarta interpretação, e que parece menos alegre, do docissimo nome de Maria, é, *Amarum mare*, mar amargoso. Mas como podem caber as amarguras do mar, ou um mar inteiro de amargura no nome daquella Senhora, a quem nós saudamos e invocamos com o de doçura nossa? Já se vê que alludem estas amarguras ás dores do pé da cruz, das quaes ~~estava~~ *estava* prophetisado com o mesmo nome de mar: *Magna est velut mare contritio tua.* (Thren. II — 13) Mas posto que as aguas daquelle turbulento mar foram tão amargosas para a Mãe angustiada que as padeceu; para nós, que logramos os effeitos dellas, são muito doces. Porque ainda que a misericordia da Senhora foi sempre grande, as dores que então experimentou, fez a mesma misericordia mais prompta para soccorrer e remediar as nossas. Não tem menos auctor este reparo daquellas amarguras, que o angelico Santo Thomaz. Diz São Paulo, que Christo quiz padecer, para se poder compadecer de nós: *Non habemus pontificem, qui non possit compati infirmitatibus nostris, tentatum per omnia.* Pois Christo ainda que não fosse passivel, nem padecesse, não se podia compadecer de nós e remediar-nos? Sim, podia, diz Santo Thomaz; mas não com tanta presteza e promptidão, porque em quanto Deus só conhecia as misérias por simples noticia, e depois que padeceu, conheceu-as por experiencia: *Sciendum quod ly posse aliquando importat non nudam potentiam, sed promptitudinem et aptitudinem Christi ad subveniendum: et hoc quia scit per experientiam miseriam nostram, quam ut Deus ab æterno scivit per simplicem notitiam.* Necessario foi logo na mãe (assim como no filho) que a experiencia das dores e amarguras proprias lhe acrescentasse a compaixão das alheias, e excitasse e estimulasse nas suas a promptidão de remediar as nossas.

A quinta etymologia, e tambem a ultima, como a maior e mais excellente de todas, é singularmente do grande doutor da egreja, Santo Ambrosio, o qual diz que o nome de Maria significa, *Deus ex genere meo*, Deus da minha geração. *Speciale Maria Domini hoc nomen invenit quod significat, Deus ex genere meo*. Não declarou o santo a origem de tal nome, mas depois lhe descobriram as raizes outros auctores na derivação de duas palavras hebraicas. E que significação pôde haver nem mais alta, nem tão immensa? São Paulo em Athenas ensinando aos areopagitas a grande dignidade do homem, e parentesco que tem com a divindade, diz que somos geração de Deus: e para isso lhe allegou como coisa conhecida até dos mais sabios gentios, o verso de Arato, poeta da ~~sua mesma~~ nação: *Ipsius enim et genus sumus*. (Act. XVII — 28) De sorte que os homens somos geração de Deus, e Deus é geração de Maria: os homens geração de Deus; porque Deus nos deu o ser: Deus geração de Maria; porque Maria deu o ser a Deus. E isto é o que significa o nome de Maria: *Deus ex genere meo*. Vêde se tive razão de lhe chamar immenso, como agora lhe chamo, sobre immenso: e porque? Porque sendo Deus immenso e infinito, uma parte de que se compõe o nome de Maria, é todo Deus. Quiz Deus acrescentar o nome de Abrahão, e a significação d'elle, que era grande; e que fez? Tirou uma lettra do seu nome, e acrescentou-a ao nome de Abrahão. Isso quer dizer: *Nec ultra vocabitur nomen tuum Abram, sed appellaberis Abraham*. (Gen. XVII—5) Este foi o acrescentamento do nome; e o do significado foi tal, que declarando-o o mesmo Deus, disse: ~~Facium te crescere vehementissime~~: (Ibid.—6) Farte-hei crescer vehementissimamente. Invente a grammatica outros termos maiores de se explicar, porque os superlativos já são curtos. Se os augmentos que uma só lettra do nome de Deus causou no nome de Abrahão foram vehementissimos; aquelles com que todo o nome de Deus entrou no nome de Maria, e o encheu, Maria, *Déus ex genero meo*, quaes seriam? Reserve-o para si o mesmo Deus, que só elle o pôde comprehender.

VI.

Estas são as interpretações, ou synonymos do nome de Maria, e seu copiosissimo significado: e estes são, não todos, senão os principaes nomes, que no mesmo nome se encerram. Mas se o evangelista nomeia a mesma Senhora por um só nome, e esse o seu proprio; porque lhe damos nós tantos outros e tão diversos? Tantos nomes, e um só nome no mesmo sujeito? Sim. E este é o mais excellente, e o mais encarecido louvor, que se pôde dizer do nome de Maria. A multidão dos nomes varios mostram a immensidade incomprehensivel do significado: e a singularidade do nome unico mostra a comprehensão immensa do nome. A Deus não só nas escripturas sagradas, mas ~~fora dellas~~, sempre nomearam os homens, e invocaram com diversos nomes. Este foi o grande e antiquissimo assumpto da sublime penna de Dionysio Areopagita nos livros de *Divinis Nominibus*. E dando a razão Santo Thomaz, por que sendo Deus um só, sem offensa da sua unidade, ou admitte, ou necessita de muitos nomes; parte diz que é fundada na incomprehensibilidade da sua grandeza, e parte na incapacidade do nosso conhecimento. Porque como naturalmente não conhecemos a Deus como é em si mesmo, senão por seus effeitos; assim como delles colligimos diversas perfeições divinas, assim as não podemos declarar, senão por diversos nomes. *Quia enim deum non possumus cognoscere naturaliter nisi ex effectibus deveniendo in ipsum, oportet quod nomina quibus perfectionem ejus significamus, diversa sint, sicut perfectiones in eo inveniuntur diversæ.* Assim philosopho altamente o doutor angelico sobre os muitos nomes de Deus. E dos muitos nomes da Mãe de Deus, que diremos? O mesmo proporcionalmente, diz São Bernardino: *Sicut Deum ipsum non uno tantum nomine nominamus, sed multis, ut sic ejus incomprehensibilitatem enuntiemus: sic et gloriosam Virginem multis nominibus designamus, ut sic ad sublimitatem ejus cognoscendam aliquantulum pertingamus:* Assim como (diz o santo) não nomeamos a Deus com um só nome, senão com muitos, para que declarando cada uma das suas perfeições por partes, venhamos de

algun modo em conhecimento de seu infinito ser, que é incomprehensivel; assim dividimos tambem as prerogativas da gloriosa Virgem, declarando-as por muitos nomes, para que a sua immensa grandeza, que junta se não pôde comprehender, dividida, de algum modo a percebamos. E esta é a razão dos muitos nomes, tantos e tão diversos, com que os santos padres ou celebram, ou invocam a mesma Senhora.

Mas ainda não está satisfeita a segunda parte da nossa duvida. Se nós temos uma tão bem fundada razão para dar á Virgem tantos nomes, todos devidos á sua grandeza; que razão teve o evangelista, para lhe dar o nome de Maria somente, e dizer que esse é o seu nome: *Et nomen Virginis Maria*? Assim como a nossa duvida só achou a ~~razão da primeira parte em Deus~~; assim não pôde achar a razão, da segunda senão em Christo. Tão parecida é a Mãe somente com o Filho, e delle abaixo com nenhuma creatura! Uma das coisas muito notaveis nos prophetas é a multidão e variedade de nomes, com que dizem se havia de chamar Christo. Baste por prova ou exemplo a prophetia de Isaías. No capitulo setimo: *Vocabitur nomen ejus Emmanuel*: (Isai. VII — 14) No capitulo oitavo: *Voca nomen ejus, Accelera spolia detrachere: Festina prædari*: (Ibid. VIII — 3) No capitulo nono: *Vocabitur nomen ejus Admirabilis, consiliarius, Deus fortis, Pater futuri sæculi, Princeps pacis*. (Ibid. IX—6) De sorte que um só propheta em tres versos refere onze nomes com que diz havia de ser chamado Christo: e comtudo o mesmo evangelista São Lucas referindo o nome que foi posto na circumcisão ao mesmo Senhor, diz que ~~foi chamado~~ Jesus: *Et vocatum est nomen ejus Jesus*. (Luc. II — 21) Pois se os prophetas annunciaram que havia de ser chamado com tantos outros nomes, como se chamou somente Jesus; e este nome foi o que conservou sempre desde a circumcisão até á cruz? O mesmo doutor angelico que nos deu a primeira solução, nos ha de dar a segunda. Argue S. Thomaz sobre o mesmo texto de Isaías, e aperta mais o argumento com aquelle principio, que os ditos dos evangelistas hão de responder aos dos prophetas; porque sendo Deus o auctor de uma e outra verdade, não pôde

faltar nella esta consonancia e harmonia. Pois se os prophetas dão tantos nomes a Christo ; como teve o mesmo Christo um só nome, que foi o de Jesus, que refere o evangelista ? Responde o mesmo Santo Thomaz em duas palavras : *Dicendum quòd in omnibus illis nominibus quodammodo significatur hoc nomen Jesus*. Concorde a historia com a prophécia, e o testemunho de S. Lucas com o de Isaias ; porque todos aquelles nomes eram significados no nome de Jesus, e o nome de Jesus comprehendia a todos. E esta mesma razão é a que teve o mesmo evangelista para dizer, *Et nomen Virginis Maria*, não porque negasse, ou duvidasse a verdade de todos os outros nomes que as escripturas e os santos padres dão á mesma Virgem ; mas porque todos elles estão significados no nome de Maria, e o nome de Maria comprehende a todos.

VII.

Até aqui temos declarado as significações de todo este sacratissimo nome, e dado os fundamentos altissimos de serem tantas. Mas ainda nos resta a especulação deste grande todo, parte por parte, ou a anatomia deste grande corpo, membro por membro. Assim deve fazer, diz sabiamente Phylo Hebreu, quem exactamente quizer conhecer a essencia das coisas pela propriedade e significação de seus nomes : *Qui res velut per anatomiam considerant, facile assequuntur appellationes earum proprias*. Passando pois a fazer esta exacta anatomia, membro por membro, e parte por parte, que vem a ser, examinar o significado e mysterios do mesmo nome, letra por letra ; vejamos em cada uma por si, o que significam as cinco letras do nome de Maria. S. Antonino, como tão douto e devotissimo deste santissimo nome, tirou das cinco letras delle cinco prerogativas universaes, em que parece comprehendeu os poderes e mysterios de seu amplissimo significado : e são os seguintes. M, *Mater universorum* : A, *Arca thesaurorum* : R, *Regina celorum* : I, *Jaculum inimicorum* : A, *Advocata peccatorum*. É porém o mesmo significado do nome de Maria tão immenso, e a energia de cada uma de suas letras

tão fecunda, que para eu fazer alguma demonstração desta admiravel fecundidade, não quero tirar cinco prerogativas das suas cinco letras, mas de cada uma dellas tirarei dobrado numero : e isto não repetindo ou resumindo tudo, senão alguma parte somente do que do mesmo nome e seu significado disseram os santos e escriptores sagrados. Vamos letra por letra.

M, Mãe de Deus, digna do digno, formosa do formoso, pura do incorrupto, excelsa do altissimo, diz Ricardo Victorino : *Mater Dei, digna digni, formosa pulchri, munda incorrupti, excelsa altissimi*. M, Maria que desceu do ceu, e com um manjar mais suave que o mel sustenta a todo o mundo, diz S. Maximo : *Maria quæ calitus veniens cunctis populis cibum suaviorem melle defluxit*. M, Mão direita de Christo, a qual elle estende para levantar á sua graça todos os caídos, diz o Meneo Grego : *Dextera Christi ad omnes erigendos extensa*. M, Mestra dos mestres, porque Maria o foi dos apostolos, diz Ruperto : *Magistra magistrorum*. M, Mar Vermelho, que afogou o mystico Pharaó, isto é, o demonio, diz S. João Geometra : *Mare divulgum constuens ad mergendum mysticum Pharaonem*. M, Medicamento universal para todas nossas enfermidades, diz o mesmo Geometra : *Medicina ægritudinum nostrarum*. M, Meza espirital, em que se nos dá vivo o pão da vida eterna, diz S. Isaacio : *Mensa spiritalis vivifico animarum pane Christo instructa*. M, Mediatra para o mediator, que é Christo para com o Padre, e Maria para com Christo, diz S. Bernardo : *Opus est mediatore ad mediatorem, nec alter nobis utilior quàm Maria*. M, Monte levantado sobre o cume de todos os montes, diz S. Gregorio : *Mons in vertice montium exaltatus super colles*. M, Morte dos peccados, e vida dos justos, diz S. Agostinho : *Facta est Maria mors criminum, vita justorum*. M, Mina, da qual se arrancou sem mãos a pedra que encheu e cobriu o mundo, diz Hesichio : *Fodina unde prodiit lapis totam terram tegens à nullo incisus*. M, Milagre dos milagres, e o maior de todos os milagres, diz São João Damasceno : *Miraculum omnium miraculorum maximum*. M, Muro inexpugnavel, e fortaleza segura da salvação, diz Theostericto : *Murus inexpugnabilis et munimentum salutis*. M,

Mulher admiravelmente singular e singularmente admiravel, pela qual se salvam os homens, e se restauram os anjos, diz S. Anselmo: *Fœmina mirabiliter singularis et singulariter admirabilis, per quam salvantur homines, angeli red integrantur.*

Bem vejo que nesta primeira letra excedi não menos que em ametade o numero promettido; mas nas seguintes a observarei pontualmente sem sair delle, porque o não permite o tempo. A, Arvore da vida, que só foi digna de dar o fructo da saude eterna, diz S. Boaventura: *Lignum vitæ, quod solum fuit dignum portare fructum salutis.* A, Adjutorio do Altissimo, porque Maria ajudou e ajuda a Christo a salvar o genero humano, como Eva foi dada a Adão ~~com o~~ mesmo nome, por ser semelhante a elle, diz Hugo Cardeal: *Maria est adiutorium Altissimi, quia juvat eum ad salvandum genus humanum, unde de ipsa verè dicitur: Faciamus ei adiutorium simile sibi.* A, Abyismo, isto é, pego sem fundo da graça, diz S. João Damasceno: *Abyssus gratiæ.* A, Altar animado, no qual o Cordeiro Christo se offerece espiritualmente em sacrificio vivo, diz André Cretense: *Maria est altare animatum, in quo Agnus Christus vivum sacrificium spiritualiter offertur.* A, Arca do Testamento, na qual estiveram encerrados todos os mysterios e arcanos da divindade, diz S. Ildesonso: *Per arcam uterus Virginis figuratur, quæ cuncta sacramentorum arcana in se habuit.* A, Aurora do ceu na terra, porque assim como a aurora é fim da noite, e principio do dia, assim Maria foi o fim de todas as dores, e o principio de toda a consolação, diz Raporto: *Sicut aurora finis præteritæ noctis est, et initium diei sequentis; sic natiuitas tua, ó virgo, finis dolorum, et consolationis fuit initium.* A, Alabastro do unguento de nossa santificação, diz S. Amphiloquio: *Alabastrum unguenti sanctificationis.* A, Aqueducto da fonte da graça, cujas enchentes saindo do peito do Eterno Padre, se communicaram ao homem, diz S. Bernardo: *Aquæductus, qui plenitudinem fontis ipsius de corde Patris excipiens nobis edidit.* A, Abelha Virgem, que nos fabricou na terra o favo de que o mel é Christo, diz S. Ambrosio: *Sicut apes rore cælesti, idest, gratia Spiritus Sancti pasta virgo permansit, et paradisi dulcedi-*

nem generavit. A, Aula da universal propiciação, em que se concedem as perdões a todos os peccadores, diz S. Anselmo: *Aula universalis propitiationis*.

Ao A, segue-se o R: R, Rainha, cujo reino fundado na terra, e consummado no ceu, é de potencia inexpugnável, diz André Cretense: *Cujus regnum è terrenis sumptum, sed ex superna gloria potentiam habet inexpugnabilem*. R, Razão unica e total de todas nossas esperanças, diz S. Bernardo: *Ratio tota spei nostræ*. R, Raiz não só da gloria, mas de todos os bens ainda desta vida, diz Chrysippo: *Radix omnium bonorum*. R, Recreação e allivio potentissimo de todos os affligidos, diz S. Germano: *Recreatio potentissima omnium qui affliguntur*. R, Ressurreição de Adão, morto elle, ~~e homicida de todos, pelo peccado~~, diz S. Efrem: *Resurrectio Adami*. R, Reclinatório de ouro, no qual, depois da rebelião dos anjos, reclinando-se Deus, só achou descanso, diz S. Pedro Damião: *Reclinatorium aureum, in quo Deus post tumultum angelorum requiem invenit*. R, Refrigerio e orvalho da graça contra o ardor e incentivo de todos os vicios, diz Richardo de S. Laurentio: *Refrigerium, et ros gratiæ contra incentiva vitiorum*. R, Refugio de todos os que se acolhem ao seu amparo, e os faz cidadãos de uma e outra Jerusalem, diz Georgio Nicomediense: *Civitas refugii, que confugientes ad se cives facit utriusque Jerusalem*. R, Reparadora das ruínas de Eva, para que assim como por ella entrou no mundo a morte, por Maria se restituísse a vida, diz S. Pedro Chrysologo: *Ut sicut per Evam venit ad omnes mors, ita per Mariam venerit omnibus vita*. R, Rosa do paraíso do ceu, diz Santa Gertrudes: e acrescenta, que a mesma Senhora lhe ensinou que a invocasse com este nome: *Rosa calicis amaranthia*.

A quarta letra do nome de Maria é o I: I, Idéa digna da divindade, diz Santo Agostinho: *Si formam Dei te appellem, digna existis*. I, Imagem do divino Archetypo propriamente delineada, diz André Cretense: *Imago divini Archetypi recte descripta*. I, Iris signal de paz e clemencia; porque pondo Deus os olhos em Maria, como prometeu do antigo arco celeste, desiste dos castigos que merecem os peccados do mundo, diz S.

Antonino: *Arcus cœlestis est Maria, que apparent subtrahite se Deus à flagellis intentis in peccatores.* I, Jardim de delicias, no qual estão plantadas todas as flores, e se exhalam os cheiros de todas as virtudes, diz Sophronio: *Hortus deliciarum; in quo sunt consita universa florum genera, et odoramenta virtutum.* I, Jordão da egreja, em cujas purissimas correntes se restitue á primeira limpeza a carne de Naamum leproso, isto é, a lepra da natureza corrupta, diz Richardo Laurentino: *Maria fluvius Jordanis, in qua restituitur caro Naaman leprosi, sicut caro parvuli pueri.* I, Inventora magnifica da graça, diz S. Bernardo: *Inventrix gratiæ magnifica.* I, Jubilo perpetuo do ceu e da terra, diz S. Methodio: *Latitia cœli, et terra indesinens.* I, Intercessora imperial que não rogando como serva, mas mandando como Senhora, impetra do tribunal divino quanto procura, diz S. Pedro Damião: *Accedis ad aureum humanæ reconciliationis altare, non solum rogans, sed etiam imperans Domina, non ancilla.* I, Jus e direito particullar, pelo qual Deus decide todas as causas e demandas do genero humano, diz S. João Geometra: *Jus dirimens lites.* I, Iman, ou magneto efficacissima, a qual, como aquella pedra attrae o ferro, assim Maria attrae, e traz a Deus os duros corações dos peccadores, disse e revelou a Santa Brigida a mesma Senhora: *Sicut magnes trahit ferrum, ita ego traho Deo dura corda.*

Só nos resta a ultima letra, que é o segundo A. E posto que de primeiro dissemos tão excellentes prerogativas, ainda são maiores as que agora ouvireis. A, Arca de Noé, porque assim como aquella arca era composta de tres estancias, em que recolheu todas as creaturas viventes, assim Maria, sendo morada do Creador, recolheu e teve dentro em si o complemento de toda a Trindade, isto é, as tres Pessoas Divinas, diz Chrysippo: *Illa tres contignationes, nationes, et mansiones habebat, hæc autem universum Trinitatis complementum.* A, Arpa de David, cuja harmonia fazia fugir o demonio do corpo de Saul: e do mesmo modo o põe em fugida a consonancia do nome de Maria, diz S. Gregorio Nazianzeno: *Qui ad Virginem, quemadmodum Saul ad Davidis citharam, fidemque pulsus confugit, à malo spiritu purgatur.* A, Aguiã

de Ezechiel, a qual voando ao monte Libano do ceu, tirou de lá a medulla do cedro sublime, que é o Filho, sabedoria do Padre, diz S. Thomaz: *Medulla cedri sublimis est æterna sapientia*. A, Aljava de Deus, dentro da qual teve escondida nove mezes aquella seta escolhida, com que havia de ferir e derribar de um tiro o mundo, a morte, e o peccado, diz Isaías: *Posuit me sicut sagittam electam, in pharetra sua abscondit me*. (Isai. XLIX — 2) A, Antidoto da vida contra o veneno de Eva, diz S. Bernardo: *Crudelis Eva, per quam serpens etiam ipsi viro venenum infudit; fidelis Mariæ, quæ salutis antidotum, et viris, et sæminis præparavit*. A, Armazem fortissimo, no qual Deus se vestiu das armas de nossa humanidade para vencer o demonio, diz Guilliemo, Parisiense: *In utero Virginis Deus, tanquam miles in tabernaculo armaturam nostræ humanitatis accepit contra diabolum pugnaturus*. A, Asylo do mesmo Deus, porque só em Maria esteve Deus seguro de o offenderem peccados, diz Andreas Jerosolimitano: *Maria Dei tutissimum ad habitandum asylum*. A, Ancora firmissima de todas nossas esperanças no mar tempestuoso deste mundo, diz Theodoro Studita: *Tu enim solate nobis securam ac stabilem anchoram præstas*. A, Atlante do ceu e da terra, os quaes já se tiveram arruinados, se Maria com o poder de sua intercessão os não sustentáro, diz S. Fulgencio: *Cælum, et terra jam diu ruisent, si non Mariæ precibus sustentarentur*. A, Argos vigilantissima, com muitos olhos para vêr e acudir a nossas misérias, diz S. Epiphanio: *Virgo plurium nominum, et multocula effecta est*. Em fim, A, Aggregado de todas as graças em si mesma, e para comnosco; porque ao aggregado de todas as graças chamou Deus mária, e ao aggregado de todas as graças chamou Maria, diz S. Antonino: *Congregationes aquarum appellavit mária, congregationis gratiarum appellavit Mariam*.

VIII.

Feita assim, letra por letra, a gloriosa anatomia do nome admirabilissimo de Maria, não é justo que passemos em silencio os poderosos effeitos e virtude de cada uma, considerando primeiro

o mysterio do numero de todas cinco. Havendo aceitado David o desafio com o gigante, a munição que preveniu para a sua funda, foram cinco pedras. E porque razão este numero, e não outro? Para o tiro bastava uma, como bastou. E se para o segurar se não contentou com duas, nem tres, nem quatro; porque não levou seis ou sete, senão cinco? Todos os que consideram este numero, mais reconhecem nelle o superfluo, que o necessario; e menos o natural, que o mysterioso. Qual foi logo o mysterio, porque se armou David de cinco pedras, nem mais, nem menos? Philo, o auctor das Antiguidades Biblicas e o Chaldeo, dizem que escreveu David naquellas pedras o nome de Deus e dos patriarcha. Eu bem creio que David no seu surrão não traria penna e trinta; mas posto que para riscar o que dizem que escreveu, bem podia haver no mesmo surrão algum instrumento pastoril, bastava que esta devota applicação a fizesse em voz ou mentalmente. E quanto aos que teem por fabula dos Rabbins este genero de letras escriptas nas pedras dos que atiravam com fundas, é pouca noticia da milicia antiga, na qual o usavam assim os fundibularios, que eram os mosqueteiros daquelle tempo, para que no golpe da pedra se soubesse a mão de que tinha saído. E ainda hoje se acham nas campanhas daquellas batalhas algumas pedras com as mesmas inscrições, que em Lypsio se podem ver estampadas. Isto posto, não é só verosimil, mas muito conforme ao texto sagrado, que David escrevesse nas suas pedras, ou as dedicasse ao nome de Deus, porque quando o gigante zombou das suas armas, lhe respondeu elle : *Tu venis ad me cum gladio, et hasta, et clypeo: ego autem venio ad te in nomine Domini exercituum Dei Israel.* (1. Reg. XVII — 45) Tu vens contra mim armado de espada, lança e escudo; e eu venho contra ti sem outras armas mais que o nome do Senhor dos exercitos, o Deus de Israel.

O que agora resta saber, é que nome de Deus fosse este, porque Deus então tinha muitos nomes, e ainda havia de ter mais, o que David não ignorava, como propheta. Respondem e suppõe commummente os interpretes, que o nome que invocou David, foi o nome ineffavel, que o mesmo Deus não quiz revelar a Jacob; e depois revelou a Moysés, nome de tanta veneração, que a

ninguém era licito pronunciar-o. Mas o numero das pedras não concorda com as letras deste nome, o qual constava somente de quatro, e por isso se chamava quadrado, ou quadrilátero; e no tal caso haviam de ser as pedras quatro, e não cinco. Segue-se logo que para o numero das letras concordar com o numero das pedras, assim como as pedras eram cinco, assim haviam de ser cinco as letras do nome: e que nome é ou foi este de cinco letras, sendo o nome santissimo de Jesus? Assim o intendem, e com razão todos aquelles auctores, que teem para si, que o nome de Deus, de que David disse que ia armado, não podia, nem devia ser outro, senão daquelle mesmo Deus, que juntamente era Deus e Filho do mesmo David. A pedra, em que se fundou a casa de David, ~~foi a que derribou ao gigante~~: e como David saiu armado não só della, senão de todas cinco, em que ia escripto o nome de Deus, justo era que esse Deus fosse o que nasceu da mesma casa, e esse nome, o de Jesus, de tantas letras quantas eram as pedras. Sendo pois o nome escripto nas cinco pedras o nome de Jesus, bem se deixa entender, que o outro nome com que David o acompanhou, não havia de ser o dos patriarchas tão remotos, senão o da Mãe do mesmo Jesus, que igualmente é nome de cinco letras, Maria.

Para prova desta que só parece conjectura, posto que tão adequada, temos o oraculo da mesma Senhora nas palavras do seu Cantico: *Quia fecit mihi magna qui potens est, et sanctum nomen ejus.* (Luc. I — 49) A dois principios ou causas attribue a soberana Virgem as grandezas que recebeu de Deus: *Quia fecit mihi magna*: á sua omnipotencia, ~~qui potens est~~: e ao seu santo nome, *et sanctum nomen ejus*. E porquê não só á omnipotencia, senão também ao nome? Porque este nome de Deus, por antonomasia santo, é o nome de Jesus, que quer dizer Salvador, e como santo nos santificou e deu graça, sem a qual nós não podíamos salvar. Repartiram pois entre si as grandezas que deram á Mãe de Deus a omnipotencia do mesmo Deus e o nome de Jesus: A omnipotencia dando á Pessoa o ser e as mesmas grandezas; e o nome de Jesus dando-lhe um tal nome, que as declarasse todas, que foi o nome de Maria. Vede como

em uma e outra coisa se corresponderam admiravelmente o Filho com a Mãe e a Mãe com o Filho. O Filho Deus, como vimos, concebeu na mente divina o ser da Mãe: *Nondum erant abyssi, et ego jam concepta eram*; (Prov. VIII — 24) e depois deu-lhe por sua propria boca o nome de Maria: *Ego ex ora Allissimi prodiui*. (Eccl. XXIV — 5) E do mesmo modo a Mãe primeiro deu o ser ao Filho concebendo-o em suas entranhas: *Ecco concipies, et paries Filium*; (Luc. I — 31) e depois lhe deu o nome de Jesus: *Et vocabis nomen ejus Jesum*. E como estas correspondencias foram tão iguaes, que o Filho deu o ser e o nome á Mãe, e a Mãe deu o ser e o nome ao Filho; assim pedia a razão, que os nomes fossem cortados pela mesma medida até no numero das letras: e assim como o nome de Jesus se compõe de cinco letras, assim o nome de Maria se formasse de outras cinco.

Nem é muito que estes dois santissimos nomes sejam tão parecidos no som das vozes, quando o são nos respeitos da dignidade, e nos effeitos da virtude. Em que se vê e conhece o respeito devido ao nome de Jesus? S. Paulo o disse: *Danavit illi nomen, quod est super omne nomen, ut in nomine Jesu omne genuflectatur caelestium, terrestrium, et infernorum*; (Phil. II — 9 e 10) Deu-lhe Deus o nome sobre todo o nome, que é o nome de Jesus, diante do qual pronunciado, se ajoelhem e o adorem todos os da terra, todos os do céu, e todos os do inferno. E este mesmo respeito proporcionadamente, é o que se deve ao nome venerabilissimo de Maria. *Dedit tibi tota superaanata trinitas nomen, quod post nomen superbenedicti Filii tui est super omne nomen, ut in nomine tuo omne genu flectatur caelestium, terrestrium, et infernorum*: diz, fallando com a mesma Senhora, o doutissimo e devotissimo idiota. Deu-vos a Santissima Trindade, ó Virgem Maria, um nome, o qual abaixo do de vosso Filho é o nome sobre todo o nome, ao qual reverenceem e adorem, prostrades de joelhos, os do céu, os da terra, e os do inferno. Esta sentença daquelle tanto mais sabio, quanto menos affectou o nome de douto, seguem hoje, louvam e allegam todos os doutores catholicos. Mas isto é o menos. Pedro Blesense, aquelle famoso

varão em letras e piedade, que floresceu ha mais de quinhentos annos, escreve que em seu tempo era uso e cerimonia universal da egreja, que quando se ouvia o nome de Maria, todos se prostrassem por terra: *Illico omnes audientes in genua procumberent*. E S. Pedro Damião, cem annos mais antigo, nomeando em um sermão o nome de Maria; « esta é (disse aos seus ouvintes) aquella Senhora, a cujo nome vos inclinaes com tão profunda reverencia »: *Hæc est ad cujus nomen corpus humiliter inclinatis*. E se hoje não fazemos todos o mesmo, não é porque o mesmo nome seja menos digno desta adoração; mas porque nós somos indignos de o venerar como elle merece. Em todas as dioceses era bem que ordenassem os prelados, o que refere Surio instituiu na sua S. Gerardo, Bispo das Penas: *Ut si quando Mariae nomen edicerent, confestim se ad terram omnes prosternerent*.

E quanto á virtude e aos effeitos do nome de Maria, semelhantes aos do nome de Jesus; porque seria materia infinita se houvessemos de discorrer por todas as suas letras, comparemos só uma do nome de Jesus com outra do nome de Maria, e seja em um e outro nome a primeira. Das cinco pedras de David aquella que levava escripta a primeira letra do nome de Jesus, foi a primeira, que elle metteu na funda. E que fez aquella primeira pedra em virtude daquella primeira letra? Fez tiro ao gigante, e derribou-o. Diremos pois, que o mesmo faria, ou fará a primeira letra do nome de Maria? Digo seguramente que sim. A primeira letra do nome de Jesus é o I; a primeira letra do nome de Maria é o M. e tanto fará o M. do nome de Maria, como o I. do nome de Jesus. E digo segura e constantemente que fará outro tanto, porque já o fez. Ouvi um caso verdadeiramente estupendo. Junto aos muros da cidade de Nimega se achava de noite uma donzella de outro povo visinho, a qual não quiz recolher em sua casa outra mulher, que, não só por piedade christã, mas por estreito parentesco, tinha depois da mãe as segundas obrigações de o fazer. Neste desamparo, só, triste, desesperada, e perdido totalmente o juizo, em vez de invocar a miseravel o socorro do ceu, chamou o do inferno: e no mesmo ponto lhe ap-

pareceu o demonio em habito de medico forasteiro que por alli passava. Informou-se das causas de sua afflicção, e não só lhe prometteu remedio para o trabalho presente, mas muito melhorada fortuna para o resto da vida, só com condição, que quizesse ser sua. Aceitou a pobre donzella o miseravel contracto, contra o qual porém se offereceu uma nova difficuldade; porque sabendo o demonio que ella se chamava Maria, instou que havia de deixar aquelle nome, que elle sobre todos aborrecia. Tinha Maria grande affecto ao mesmo nome, posto que já tão indigna delle: em fim vieram os dois a partido, que deixando o nome inteiro de Maria, ao menos lhe ficasse a primeira letra; e assim se chamou dalli por diante Eme. Continuou Eme no serviço e amizade do demonio, e já se vê qual seria a sua vida. Não era de christã, nem de creatura racional, mas de um tição do inferno, tão condemnada, e sem esperança de salvação, como o mesmo a quem servia. Comtudo, eu ainda não desespere.

Passou um, passaram dois, passaram seis annos, em que supportou Eme o durissimo captiveiro, e jugo cruel do inferno tyranno: mas como sempre conservou aquella meia syllaba do nome de Maria; posto que era uma só letra, ella bastou finalmente para o despojar da preza, e derribar e vencer. Assim como a primeira letra do nome de Jesus lançou por terra ao soberbissimo gigante, assim a letra tambem primeira do nome de Maria venceu e derribou o demonio, o qual, como diz Santo Agostinho, no mesmo gigante se representava. Era o dia da santissima Trindade, quando succedeu esta victoria, e com grande mysterio; porque o melhor geroglifico da mesma Trindade é o M, um e trino. O sceptro com que ostenta seu poder, e se arma o demonio quando apparece visivel, é o seu tridente de fogo: o M, entre todas as letras, tambem é tridente; e competindo o tridente do nome de Maria com o tridente infernal do demonio, bem viu e experimentou elle nesta primeira letra do mesmo nome, com quanta razão se temia de todo. Ah! mesquinho e infame enganador, quanto mais abatido ficou agora o teu orgulho, que quando caiste do ceu! Do ceu derribou-te Michael com todo o nome de Deus: *Quis sicut Deus?* E agora derriba-te uma mulher fraca e escrava tua, não com

todo o nome de Maria, nem com uma syllaba delle, senão com uma só letra do mesmo nome.

Libertada e convertida Eme, já não Eme, senão Maria com toda a inteireza do seu antigo nome, que tanto amava ; para satisfazer por seus peccados, não se contentou com menos que ir a Roma pedir ao summo pontifice, que elle lhe assignalasse a condigna penitencia de tão enormes e continuadas maldades. Fel-o assim o pontifice. Mandou-lhe lançar ao pescoço tres argolas de ferro, e outras tantas tambem de ferro nos braços: e que com estes não ferretes do seu captiveiro, senão ferros duros e pezados, fizesse penitencia das prisões diabolicas em que tantos annos vivera, até que os mesmos ferros, ou o tempo os desfizesse e consumisse, ou Deus os quebrasse. ~~Assim viveu penitente em um~~ convento de Santa Maria Magdalena, preza sempre, e carregada dos seus ferros, até que passados quatorze annos a libertou delles, e lh'os quebrou um anjo. Pois tão tarde, e depois de tantos annos? Sim: para que se veja quanto mais poderosas são as indulgencias do nome de Maria, que as satisfações da penitencia, por asperas e duras que sejam. O nome de Maria, e uma só letra do nome, bastou para livrar a peccadora do poder do demonio em um dia: e rigores, e ferros da penitencia para satisfazer pelos mesmos peccados houveram mister quatorze annos. Mas a penitencia peleja contra o demonio com armas de ferro, o nome de Maria com armas de oiro. Oíçamos ao grande mestre de espirito o devotissimo Kempis sobre a differença destes mesmos ferros á virtude daquelle nome. O demonio (diz elle), ou se vence com armas de ferro, ou com ~~armas de oiro: as de ferro são os jejuns,~~ os cilícios, as disciplinas, e outras penitencias e asperezas: as de oiro são os dois santissimos e poderosissimos nomes de Jesus e de Maria: *Arma ferrea sunt cilicia, jejunia, et pœnitentium dura opera arma aurea sunt sanctissima nomina Jesus, et Maria devote invocata.* E paremos aqui com o segundo ponto, largo quanto á brevidade do tempo, mas quanto á grandeza da materia muito breve.

IX.

Para o terceiro e ultimo prometti reservar o modo com que pela frequente invocação do mesmo nome nos devemos aproveitar dos maravilhosos effeitos de tudo o que elle significa : materia que pedia mais largo tempo do que já nos falta. O nosso portuguez Santo Antonio diz, que o nome de Maria é jubilo no coração, mel na boca, e musica nos ouvidos : *Nomen Mariæ jubilus in corde, melos in aure, mel in ore* : e quando não fôra mais que pelo gosto de lograr esta doçura, suavidade e harmonia, se devêra repetir e dearticular continuamente este savorosissimo nome. Mas ajuntemos ao doce o util, em que consiste todo o ponto. São Bernardo, depois de uma larga e triste representação dos trabalhos e miserias desta vida, para remedio de todos nos exhorta a que invoquemos o nome de Maria, applicando a cada um como uma receita universal : *Mariam invoca, Mariam invoca*. E verdadeiramente se nós mesmos nos não quizermos enganar, ou cegar, que outra coisa é este mundo, senão um hospital commum da natureza humana, em que todos padecem, todos gemem, e como nelle não ha estado, ou fortuna isenta de miserias e dores, nenhuma ha tambem enxuta de lagrimas. Mas que maravilha seria tão grande, tão facil, e tão util, se todos estes males se curassem, não digo com palavras, senão com uma só palavra ! Pois esta palavra é o nome de Maria : e senão, discorramos um pouco por este hospital, e perguntemos a alguns doentes qual é a sua queixa.

Tristatur aliquis? São o mal de que vos queixacs tristezas que não admittem consolação ? diz Richardo de Santo Laurentio : pois invocae o nome de Maria, e vereis como essa nuvem que tendes sobre o coração se desfaz, e em lugar da tormenta vem a serenidade : *Continuo ad nomen Mariæ cedit nubilum, et serenum redit*. Quem mais penetrada da tristeza que a Magdalena, a quem nem a vista, nem as palavras dos anjos poderam consolar ? Que nuvem era tão espessa a que tinha sobre os olhos, e lhe carregava e opprimia o coração, pois tendo presente a causa e o remedio de suas lagrimas, e vendo vivo o que

*

chorava morto, o não conhecia? Mas que faria o Divino Mestre para que toda aquella tristeza se serenasse, e convertesse em alegria? Coisa maravilhosa! Disse-lhe o Senhor, Maria: *Dicit ei Jesus: Maria*; (Joan. XX. — 16) e tanto que o Filho pronunciou o nome da Mãe, no mesmo ponto a Magdalena conheceu a quem não conhecia, e se lançou aos pés de seu Mestre, tão mudada, e tão outra, que já não cabia em si de alegria, a que pouco antes estava fóra de si de tristeza. E digo, tanto que o Filho pronunciou o nome da Mãe; porque ainda que a Magdalena também se chamava Maria, o nome de Maria, que de desconsolada a consolou, e de triste a fez alegre, não foi o seu senão o da Mãe de seu Mestre. *Maria vocatur, hoc est, nomen ejus accipit quæ parturivit Christum, — diz com o mesmo pensamento S. Ambrosio.*

Entre todas as paixões humanas, a que mais afflige, e tem mais modos de affligir, é o temor. As outras atormentam com o que é, o temor com tudo o que póde ser, e não só com os males, senão com os mesmos bens. E que remedio tão certo para curar este mal sempre incerto, como o nome de Maria? Esta foi a primeira virtude em que se mostrou sua efficacia. As duas maiores propostas, que nunca se fizeram neste mundo, foi a do demonio a Eva, e a do anjo a Maria: aquella, que seria como Deus; esta, que seria Mãe de Deos. E como foram acceitas uma e outra? Eva não temeu, porque não considerou; Maria considerou e temeu: *Turbata est, et cogitabat qualis esset ista salutatio.* (Luc. I. — 29.) Com alto juizo disse São Bernárdo neste lugar: *Vis esse à dæmone liber? Angelos de celo time*: Quereis estar seguro do demonio? Temei até os anjos do ceu. Eva creu as palavras do demonio como se fóra anjo, e Maria temeu as do anjo, porque considerou que podia ser demonio. O mesmo anjo, porém, para segurar a Senhora deste temor, o que lhe disse, foi: *Ne timeas Maria*: (Ibid. — 30) Maria não temas. Quando Gabriel saudou a Virgem, não disse, *Ave Maria*, senão *Ave gratia plena*. Pois se então calou o nome de Maria, porque agora o nomea expressamente? Porque então o calar o nome, foi cortezia e reverencia, agora o nomeal-o

era obrigação e necessidade. Excellentemente S. Bernardo. *Angelus intuitus Virginem, et varia eam secum volvere cogitatione facillimeprehendens, pavidam consolatur, confirmat dubiam, ac familiariter vocans ex nomine, benigne, ne timeat, persuadet. Ne timeas, inquit, Maria.* Vendo o anjo que a Virgem não respondia, antes revolvia no pensamento as causas que tinha para duvidar e temer o que ouvia, conhecendo facilmente que estava perplexa e temerosa, para lhe socegar a perplexidade e tirar o temor, nomeou-a por seu proprio nome, porque para confortar receios, e dissipar temores, não ha remedio tão efficaz com o nome de Maria. Assim o fez agora, e tambem depois o mesmo Anjo: quando para animar o Sagrado Esposo, e o livrar da perplexidade, e temor com que se achava, lhe advertiu tambem com a mesma expressão, que a Esposa que temia receber, se chamava Maria: *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam.* (Matth. I. — 20.)

Mas se os receios e temores forem taes, que tenham chegado á desesperação da mesma vida? Tambem estes não remedeia o mesmo Deos senão por meio do nome de Maria. Avisaram as duas irmãs a Christo da enfermidade de Lazaro, e havendo-se o Senhor dilatado até o quarto dia depois de sua morte, antes de entrar em Bethania, onde estava sepultado, mandou a Martha, a qual saíra a o receber, que chamasse a Maria: *Abiit, et vocavit Mariam sororem suam, dicens: Magister adest, et vocat te.* (Joan. XI. — 28.) A razão por que Christo dilatou tanto a sua vinda foi porque não só quiz sarar, senão resuscitar a Lazaro morto de tantos dias, para maior gloria de Deos, maior honra do mesmo defunto, e maior demonstração do particular affecto com que o amava. Mas a razão ou mysterio por que não quiz obrar aquella prodigiosa resurreição sem primeiro vir Maria, assim como foi singular reparo de S. Pedro Chrysologo, assim é admiravel prova de quão poderoso é o nome de Maria, ainda nos casos mais desesperados, para dar vida. Oicamos ao Senhor cujas palavras nunca melhor mereceram o nome de aureas: *Mittitur Martha ad Mariam, quia sine Maria nec fugarí mors poterat, nec vita poterat reparari.* Mandou o Senhor

(Chrys. ser. — 64) chamar a Maria, porque havia de lançar fóra da sepultura a morte, e restituir ao morto a vida, e nenhuma destas coisas se podia fazer sem o nome de Maria. Mas de qual Maria? Não de Maria irmã de Martha; senão da Maria Mãe de Christo. *Veniat Maria, veniat materni nominis bajula, ut videat homo Christum virginalis uteri habitasse secretum, quatenus prodeant ab inferis mortui, mortui exeat de sepulchris.* Venha Maria, mas não em quanto o nome de Maria é seu, senão em quanto representa o nome de Maria Mãe de Christo: *Veniat materni nominis bajula*; para que quando Lazaro sair vivo da sepultura, conheça o mundo que é em virtude do nome daquelle Maria, de cujas entranhas também saíu vivo o Author do mesmo milagre. E haverá ainda algum enfermo tão desconfiado da vida, que não espere a vida e a saúde, invocando o nome de Maria?

Passemos á vida e saúde da alma, que é a que mais importa. Esta é a enfermidade geral de que está mais cheio o hospital do mundo, e tanto mais perigosa, quanto os mesmos enfermos a padecem sem dor. Os que escapam e saram, são poucos; os que caem de novo, e recaem, são muitos; porque as tentações assopradas pelo demonio não cessam, e o remedio, que está na invocação do nome de Maria, ou não se applica totalmente, ou se erra o modo com que se deve applicar. Uma e outra coisa ensinou a mesma Senhora a S. Brigida, e depois de dizer quanto veneram o seu nome os anjos, também disse quanto o temem os demonios: *Omnes etiam dæmones verentur hoc nomen, et timet, qui audientes nomen Mariæ, statim relinquunt animam ex unguibus, quibus tenebant eam.* Também todos os demonios, diz a Virgem, temem muito o meu nome; e tanto que ouvem este nome Maria, logo largam a alma das unhas com que a tinham preza. Tenho notado em todas as revelações da Virgem Senhora Nossa, que o seu estylo é dar os documentos, e logo declaral-os com alguma comparação, e assim o fez neste caso. *Sicut enim avis quæ in prædam unguet, et rostrum habet, si audierit sonum aliquem, reliquit prædam; sic dæmones audito nomine Mariæ, statim relinquunt animam territi.* Assim como a ave de rapina,

que tem a preza nas unhas, se a espantam com alguma voz, larga a preza; assim os demonios ouvindo o nome de Maria, com medo delle largam a alma, e fogem. Desta maneira se declarou a Senhora com aquella similhança, a qual n'outra occasião fez evidente com o effeito. Perto de São Lucar ha um convento chamado Nossa Senhora da Regra, cujos religiosos, que são de Santo Agostinho, ensinaram uma pèga a dizer, Santa Maria da Regra, o que ella repetia muitas vezes. Succedeu, pois, que levando um gavião nas unhas esta pèga, ella pelo costume que tinha, a voz com que naturalmente brotou na sua afflicção, foi, Santa Maria da Regra: e no mesmo ponto ella, e o gavião vieram a terra; o gavião morto, e ella victoriosa e livre. Mas assim como (continúa a Senhora a ensinar o que deve concorrer de nossa parte para que o effeito da invocação do seu nome permaneça), assim como a ave de rapina, que espantada da voz fugiu e largou a preza, se o effeito do temor não continua, torna logo a ella; assim o faz tambem o demonio tão veloz como uma seta, se á invocação do meu nome se não segue a emenda da alma, que escapou das suas unhas. *Iterum advolat, et revertitur ad eam quasi sagitta velocissima, nisi aliqua emendatio subsequatur.* Finalmente, conclue a Senhora com esta admiravel sentença. *Nullus etiam tam frigidus ab amore Dei est, nisi sit damnatus, si invocaverit hoc nomen cum hac intentione, ut nunquam revertere velit ad opus solitum, quod non discedat ab eo statim diabolus:* Nenhum homem ha tão frio no amor de Deos, se não fôr já condemnado, que se invocar o nome de Maria com proposito de emenda, não se aparte logo delle, e fuja o demonio.

Depois das tentações do demonio só resta o de que ellas são incentivo, que é o peccado, o maior mal de todos os males, e não só enfermidade mortal, mas verdadeiramente morte das almas. E que remedio terá um christão grande peccador, e pouco menos ou muito mais que gentio, carregado, oprimido, e afogado de um abysmo sem fundo de infinitos peccados, aos quaes não sabe o numero, porque nunca fez conta da conta que Deus lhe hade pedir delles? Bom remedio e facil, diz Alberto Magno: Este tal peccador baptize-se no nome de Maria. Notae as pala-

vras, que são tão admiraveis, como de grande consolação para todos os tentados, e quasi caídos. *Si illecebræ carnis te trahant, et superantes jam ad illicitas delectationes te propellant, baptiza te in amaritudine maris, et nomina Mariam, et sic pro certo in te experieris, quod juste vocatum est nomen Virginis Maria.* Maria quer dizer mar amargoso, e tu, ó christão, quando te vires tão apertadamente tentado, que já te dês por vencido, baptisa-te na amargura deste mar, nomeando a Maria, e experimentarás em ti sem duvida, e com toda a certeza, a virtude deste nome, e a efficacia deste baptismo. Ó admiravel e nunca imaginado privilegio do nome de Maria! Nos actos dos apostolos lemos, que os christãos no tempo da primitiva egreja se baptisavam no nome de Christo. *Cum vero credidissent Philippo evangelisanti de regno Dei, in nomine Christi baptisabantur viri ac mulieres.* (Act. VIII — 12) Mas como podia isto ser, se a fórma do baptismo instituido pelo mesmo Christo, e dada aos apostolos, é que baptisassem a todos em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo: *Baptisantes eos in nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti?* (Matth. XXVIII — 19) Responde Santo Thomaz, que foi privilegio particular revelado aos apostolos, para que o nome de Christo, que era odioso aos judeus e gentios, fosse mais honrado e estimado, vendo todos, que pela invocação de seu nome se communicava no baptismo o Espirito Santo. *Ex speciali Christi revelatione apostoli in primitiva ecclesia, ut nomen Christi (quod erat odiosum judæis, et gentilibus) honorabile redderetur, per hoc quod ad ejus invocationem Spiritus Sanctus dabatur in baptismo.* Pois assim como Deus para honrar o nome de seu Filho, dispensou que os homens se baptisassem em nome de Christo, e pela invocação do mesmo nome se lhe communicasse o Espirito Santo, assim suppõe o grande mestre do mesmo Santo Thomaz, que para honrar o Filho o nome de sua Mãe, lhe concedeu que nos podessemos baptisar no nome de Maria, e pela invocação do mesmo nome recebessemos a graça do Espirito Santo: não por modo de sacramento, o que se não pôde dizer, mas por outro privilegio digno de tal Mãe e tal nome. S. Bernardino de Sena lhe chama privilegio de auctoridade e jurisdição, a qual diz que recebeu a Senhora

desde o dia da encarnação do Verbo, sobre todas as missões temporaes do Espirito Santo, porque o mesmo Espirito Santo se não quer communicar, senão por meio de Maria : *A tempore quo virgo benedicta concepit Verbum Dei in utero, jurisdictionem, et auctoritatem habuit super omni missione temporalis Spiritus Sancti, quia non vult Spiritus Sanctus nisi per eam communicari.*

X.

Este é o modo, ou estes são os modos, com que por meio da frequente invocação do nome de Maria podemos conseguir os altos e maravilhosos effeitos, que no mesmo nome se significam. E se me perguntardes qual deve ser a frequencia desta invocação ; que esperaes que vos responda ? Bastará por ventura (ou por desgraça) que nos lembremos tantas vezes do nome de Maria, quantas são as letras do mesmo nome ? Ainda mal, porque haverá homem com nome de christão, que nem cinco vezes no dia se lembre daquella insigne bemeiteoria, de quem Christo recebeu o ser, e a quem devemos o mesmo Christo. Na lingua grega, em que as letras juntamente são numeros, o numero que vem a fazer as letras do nome de Maria, é novecentos e noventa e nove, como bem notou Georgio Veneto. E seria muito, que novecentas e noventa e nove vezes cada dia invocassemos o nome de Maria ? Se assim o fizessemos, é tão superior ao manná este saborosissimo nome, que mil vezes tomado na bocca nos não havia de enfastiar mas sempre haviamos de achar nella *novo* ~~saber~~ e doçura : *Mirum illud est de nomine Mariæ, et valde mirum, ut millios auditum semper audiat quasi novum*, diz Franco Abbade.

E para que a frequencia desta repetição nos não pareça demasiada, oçamos a S. Germano. Fallando com a Senhora, diz assim : *Non tantum cæli haustu animæ nostræ respirant, quantum nominis tui protectionis confirmamur* : Não é tão necessaria a respiração do ar para viverem os nossos corpos, como é necessaria a invocação do vosso nome, ó Virgem Maria, para viverem as nossas almas. N'outra parte : *Sicut continua respiratio non solum est signum vitæ, sed etiam causa : sic Sanctæ Mariæ nomen, quod*

in Dei servorum ore assidue versatur, simul argumentum est quod vivant, simul etiam hanc vitam efficit et conservat. Assim como a contínua respiração não só é signal da vida, senão também causa della, assim a contínua invocação do nome de Maria na nossa bocca, não só é argumento certo de que vivemos, senão a que causa em nós, e conserva a mesma vida. Dizei-me agora, quantas vezes respira cada um de nós em um dia para viver? Conte bem cada um as respirações com que vive, e sem as quaes não póde conservar a vida, e então saberá quantas vezes deve invocar o nome de Maria. Confesso que parece encarecimento; mas já eu vos repeti deste logar o exemplo de um homem leigo nesta mesma America, o qual a todas as respirações dizia a Deus: *Fiat voluntas tua.* Mas na Asia, ~~e em uma gentia temos outro~~ maior exemplo, e que mais nos deve confundir. É caso, que se o não escreveram auctores dignos de toda a fé, parecêra incrível. Uma gentia japoneza era tão devota do seu falso Deus Amida, que todos os dias, furtando para isso muitas horas ao somno, invocava o nome de Amido cento e quarenta mil vezes. Mas não é coisa nova em Deus abrir os olhos com a luz da verdade, e trazer a seu serviço os que vê applicados com extraordinario zelo ao culto de seus erros. Assim o fez com Saule, e assim com esta idolatra, a qual no anno de mil e seiscentos e vinte e dois se fez christã, sendo já de maior idade, e trocando um amor por outro amor como a Magdalena, foi continuando a sua devação com o mesmo fervor até á morte, sem outra differença mais, que mudar o abominavel nome de Amida no nome santissimo de Maria. Cento e quarenta mil vezes cada dia invocava o nome da Mãe do verdadeiro Deus no mais remoto da Asia, para exemplo e confusão da christandade de Europa.

Eu fiz a experiencia, e achei que nem era impossivel, nem muito difficultoso aquelle que parece innumeravel numero. Mas não é esta a frequencia que eu vos pretendo persuadir. Só vos digo, que invoqueis o nome de Maria, quando tiverdes necessidade delle: quando vos sobrevier algum desgosto, alguma pena, alguma tristeza: quando vos molestarem os achaques do corpo, ou vos não molestarem os da alma: quando vos faltar o necessario

para a vida, ou desejardes o superfluo para a vaidade : quando os paes, os filhos, os irmãos, os parentes se esquecerem das obrigações do sangue : quando vol-o desejarem beber a vingança, o odio, a emulação, a inveja : quando os inimigos vos perseguirem e os amigos vos desampararem, e d'onde semeastes beneficios, colherdes ingratidões e aggravos : quando os maiores vos faltarem com a justiça, os menores com o respeito, e todos com a proximidade : quando vos inchar o mundo, vos lisongear a carne, e vos tentar o demonio, que será sempre e em tudo : quando vos virtudes em alguma duvida, ou perplexidade, em que vos não saibaes resolver, nem tomar conselho : quando vos não desenganar a morte alheia, e vos enganar a propria, sem vos lembrar a conta de quanto é como tendes vivido, e ainda esperaes viver : quando amanhecer o dia, sem saberdes se haveis de anoitecer, e quando vos recolherdes á noite, sem saber se haveis de chegar a manhã : finalmente, em todos os trabalhos, em todas as afflições, em todos os perigos, em todos os temores, e em todos os desejos e pretensões, porque nenhum de nós conhece o que lhe convem : em todos os successos prosperos ou adversos, e muito mais nos prosperos, que são os mais falsos e inconstantes : e em todos os casos e accidentes subitos da vida, da honra, da fazenda e principalmente nos da consciencia, que em todos anda arriscada, e com ella a salvação. E como em todas estas coisas, e cada uma dellas necessitamos de luz, alento, e remedio mais que humano ; se em todas e cada uma recorrermos á protecção e amparo da Mãe das misericordias, não ha duvida, que, obrigados da mesma necessidade, não haverá dia, nem hora, nem momento, em que não invoquemos o nome de Maria.

Ainda resta outra razão mais nobre, e mais fina que estas da nossa necessidade e conveniencias : e é o muito que a mesma Virgem Maria se serve e agrada desta contínua memoria, e invocação do seu nome. Assim o tem manifestado a mesma Senhora a todo o mundo com admiraveis e prodigiosos exemplos. E porque são os que mais podem animar a nossa devação, quero acabar, referindo alguns brevissimamente. S. Eustachio, e o Beato Guilhelmo, sempre traziam na bocca o nome

★

do Maria, e depois da morte se achou escripto na lingua de um e outro o mesmo santissimo nome com letras de oiro. Tão facilmente faz Chrysostomos, e Chrysologos este nome, e com tão poucas letras! Um monge chamado Losio, faltou uma noite ás matinas, depois das quaes em honra do nome de Maria resava sempre devotamente cinco psalmos, que começam pelas cinco letras do mesmo nome. O primeiro é *Magnificat*: o segundo *Ad Dominum cum tribularer*: o terceiro *Retribue servo tuo*: o quarto *In convertendo*: o quinto *Ad te levavi oculos meos*. Sabida a causa porque Losio tinha saltado ás matinas, foi achado morto, com o horror de todo o convento, que ainda nos timoratos costumam causar as mortes repentinas. Mas quem se tinha preparado com a invocação do nome de Maria em toda a vida, ainda que morreu sem enfermidade, não morreu de repente. Assim o mostrou logo publicamente a mesma Senhora: porque em signal de que aquella alma estava no paraíso da gloria, brotaram no corpo defunto cinco rosas do mesmo paraíso, duas que saiam dos olhos, duas dos ouvidos, e uma da boca. Nesta estava escripto com letras tambem de oiro o nome de Maria, e em todas cinco as de que elle se fórma, e canta no principio dos cinco psalmos.

E porque estes exemplos são para nossa doutrina, o que agora direi nos ensina um estylo, com que estas cinco letras do nome de Maria se podem pronunciar não só com a boca, senão tambem com a bolsa. Dois mezes havia que um soldado hespanhol no Perú não podia pronunciar o nome de Maria, porque quando o intentava, lhe apertavam com grande força, e cerravam totalmente a garganta, signal certo da mão invisivel, que tanto odio tem, e tanto se teme deste sacratissimo nome. Fazia mais admiravel o caso, que não sentindo impedimento para dizer, Virgem Mãe de Deos, só pronunciar, Maria, lhe não era possivel. Varios remedios applicaram os confessores doutos e espirituaes, sem que tivessem effeito algum contra aquelle garrote infernal; até que mandaram ao soldado, que em honra das cinco letras do nome de Maria dêsse uma esmola aos primeiros cinco pobres que encontrasse, e elle o fez assim. Em reverencia do M, deu ao pri-

meiro pobre uma das maiores moedas de prata, que naquellas terras se lavram : outra ao segundo em reverencia do A : em reverencia do R outra ao terceiro, e outra em reverencia do I ao quarto ; porém o impedimento como d'antes. Deu finalmente a quinta moeda ao quinto pobre em reverencia do ultimo A : e no mesmo ponto (coisa maravilhosa !) se lhe soltou a prizão da lingua, e nomeou uma e mil vezes o nome de Maria, sem haver d'alli por diante poder, ou força alguma, que lh'o impedisse. Assim pôde Zacharias nomear o nome de João, depois que o escreveu : porque quer Deus que as nossas linguas se ajudem tambem das mãos, e a Virgem Maria, cuja magnificencia escreve em nós o seu nome com letras de oiro, não estima menos que a nossa caridade distribua as letras delle aos pobres em moedas de prata.

Nem só obra maravilhas a Mãe de Deus em confirmação do agrado com que aceita a honra que fazemos ao nome de Maria em si mesma, mas tambem em qualquer sujeito fóra da mesma Senhora, por vil e indigno que seja. Ia disfarçado a umas festas de justas um cavalleiro de grande fama, insigne valer, e destreza daquelles temerarios jogos ; quando no mesmo caminho se affeiçoou a uma donzella de estremada formosura, filha de paes honrados, mas muito pobres, aos quaes elle a comprou com ricas joias para victima innocente de seu depravado appetite. Tambem aqui concorreu o medo, porque era homem poderoso e soberbo, e o que não obrassem as dadivas, acabaria a violencia e a força. Sabendo, porém, que a donzella já vendida se chamava Maria, em reverencia daquelle soberano nome se absteve de lhe fazer agravo : antes porque tinha desejo e voto de servir a Deos em habito religioso, a levou a um convento de monjas, promettendo que de volta pagaria o dote. Que errados são os pensamentos, e que enganosas as esperanças dos homens ! Esperava o cavalleiro de voltar carregado de fama, e premios, como outras vezes ; mas na primeira justa lhe atravessaram o peito com uma lança, de que caiu morto. Caiu o corpo em terra, e a alma tambem cairia no inferno, se a Virgem Maria, lembrada da reverencia com que honrára o seu nome, naquelle ultimo momento de que pende a eternidade, e em tão difficiloso trance com um acto de verda-

deira contricção lhe não alcançara a graça final. Tudo isto estava occulto, e no convento tardava o cavalleiro, e a promessa do dote; mas a mesma Senhora, como fiadora de sua palavra, a des-empenhou, e revelando em testemunho do que tinha succedido, que desenterrado o corpo defuncto do cemiterio commum, lhe achariam na boca uma rosa, cujas raizes saiam do coração; que foi maior o triumpho que alcançou por devoto do nome de Maria, que a victoria que esperava conseguir pelas armas. Desta maneira o cavalleiro e a donzella, ambos se salvaram, onde ambos se haviam de perder: ella pelo nome que tinha de Maria, e elle pela reverencia do mesmo nome.

XI.

E se tanto se deve reverenciar este sagrado nome, ainda em sujeitos alheios; que devem fazer as que o trazem em si mesmas e se chamam Marias? Seja este o ultimo documento. Ó se souberam as que se chamam Marias, quão grande é o peso que tomaram e trazem sobre si nas obrigações de tão santo e soberano nome! Quando Christo mandou chamar a Magdalena para a resurreição de Lazaro, já ouvimos o que disse S. Pedro Chrysologo (e então não ponderámos): *Veniat Maria, veniat materni nominis bajula*. Que quer dizer *bajula*? Bajulos se chamam aquelles homens que levam aos hombros gravissimos pezos; e a nossa lingua parece que de Maria lhe derivou o nome. Neste sentido disseram os evangelistas de Christo carregado com o pezo da cruz: *Bajulans sibi crucem exivit*. Pois a Magdalena chama a eloquencia de Chrysologo bajula do nome de Maria: *Materni nomini bajula*? Sim. Porque chamando-se Maria, trazia sobre si o pezo immenso do nome da Mãe de Deus, e das obrigações e encargos do mesmo nome. Quem se choma Maria, ha de imitar as virtudes e pureza da primeira e unica Maria. Na mesma Magdalena o temos. Quando a mesma Magdalena veio aos pés de Christo, diz o evangelista S. Lucas, que era uma mulher peccadora: *Et ecce mulier, quæ erat incivitate peccatrix*: e pouco depois fazendo menção das mulheres que seguiam e serviam a Christo

e seus discipulos, pelas cidades e logares onde prégavam o evangelho, diz, que uma dellas era Maria Magdalena: *Maria, quæ vocatur Magdalene.* (Luc. VIII — 2) Pois se agora lhe chama o mesmo evangelista Maria, porque d'antes lhe não chamou Maria? Excellentemente o veneravel Beda. *Maria Magdalene ipsa est, cujus tacito homine proxima lectio pænitentiam nominat: nam pulchre evangelista ubi eam cum Domino iter facere commemorat, proprio hanc vocabulo manifestat.* Esta Maria Magdalena de que falla o evangelista em um e outro logar, não eram duas, como alguns falsamente cuidaram, senão a mesma. Mas o evangelista com grande propriedade e advertencia, agora chamou-lhe manifestamente Maria, e d'antes calou-lhe o nome, porque d'antes disse, que era peccadora e agora diz, que seguia a Christo. Se as que se chamam Marias seguem a Christo, são Marias; mas se são peccadoras, e o não seguem, não são Marias, porque são indignas de tão santo e tão soberano nome. O mesmo S. Pedro Chrysologo em mais breve e aguda sentença. Diz o evangelista S. Mattheus, que veio ao sepulchro de Christo Maria Magdalena, e outra Maria: *Venit Maria Magdalene, et altera Maria.* (Matth. XXVIII — 1) Esta Maria Magdalena e outra Maria, eram duas, ou uma? Uma, responde o santo; mas já muito outra do que tinha sido: *Venit mulier, et rediit Maria:* Veio mulher, e tornou Maria. Eis-aqui como as que se chamam Marias devem tornar deste sermão. Se vieram mulheres, tornem Marias.

Finalmente, assim mulheres, como homens, se atégora não eram devotos do nome de Maria, de hoje por diante o levem escripto nos corações e o tragam continuamente na bocca, presentando a Deus este breve e efficacissimo memorial, seguros de sua intercessão e valia, que nenhuma coisa pedirão a sua divina misericordia e bondade, que lhes seja negada. A mãe de São João e São Thiago chamava-se Maria Salomé, e quando elles pretenderam as duas cadeiras do lado de Christo por meio della, diz o evangelista, que fez a petição a Christo a mãe dos filhos de Zebedeu: *Accessit ad Jesum mater filiorum Zebedæi.* (Matth. XX — 20) Pois porque a não nomeou o evangelista por seu nome, e usou deste rodeio de locução tão extraordinario? Outros darão

melhor razão. Mas o certo é que Christo nesta occasião negou aos dois irmãos o que pretendiam : e com grande fundamento se póde crêr, que o Espirito Santo, que governava a penna dos evangelistas, o dizpoz assim, para que na sagrada escriptura não houvesse um texto, em que juntamente se nomeasse o nome de Maria, e se lesse que Christo negára o que lhe pèdiam. Diz o mesmo Christo, que tudo o que pedirmos em seu nome nos concederá seu Eterno Padre : e se o Pae concede tudo o que se lhe pede em nome do Filho, como não concederá o Filho tudo o que se lhe pede em nome da Mãe ? Peçamos confiadamente debaixo do seguro deste poderosissimo nome, e não peçamos pouco. Peçamos muito, ou peçamos tudo, que é a graça, penhor da gloria : *Quam mihi, etc.*

SERMÃO

DAS

CHAGAS DE S. FRANCISCO.

**Pregado em Lisboa na igreja da Natividade, no
anno de 1646.**

Si quis vult post me venire, abneget semetipsum: tollat crucem suam, et sequatur me. Matth. XVI.

I.

Sé algum quizer alistar-se debaixo das minhas bandeiras, diz Christo Redemptor nosso, ha de negar-se a si mesmo, tomar a sua cruz ás costas, e seguir-me.

Cinco coisas, se bem advertimos, faz Christo nas palavras deste texto, as quaes não sem grande mysterio no dia e solemnidade em que as lemos, são, nem mais, nem menos, contadamentê cinco: duvida uma, suppõe outra, e aconselha três. Duvida se haverá quem o queira seguir: *Si quis vult post me venire*. Suppõe que todos teem sua cruz: *Crucem suam*. E aconselha que nos negue-mos a nós mesmos: *Abneget semetipsum*: que tomemos nossa cruz ás costas: *Tollat crucem suam*: e que vamos em seguimento seu: *Et sequatur me*.

II.

Si quis vult. Cuidava eu, que não havia coisa mais universal no mundo, que quererem todos salvar-se, mas parece que devem de ser mui poucos os que o querem; pois Christo põe em duvida, se haverá alguém: *Si quis vult.* O certo é, que todos nós nos queremos salvar, mas salvar-nos como queremos; e isto não é querer salvação. Quereis saber se vos quereis salvar? Vêde se fazeis pela salvação, o que costumaes fazer pelo que muito quereis. E se esta é a verdadeira regra do querer, poucos somos os que verdadeiramente queremos salvar-nos. Queremos e não queremos. Em nenhum intendimento cabe esta contradicção, e cabe nas nossas vontades.: *Vult, et non vult piger*, diz o Espírito Santo: (Prov. XIII — 4) O homem perguiçoso e irresoluto, quer, e não quer. Quer, porque quer o fim, *vult*: não quer; porque não quer applicar os meios: *Non vult.* Assim somos nós: queremos, e não queremos. Queremos ir ao ceu, mas não queremos ir por onde se vae para o ceu. No caminho do inferno se vê isto melhor. Ninguém vae ao inferno por sua vontade, e ninguém vae ao inferno, senão por sua vontade. Por isso Christo não duvida do querer, senão do querer ir apoz elle: *Si quis vult post me venire.* O querer e o seguir ha de ser conformemente para a mesma parte: que ir a vontade para uma parte, e os passos para outra, é não querer seguir. Não vistes os que remam nas galés, como levam os olhos em uma parte, e a proa em outra? Assim somos nós ao remo desta vida. Se perguntarmos aos nossos desejos onde teem os olhos: no ceu. Se olharmos para nossas acções, onde levam a proa: no inferno. Eis-aqui como queremos.

Abneget semetipsam: Se alguém quer ir apoz mim, diz o Senhor, negue-se a si mesmo. Por ventura que é esta a mais notavel sentença que Christo disse. Que quer dizer, que nos neguemos a nós mesmos? Quer dizer que nos hajamos connosco como se não foramos nós. Eu que me haja commigo, como se não fora eu: vós, que vos hajaes convosco, como se não foreis vós. Ó que documento tão divino para o bem e para o mal! Se as nossas pros-

peridades, nos vieram como se foram de outrem, que pouco nos haviam de desvanecer ! E se as nossas adversidades as tomaramos como se não foram nossas, que pouco nos haviam de molestar ! O verdadeiro amigo dizem que é outro eu : o verdadeiro christão, diz Christo, que ha de ser um não eu : *Abneget semetipsum*. O verdadeiro amigo, é outro eu ; porque se ha de haver nas coisas do amigo, como se foram proprias : o verdadeiro christão, é um não eu ; porque se ha de haver nas coisas proprias, como se foram alheias. Ao proximo diz Christo que tractemos como a nós mesmos ; e a nós, que nos tractemos como se não fomos nós. Nestes dois pontos se encerra toda a perfeição evangelica. Aos outros, como se fôra eu ; a mim, como se eu fora outro. E que vida tão descansada fôra a nossa, se assim viveramos ! Que facil fôr a paciência nas injurias ! Que igual a conformidade nos trabalhos ! Que moderado o appetite nas pertencções ! Que comedido o desejo nos affectos. Emfim, que senhores fomos de nós mesmos e da fortuna ! Mas porque não nos despegamos de nós, vimos a andar pegados a tudo ; e por isso nos embaraça tudo. Negar-se a si mesmo, dizem que é a maior fineza ; e não sei eu commodidade maior : dizem que é o maior acto de amor de Deus, e eu o tenho pela maior destreza do amor proprio. Só se sabe querer bem, quem se sabe livrar de si.

Ao *abneget semetipsum*, ajunta Christo o *tollat crucem suam*. E que leve será a cruz a quem se tiver negado primeiro ! A nossa cruz não tem mais peso, que o que nós lhe damos. Se na nossa cruz nos não levaramos a nós, pouco teriamos que levar. Do peso de si mesmo, e não do da cruz, se queixava Job : *Factus sum mihi metipsi gravis*. (Job. VII — 20) E não foi Job o que menos cruz levou neste mundo : *Tollat crucem suam* : Só a nossa cruz nos manda levar Christo : bemdito elle seja. E quantos ha, que todos se cançam em levar as cruzes alheias ? Até nas cruzes ha ambição, onde parece que tinha só logar a paciência ! Que alliviado andára o mundo, e que bem governado, se cada um se contentára com levar a sua cruz ! Se Deus vos cortou a vossa cruz pela medida dos vossos hombros, para que quereis tomar outras, com que póde ser que não possaes ? Mas é en-

gano natural este, com que nascemos, que sempre ou as cruzeiras alheias nos parecem as mais leves, ou os hombros proprios os mais robustos. Assás fará cada um em levar a sua cruz, sem cançar, nem cair. Christo houve mister quem o ajudasse a levar a sua; e nós cuidamos que podemos levar as nossas, e mais as alheias! A causa cuido eu que é porque olhamos para os titulos das cruzeiras, e não para o peso dellas. Pois crede-me, que as que parecem mais para cubiçar, são as que teem mais que temer. Não vêdes que as mais preciosas são as mais pesadas?

Crucem suam. Suppõe Christo, que todos teem sua cruz, e se com olhos desapaixonados dermos uma volta ao mundo, acharemos que é assim. Que estado ha no mundo destd'o mais alto ao mais humilde, destd'o mais livre ao mais sujeito, destd'o mais abundante ao mais pobre, destd'o mais appetecido ao mais despresado, que, ou por fóra, ou por dentro, não tenha sua cruz? Umás vemos, outras não vemos; e as menos visiveis são ordinariamente as mais pesadas, porque são as mais interiores, e as que carregam só na alma. É este mundo como o monte Calvario, em que se acham todos os estados, e todos com cruz, como n'outra occasião ponderámos. Mas somos nós tão mal aconselhados, que não podendo deixar de a levar (pois todos a temos), soffremos o peso, e perdemos o merecimento porque a não queremos levar em seguimento de Christo. Se por deixarmos de seguir a Christo, tiramos a cruz dos hombros, ainda tinha alguma desculpa a nossa ingratiidão, ou a nossa fraqueza; mas a desgraça é, que quanto mais nos afastamos do seguimento de Christo, tanto mais cresce o peso á nossa cruz. Nenhuma coisa quizera no mundo senão uma balança fiel, em que os que seguem a vaidade, e os que seguem a Christo, vieram pesar suas cruzeiras. Ó que enganados se haviam de achar uns, e que consolados outros! *Mihi mundus crucifixus est, et ego mundo.* (Galat. VI — 14) Paulo tem cruz, e o mundo tem cruz; mas quanta differença vae da cruz do mundo á cruz de Paulo? Se os homens acabaramos de conhecer esta verdade, eu vos prometto que o mundo trocára a sua cruz pela cruz de Paulo. Mas a cegueira é, que entre os que teem a profissão de Paulo não falta

(ainda mal!) quem queira trocar a sua cruz, pela cruz do mundo. Gente duas vezes molina, que por não levar uma cruz com Christo, vem a levar ambas sem Christo.

Que differentemente intendeu esta philosophia aquelle serafim humano, aquelle vivo crucificado, aquelle cruz, e crucifixo de si mesmo, o glorioso patriarcha S. Francisco! Negou-se a si, tomou a sua cruz ás costas, e seguiu tão de perto a Christo, que de muito chegado e unido, appareceu hoje como uma viva estampa sua, com as cinco chagas abertas. Pasmou o mundo assombrado de tão nunca vista maravilha: pasmou a natureza, e pasmou a mesma graça: e nós, para que possamos também pasmar, vamos ponderando, clausula por clausula, o nosso texto, sem sair delle.

III.

A primeira em que reparo é, a *tollat crucem suam*. Manda-nos Christo, que tomemos a nossa cruz, e a sigamos a elle. O exemplo ha de ser seu, e a cruz ha de ser nossa. E não seria melhor, que assim como a pessoa a que havemos de seguir, é a de Christo, assim a cruz que havemos de levar, fosse também de Christo? Parece que sim; pois porque não diz Christo: Quem me quizer seguir, tome a minha cruz, senão, tome a sua: *Tollat crucem suam*? A razão é, porque estima Christo tanto a sua cruz, que a não quer dar a outrem. Como se dissera o Senhor: Quem quizer seguir-me, tome a cruz, mas essa cruz ha de ser a sua, que a minha não a dou a ninguém. Não estimo eu tão pouco os tormentos e instrumentos de minha paixão, que os haja de dar a outrem.

Diz o mesmo Senhor, que a sua gloria não a ha de dar a outrem: *Gloriam meam alteri non dabo*. (Isai. XLII — 8) Parece difficuloso este texto; porque Christo offerece a sua gloria a todos os que a quizerem, e da-a a todos os que a ganham; antes só para nos dar a sua gloria, veio do ceu á terra; e a gloria que mereceu, foi para nós, e não para si, porque para si não a podia merecer. Pois porque diz que não ha de dar a sua gloria: *Gloriam meam alteri non dabo*? Com outro logar entenderemos

este. Antes de Christo entrar na batalha de sua paixão, fez oração ao Padre, e disse: *Glorifica me Pater*: Padre meu, glorifica-me. Christo não estava glorificado, e não era glorioso desd'o instante de sua concepção? Sim, era: pois se tinha já a gloria, como pedia ao Padre que lh'a dêsse? Direi: Christo Senhor nosso neste mundo tinha duas glorias; uma gloria que se gosava, outra gloria que se padecia. A gloria que se gosava, era a gloria da visão, que consistia na bemaventurança de ver a Deus: a gloria que se padecia, era a gloria da paixão, que consistia nos tormentos que Christo padeceu pelos homens; e ainda que Christo teve a primeira gloria desd'o instante de sua concepção; a segunda não a teve senão no dia de sua paixão: e esta é a gloria que pedia a seu Padre: *Pater glorifica me*.

Mas como pôde ser que a paixão de Christo fosse para elle gloria? Esta duvida teve S. João Chrysostomo, e perguntou assim ao mesmo Christo: *Ad crucem raperis cum prædonibus, et hoc gloriam appellas?* E' possível, Senhor, que ides a ser pregado em uma cruz entre dois ladrões, e a isto chamaes gloria? *Ita quidem; pro dilectis enim patior*. Sim, responde Christo; é minha gloria essa cruz e esses tormentos, porque os padeço por aquelles a quem amo. Quem padece muito pelo que muito ama, a sua cruz é a sua gloria. De maneira que Christo era duas vezes glorioso, uma vez pela gloria da visão, com que sempre via e gosava a Deus; outra vez pela gloria da paixão, com que padecia pelos homens. E estimava Christo a gloria que padecia, tanto mais que a gloria que gosava; que da gloria que gozava, era tão liberal, que a dava a todos; e da gloria que padecia, era tão avarento que a quiz só para si: *Gloriam meam alteri non dabo*. A gloria da visão, a gloria de ver a Deos, essa seja gloria vossa, gozae-a todos quantos quizerdes; mas a gloria da paixão, a gloria de padecer pelos homens, esta é gloria só minha; não a hei de dar a ninguem. Por isso quando falla na cruz, diz: Tome cada um a sua, que a minha é só para mim: *Tollat crucem suam*.

* Joann. XVII — 5. Ita Syrus, et Arabicus.

IV.

E sendo isto assim, sendo Christo tão avarento (deixae-m'o outra vez dizer com esta palavra) de seus tormentos, e das glorias de sua paixão, amou o Senhor tanto a S. Francisco, que lhe deu a melhor parte da sua gloria, e a maior gloria de sua paixão, que são as cinco chagas que lhe imprimiu no corpo. Lingua serafica era necessaria para ponderar este favor: mas para que a capacidade humana o rasteie de alguma maneira, vêde o que digo. Digo que em conceder Christo a S. Francisco esta parte de sua paixão, o admittiu a uma gloria, a que não quiz admittir nem aos homems, nem aos anjos, nem ao mesmo Deos. Ora dae-me attenção.

Vão os soldados prender a Christo ao Horto, onde o Senhor estava com seus discipulos, e dando-lhes licença, para que o levassem prezo, disse, olhando para os apostolos: *Si ergo me queritis, sinite hos abire*: (Joan. XVIII. — 8) Se me buscaes a mim, deixae ir a estes. Pergunto: E porque não deixou Christo que os judeus prendessem alguns de seus discipulos, para que morressem juntamente com elle? Não era muiconveniente, que houvesse algum dos que seguiam sua doutrina, que desse a vida pela verdade della? E que já que havia um Judas, que o vendeu, houvesse um Pedro que o acompanhasse? Se Christo havia de morrer entre dois ladrões; se havia de ter de uma parte a Dimas, e da outra a Gestas, não fôra mais decente, que morrêra entre dois apostolos, e que tivera de uma parte a João, e da outra parte a Pedro? Logo porque não quiz Christo a nenhum dos discipulos comsigo em sua paixão? Porque queria toda a paixão para si. Se algum dos discipulos fôra prezo juntamente com Christo, repartira-se com elle parte do odio dos tyrannos: pois para que as penas, ou a gloria de as padecer seja toda minha, diz o mesmo Christo, vão-se os discipulos embora: *Sinite hos abire*. Foi lanço de ambicioso de glorias, não querer companhia nos tormentos. Vêde aonde chegou o amor de Christo para com os discipulos, e aonde não chegou! Chegou a padecer por elles todas as penas da paixão; mas a dar-lhes parte dessas penas, não chegou a tanto.

Que tenha eu por gloria o padecer por meus discipulos, isso sim; mas que os haja de admittir a serem commigo companheiros dessa gloria, isso não. Só essa excepção tem a liberalidade de meu amor: *Sinite hos abire.*

Mais: Quando o Senhor mandou a S. Pedro, que embainhasse a espada, disse: *An putas, quia non possum rogare Patrem meum, et exhibebit mihi modo plusquam duodecim legiones angelorum?* (Matth. XXVI — 53) Imaginas, Pedro, que não posso rogar a meu Padre, e me matdará logo do céu mais de doze legiões de anjos? Notavel razão! Não estava mais achado dizer Christo: Embainha, Pedro, a espada, porque para me defender a mim não são necessarias nenhumaes armas, e muito menos as tuas? Não vês como só com uma palavra acabo de prostrar por terra meus inimigos? Pois se esta razão estava tanto a flor da terra, porque vae Christo buscar outra ao céu? E porque faz menção dos anjos nesta occasião? Porque como os anjos costumam assistir e ajudar invisivelmente ás acções humanas, soubessem os homens por esta advertencia, que nem os anjos do céu admittia Christo á companhia de suas penas. São os anjos impassiveis por natureza, são espiritos, que não podem padecer corporalmente; e era Christo tão amante das penas de sua paixão, que até dos impassiveis as ciava. Por isso não quiz ter anjos por companheiros em sua paixão, porque ainda que lhe não podiam participar dos tormentos pela paciencia, podiam-lhe levar parte da gloria pela companhia. Parte da gloria de suas penas nem aos anjos a dá Christo: *An putas quia non possum rogare Patrem meum, et exhibebit mihi modo plusquam duodecim legiones angelorum?*

Ultimo encarecimento sobre todos. Antes de espirar na cruz o Senhor, põe os olhos no céu, e diz: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* (Marc. XV — 34) Deus meu, Deus meu, para que me desamparaste? Todos perguntam aqui, porque razão o Padre desamparou ao Filho, e porque quiz o Filho, que o Padre o deixasse. Mas eu pergunto mais: Porque fez Christo esta queixa de publico? O que passa entre os paes, e os filhos (e muito mais se são razões de queixa) não é justo que saia á praça; quanto mais,

que onde o Pae era Deus, não lhe era necessario ao Filho fallar para declarar seu sentimento. Pois porque diz Christo publicamente, que seu Pae o desamparou? Porque quiz o Senhor que soubesse o mundo, que foi tão só em padecer pelos homens, que nem a companhia de seu proprio Padre aceitou em seus tormentos. A pessoa do Pae, e a do Filho, nenhuma coisa tem, que se não communiquem, e que não seja commum entre ambos; mas quiz Christo ser tão singular nas penas de sua paixão, que nem a seu proprio Padre (da maneira que podia ser) quiz fer por companheiro nellas. Tinha Christo dito pouco antes a seus discipulos: *Me solum relinquantis: et non sum solus, quia Pater mecum est.* (Joann. XVI.—32) Ainda que vós fujaes todos e me deixeis só, eu não ficarei só, porque meu Padre está sempre commigo. E para que soubessem os discipulos, que até em respeito do Padre quiz ser só em sua paixão, por isso disse ao mesmo Padre, que o desamparára: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?*

Pedis-me doutores, que o digam? Mais que doutores vos hei de dar. David e Isaías, ambos em pessoa de Christo, David: *Singulariter sum ego, donec transeam.* (Psalm. CXL—10) Achei-me só, e sem estar alguem commigo, no tempo em que passei desta vida para a outra. Isaías: *Torcular calcavi solus, et de gentibus non est vir mecum.* (Isai. LXIII—3) Quando fui espremido no lagar de minha paixão, nenhuma pessoa se achou commigo. Ambos disseram bem, mas melhor David. Isaías fazendo menção dos homens, excluiu só aos homens da companhia de Christo em sua paixão: *De gentibus non est vir mecum.* David não fazendo menção de alguem, excluiu a todos: *Singulariter sum ego.* E assim foi; porque Christo na gloria de sua cruz não foi só uma vez, senão tres vezes só: só, sem companhia de homens: *Sinite hos abire:* só, sem companhia de anjos: *Exhibebit mihi plusquam duodecim legiones angelorum:* só, sem companhia do mesmo Deus: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?*

E sobre esta ponderação (ó assombro da grandeza de Francisco!) naquella gloria; em que Christo não admittiu a companhia dos homens, nem a dos anjos, nem a do mesmo Deus, nessa

mesma gloria deu tanta parte a S. Francisco, que lhe deu suas proprias chagas; que é a principal gloria de sua paixão. Prova ? Sim.

Quando Christo subiu triumphante ao ceu, os anjos que o acompanhavam, disseram aos que estavam de guarda : *Attollite portas, principes, vestras, et introibit Rex gloriæ* : (Psalm. XXIII—7) Abri, ó principes as portas, para que entre o Rei da gloria. Estranharam elles o tempo e o nome; e antes de abrirem perguntaram : *Quis est iste Rei gloriæ* ? Este, que chamaes Rei da gloria, quem é ? A uns anjos e por outros respondeu Santo Agostinho com estas excellentes palavras : *Viderunt cœlites cuncti speciosum vulneribus Christum, et admirantes fulgentia divinæ virtutis vexilla talibus concrepant hymnis* : *Quis est iste Rex gloriæ* ? Quer dizer Agostinho, que a causa por que os anjos chamam Rei da gloria a Christo, é porque lhe viam as cinco chagas abertas. Grande dizer ! Christo Senhor nosso no dia de sua ascensão ia vestido dos dotes gloriosos, como bemaventurado, que era ; mas os anjos não lhe chamaram Rei da gloria, porque o viram glorioso, senão porque o viram chagado. Porque maior gloria eram para Christo e para os anjos os signaes de sua paixão, que os dotes de sua bemaventurança. E sendo esta gloria das chagas maior gloria de Christo, que sua mesma gloria ; esta gloria communicou Christo a S. Francisco, e lhe deu a elle, o que prometteu de não dar a outrem : *Gloriam meam alteri non dabo*.

V.

Mas se Christo prometteu de não dar sua gloria a outrem, como a deu a São Francisco ? A palavra de Deus, ou prometendo, ou negando, é inviolavel ; pois porque deu a S. Francisco, o que tinha promettido de não dar a outrem ? Porque ? Porque S. Francisco não era outrem. Parece paradoxo, mas no nosso texto o temos, e entra a segunda clausula delle.

Si quis vult post me venire, abneget semetipsum. Se alguém me quizer seguir, diz Christo, negue-se a si mesmo. E que quer dizer, negue-se a si mesmo ? Quer dizer que cada um ha de dei-

xar de ser o que é. Nem eu hei de ser eu, nem vós haveis de ser vós. E assim o fez S. Francisco. Negou-se de tal maneira a si mesmo, que deixou totalmente de ser o que d'antes era. Pois se Francisco não era Francisco, que era? Era Christo. Claramente por palavras de S. Paulo: *Vivo ego, jam non ego.* (Gal. II—20) Vivo eu, mas já não eu: eis aqui negar-se a si mesmo. Eu não eu. Pois se vós não sois vós, quem sois? *Vivit verò in me Christus:* (Ibid.) Eu sou Christo por transformação. De maneira, que deixou Francisco de ser o que era, e passou a ser o que não era, Por força da abnegação deixou de ser o que era, deixou de ser Francisco: *Vivo ego, jam nan ego:* e por força da transformação passou a ser o que não era, passou a ser Christo: *Vivit verò in me Christus.* E como Francisco já não era Francisco, senão Christo; d'aqui veio, que dando-lhe o Senhor a gloria de suas chagas, a não deu a outrem, como tinha promettido: *Gloriam meam alteri non dabo.*

Isto não tem exemplo na terra, nem nas coisas humanas; tem-no só no ceu, e nas divinas, S. Jeronymo intende estas mesmas palavras ditas pelo Padre Eterno; *Gloriam meam alteri non dabo;* e assim ficam muito mais difficultosas. E senão, vêde: O Eterno Padre é de fé, que dá toda a sua gloria ao Filho, e ao Espirito Santo. Pois como diz, que a não há de dar a outrem? Porque ainda que o Filho e o Espirito Santo se distinguem realmente do Padre, são a mesma coisa com elle, porque são o mesmo Deus. E dar a gloria a quem é a mesma coisa commigo, não é dal-a a outrem: *Gloriam meam alteri non dabo:* O mesmo digo no nosso caso. Diz Christo, que não ha de dar as glorias da sua paixão a outrem; e comtudo deu-as a S. Francisco; porque como S. Francisco por força da abnegação deixou de ser Francisco, e por força da união, ou unidade, passou a ser Christo; ainda que Christo dê a sua gloria a Francisco, não a dá a outrem: *Alleri non dabo.*

Cuidareis que são isto pensamentos; não são senão verdades solidas, e theologia rigorosa. Não a achareis vós nos Vasques, nem nos Soares, nem nos outros theólogos escholasticos; mas achal-a-heis nos que tractaram a theologia mystica, e muito mais

nos que a experimentaram. Lêde Dionysio Areopagita, lêde Taulero, lêde Rusbrochio, lêde Canfil, lêde S. Thereza ; os quaes todos querem que esta transformação do homem com Deus, seja por união real e verdadeira. E senão, explica-me bem aquellas palavras de Christo: *Sicut tu Pater in me, et ego in te, ut et ipsi in nobis unum sint*: (Joan. XVII — 21) Assim como vós, Pae meu, sois uma mesma coisa commigo, e eu comvosco ; assim sejam os homens connosco a mesma coisa. Poem os contemplativos cinco graus para subir onde chegou S. Francisco : Aniquilação, conformidade, transformação, identidade, e deificação. Por todos estes subiu Francisco : subiu pela aniquilação, deixando de ser o que era ; subiu pela conformidade, conformando-se com a vontade divina ; subiu pela transformação, transformando-se em Deus ; pela identidade, identificando-se com elle ; e pela deificação, ficando endeusado todo, ou ficando todo um Deus. E como era a mesma coisa com Deus, e com Christo, dando-lhe Christo a sua gloria, não a deu a outrem, como tinha promettido: *Gloriam meam alteri non dabo*.

VI.

D'aqui se segue (e é a terceira clausula do nosso texto), que dizendo Christo aos outros que o seguissem, só a S. Francisco consentiu que o igualasse. Ora notae: *Tollat crucem suam, et sequatur me*: Tome a sua cruz, e siga-me. Pergunto: Porque diz, siga-me, e não diz, acompanhe-me? Porque quem segue, fica sempre atraz, e quem acompanha, bem póde ir igual; e Christo nas materias de sua cruz e paixão, ainda que queria que o seguissem todos por imitação, não queria que alguém se lhe emparelhasse por igualdade. Manda Deus a Abrahão que lhe sacrifique seu filho: toma Isaac a lenha ás costas, sobe ao monte, deixa-se atar para o sacrificio; e quando já o pae ia a descarregar o golpe, diz Deus: *Non extendas manum tuam super puerum*. (Gen. XXII — 12) Tem mão, não mates a teu filho. E porque não quer Deus que se execute o sacrificio, que inda agora tinha mandado fazer? Se é porque tinha promettido, que em Isaac se continuaria a descendencia de Abrahão, havia mais que

resuscitar outra vez a Isaac? Pois se era tão facil o remedio, porque não quer Deus que Isaac morra? Clemente Alexandrino: *Ut primas partes Verbo cederet.* O sacrificio de Abrahão era figura do sacrificio e paixão de Christo; pois por isso não permitiu Deus que Isaac chegasse a morrer, para que nas materias da paixão tivesse Christo o primeiro logar, e não se puzesse Isaac hombro por hombro com elle. Isaac levou a lenha ás costas, como Christo levou a cruz: subiu ao monte, como Christo: deixou-se atar para o sacrificio, sem fallar palavra, como Christo: se lhe tiraram tambem a vida como a Christo, ficava em tudo com Christo hombro por hombro. Pois para que fique atraz, e não iguale; para que siga, e não emparelhe; morra Christo, e elle fique vivo, e falte-lhe da paixão a melhor parte; que só a S. Francisco consente Christo que o iguale; os demais sigam e fiquem atraz: *Si quis vult post me venire.*

E senão, respondam-me: Se Christo queria dar chagas a S. Francisco, porque lhe não deu quatro somente, ou porque lhe não deu seis, senão cinco, nem mais, nem menos? Porque não só lhe quiz dar a imitação, senão a perfeita igualdade. Ó que grande favor! Quiz Deus fazer favor a José de que fosse vendido como Christo; mas, se bem repararmos, acharemos que Christo foi vendido por trinta dinheiros, e José só por vinte: *Vendiderunt eum ismaelitis viginti argenteis.* (Gen. XXXVII — 28) Pois se foi figura de Christo, e Christo foi vendido por trinta, porque o venderam a elle por vinte? Ouvi a S. Paschasio: *Quia servus non debebat este pretiosior Domino suo.* Porque era servo, e não havia de ser igual com seu Senhor. Concedeu-lhe a imitação na venda, mas negou-lhe a igualdade no preço. Fallando porém determinadamente do mesmo Christo, quiz Christo fazer favor a Lazaro de que fosse sepultado, e depois resuscitado, como elle; mas Christo esteve na sepultura tres dias, e Lazaro quatro. Pois se lhe concedeu que resuscitasse depois de morto á sua imitação; porquê lhe não concede a igualdade nas circumstancias? Disse-o São Pedro Chrysologo: *Ne æqualis Domino videretur:* porque tivesse differença o servo de seu Senhor. De maneira que José figura de Christo vendido, e Lazaro, figura de Christo se-

pultado : mas José vendido por menos dinheiros, e Lazaro sepultado de mais dias, para que, um por mais, e outro por menos, nenhum igualasse a Christo. Só Francisco o igualou, porque as suas chagas não foram menos que as de Christo, nem foram mais, senão justamente cinco, nem mais, nem menos. José foi retrato de Christo vendido, mas não foi retrato ao natural ; porque Christo foi vendido por trinta dinheiros, e José só por vinte. Lazaro foi retrato de Christo sepultado, mas não foi retrato ao natural ; porque Christo esteve tres dias na sepultura, e Lazaro quatro. Só S. Francisco foi retrato ao natural de Christo chagado ; porque se Christo teve cinco chagas, S. Francisco, nem mais nem menos, teve outras cinco. Francisco igualou ; os outros seguiram : *Et sequatur me.*

VII.

Mas que chagas foram estas que Christo deu a S. Francisco ? A pergunta parece mal fundada, mas a resposta vos dirá que fundamento tem. Todos dizem, que as chagas que Christo deu a S. Francisco, foram as chagas de seu corpo. Eu digo que as chagas de S. Francisco não foram as chagas do corpo de Christo, senão as chagas da sua alma.

Para intelligencia deste tão extraordinario pensamento havemos de suppor duas coisas : ptimeiramente supponho, que assim como a humanidade de Christo se compoe de alma e corpo ; assim as chagas de Christo se compõem de chagas do corpo, e chagas da alma. Esta supposição é de S. Bernardo : *Judæi non solum manus, sed et pedes, et latus quoque, et sanctissimi cordis intima furoris lanceâ perforaverunt, quod jam dudum amoris lanceâ fuerat vulneratum* : As chagas dos pés, das mãos, e do lado de Christo fel-as o odio dos judeus ; mas já as tinha feito o amor dos homens muito tempo antes. O odio fel-as no corpo ; o amor tinha-as feito na alma. Prova o mesmo S. Bernardo o novo pensamento com o passo dos Cantares : *Vulnerasti cor meum soror, mea, sponsa, vulnerasti cor meum.* Feriste-me o coração, esposa minha, diz Christo á Synagoga, feriste-me o coração. Christo

Senhor nosso no lado não teve mais que uma chaga; pois se no lado foi ferido uma só vez, como diz que lh'o feriram duas? Porque cada ferida de Christo foram duas feridas, e cada chaga duas chagas; uma que lhe fez o odio no corpo; outra que lhe tinha feito o amor na alma: *Quid necessarium fuit illud ab inimicis vulnerari, si jam vulneratum est?* conclue o mesmo S. Bernardo. De maneira que Christo teve chagas dobradas; umas no corpo, outras na alma.

A segunda coisa que havemos de suppor, é, que as chagas do corpo de Christo se imprimiram na alma da Senhora. Esta segunda supposição é de Arnaldo Carnotense: *Fugientibus apostolis, in faciem Fiki se opposuerat Mater, et gladio doloris animæ ejus infixo vulnerabatur spiritu, et crucifigebatur affectu: et quod in carne Christi agebant clavi, et lancea, hoc in ejus mente compassio naturalis, et affectionis maternæ angustia*: Quer dizer, que fugindo os apóstolos, a Senhora se poz em pé diante do Filho, retratando-se tão vivamente nelle, que ambos estavam crucificados: elle crucificado em carne, ella crucificada em espirito: *Vulnerabatur spiritu, et crucifigebatur affectu*. E como os crucifixos eram dois, as chagas tambem eram duas, ou dobradas: só com esta differença, que as chagas do Filho faziam-nas os cravos, e a lança; mas as chagas da Mãe fazia-as a dor, e a compaixão: *Et quod in carne Christi agebant clavi, e lancea, hoc in ejus mente compassio naturalis, et affectionis maternæ angustia*. Prova o mesmo Arnaldo o seu pensamento com a propheta de Simão: *Et tuam ipsius animam pertransibit gladius*. (Luc. II. — 35.) Foi tão aguda a espada da paixão, que traspas-sou corpo e alma; mas o corpo estava em uma parte, e a alma n'outra; porque o corpo era de Christo, e a alma da Mãe: *Tuam ipsius animam pertransibit gladius*.

De sorte (resumindo todo o discurso) que Christo tinha chagas da alma, e chagas do corpo; e assim como as chagas do corpo as imprimiu na alma da Senhora, assim as chagas da alma as imprimiu no corpo de Francisco. Quiz Christo fazer uma como encarnação e união de suas chagas em duas creaturas dignas de tanto favor: as chagas de seu corpo espiritualizou-as

na alma da Virgem Maria ; e as chagas de sua alma encarnou-as no corpo de S. Francisco. O corpo naturalmente appetitece unir-se á alma ; e a alma naturalmente appetitece unir-se ao corpo. Assim aconteceu ás chagas do corpo e alma de Christo : as do corpo pediam, alma e deu-lhes Christo a alma de Maria ; as da alma pediam corpo, e deu-lhes Christo o corpo de Francisco. Que-reis prova ? No mesmo caso a temos. Quando Christo imprimiu as chagas a S. Francisco, veio em figura de um seraphim. E por-que não veio em propria figura ? Se para receber as chagas se fez o Verbo Homem ; porque razão para as imprimir se fez Christo anjo ? Mais : Se Christo imprimiu as chagas na alma da Senhora na realidade de seu proprio corpo ; porque razão para as imprimir em S. Francisco toma a transformação de espirito ? A razão é, porque Deus, ainda quando obra sobrenaturalmente, usa dos instrumentos mais proporcionados aos effeitos ; e para imprimir chagas no corpo, é mais proporcionado instrumento o espirito ; e para imprimir chagas no espirito, é mais proporcionado instrumento o corpo. Por isso quando imprimiu as chagas no corpo de S. Francisco, veio em figura de um espirito, assim como quando as imprimiu na alma da Virgem, estava em realidades de corpo.

Sim ; mas porque foi este espirito seraphim, e não outro anjo das outras gerarchias ? Porque as chagas da alma de Christo fel-as o amor : *Quod jam dudum amoris lanceâ fuerat vulneratum*. E como entre todos os anjos os seraphins são os espiritos do amor ; ao seraphim, e não a outro, competia esta gloriosa execução. Para Deus receber as chagas tomou a natureza humana ; e para as imprimir tomou a natureza angelica, para que, já que a natureza angelica não teve parte na encarnação do Verbo, tivesse parte na encarnação das chagas de Francisco. E haverá escriptura, que nos diga esta mesma impressão das chagas de Christo, não por outrem, senão por um seraphim, que tambem veremos ser o mesmo, de que Deus fiou esta grande obra ? Vae a escriptura, e seja a ultima de tantas e a mais admiravel.

Quando Zorobabel, depois do captiveiro de Babylonia, estava reedificando o templo, revelou-lhe Deus por um anjo, que na-

quelle mesmo templo havia de pôr uma pedra tão maravilhosa-mente lavrada, que levaria apos si os olhos, e admiração do mundo, e que a escultura desta pedra havia de ser duas vezes lavrada, e duas vezes esculpida: *Super lapidem unum septem oculi sunt: ecce ego colabo sculpturam ejus.* (Zac. III — 9) Este é um dos mais difficultosos logares da escriptura: e o texto original aclara ou escurece mais a difficultade; porque onde a vulgata tem, *colabo sculpturam ejus*, lê Aquila: *Aperiam aperturam ejus*: Abrirei as suas aberturas: e Simacho e Theodosion: *Sculpam sculpturam ejus*: Esculpirei as suas esculturas. Abrir-se e esculpir-se uma pedra, bem se entende: mas depois de estar aberta e esculpida, abrirem-se as mesmas aberturas, e esculpirem-se as mesmas esculturas, como pôde ser? Saibamos qual era a pedra, e quaes eram as esculturas, e logo intenderemos o mysterio. A pedra, como declara o mesmo texto, era Christo: *Ecce enim ego adducam servum meum Orientem, idest, Christum.* (Ibid. — 8) Por isso prometteu o anjo que esta pedra seria trazida ao templo de Zorobabel, e não ao templo de Salomão; porque o templo que estava em tempo de Christo, e em que Christo tantas vezes entrou e prégou, não era o templo de Salomão, senão o de Zorobabel. Esta era a pedra. E as esculturas desta pedra quaes eram? Todos os padres e interpretes respondem, e a mesma experiencia o mostrou, que as esculturas da pedra Christo foram as chagas, que com os cravos e lança se abriram e entalharam em seu corpo santissimo: *Istum lapidem clavis crucis, et lancea militis faciam vulnerari*, commentou S. Jeronymo. E como as chagas que uma vez se abriram e esculpiram no monte Calvario, se haviam de abrir e esculpir outra vez no monte Avernio, por isso diz o anjo, que não só se havia de abrir e esculpir a pedra, senão que se haviam de abrir as mesmas aberturas, e que se haviam de esculpir as mesmas esculturas; uma vez abertas e esculpidas em Christo, outra vez abertas e esculpidas em Francisco. Em Christo aberta e esculpida a pedra: em Francisco abertas e esculpidas as esculturas: *Aperiam aperturam, et sculpam sculpturam ejus.* E quem foi o anjo que isto disse? Milagroso caso a nosso intento. O anjo que isto disse foi o seraphim S. Miguel, o mesmo que imprimiu as

chagas a S. Francisco. Estava Francisco naquella monte contemplando a paixão de Christo, e jejuando uma quaresma em honra de S. Miguel, e por isso com muita razão foi o mesmo S. Miguel o ministro e instrumento, que Christo escolheu, e o seraphim de que se vestiu para a impressão das chagas. Assim o affirmam e provam graves commentadores do Apocalypse sobre aquellas palavras: *Vidi alterum angelum habentem signum Dei vivi.* (Apoc. VII — 2) E como o mesmo S. Miguel, que fallava como propheta, era o que havia de fazer esta impressão, por isso não só disse, que haviam de ser impressas e reestampadas aquellas chagas, senão que elle mesmo havia de ser o que as imprimissem: *Ego cælabo sculpturam ejus*: Eu, eu sou, o que depois de abertas estas aberturas no corpo de Christo, as hei de tornar a abrir: *Ego aperiam aperturam.* Eu sou o que depois de esculpidas estas esculpturas, as hei de tornar a esculpir: *Ego sculpam sculpturam ejus.*

VIII.

Oh quantas e quão gloriosas consequencias se poderam d'aqui tirar em assombro das glorias de Francisco! Mas fiquem para outros, que eu tenho dito mais do que quizera; porque de tudo quanto ouvistes, não temos nada que imitar. Nas outras festas dos santos, concluem-se os sermões, com exhortar a que os imitemos. Nesta, a que vos hei de exhortar? A que peças a Christo que vos imprima tambem as suas chagas? Eis-aqui quem é S. Francisco; que nem á sua imitação é bem que aspirem nossos desejos. Comtudo, quero deixar dois pontos á vossa meditação, que são os principaes, que devemos considerar nestas chagas, em quanto dadas, e em quanto recebidas: em quanto dadas, e em quanto chagas de Christo, consideraee quanto amou Deus aos homens: em quanto recebidas e em quanto chagas de Francisco, consideraee quanto póde um homem amar a Deus. A confusão, que d'aqui devem tirar nossas ingratições, fique ao juizo de cada um. Oh se o temos, que pasmo será o nosso, do immenso que devemos a Deus, e do mal que lhe correspondemos! Não sei que contas havemos de dar a Deus quando nol-as pedir á

vista de S. Francisco ! Estou para dizer, que não nos hão de accusar menos no dia do juizo as chagas de S. Francisco, que as chagas de Christo. Em fim, Christo era Deus, e Francisco era homem ; e á vista de tanto dever da parte de Deus, e de tanto poder da parte nossa, não sei que ha de ser de nós, que tão pouco fazemos ! Valha-nos a graça divina, penhor da gloria.

SERMÃO

DAS

DORES DA SACRATÍSSIMA VIRGEM MARIA

DEPOIS DA MORTE DE SEU BEMDITÍSSIMO FILHO.

**Prégado em Lisboa, na egreja de S. Monica, das
religiosas de Santo Agostinho, no anno de 1642.**

Dolores inferni circumdederunt me. — Psal. XVII.

I.

Se as dores inconsolaveis podem ter alguma consolação e allivio, é a similhança ou companhia de outrem, que as padeça iguaes. Assim o poz em proverbio o commum sentimento dos homens, posto que deshumano em parte. Levado deste pensamento o propheta Jeremias, com os olhos neste mesmo dia, e nesta mesma hora em que estamos, e considerando os extremos da dor, com que a espada de Simeão trespassou a alma da Mãe de Deus na morte lastimosissima de seu Filho; em nome da mesma Senhora, e em figura da cidade de Jerusalem cuberta de luto, pergunta a todos os que passavam á vista do monte Calvario, se todos, ou algum delles, viram alguma hora dor similhante á sua: *Ó vos om-*

nes, qui transitis per viam, attendite, et videte si est dolor similis sicut dolor meus. (Thr. I — 12) E como ninguém respondesse, nem pudesse satisfazer á pergunta do propheta, na suspensão deste silencio voltou elle para dentro de si a mesma pergunta, e poz-se a considerar consigo a que creatura de quantas abraça o universo (entrando tambem na comparação as insensiveis) compararia a grandeza daquella dor: *Cui comparabo te? vel cui assimilabo te, filia Jerusalem? vel cui exæquabo te, et consolabor te, Virgo filia Sion?* (Ibid. II — 13) E como não achasse a sua imaginação coisa alguma nem de maior grandeza, nem de maior amargura, que o mar; em fim se resolveu, que só no mesmo mar podia achar a similhança, e na mesma similhança a consolação que buscava: *Magna est velut mare contritio tua* (Ibid.).

Assim disse Jeremias; mas sendo um tão grande propheta, e o mais exercitado em casos lastimosos e tristes, disse pouco. O fel é mais amargoso que o mar; e o fel que a Senhora viu dar a seu Filho naquella ardentissima sêde, foi uma pequena parte das suas amarguras. E posto que o mar seja um elemento tão vasto e tão immenso, em que uma onda sobre outra onda, todas quebrando naquelle lastimado coração, tinham alguma similhança com os golpes repetidos, e com a immensidade da sua dor; muito maior, mais alto, e mais pesado era o pégo sem fundo da sua pena, como aquelle cuja tempestade subiu acima do ceu, e em cujas ondas chegou a naufragar e affogar-se o mesmo Deus: *Veni in altitudinem maris, et tempestas demersit me.* (Psalm. LXVIII — 3) Supposta esta verdade, e havendo nós hoje de vadear de algum modo o diluvio incomprehensivel das dores da Virgem Mãe na consideração do morte de seu Filho; não lhe achando comparação, ou similhança nem no mar, nem na terra: aonde a irei buscar? Seguindo os passos da mesma dor, adverti, que a alma da Mãe seguia a do Filho; e que a do Filho descia ao inferno: *Descendit ad inferos.* E por ventura descendo Christo ao inferno, padeceu as penas que lá se padecem? Não: antes as desfez, como diz S. Pedro: *Solutis doloribus inferni.* (Act. II — 24) Supposto isto, já achei o que buscava. O Filho no inferno sem dor, a Mãe neste mundo com dores, a que se não acha com-

paração? Logo o Filho e a Mãe nesta hora partiram entre si o inferno: o Filho descendo ao logar, e a Mãe padecendo as dores: *Dolores inferni circumdederunt me.* (Psalm. XVII — 6) Este será o meu assumpto, que em tempo tão breve como o signalado, só sendo tão extraordinario podia ser grande. E posto que o nome de inferno pareça medonho, a propriedade da mesma comparação lhe tirará o horror.

II.

Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus æmulatio, disse propheticamente Salomão, fallando do Esposo, e da Esposa, isto é, Christo e sua Mãe. Põe de uma parte o amor, e da outra a emulação competindo-se: e por extremos da competencia da parte do amor a morte, e da parte da emulação o inferno. E quaes foram os competidores? Os que já dissemos. Da parte do amor o Filho, que chegou a morrer por amor dos homens: e da parte da emulação a Mãe, que vendo o Filho morto, chegou a padecer por elle as dores do inferno. De sorte que comparando a fortaleza do amor com a dureza do inferno, no sepulchro do Filho se pôde escrever por epitaphio: *Fortis est ut mors dilectio*: e no coração da Mãe por tropheo: *Dura sicut infernus æmulatio*. Dos extremos do amor forte como a morte prégarão hoje todos os pulpitos: dos extremos da dor dura como do inferno hei de fallar eu agora: e peço attenção.

Duas penas se padecem no inferno: a pena de damno, e a pena de sentido. A pena de damno consiste na ausencia de Deus. E começando por esta, tal foi a primeira pena da dor de Maria. As outras ausencias, ainda que sejam de quem muito se ama, são penas desta vida: só a privação e ausencia de Deus é pena como a que no inferno, por antonomasia da perda, se chama pena de damno. Privação era a que Deus considerou em Adão, quando disse: *Non est bonum esse hominem solum.* (Gen. II — 18) Privação foi a que considerou Jacob em Benjamin pela morte de seu irmão, quando disse: *Et ipse solus remansit.* (Gen. XLII — 38) Mas como as penas e as ausencias eram semelhantes á companhia de que um se via falto, e outro privado, não mereciam

o nome de damno, que só por excellencia se deve á privação da companhia e vista de Deus; qual era a que a Senhora padecia nesta hora, privada da presença e vista de um Filho, que, juntamente era seu Filho e seu Deus.

Disse o ladrão a Christo: *Domine, memento mei.* (Luc. XXIII — 42) E o Senhor lhe respondeu: *Hodie mecum eris in paradiso.* (Ibid. — 43) Pois como, *in paradiso*, se Christo no mesmo dia desceu ao inferno, e lá o achou o ladrão, quando pouco depois espirou? Christo no inferno, e o ladrão no inferno naquella dia, e tambem nos dois seguintes, e diz-lhe Christo, hoje estarás commigo no paraíso? Sim, e por isso mesmo. Não vêdes que disse Christo ao ladrão, que estaria com elle: *Mecum eris?* Pois por isso acrescenta tambem, que estaria no paraíso; porque estar com Christo em qualquer lugar, ainda que seja no inferno, é estar no paraíso. O *in paradiso* foi consequencia do *mecum eris*. E se a gloria de estar com Christo no inferno faz do inferno paraíso, vêde se a pena de estar sem Christo neste mundo faria do paraíso inferno! A presença ou ausencia de Deus é a que faz o inferno ou o paraíso, e não os logares. O inferno começou no ceu, quando os anjos foram privados da vista de Deus: e o paraíso começou no inferno, quando os santos padres viram lá a Christo. E esta era a differença, em que os olhos e coração da Senhora se viu nesta hora.

Se aos bemaventurados lhes faltasse o lume da gloria, ainda que ficassem no ceu os mesmos bemaventurados, deixariam subitamente de o ser, e começariam a padecer a pena de damno, que é a privação da vista de Deus. Isto mesmo lhe succedeu hoje á Virgem: *Et lumen oculorum meorum, et ipsum non est mecum.* (Psal. XXXVII — 11) Faltou-lhe o lume de seus olhos; e nesta privação da vista de seu Filho e seu Deus, padecia uma pena em tudo semelhante á pena de damno. Comparae aquelle *mecum eris* com este *non est mecum*; e assim como alli tirou Christo por consequencia o paraíso, assim aqui devemos nós tirar pela mesma consequencia o inferno.

Oh que profunda conferencia faria a Senhora sobre este *et ipsum non est mecum*! Lembrada de quando lhe disse o anjo:

Dominus tecum : (Luc. I — 28) Então (diria) ainda que me annunciassse Gabriel, que meu Filho havia de remir o mundo, e eu sabia bem que havia de ser por morte de cruz ; como me disse que elle estava e havia de estar commigo, tudo se me fazia leve. Quando outra vez nos veio annunciar o desterro do Egypto, como disse, *Accipe puerum, et Matrem ejus* : (Matth. II — 13) nelle, e com sua companhia se me faziam faceis todas as perseguições, e todos os trabalhos. Uma vez o perdi com dor quasi semelhante a esta ; mas então tive a liberdade para o buscar, e achal-o : agora que entre mim e elle está em meio toda a terra, que remedio póde ter a minha dor ? Facilmente me resolveria a fazer o que disse Jacob na morte de José, tanto menos desconsolado, quanto vae de filho a filho : *Descendam ad filium meum lugens in infernum*. (Gen. XXXVII — 35) Mas esta graça de acompanhar a meu Filho na morte, não quiz elle que eu a tivesse. Emfim, só isto tem menos de inferno a minha pena, que é conformar-me com a sua vontade.

Porém se nisto era menor a pena da Senhora, que a pena de damno, que no inferno se padece ; em outra circumstancia a excedia muito, que era a do amor. A pena de damno do inferno é somente carecer da vista de Deus ; mas não da vista de Deus amado ; porque os que no inferno padecem esta privação, tão longe estão de amar a Deus, que antes o aborrecem furiosamente. E se a privação de Deus, ainda que aborrecido, é a maior de todas aquellas penas ; qual será a privação do mesmo Deus summamente amado ? Amava a Senhora incomparavelmente mais que todas as mães a seus filhos ; amava incomparavelmente mais que todos os bemaventurados a Deus. Vêde que pena seria a sua na privação da presença e da vista de um Filho Deus ! *Dura sicut infernus æmulatio*.

III.

Mas porque este genero de pena excede toda a comprehensão humana ; passemos á segunda, que é a pena de sentido. As penas de sentido no inferno são muito differentes de todas as que se padecem nesta vida ; porque as desta vida padecem-se em tempo

successivamente, e por partes; e as do inferno padecem-se na eternidade, que é duração indivisível e simultanea; e assim não se padecem uma depois da outra, senão todas juntas. Esta mesma diferença tiveram as penas da Senhora nesta hora, comparadas com as suas e as de seu Filho na paixão. Na paixão primeiro se padeceram as injurias da prisão, depois os açoites da columna, depois os espinhos da coroação, e ultimamente os cravos e a cruz. Porém nesta hora padeceu-as a Senhora todas juntas.

Assim o disse a mesma Senhora por bocca da alma santa: *Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur.* (Cant. I — 12) A myrrha, como tão amargosa, foi figura da paixão de Christo; e como tal offerecida a elle nos mysteriosos dons dos reis do Oriente. Pois porque diz a Senhora, que para ella, *mihi*, e não para Filho, foi a paixão um feixe de myrrha? Porque Christo na sua paixão padeceu os seus tormentos divididos; e a Senhora depois della, e na sua consideração, padeceu-os juntos. Elle divididos em diversos tempos e partes do corpo; ella juntos no mesmo tempo, e no mesmo coração. O odio dos inimigos de Christo, por mais cruel que fosse, não o pôde atormentar senão por partes: e assim como o Senhor padeceu todos os tormentos successivamente, e divididos; assim também a Mãe, quando o seguia e acompanhava. Porém depois da sua morte, só, sem elle, e consigo considerava tudo o que naquella dia tinha passado. Alli se ataram e uniram todos os tormentos da prisão, dos açoites, da coroa, da cruz, dos cravos, da lança, e de todos os outros tormentos, e se fez um composto de penas, que sendo cada um insoffrível e immenso para a dor, cabia todo junto dentro do coração, e entre aquelles sagrados peitos, que em differente cor haviam dado ao Filho o mesmo sangue que deramou: *Inter ubera mea commorabitur.*

E para que se veja quanto maior força tinha esta apprehensão e comprehensão de toda a paixão por junto, para atormentar a alma da Mãe; vejamos os effeitos que fez na alma do Filho. Estando Christo no Horto, foi tal o temor, o horror e a tristeza que concebeu dos tormentos de sua paixão, que tres horas inteiras prostrado por terra pediu a seu Eterno Pae o absolvesse della:

Transeat à me calix iste. (Matth. XXVI — 39) E finalmente vendo que não era possível, segundo os decretos divinos, foi tal e tão estranha a sua agonia, que suou copioso sangue, e foi necessario que viesse um anjo a confortal-o. Neste ponto entrou o Senhor a padecer os mesmos tormentos, e todos soffreu com admiravel paciencia e constancia, sem escusa, sem se lhe ouvir palavra, sem anticipar o sangue ás feridas, e sem que homem da terra, nem anjo do ceu o animasse: antes vendo que se acabavam, disse: *Sitio*: não tanto pela sede que o atormentava, como pela sede que tinha de mais padecer. Pois se agora padece com tanto valor, alegria e magnanimidade, sendo estes tormentos não outros, senão os mesmos que antevia e considerava no Horto; porque então lhe causaram tanto horror e lhe pareceram, e verdadeiramente eram, tão intoleraveis e insoffríveis, e agora não? Porque então estavam todos juntos na apprehensão e agora divididos no soffrimento: *Transeat à me calix iste*: então estavam todos os tormentos juntos em um calix, e este mesmo composto de todos os ingredientes da paixão, que depois bebidos por partes eram muito inferiores á sua paciencia e valor; unidos todos e representados por junto, á mesma paciencia e valor eram insupportaveis e insoffríveis. Tal foi a differença dos tormentos, que agora padezia a Senhora, aos que tinha padecido ao pé da cruz! Estes foram como os que Christo padeceu no Calvario; aquelles como os que padeceu no Horto: estes, divididos e por partes, como tormentos desta vida; aquelles todos juntos e sem successão, como os da eternidade e do inferno: *Dura sicut infernus æmulatio*.

Finalmente, para que lhe não faltasse a circumstancia de dureza e rigor semelhante á do inferno, notae, que sendo tão grandes, não bastaram a lhe tirar a vida. Foram tão excessivos os tormentos da Virgem na paixão de seu Filho, que diz S. Bernardo, que se se repartissem por todas as creaturas viventes, bastariam a tirar a vida a todas. Mais. Era tão grande o amor da Senhora, e o affecto ternissimo, com que desejava não se apartar da presença e vista de seu Filho, que teria por grande beneficio o morrer, para que elle não morresse, como dizia David na morte de Absalão, e já que isto não pudesse ser, ao menos morrer junta-

mente com elle. Pois se a Senhora desejava tanto a morte, e os tormentos eram bastantes para lhe tirar mil vidas; porque não morreu entre suas penas? Porque esta é a propriedade dos tormentos do inferno: *Dura sicut infernus æmulatio*: não só dura, porque atormenta duramente, senão também, porque atormentando, endurece a quem atormenta; e matando, immortalisa para sempre matar. Nesta vida temem os homens a morte, e todos andam fugindo della: no inferno, pelo contrario, todos desejam morrer, e a morte foge de todos: *Fugiet mors ab eis*. (Apoc. IX — 6) Eis-aqui qual foi a dureza e o rigor dos tormentos e penas da Mãe de Deus, depois da morte de seu Filho. A de damno e a de sentido, ambas como as do inferno, em atormentar, e ambas como as do inferno em lhe não darem a morte.

Esta foi aquella grande maravilha que viu Moysés no deserto de Madian: *Vadam, et videbo visionem hanc magnam; quare non comburatur rubus*. (Exod. III — 3) O fogo desta vida consome tudo o que abraza: o fogo do inferno abraza e não consome. E que sarça era a que assim ardia, senão a que foi representada nella; e nunca com tanta propriedade como nesta hora, toda espinhos, toda tormentos; e toda dores; mas toda ardendo em um fogo, que devendo-lhe tirar a vida, para maior continuação do sentimento, a conservava viva e immortal? O fogo do amor e dos tormentos de Christo, foi como fogo da terra, que lhe tirou a vida: *Fortis est ut mors dilectio*; o fogo do amor e tormentos de Maria, foi como fogo do inferno, que a endureceu contra a morte: *Dura sicut infernus æmulatio*. E este foi o cerco, em que aquellas dores puzeram a maior e mais angustiada alma, tão apertado, que o não podia soffrer a vida, e tão fechado, que o não podia alliviar a morte: *Dolores inferni circumdederunt me*.

Mas o que não puderam declarar as minhas palavras, vejam agora os olhos naquella piedosa imagem, viva sem vida, e morta sem poder morrer: *Vadam, et videbo visionem hanc magnam*.

SERMÃO

DE S. JOSÉ.

Dia em que fez annos el-rei D. João IV.

Prégado na capella real, no anno de 1642.

*Cum esset desponsata Mater Jesu Maria
Joseph. Matt. I — 18.*

I.

Questão foi mui duvidada entre os antigos, qual dia desta vida era mais feliz; se o primeiro, se o ultimo; se o do nascimento, se o da morte. D'aqui veio, que seguindo varias gentes varias opiniões, umas se alegravam nos nascimentos, outras os celebravam com lagrimas: umas se entristeciam nas mortes, outras as solemnisavam com festas. Chegou finalmente a duvida ao tribunal d'el-rei Salomão, o qual inclinando-se á parte que parecia menos provavel, resolveu, que melhor é o dia da morte, que o dia do nascimento: *Melior est dies mortis die natiuitatis.* (Eccl. VII — 2) Com isto estar resoluta e definido assim na escriptura, hoje parece que temos a mesma questão ou concordada, ou resuscitada; porque estamos por mercê de Deus em um dia tão glorioso por uma morte, tão feliz por um nascimento, que bem se pôde competir dentro em si mesmo, ou a vencer

feliz suas glórias, ou a vencer glorioso suas felicidades. Consagrou-se este dia ás glórias do ceu com a morte do maior santo que nelle reina, o divino Esposo da Virgem Maria, S. José : e consagrou-se outra vez o mesmo dia ás felicidades de Portugal, com o nascimento felicissimo do mais desejado rei, e mais benemerito, el-rei nosso senhor D. João, o quarto, para que sobre os trinta e oito, que hoje conta, continue por muitos e mui compridos annos as prosperidades que gosa. Morre hoje José, e nasce sua magestade. Que ventura tão reciproca ! Nem José morrendo podia deixar no mundo melhor substituto : nem sua magestade nascendo podia entrar no mundo com melhor planeta.

Estando Christo Redemptor nosso na cruz, olhou para S. João, o discipulo amado, e encarregou-lhe que tivesse cuidado de servir e acompanhar a sua Santissima Mãe. Repararam alguns santos em não dar o Senhor este cargo a outro apostolo, senão a S. João ; porque ainda que em S. João concorriam todas as qualidades, em algumas era igualado, e em alguma excedido ; e para mordomo da Rainha dos anjos todos o excediam no attributo da ancianidade. Pois se era mais moço João, e havia outros amados, e mais parentes, porque não escolheu Christo a outro discipulo, senão a S. João para este officio ? A razão foi, porque o officio de acompanhar e servir á Senhora, era o officio de S. José em quanto viveu ; e para substituir em ausencias de José quem havia de ser, senão João ? Não é menos que de S. Cypriano o pensamento : *Ut non tam Joseph oneretur tanti ministerii præpositura, sed Joannes*. Morrêra José : vagára no mundo aquelle grande lugar, e para substituir em sua morte, para succeder em sua ausencia, ninguem havia no mundo que estivesse a caber, senão quem ? João, o amado de Deus. João o amado de Deus substitue a José : *Non tam Joseph, sed Joannes*.

E isto quando ? No dia de seu nascimento. Parece que não pôde ser, porque nem o real, nem o nascimento podem competir a S. João aqui. Ora tudo foi. Quando Christo deu a S. João o cuidado de servir á Senhora, as palavras que disse foram estas : *Mulier, ecce Filius tuus*: (Joan. XIX—26) Mulher, eis-ahi teu filho : *Deinde dicit discipulo : Ecce Mater tua* : (Ibid. — 27) João, eis-ahi

tua Mãe. Mãe e Filho de que maneira? Mãe tinha S. João, mas era Maria Salomé: Filho era, mas do Zebedeu. Pois se estes eram seus paes, como se chama João filho da Senhora, e a Senhora Mãe de João? É porque João tornou a nascer nesta hora, e nasceu só da Virgem por força das palavras de Christo. Auctores houve, e entre elles expressamente S. Pedro Damião, que disseram, que assim como as palavras, *Hoc est Corpus meum*, ditas uma vez por Christo, tiveram força para converter o pão em corpo do mesmo Christo, assim as palavras, *Mulier, ecce Filius tuus*, tiveram força para fazer a S. João, e o converterem de filho do Zebedeu em filho de Maria.

De maneira, que S. João teve dois nascimentos; um nascimento natural, com que nasceu, filho do Zebedeu: outro nascimento sobrenatural, com que nasceu filho da Mãe de Deus. Pelo primeiro nascimento nasceu nas praias do Tiberiades; pelo segundo nascimento nasceu ao pé da cruz. Pelo primeiro nascimento nasceu de geração humilde; pelo segundo nascimento nasceu da mais illustre e real prosapia que havia no mundo, filho de uma Senhora, herdeira de um rei morto á mão de seus inimigos: *Jesus Nazarenus Rex Judæorum*. Assim nasceu S. João segunda vez, e assim foi necessario que nascesse, para succeder no logar de S. José como succedeu; porque só se pôde substituir dignamente a morte de José, com que? Com o nascimento real de um João, o amado de Deus: *Discipulum, quem diligebat: Mulier ecce Filius tuus: Non tam Joseph, sed Joannes*.

II.

Só vejo me podem reparar os curiosos em fallar no dia de S. José por termos de morte, sendo que mais devia com um e outro intento chamar-lhe nascimento; porque assim chama a igreja ás mortes dos santos: *Natalitia sanctorum*. Se eu não fôr mais amigo da verdade, que da propriedade, assim o fizera; mas as mortes de outros santos podem-se chamar nascimentos; a morte de S. José, não.. As mortes de outros santos podem-se chamar nascimentos, porque quando morreram á vida temporal, nasce-

ram á vida eterna. Não assim S. José. Como não estava ainda aberta a porta do ceu, quando S. José morreu, não foi o santo no dia de sua morte á gloria, senão ao limbo. Ao limbo S. José neste dia? Valha-me Deus; que duvidoso horoscopo! Não sei eu como poderei provar o que entrei dizendo que não se podia nascer com melhor planeta. Dizem os mathematicos que nascer com os planetas debaixo da terra, é prognostico de infellicidades. Pois se S. José neste dia seu o temos todo debaixo da terra, o corpo na sepultura, a alma no limbo; que influencias podemos esperar deste planeta em tão funesto sitio? Ora digo que é felicissimo auspicio ter neste nascimento a S. José debaixo da terra; porque ainda que os planetas debaixo da terra tenham perigosas influencias, tiram-se por excepção os planetas que são Josés: os planetas que são Josés, para influirem felizmente hão de estar debaixo da terra.

Estava o patriarcha José em Egypto; morreu, diz o texto sagrado, que depois de sua morte, cresceram muito os israelitas em numero e poder: *Quo mortuo, creverunt filii Israel quasi germinantes multiplicati sunt, ac roborati nimis, impleverunt terram.* (Exod. I — 6 e 7) Que os filhos de Israel crescessem pelos merecimentos de José, não me admira; antes assim havia de ser, que isso quer dizer José, augmento e crescimento: *Joseph accrescens.* O que me admira é que crescessem os israelitas depois d'elle morto: *Quo mortuo.* Se José quer dizer crescimento, e os filhos de Israel cresceram por sua influencia, porque não cresceram em sua vida, senão depois de sua morte? A razão é porque para se lograrem as influencias de José, ha de estar debaixo da terra. Delicadamente o tirou Hugo Cardeal do mesmo texto. Diz o texto que: *Creverunt quasi germinantes,* cresceram os filhos de Israel, assim como crescem as plantas. Bemdito, diz Hugo: *Uno grano emortuo, multa creverunt:* Cresceram os filhos de Israel como as plantas; porque assim como as plantas, para nascerem e crescerem, é necessario que a virtude de que nascem, se enterre primeiro debaixo da terra: assim para que a virtude de José influisse augmentos nos filhos de Israel, foi necessario que elle morresse e se enterrasse primeiro: *Quo mor-*

tuo, creverunt. Os outros planetas hão de estar em cima, mas os Josés debaixo da terra.

Grande advertencia de Philo. Póde-se duvidar a razão por que José se mostrou tão benigno, e fez tantos favores e mercês a seus irmãos, de quem recebêra tantos aggravos. Digo que se póde duvidar; porque bem mostraram os primeiros dois irmãos Caim e Abel, que não basta a razão de irmandade para abrandar corações. E se um irmão respeitado mata; um irmão offendido que fará? Pois se José estava tão offendido de seus irmãos, como se mostrou tão benigno e liberal com elles? A razão disse Philo, que foi por umas palavras que disseram a José os irmãos. Quando lhe deram conta de si, disseram que eram doze; os dez que alli estavam, um que ficára com o pai, e outro que mortêra, que era o mesmo José. As palavras foram estas: *Duodecim fratres sumus: minimus cum patre nostro est, alius non est super.* (Genes. XLII — 13) O menor de todos, Benjamin, ficou com o pae, o outro que era José, *Non est super*, já não está em cima, está debaixo da terra. Já está debaixo da terra José? Por isso se mostrou tão benigno e liberal com os irmãos, diz Philo: *Alius non est super, de se loquentes audiens, quid animi habere potuit?* Ouvindo dizer José que já não estava em cima, senão que estava debaixo da terra, que outra coisa póde fazer senão amar, favorecer, e influir beneficentemente liberalidades? Os outros planetas para influirem benignamente, hão de estar em cima; mas José quando não está em cima, senão debaixo da terra, como hoje (assim tem o hebreu: *Hodie non est super*) no dia em que não está em cima, senão debaixo da terra, então influe vida, mercês, felicidades e augmentos.

III.

Temos visto o nascimento real de João o amado, e o sitio do planeta, em que nasce debaixo da terra, no mesmo, ou semelhante dia; e porque os dias, como diz David, também se fallam e se intendem uns com os outros: *Dies diei eructat verbum*; (Psalm. XVIII — 3) com razão perguntará o dia do nas-

cimento de sua magestade ao dia em que nasce de S. José, que influencia pôde ou deve esperar de tão divino planeta. A resposta não é como a dos mathematicos, duvidosa e incerta; mas tão certa e sem duvida, como tudo o que dizem os evangelistas. Vamos ao nosso evangelho que é de S. Mattheus, no capitulo primeiro, e oçamos com admiravel propriedade o que diz, como se fallára deste dia e do nosso caso. *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph.* Estava, diz, a Mãe de Jesus, Maria, desposada com José. Onde se deve advertir, que a palavra desposada não significa promessa reciproca de vodas futuras, senão verdadeiro e actual matrimonio por contracto, e palavras de presente, como consta do mesmo texto: *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam*: (Matth. I — 20) mas a cortezia do evangelista não disse, *casada*, senão *desposada*, como termo mais decente e decoroso. O que supposto era a Senhora já Mãe de Jesus, porque tinha concebido ao Verbo Eterno; mas antes de Mãe, primeiro desposada, porque? Como era e havia de ser sempre Virgem, tanto importava ser primeiro desposada, como depois; porque razão logo ordenou a Providencia Divina, que não concebesse ao Filho de Deus, senão depois de desposada: *Cum esset desponsata Mater Jesu*? A razão principal é, porque convinha e era necessario que a concepção e parto da mesma Virgem estivesse encoberto: *Ut virgineus partus celaretur.* Assim o dizem S. Jeronymo, S. Basilio, S. João Damasceno, S. Ambrosio, S. Bernardo, e é commum dos santos padres. Consta da sagrada escriptura, pelo oraculo e testemunho do propheta Isaías, que o Messias e Rei promettido para Redemptor do mundo havia de nascer de uma Virgem: *Ecce Virgo concipiet et pariet Filium.* (Isai. VII — 14) E porque este Rei não só na terra, senão no mesmo inferno, havia de ter muitos emulos e inimigos, esta era a importancia e necessidade, por que convinha e tinha ordenado a Divina Providencia que estivesse encoberto a todos, como com effeito se encobriu no desposorio ou matrimonio da Virgem Santissima com S. José, parecendo que não tinha mais mysterio a concepção e nascimento daquelle Filho, que o commum e ordinario dos outros homens.

Que semelhança tem agora, ou que propriedade em S. José a providencia de Deus neste mysterio com o nascimento de sua magestade, que Deus guarde, no dia do mesmo santo? Disse-o Ruperto com umas palavras, que se lhe pediram as fizesse de encomenda, não vieram mais nascidas ao intento: *Ut esse Sponsus, custosque Beatæ Virginis, ac nati ex ea Regis*. Desposasse José com Maria, e nomeadamente com Maria Mãe de Jesus, porque o fim destes desposorios foi ser José Esposo da Virgem, e guarda do Rei nascido: *Custos nati Regis*. Ó grande excellencia! Ó grande gloria! Ó dignidade superior a todos os santos a de José! Que os sóros da mesma omnipotencia nasçam debaixo de seu amparo, e que não tendo Christo anjo da guarda, porque é Deus, tenha por custodio um homem, que é S. José: *Custos nati Regis*! Grande gloria de José, e grande graça tambem do nosso rei e reino! Que o amasse Deus, e cuidasse do seu remedio com tão especial providencia, que o patrocínio que deu em seu nascimento ao Rei que havia de restaurar o mundo, esse mesmo patrocínio dêsse em seu nascimento ao rei que havia de restaurar a Portugal! Um e outro nasceu debaixo da mesma protecção, um e outro nasceu debaixo da tutela e amparo de S. José: *Joseph custos nati Regis*.

Sendo pois estes dois reis nascidos ambos reis, ambos redemptores, e ambos encobertos; o primeiro, como diz a prophesia de Isaías: *Vere tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator*: (Isaia XLV — 15) o segundo promettido pela prophesia, e tradição de S. Isidoro a Hespanha, não com outro nome, ou antonomasia, senão a do encoberto; vejamos quão particularmente encobriu a um e outro, o que a um e outro deu Deus por guarda o cuidado e vigilancia de S. José. A Christo encobriu-o; como Esposo de Maria, nove mezes e treze dias, desde sua concepção até depois de seu nascimento, em que o descobriu a estrella no Oriente aos Magos, e os Magos em seguimento della a toda Judea. E como o encobriu? *Spiritus Sanctus superveniet in te, et virtus Altissimi obumbrabit tibi*. (Luc. I — 35) A Virgem Senhora nossa tinha dois Esposos, um divino, outro humano. O Esposo divino era o Espirito Santo; o humano, S. José. Do pri-

meiro Esposo era obra o Filho concebido, como disse o anjo á mesma Virgem: *Spiritus Sanctus superveniet in te*: acrescentando: *Et virtus Altissimi obumbrabit tibi*: que a virtude do Altissimo lhe faria sombra. E que sombra foi esta; ou quem foi esta sombra? Foi sem duvida o segundo Esposo, a cuja sombra esteve a Virgem depois de desposada, e com a sombra e nome de Pae, encobriu o que verdadeiramente não era seu Filho. Assim ficou o Rei e Redemptor que havia de ser do mundo, encoberto desde sua encarnação nove mezes até seu nascimento, e treze dias, até que a estrella e os Magos, e Deus por elles, o descobriu ao mundo: *Ubi est, qui natus est Rex Judæorum?* (Matth. II — 2)

Mas se S. José guardou encoberto a Christo nove mezes e treze dias; que comparação tem este tempo, que não chega a um anno, com mais de trinta e seis annos inteiros em que teve encoberto ao rei encoberto de Portugal, desde o dia do seu nascimento até o felicissimo de sua restituição? Vejo que me respondem, que S. José não só encobriu a Christo naquelle primeiro anno não acabado, mas em outros, cujo numero certo se não sabè: sabendo pelo anjo, que Herodes entre os innocentes de Bethlem queria tirar a vida a Christo, fugiu de Judea para o Egypto, e depois da morte do mesmo Herodes, sabendo tambem por aviso do ceu, que reinava em Judea Archelao, seu filho, retirou-se para Galilea. De sorte que para encobrir o primeiro Rei nascido, tomou por meio tiral-o diante dos olhos dos dois reis seus inimigos, e escondel-o em terras estranhas. Porém para encobrir o segundo rei, não só no seu nascimento, nem na sua infancia, puericia, ou adolescencia, senão na idade de varão perfeito em tantos annos, a traça com que o encobriu a outros dois reis, que não menos lhe podiam tirar a vida e a coroa, qual seria? Verdadeiramente milagrosa, e digna da omnipotencia divina. Dentro na mesma Hespanha, dentro no mesmo Portugal, e adiante dos olhos dos mesmos reis, escondeu e encobriu de maneira ao encoberto, que vendo-o, o não viam, nem viram. É certo que assim foi, mas duvidoso, como podia ser.

No dia da resurreição ajuntou-se Christo aos dois discipulos

que iam para Emauz, os quaes em todo aquelle caminho o viam e ouviam, sem o conhecerem. Por ventura transfigurou-se Christo, ou mudou as feições do rosto? Por nenhum modo. Pois se eram seus discipulos, costumados a vel-o todos os dias, e agora o estavam vendo, e no seu rosto não havia mudança, como o não conheciam? Responde o evangelista: *Oculi eorum tenebantur, ne eum agnoscerent.* (Luc. XXIV — 16) A palavra *tenebantur*, melhor se póde intender, do que declarar na nossa lingua: *Tenebantur*, estavam detidos: *Tenebantur*, estavam presos: *Tenebantur*, estavam suspensos: *Tenebantur*, estavam em si e fóra de si, como extaticos os olhos que o viam e não conheciam. Fazendo este milagre nos discipulos a omnipotencia de Christo, e nos reis, que tanto podiam temer e acantelar-se do que hoje é nosso, a mão invisivel de S. José. Desde o principio em que se fizeram senhores de Portugal aquelles reis estranhos, Filíppe II tinha diante dos olhos a senhora D. Catharina; Filíppe III ao duque D. Theodosio; Filíppe IV a sua magestade, que finalmente lhe tirou da cabeça a coroa; e vendo-os, não conheciam o que nelles deviam receiar e temer, cegando-os S. José com a mesma luz de seus olhos, e cobrindo o seu e o nosso encoberto com o descobrir.

Assim desempenhou o grande santo a obrigação que tinha de encobrir e provar o nome de encoberto no novo rei, nascido no seu dia: mas ainda lhe falta, ou nos falta uma maior consideração e vigilancia deste seu empenho. O odio, a emulação, a cautela, o receio de perder o ganhado em Portugal, que tinham os reis estranhos, a grandeza do poder, e a doçura do possuir, podia lisongear e adormecer todo este cuidado; mas da nossa parte, e em nós os portuguezes, além da dor do perdido, estava com os olhos abertos ao remedio o amor, o desejo, e a necessidade. O amor ainda que é cego para ver, é lince para adivinhar: o desejo é um affecto sempre ardente e inquieto, que não sabe socegar um momento: sobre tudo a necessidade da redempção, da liberdade, e de rei natural, era a que mais apertava os cordeis a este tormento, e tinha com a çoga na garganta todos estes affectos. E como podia ser, que sendo elles tão

vigilantes, e tendo sempre o direito da coroa, e a pessoa do rei a quem pertencia, diante dos olhos, de tal sorte a encobrisse. José, que a ninguém viesse ao pensamento ser elle o que o havia de recuperar? Mas em encobrir o nosso encoberto neste grande perigo de o declararem as evidencias, ou conjecturas de algum destes affectos, mostrou o santo, quão alta e delicadamente observou as obrigações do officio de o guardar: *Custos nati Regis*, equivocando milagrosamente um rei com outro rei, e encobrendo um vivo com outro morto. Perdeu-se, ou morreu na batalha de Africa el-rei D. Sebastião, e poderam tanto as saudades de um rei, que se tinha perdido a si e a nós, que sem se divertirem aonde deviam, deram em esperar d'elle, e por sua vida e vinda, a nossa redempção; e este foi o altissimo conselho, com que S. José debaixo das cinzas do rei passado e morto, conservou e teve encoberto o rei futuro e vivo. Não vemos conservar-se vivo o fogo debaixo das cinzas que o encobrem? Pois assim conservou e encobriu S. José a vida d'el-rei, que Deus guarde, debaixo das cinzas d'el-rei D. Sebastião defuncto. E o que diz expressamente Isaias no capitulo LXI. Promette Deus alli de alegrar os tristes, de consolar os desconsolados, de libertar os captivos, e conclue, que pelas cinzas lhe dará a coroa: *Ut mederer contritis corde: et prædicarem captivis indulgentiam: ut consolarer omnes lugentes*; (Isai. LXI—1, 2 e 3) e finalmente: *Et darem eis coronam pro cinere*. Assim estava Portugal triste, assim estava desconsolado, assim estava captivo, e assim lhe promettia S. José a coroa perdida debaixo das cinzas do rei morto reputado por vivo; e assim conservava vivo e encoberto aquelle que verdadeiramente havia de restituir aos tristes, desconsolados e captivos a coroa perdida. De maneira que encoberta a verdade debaixo do engano, a esperança debaixo da desesperação, a vida debaixo da morte, e a coroa debaixo das cinzas, aos principes estranhos, que tudo isto tinham por riso, não lhes dava cuidado o remedio; e os vassallos, amigos e naturaes, que o tinham, pouco menos, quasi por fé, com milagrosa providencia, enganada a sua dor, o seu amor, o seu desejo, e a sua necessidade, se consolavam e animavam da falsa e equivocada

esperança, até que a verdadeira debaixo della encoberta, ao tempo destinado pelo ceu, lhe trouxe a felicidade que hoje logramos.

IV.

Certo que ponderar cabalmente esta felicidade, será causa de não faltar nunca Portugal ao eterno agradecimento a S. José. Que uma vida (não sejamos ingratos, por não saber o que devemos a Deus), que uma vida, em que estavam fundadas as consequencias, que hoje se logram, apesar da emulação de dois reis, debaixo de sua mesma jurisdicção se conservasse! Que nasça a decima sexta geração de Portugal tão esperada, e que sendo decima-sexta por tres vias, nem o amor dos naturaes, nem os ciumes dos estranhos em trinta e sete annos o descobrisse! Vivo apesar de tantas advertencias politicas, encoberto apesar de tantas evidencias manifestas! Grandes milagres da providencia divina; e este segundo, a meu ver, ainda maior. E senão, pergunto: Qual foi a razão, por que ordenou Deus que o libertador que havia de ser de Portugal, se conhecesse tantos annos antes no mundo, não pelo nome de libertador, senão pelo nome de *encoberto*? A razão foi, porque maior milagre da providencia era conserval-o encuberto, que fazel-o libertador. Fazel-o libertador, foi deliberarem-se os homens a uma coisa muito util; conserval-o encoberto, foi cegarem-se os homens a uma coisa muito manifesta: e maior milagre é encobrir evidencias ao entendimento, que persuadir conveniencias á vontade. O que todos ponderam, o que todos admiram, o de que todos fazem maior caso é, que se unissem e concordassem as vontades de todo um reino, para fazer o que fizeram. Muito foi; mas bem considerado, não foi muito, porque, que muito que as vontades dos homens se persuadissem a uma coisa tão util e tão honrosa, como ter reino, ter rei, ter liberdade, viver sem captivo e sem oppressão? Porém que o auctor felicissimo de todo este bem nascesse e vivesse entre nós tão retratado pelos oraculos divinos, e ainda nomeado pelo proprio nome, e o tivesse Deus en-

coberto, sem que o amor, nem a emulação, que são os dois affectos mais lince, o descobrissem! Que o vissem os olhos, e que guardasse segredo o intendimento! Que suspirassem os desejos, e que não bastassem as maiores advertencias! Dissimulado a evidencias, e encoberto a olhos vistos! Este é o maior milagre, esta a maior maravilha, mas agora exercitada, e muitos seculos antes já ensaiada: por quem? Pelo auctor da mesma protecção, S. José.

Conta o texto sagrado no quarto livro dos reis, capitulo onze, que em uma occasião quizeram tirar a vida tyrannicamente os herdeiros do sangue real de Israel ao menino Joás; porém que Josabá o livrou do perigo, e-o creou escondidamente: *Abconditum, ut non interficeretur*, (4. Reg. XI — 2) até que passados alguns annos, os nobres do povo se uniram, e todos com as armas nas mãos entraram no paço real, e impedindo as guardas em um sabbado, acclamaram por rei a Joás, e o metteram de posse do reino, que lhe pertencia, lançando do paço a Athalia, uma senhora que então governava. Desta maneira refere o texto este caso, e bem se vê que é tão proprio do que succedeu em Portugal, que se ao nome de Joás se mudára o *s*, em *m*, se podéra trasladar este capitulo, e escrever-se em nossas chronicas. Bem está; mas quem fez isto? A quem se deve esta façanha? Quem ha de levar a gloria desta maravilha? Quem? S. José. Diz Isidoro Isolano, que Josabá, a cuja industria deve sua vida e restituição Joás, foi figura de S. José, Esposo da Virgem: *Joseph profecto in Josaba præfiguratus est, quæ Joas Infantem clam nutrit, et aluit, ac regem Israel tandem constituit*. Hei de construir as palavras ao pé da letra, para maior gloria de S. José, e maior evidencia do nosso caso. *Joseph profecto in Josaba præfiguratus est*. Verdadeiramente S. José foi figurado e representado em Josabá: *Quæ Joas infantem clam nutrit, et aluit*: que guardou ao infante Joás vivo e encoberto: *Ac regem Israel tandem constituit*, e finalmente o fez rei de Israel, mettendo-o de posse do reino que lhe tocava. E não é isto mesmo o que fez S. José com o rei e reino de Portugal? Nem o caso pôde ser mais proprio, nem eu quero dizer mais nesta materia.

Estas são as obrigações em que S. José tem empenhado a vossa magestade, Senhor ; e as consequencias dellas são, que assim como S. José não só foi salvador do Salvador, senão também do mundo ; assim não foi só salvador do nosso libertador, senão também do reino libertado. Espero em Deus que o hei de provar litteralmente. *Benedictio illius, qui apparuit in rubo, veniat super caput Joseph.* (Deut. XXXIII — 16) A benção daquelle que appareceu na charça, desça sobre José. Esta benção foi lançada ao patriarcha José, e diz o Pelusiota e outros, que se compriu em S. José, Esposo da Virgem. E qual foi a benção daquelle que appareceu na charça a Moysés ? Elle mesmo o disse: *Vidi afflictionem populi mei, et descendi ut liberem eum*: (Exod. III — 7 e 8) Vi a afflicção do meu povo debaixo do poder de um rei estranho, e desci do ceu a libertal-o. Pois se a benção do que appareceu a Moysés na charça, é ser libertador do povo opprimido do poder de um rei estranho, e esta benção se compriu em José, Esposo da Virgem ; digam-me agora os historiadores, quando se compriu esta benção, senão na restauração de Portugal. Viu o santo as afflicções deste povo verdadeiramente seu ; e desceu do ceu a libertal-o, guardando com particular providencia a do nosso felicissimo libertador, como fez á de Christo, segundo a protecção que tomou em um e outro nascimento: *Custos nati Regis*, que foi o fim com que se desposou com a Virgem: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph.*

V.

Tenho atabado o sermão : de todo elle quizera tirar somente uma coisa : queira o Senhor que seja tão bem recebida nos animos de todos, como é a todos necessaria e importantissima. O que concluo de todo este discurso é, que deve o reino de Portugal tomar solemnemente a S. José por particular advogado, e protector de sua conservação e augmentos. A razão que tenho para isto, é a mais efficaz que póde ser : querer Deus que seja assim, nem nós devemos querer outra coisa. Sonhou el-rei Pharaó

que haviam de vir a seu reino aquelles quatorze annos de varia fortuna, e dizendo-lhe que importava prevenir-se de algum varão de grande prudencia, que superintendesse á conservação e remedio do reino, *Placuit Pharaoni consilium*, (Genes. XLI — 37) contentou o conselho ao rei, e voltando-se para José, disse: *Numquid sapientio rem, et consimilem tui invenire potero?* (Ibid. — 39) Por ventura, José, posso eu achar algum que seja mais sabio, mais prudente, e em cujas mãos e conselho esteja mais segura minha monarchia? O sceptro e a coroa ponho debaixo do vosso patrocínio, mandae, ordenae, despendei, não como vassallo, mas como pae. O mesmo digo no nosso caso.

Isidoro de Isolanis, já acima allegado, auctor que ha muitos annos que escreveu, admirando-se muito de que em seu tempo não fosse celebrado na egreja o glorioso S. José, conclue assim: *Suscitabit Dominus sanctum Joseph ad honorem nominis sui, caput et patronum peculiarem imperii militantis ecclesiae*: Esta seja embora esquecido por agora S. José, e não seja sua memoria tão celebrada como merece, que Deus levantará este grande santo a seu tempo, para que seja particular padroeiro do seu imperio na egreja militante: *Patronum peculiarem imperii militantis ecclesiae*. Duas coisas havemos de saber para intendimento destas palavras: uma, quando se começou a celebrar S. José; outra, qual é no mundo o imperio de Christo. O tempo em que se começou a celebrar S. José, foi pontualmente depois da perda d'el-rei D. Sebastião, de triste memoria, e antes da felicissima restituição á coroa d'el-rei D. João nosso senhor; para que posto entre a ruina do reino, e o remedio, compadecido da ruina a remediasse. E o imperio de Christo qual é? O mesmo Senhor foi servido de nol-o explicar, quando disse ao nosso fundador o senhor rei D. Affonso Henriques: *Volo in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire*. Quero em vós, e em vossa descendencia estabelecer o meu imperio. Pois se Deus levanta no mundo a S. José, quando quer levantar a sua magestade por rei: se o imperio de Christo na egreja militante somos nós; e S. José ha de ser particular padroeiro deste imperio: que resta, senão, que effectivamente se conclua de nossa parte, que é o constituir

e reconhecer com publica solemnidade a S. José por protector particular do reino de Portugal, e sua conservação; dizendo a este José, o que os egypcios disseram ao outro: *Salus nostra in manus tua est, respiciat nos tantum Dominus noster, et latius serviemus regi?* (Gen. XLVII — 25)

SERMÃO

DA

AGONIA DO SENHOR NO HORTO.

Cepit contristari, et mœstus esse. Matt. XXVI — 37.

Quien en aquella noche ultima y terrible, de la qual escribió S. Matheo estas palabras, guiado de los ecos lastimosos, que sonaban en el valle de Gethsemani, y respondian en el vesiniente Olivete, entrasse animoso por los horrores de las sombras a descubrir la causa de aquellas voces; oh que trágico espectáculo se le ofreceria a los ojos, a los oidos, al discurso, y, si tuviese piedad, a toda el alma! A la entrada del Huerto hallaria ocho hombres durmiendo, sin atender a lo que passava: más adentro retirados otros tres, tambien entregues al sueño; que todo en los hombres es descuido de lo que Dios piensa y padece. Estavan estos tres mas cerca, y aqui divisaria claramente, lo que dezian las voces: *Pater, si possibile est, transeat à me calix iste.* (Matt. XXVI—39) Padre (dizia): De quien será Hijo? En cáliz habla: si acaso le quierera dar veneno su Padre por algun delicto grande? Llegaria alfin, si le bastasse el animo, y ve-

ria cahido en tierra, un bellissimo Joven con los brazos tendidos, con los ojos levantados al cielo, temblando, anelando, agonizando, bañado todo, y vertiendo sangre, la cabeza, el rostro, las manos, los piés, los vestidos, y hasta la tierra bañada. Y que os parece, señores, serian los affectos deste Hombre en la estraneza de un tal caso? Yò creo, que aunque fuesse un samaritano medio barbaro de aquellas montañas, movido a compassion, se romperia las ropas para atarle las heridas. Pero hallando, que la sangre era sudor, causado de sola la afliccion, y congoxa, sin golpe, sin herida, sin llaga, aqui seria mayor su admiracion, el dolor, el assombro, el pasmo. Esto haria la piedad sola, aun desacompañada de la fé, y sin conocer, quien era el que padecia, y por quien padecia, Pero se supiera, que aquel Hombre tan lastimado era juntamente Dios, y Dios el Padre, a quien suplicava, sin ser oido; y que la causa de aquel sudor, y de aquella sangre era el mismo, que la estava mirando, y cuyas las culpas, por las quales padecia el innocente, yò nõ sé ponderar, ni comprehender, qual devria ser entonces mayor dolor, mayor pena, si la del Señor, que padecia tanto, ò del hombre, que le veía padecer por su causa. Y si esto es, lo que devió hazer, y lo que hizo un samaritano sin fé; los sacerdotes y levitas fieles, y obligados a mayor piedad, seria bien que se passassen de largo, sin compassion, sin dolor, sin atencion, ni a los gemidos, ni a la sangre, ni a la persona, ni a la causa, ni a si mismos? Oh pensamientos y cuidados de Christo! Oh pensamientos, y cuidados de los hombres! Estos pensamientos, y estos cuidados, tan atentos unos, y tan desatendidos otros, será lo que yò pretendo ponderar en este discurso, entrando un poco en el alma de Christo, para que nos otros entrecmos tambien en las nuestras.

I.

Cæpit contristari, et mæstus esse.

En esta passion, ó propassion de tristeza repetida, en esta tristeza sobre tristeza: *Tristari, et mæstus esse*, comprehendió S. Ma-

theo todos los tormentos y penas que puede (ó nó puede) padecer un corazon afligido. S. Marcos dixo : *Cæpit pavere, et lædere* ; (Marc. XIV — 33) el Syriaco : *Cæpit commoveri, et vehementer angi* ; y el mismo Christo : *Tristis est anima mea usque ad mortem* ; (Ibid. — 34) dolores mortales, temores, tédios, desabrimientos, aflicciones, penas, angustias, congoxas, ansias, agonias, tales, que bastáran a quitar la vida ; y tales, que bastáran a sacar arroyos de sangre de las venas a un hombre, que juntamente era Dios ; todo esto quiere decir : *Cæpit contristari, et mæstus esse*.

Pero porque el evangelista dice : *Cæpit*, justo será, que sepamos primero, quando empezaron estas tristezas y afañes en el corazon de Christo. El sentir comun, ó vulgar es, que empezaron en aquella hora, en que el Señor entró a orar en el Huerto, y quanto a las señales exteriores, y manifestas a los discipulos, assi fuè. Pero si atentamente se considera, y mas reconditamente penetrarmos el interior del alma de Christo, siguiendo hacia atrás este hilo de su dolor, de sus cuidados, y de sus pensamientos, tristes y congoxozos, hallaremos, que fueron continuados y perpetuos en toda su vida ; y que empezaron desde el primer instante de su concepcion. S. Pablo en el cap. 10, *ad Hebr.* alegando y comentando el psalmo 39 : *Ideo ingrediens mundum, dixit : Hostiam, et oblationem noluisti, corpus autem aptasti mihi* : (Ad Hebr. X — 5) En el mismo punto, en que la humanidad de Christo fuè unida al Verbo, y entró en este mundo : *Ingressus mundum* : assi como luego, y al mismo instante conoció, y acceptó el precepto de morir por los hombres con todas las circunstancias de su passion, y cruz ; assi desde entonces empezó a tener y traher siempre viva en la memoria la misma cruz, y la misma muerte, mucho más cerca aun de lo que en esta hora la tenia ; porque la tenia y trahia dentro de si mismo : *In capite libri scriptum est de me, ut facerem voluntatem tuam : Deus meus volui, et legem tuam in medio cordis mei*. (Psal. XXXIX — 8 e 9) Todo quanto está escrito por los profetas, y representado en figura por los patriarchas, que havia de padecer Christo, vió, y conoció perfectissimamente en aquel instante, y desde el mismo instante

clavó el precepto, y la cruz en el medio de su corazon : *In medio cordis mei*. Nó á parte, sinó *In medio* ; porque nó puzo á parte ni el precepto, ni la voluntad, ni el cuidado, como deixandolo para su tiempo, quando se huviesse de executar ; sinó, que desde entonces lo tuvo siempre fixo, y clavado en lo más interior y intimo del corazon : *In medio cordis mei* ; caminando desde aquel punto siempre a la cruz, y a la muerte : *Tunc dixi : Ecce venio. Tunc ?* (Ibid. — 8) Quando ? Quando entró en el mundo : *Ingrediens mundum, tunc dixi : Ecce venio*. La palabra hebrea : *Ecce venio* (como lo notó Lurino) abraça todos los tiempos : *Veni, venio, veniam* ; porque fué un venir, y caminar siempre continuado, desde el principio de la vida hasta el fin della. Ciertamente que assi lo estava viendo Isaías, quando dixo : *Parvulus natus est nobis, et Filius datus est nobis, et factus est principatus ejus super humerum ejus*. (Isai. IX — 6) Hijo pequeño en el nacimiento ; hijo, y mucho mas pequenito en la concepcion ; pero ya desde entonces con la cruz sobre los tiernos hombros ; porque desde aquel punto la empezó a llevar acuestas, y a venir adonde llegará mañana : *Tunc dixi : Ecce venio*.

Juntemos este *ecce* con aquello del psalmo : *Quoniam ego in flagella paratus sum, et dolor meus in conspectu meo semper*. (Psál. XXXVII — 18) En el mismo punto, en que el Verbo Niño y Hombre perfecto tuvo hombros para la cruz, y espaldas para los açotes, luego en las mismas entrañas de su Madre, postrado delante del Padre se ofreció a ellos : *Ego in flagella paratus sum*. El modo, la forma, la postura, y el sitio del cuerpo, con que Christo oy oró en el Huerto, fué : *Procidit in faciem suam* ; (Matth. XXVI — 39) con las rodillas en tierra, y el cuerpo inclinado, y doblado sobre las mismas rodillas : y assi estava el recién-encarnado Christo en el instante de su concepcion ; porque este es el sitio, como enseña Aristoteles, con que las criaturillas estan en el vientre de las madres : por eso en aquel mismo punto, en que entró en el mundo : *Ingrediens mundum* : dixo : *Corpus autem aptasti mihi* ; porque su cuerpo assi inclinado, y pegado al rostro con las rodillas, era el sitio apto, proporcionado, y mas decente, y reverente, con que bueltas, y postradas a su Padre las

espaldas, las sacrificava, y ofrecia a todos los açotes y golpes de su passion: *Quoniam ego in flagella paratus sum*. El texto original tiene; *Corpus autem perforasti mihi*; porque aunque en el Huerto salió, y rebentò la sangre por todo el cuerpo, dexò los aujeros, por onde salió essa misma sangre, yá estavan hechos, y huradados desde el instante de su concepcion: *Corpus autem perforasti mihi*; desde entonces estava yá aujerado el cuerpo, y luego entonces saliera la sangre, si la Providencia nõ tapára los aujeros, y el deseo de derramar más sangré nõ la detuviera. Pero aunque se comprimì la sangre, nõ se embargò el dolor: *Et dolor meus in conspectu meo semper*. Porque desde aquel primer momento de la vida hasta el ultimo de la misma vida tuvo, y traxo siempre Christo delante de los ojos, esto es, una continua, y vivissima aprehsion, y una consideracion jamás interrumpida, y un pensamiento siempre fixo, y presente de su dolor, y su muerte: *Et dolor meus in conspectu meo semper*.

II.

Fuè este pensamiento, y esta aprehsion continua y dolorosa, una durissima y agudissima corona de espinas, que nõ solo se clavava y heria las sienes a Christo, pero lo penetrava y trespassava continuamente hasta el más hondo del corazon. S. Bernardo, S. Gregorio y otras almas grandes, a quien Christo admitia a los secretos de la suya, lo entendieron, y dixeron assi: y tales almas eran aquellas, a las quales Salomon llamava, quando dixo: *Egre-dimini filiæ Sion, et videte regem Salomonem in diademate, quo coronavit eum Mater sua in die desponsationis illius*. (Cant. III — 11) La Madre, que coronò a Christo de espinas, fuè la sinagoga; el dia de los desposorios de Christo fuè el dia de la Encarnacion, en que el Verbo se desposó con la naturaleza humana. Pues si la corona se puso a Christo en el dia de su passion, como dize Salomon, que fuè en el dia de sus desposorios: *In die desponsationis suæ*? Porque la corona exterior fuè treinta e tres años despues; la interior en aquel mismo dia. En aquel mismo dia de la encarnacion se le puzo, y clavò en la cabeça de Christo la co-

rona de espinas interiores, que fueron las tristezas y congoxas, que en esta hora manifestò a sus discipulos; y esta corona jamás la quitò un punto de la cabeça, hasta que expirò en la cruz: *Tristitia est anima mea usque ad mortem.* (Matth. XXVI — 38) La corona exterior de fuera entrava y penetrava adentro: la interior de adentro entrava, y penetrava mas adentro; y por esso nõ se veta, ni se manifestò, sinò en esta hora.

S. Dionisio Areopagita llamò profundamente al utero virginal de Maria: *Thronus cherubicus, et cruciformis*: un throno, como el de los querubines, fabricado en forma de cruz. Assi como los santos explican a los profetas, es necessario aora un profeta para declarar al santo. Aquellos querubines, que viò Isaias delante del throno de Dios, hacian dos cosas: *Volabant, et velabant*; (Isai. VI — 2) y formavan juntamente una cruz, y un vélo: con las alas del medio, con que bolaban, formavan una cruz, y las otras quatro que cruzavan, formavan, ò texian un vélo: y tal fué el trono, en que Dios baxando del cielo fué recibido en el sagrario del vientre virginal de sua Madre. Alli, y desde alli, tuvo siempre delante de los ojos la cruz; pero velado y encubierto a nuestros ojos, el rostro siempre atento y los ojos siempre desvelados, con que se estava mirando, hasta que en esta hora corriò la cortina y quitò el velo, para que los tres de su seno supiessen, lo que passava en su alma: *Assumpto Petro, Jacobo, et Joanne, caput contristari, et mæstus esse.* (Matth. XXVI — 37) Estos mismos tres, que havia retirado al monte Tabor, retirò consigo al valle de Gethsemani, para que assi como allà havian sido testigos de sus glorias, aqui lo fuesen de sus penas: y assi como allà les manifestò las glorias, de que havia privado a su cuerpo; assi aqui conociessen las penas que trahia encubiertas y escondidas en el alma. Pero acordemonos, pues que hablámos en el Tabor, de lo que entonces hablo el Señor. Si en algun dia Christo deviò dispensar con los pensamientos tristes de su passion, era en el dia en que transfigurado dava muestras de su gloria; pero hasta en aquel dia, y en aquel acto: *Dicebant de excessu, quem completurus erat in Hierusalem*; (Luc. IX — 34) para que entendiesemos, quan

indispensablemente eran estos los pensamientos de todos los días de su vida; pues aun en tal día, y en tal ocasión esto era, lo que de la abundancia del corazón le rebozaba en los labios.

III.

Oh cuidados y pensamientos de Christo! Oh cuidados y pensamientos del los hombres! Los de Christo tristes y tristísimos: *Contristari, et mæstus esse*; pero los nuestros mucho más tristes, porque no son tristes, y porque no son tristes con aquella tristeza, que devieron. Piensa Christo, cuida Christo, desvela-se Christo, aflige-se, congoxa-se y entristece-se mortalmente por su muerte, y por mi salud; y yo ni me entristesco, ni me congoxo, ni me alligo, ni me desvelo, ni alomenos pienso en mi salud, ni en su muerte, ni en la mía. No pensar en su muerte padecida por mi, y con tantas circunstancias de atrocidad y amor, es ingratitud indignísimas; pero no pensar alomenos en mi salud, y en mi muerte, si no merece nombre ageno de la fé ciertamente es ageno de toda razón, de todo juicio, y aun de todo aquel imperfectísimo amor, que antes de fé, y sin ella, acompaña la naturaleza, aun de las criaturas irracionales, y quasi de las insensibles. Christo porque prevé, que de allí a treinta y tres años ha de morir, entristece-se naturalmente, afligese y congoxa-se; y yo, que sabiendo de cierto, que he de morir, no sé se será este año, en este mes, y en este día no me entristesco, ni pienso en ello! Quando Dios fulminó la sentencia de muerte contra Adán y sus descendientes, dixo: *Donec revertatis in terram, de qua sumptus es*; (Gen. III — 19) no señalando termino, ni tiempo de año, ni día, ni hora, para que aquel *donec* suspenso, y indeterminado, como notó Ruperto, tuviese siempre al hombre solícito, en cuidado, y en vela; y que mis cuidados, y mis desvelos todos se empleen en la vida, y para la vida! Christo, que tiene el cielo seguro, como Señor y Dueño: *Sciens, quia à Deo exivit, et ad Deum vadit*; (Joan. XIII — 3) no teniendo, que dudar, o cuidar de su salud, cuida toda la vida en la mía! Y yo, que tantos años he vivido olvidado della, si

quiera una hora cada dia nò cuidarè en mi salud ; sabiendo cierto, que hê merecido el infierno, y que quanto menos cuido en ello, tanto tengo el cielo más dudoso ! Si me causan tédio y horror estos pensamientos, porque son tristes, y temerosos, mucho más triste, y mucho más temerosa cosa es nò pensar en ello. Oh si Christo derramára sobre mi, ò una gota de aquella sangre, que suda, y corre hasta la tierra ; ò una estila de aquella tristeza, que assi le hace sudar !

Pero consideremos, lo que más admirable hace esta tristeza : *Capit contristari, et mæstus esse*. Para Christo entristecer : *Contristari* tenia tan urgente y tan poderosas causas, quantas eran los tormentos, los dolores, y las afrontas de su muerte, y las ingratitudes con que los hombres nò solo nò se havian de querer aprovechar della, pero ni aun pensarla. Con todo, para nò entristecer-se, ni aun estar triste, tenia aun mayores causas, y nò solo las repugnancias del afecto, sinò aun de la misma naturaleza, y sobre ella. Esta misma alma, que dice : *Tristis est anima mea*, fuè bienaventurada desde el instante mismo de la encarnacion ; y como bienaventurada nò solo llena de aquellos gustos y alegrías inefables, que resultan de la vista y possession del sumo bien, pero aun incapaz naturalmente de toda tristeza, de toda penalidad de todo dolor. Y con todo en el punto, en que tuvo Christo delante de los ojos su muerte, y nuestra salud, pudiendò suspender libremente este pensamiento, y este cuidado, nò lo quizo suspender ; y pudiendo, antes deviendò naturalmente, junto con el mismo pensamiento y cuidado, nò recibir dolor, ni concebir tristeza, y gozar-se enteramente los gustos y delicias de bienaventurado ; juzgò empero, que su muerte, y nuestra salud eran unas causas tan graves, y tan relevantes, que para pensar y cuidar en ellas como convenia, nò bastava solo pensarlas y cuidarlas con temores, con aflicciones, con intimo dolor, y congoxa : y para esso usar de toda su omnipotencia, y hacer el más estupendo milagro, que jamás se há visto, partiendò, y como dividiendò la misma alma indivisible de medio a medio ; de suerte, que la parte superior en el mismo tiempo estuviesse gloriosa, y la inferior atormentada y triste : *Contristari, et mæstus esse*.

Super montes stabunt aquæ, dize David: (Psal. CIII — 6) Las agoas estaran paradas y suspensas sobre los montes. Las agoas naturalmente decenden de los montes a los valles: y estar paradas y suspensas en los montes contra el peso natural, nõ puede ser sin milagro; mayor aun que aquel, en que se suspendieron las aguas del Jordan, quanto es mayor el declive de un monte a un valle: y este fuè el milagro, que se vió en el alma de Christo, y en aquel rio de deleites, nõ del paraíso terrestre, sinò del celestial: *Fluminis impetus lætificat civitatem Dei*. (Ibid. XLV — 5) Los montes eran la parte superior del alma de Christo, el entendimiento y la voluntad: los vales eran las potencias inferiores: y la misma voluntad, y el mismo entendimiento; porque nõ solo padecieron aquella tristeza las potencias del cuerpo, sinò tambien las del alma: *Tristis es anima mea*; y todas aquellas corrientes de gloria, que naturalmente havian de redundar y alagar la parte inferior del alma, milagrosamente quedaron suspensas, pesando para la parte inferior, mas nõ passando. Tan grande fuè el milagro, como el peso: *Æternum gloria pondus*, (2 ad Cor. IV — 17) dize S. Pablo: y todo este peso, eterno y immenso, se suspendió, nõ eternamente, mas por todo el tiempo de la vida de Christo hasta su muerte: *Tristis es anima mea usque ad mortem: sequestrata delectatione immortalitatis æternæ, tædio nostræ mortalitatis afficitur*. Sequestrada (dice Ambrosio docta y propriamente) porque el sequestro nõ priva para siempre de los bienes sequestrados, mas suspende el uso dellos. Y assi estava el alma de Christo, padeciendo el sequestro de su gloria, embargada por los cuidados de su muerte, y de nuestra salud; y sucediendo en lugar de los gustos las aflicciones, en lugar de las alegrías las tristezas, en lugar de las glorias las penas.

De Caleb, padre de Axa, dice el texto sagrado: *Dedit ei irriguum superius, et irriguum inferius*: (Jos. XV — 19) Que le dió su Padre el riego superior, y el inferior. Assi al alma de Christo su Eterno Padre. Dióle el riego de las delicias y glorias del cielo, tanto para que las gozasse abundantísimamente la parte superior de su alma beatísima, como la parte inferior della: pero el con un perpetuo milagro, regada immensamente, y toda em-

papada en glorias la parte superior, hizo un reparo milagroso, y mas fuerte, que toda la naturaleza, para que las corrientes del rego superior nò passassen a regar la parte inferior de su alma, quedando esta seca, esterilizada, y tristissima, para que solo naciessen en ella las espinas agudas, las cañas afrontozas, y la cruz terrible, que en un perpetuo parescève la estuviessen por toda la vida pungiendo y atormentando. Aqui se viò renovada, ò verdadeiramente interpretada, aquella primera y famosa division (mucho mas admirable, que la del mar Bermego) de la qual se dize en el primero capitulo del Genesis: *Dixit Deus: Fiat firmamentum in medio aquarum, et dividat aquas ab aquis*: (Gen. I — 6) Haga-se un firmamento tan fuerte, que totalmente divida unas aguas de otras agoas, y suspenda y detenga las de encima, para que nò se junten con las de abaxo: *Fecit que Deus firmamentum, et divisit aquas, quæ erant sub firmamento ab his, quæ erant super firmamentum, vocavitque firmamentum cælum*. (Ibid. — 7 e 8) Assi tambien Christo con una sola circunstancia diferente: que aquel firmamento suè hecho por Dios al segundo dia de la creacion del mundo. Pero estotro suè hecho por Christo, nò al segundo dia, ni a la segunda hora, sinò al primer instante de su concepcion; *Divisit aquas ab aquis*: Dividiò unas aguas de otras; y quales de quales: *Quæ erant sub firmamento ab his, quæ erant super firmamentum*. Dividiò las aguas, que estavan de la parte superior, que eran aquel torriente de glorias, de gustos, de deleites, de que dize el proféta: *Torrente voluptatis tuæ potabis eos*; (Psal. XXXV — 9) de aquellas aguas tristes, obscuras y temerosas, de las quales, por boca del mismo proféta, dixo el mismo Christo: *Salvum me fac Deus, quoniam intraverunt aquæ usque ad animam meam*: (Ibid. LXVIII — 1) pudiendo nosotros dizir del firmamento, con que se dividian en el alma de Christo unas, y otras aguas: *Et vocavit firmamentum cælum*. Porque era aquel reparo, aquella estrada, ò muralla de diamante, un cielo de dos facies. prodigiosamente contrarias. De la parte superior un cielo sereno, resplandeciente, y glorioso: de la parte inferior un cielo obscuro, temeroso, funesto, triste, airado, cargado de nubes, espesas sombras, y tenieblas horrendas, tronando

horriblemente, y lloviendo rayos. Assi estava el alma de Christo en aquella perpetua noche, en que jamás le amaneció un dia claro; y viendo-se miracolosamente en ella gloriosa, y dolorosa juntamente, lo que se vê (ò nò vê) en la luna en el punto de su ultimo defecto. En aquel punto del ultimo defecto de la luna tiene el dos como facies tan diversas y contrarias, que por la parte, que mira al cielo, toda está alumbrada sin la menor linea de sombra: y por la parte de la tierra, toda está tenebrosa y obscura, sin la menor apariencia, ò rastro de luz. Tal la alma de Christo; en la parte superior toda gloriosa, en la inferior toda triste.

Pues si la muerte propia, nò solo cercana, sinò lexos, solo porque es muerte cierta, aunque futura: y si la salud nò propia, sinò agena, solo porque es salud de una alma immortal, y eterna, es merecedora de tal atencion y cuidado, que cause tristezas, congoxas, y agonias de toda la vida, y haga sudar sangre: y que un hombre Dios, y una alma bienaventurada, incapaz naturalmente de padercer, haga milagros para poder penar, y temer, y entristecer-se hasta la muerte: que devemos (otra vez) hacer, los que sabemos con la misma certeza, que havemos de morir; y que de morir bien, ó nò, depende la salud eterna, nò agena, sinò propria? Y que seria, si como el cuidado de Christo hizo milagros para entristecer-se, nuestro descuido y desatencion haga milagros para nò entristecer-se, y para divertir y olvidar-se desses cuidados? Habla Dios con Babilonia, cercada por los medos y persas, por dos potentissimos reys, Dario y Cyro, y admirado dizia: *Babylon dilecta mea posita est mihi in miraculum*: (Isaías XXI — 4) Babilonia, a quien yô amo tanto, es un milagro para mi con ser Dios. Y que milagro era este de Babilonia? Sigue el profêta: *Cedentes, et bibentes: surgite principes, arripite clypeos*. (Ibid. — 5) En el mismo tiempo de un cerco tan apretado, y tan fuerte, y en la misma noche en que Babilonia fuè cativa, y destruida, estava el rey Balthasar y sus principes haziendo banquetes, alegrando-se, quando tanto tenian, por que entristecer-se; holgando-sè, quando tanto tenian, porque temer; y todos entregues al olvido, y al descuido, quando tanto tenian en que

pensar. Oh Babylonias del mundo ! Oh Balthasares ! Oh principes ! Estamos cercados y sitiados de dos tyranos tan poderosos, la muerte, y el demonio : uno, que nos combate por la muralla tan flaca de la vida ; y otro por la de salud tan poco segura : y nosotros, *Comedentes, et bibentes*, sin cuidado, sin atencion, sin memoria, quanto más tristeza.

Nò por esto nos livramos de tristezas, de congoxas, de afflicciones. Tristes si, affligidos si, congoxados si ; mas por que congoxados, por que affligidos, por que tristes ? Oh miseria ! La maior miseria del mundo es considerar, se entristecen los hombres, y porque nò se entristecen : *Doluit Jonas, et contristatus est super hederam, quia exaruit* *. Ved de la que se entristecia Jonas, y de lo que nò se entristecia. Entristecia-se, porque se le secò la hiedra ; y nò se entristecia, porque se havia de soverter Nínive, y perecer tantas almas. La salud de tantas almas nò le entristece, y un poco de más ó menos comodidad le causa tanta tristeza, que dizia : *Benè ego irascor usque ad mortem* (Jon. IV — 9)

Oh señores ! Alomenos nò sean nuestras tristezas tan mal empleadas. Si es fuerça haver tristezas, sean dignas de un christiano : *Quare tristis incedo, dum affligit me inimicus*, (Psal. XLII — 2) dezia David. El enemigo, que le affligia, era el rei Saul, que quitava a David la corona, y con infinitas máquinas de astucia y poder tratava de quitarle la vida : y con todo parecia a aquel generoso corazon, que eran indignas estas tristezas, de quien tenia fé para conocer, y pecados para llorar, y otra vida, y otro reino, que más importava : *Quare tristis incedo ?*

* Verba sunt sacri textus, non formalia.

SERMÃO

DE

SANTO ANTONIO.

**Prégado na dominga infraoctavam de Corpus Christi,
com o Santíssimo Sacramento exposto, em
S. Luiz do Maranhão, no anno de 1653.**

Homo quidam fecit cœnam magnam.
Luc. XIV — 16.

Vos estis sal terræ : Vos estis lux mundi.
Matt. V — 13 e 14.

Admiravel é Deus em si mesmo, e admiravel em seus santos; e por estas duas razões de admiração duas vezes admiravel neste grande dia. David diz que fez Deus uma só memoria de suas maravilhas; e eu hoje sou obrigado a dizer que fez duas. A primeira memoria das maravilhas de Deus, é o Santissimo Sacramento do altar: *Memoriam fecit mirabilium suorum, escam dedit timentibus se.* (Psal. CX — 4 e 5) A segunda memoria de suas maravilhas, é aquella grande maravilha de todas as memorias do mundo, o nosso prodigioso portuguez Santo Antonio. Ambas

estas memorias se vieram a enlaçar neste dia. Todas estas maravilhas se vieram a encontrar e acumular nesta festa. E bem era necessaria toda a graça da primeira, e toda a eloquencia da segunda, para satisfazer a tamanhas obrigações. Ora eu prevendo que tinha duas festas para prégar, e querendo reduzi-las, como costume, a um só discurso, achei-as tão unidas ambas entre si, e os sujeitos dellas tão semelhantes e parecidos, que mais trabalho me deu o poder-as distinguir; que havel-as de ajuntar. Se olhava para aquella custodia, e considerava as maravilhas do Santissimo Sacramento, parecia-me que via as de Santo Antonio: se voltava os olhos, e os punha neste altar, e considerava as maravilhas e prodigios de Santo Antonio, parecia-me que estava vendo as do Santissimo Sacramento. E se não fôra pelos accidentes, com ser um Sugeito divino, e outro humano, quasi me pudêra persuadir que eram o mesmo. Elias era mestre, e Elizeu discipulo: Elias era senhor, e Elizeu servo; mas eram tão parecidos ambos nas maravilhas, que só na capa se distinguiam. Deu Elias a capa a Elizeu, e ficou Elizeu outro Elias. Assim o notou S. João Chrysostomo: *Elias sursum, Elias deorsum*. Não nego que Antonio é servo, e Christo Senhor; não nego que Antonio é discipulo, e Christo Mestre: *Magister et Domine*: (Joan. XIII — 13) mas quando olho para aquelle Elias divino, e para este Elizeu, posto que humano, vejo-os nas maravilhas tão parecidos, vejo-os nos milagres tão equivocados, que só parece que se distinguem na capa. Se Christo daquelle sacrario tirára a capa dos accidentes, e a lançára sobre Santo Antonio, quasi poderamos adorar nelle outro Sacramento.

Outro Sacramento disse, e melhor dissera o mesmo Sacramento, porque comparadas as maravilhas que se creem daquelle hostia consagrada, com as maravilhas que se leem e se veem em Santo Antonio, só ha de differença entre umas e outras, que na hostia está o Sacramento com as cortinas cerradas, em Santo Antonio está o sacramento com as cortinas corridas. Na hostia estão as maravilhas do Sacramento secretas; em Santo Antonio estão publicas. Na hostia estão escondidas, em Santo Antonio manifestas. Na hostia estão encubertas, em Santo Antonio patentes. Na hos-

tia creem-se, e não se vêem; em Santo Antonio creem-se, e vêem-se. Finalmente, na hostia está o Sacramento com cortinas, em Santo Antonio sem cortina. O manná, figura maior do Sacramento fóra da arca do testamento, estava coberto com a cortina do sancta sanctorum, que cobria todo o propiciatorio; mas dentro da arca do testamento não tinha cortina alguma. E quem é a arca do testamento? Já o papa Gregorio IX disse que era Santo Antonio. Só em Santo Antonio está o Sacramento sem cortina, só em Santo Antonio estão patentes e descobertas as maravilhas daquelle sacrosanto mysterio. Em qual daquelles altares cuidaes que está o Sacramento propriamente exposto? Não está exposto naquelle altar maior, senão neste. Exposto, quer dizer manifesto e declarado. E o Santissimo Sacramento naquella custodia está desencerrado sim, mas exposto não; porque não está manifesto nem declarado. Só onde está Santo Antonio, está o Santissimo Sacramento propriamente exposto; porque elle é a exposição e declaração das maravilhas do Santissimo Sacramento. Valha-me Deus, quanta coisa tenho dito antes de começar a dizer! Ora por aqui ha de ir o sermão, seguindo o caminho que nos abrir o evangelho, posto que parece hem fechado. E pois havemos de fallar do mysterio onde Deus é mais admiravel, e do santo onde Deus se mostrou mais admiravel, recorramos pela graça á Mãe tambem admiravel: *Mater admirabilis. Ave Maria.*

II.

Vos estis sal terræ: Vos estis lux mundi.

Vós sois o sal da terra, vós sois a luz do mundo. Em dia em que Deus assenta comsigo á meza os homens: em dia que os homens renovam a memoria suavissima da ceia de Christo: *Homo quidam fecit cœnam magnam*, (Luc. XIV — 16) muito a tempo vem o sal, e muito a tempo a luz; o sal para a meza, a luz para a ceia. Mas estes *a tempos* só em tempo de Santo Antonio os logrou a igreja. Em quanto Santo Antonio não veio ao mundo, o

mysterio do Sacramento do altar era como meza sem sal, e como ceia sem luz (logo direi o porquê); mas depois que Santo Antonio saiu ao mundo, e o assombrou e esclareceu com os prodigios de seus milagres, elle foi o sal daquella meza: *Vos estis sal*: elle foi a luz daquella ceia: *Vos estis lux*. Mas antes que eu diga como isto é, vejo que me dizeis todos, que não pôde ser. Dizeis que na meza do Santissimo Sacramento não pôde haver sal, nem pôde haver luz: porque o sal é para o gosto, e a luz para a vista; e no mysterio do Sacramento nem tem lugar o sentido de gostar, nem tem lugar o sentido de ver. Não tem lugar o sentido de gostar, porque comemos o corpo de Christo, mas não o gostamos. Não tem lugar o sentido de ver, porque comemos o corpo de Christo, e não o vemos.

Na parabolá do evangelho de hoje, em que um príncipe chamou convidados para uma grande ceia que fizera: *Homo quidam fecit cœnam magnam*, (Ibid.) um dos convidados disse que não podia vir, e dois escusaram-se: A escusa de um foi: *Juga boum emi quinque, et eo probare illa*: que comprára cinco juntas de bois, e que as ia provar. A escusa do outro foi: *Villam emi, et necesse habeo exire, et videre illam*: (Ibid. — 18) que comprára uma quinta, e que a ia ver. Todá esta historia, como dizem commummente os santos padres, é uma allegoria do que passa no mysterio da eucharistia. E se tomarmos as palavras destes dois textos, assim como soam na nossa lingua, vêde que admiravelmente dizem connosco. Um disse que ia provar: *Eo probare*: outro disse que ia ver: *Necesse habeo videre*; e ambos se escusaram do banquete com muita razão; porque na ceia do Santissimo Sacramento quem tem appetite de provar, ou quem tem curiosidade de ver, bem pôde escusar-se de ir lá; porque naquella meza secretissima e sacratissima, onde tudo é occulto e encoberto, não tem lugar o sentido do gosto, que é o que prova; nem tem lugar o sentido da vista, que é o que ve. E como não tem lugar naquella meza, nem o sentido do gosto, nem o sentido da vista; pelo sentido do gosto fica excluido o sal, e pelo sentido da vista fica excluida a luz.

Tudo isto era assim antes de Santo Antonio vir ao mundo;

mes depois que Santo Antonio melhorou e illustrou o mundo com suas maravilhas, já na meza do Sacramento tem lugar o sentido do gosto; já na ceia do Sacramento tem lugar a luz, porque tambem tem lugar o sentido da vista. Antes de Santo Antonio apparecer no mundo, era o Sacramento só mysterio da fé; mas depois que veio ao mundo Santo Antonio, já o Sacramento é tambem mysterio dos sentidos. Disputando Santo Antonio com um herege obstinado sobre a verdade do Sacramento, depois que não valeram razões, escripturas, nem argumentos contra a sua obstinação, veio a um partido, que todos sabeis: que elle fecharia a sua mula tres dias sem lhe dar de comer; que ao cabo delles a traria á presença de Santo Antonio, quando estivesse com a hostia nas mãos, e que se aquelle animal assim faminto deixasse de se arremear ao comer que elle lhe offerecesse, por adorar e reverenciar a hostia, elle então creria que estava nella o corpo de Christo. Assim o propoz obstinadamente o herege, e assim o aceitou Santo Antonio, não só sobre todas as leis da razão, senão ainda parece que contra ellas. O mysterio da eucharistia distingue-se de todos os outros mysterios, que confessamos, em ser elle por antonomasia o mysterio da fé. Os brutos distinguem-se dos homens, em que os homens governam-se pelo intendimento, e os brutos pelos sentidos. Pois se o Santissimo Sacramento é o mysterio da fé, como deixa Santo Antonio a prova d'elle no testemunho de um animal, que se governa só pelos sentidos? Porque era Santo Antonio. Antes de Santo Antonio vir ao mundo, era o Santissimo Sacramento mysterio só da fé, e só podia testemunhar nelle o intendimento; mas depois de Santo Antonio vir ao mundo, ficou o Sacramento mysterio tambem dos sentidos; e por isso podiam já os sentidos dar testemunho nelle: hem se viu nos mesmos dois sentidos de gostar e ver.

Amanheceu o dia aprasado, veio a mula faminta, e apoz della toda a cidade de Tolosa, assien catholicos como hereges, para ver-o successo. Posto o bruto á porta da egreja, apparece S. Antonio com a hostia consagrada nas mãos; e o herege com as manjares do campo, naturaes daquelle animal, que tinha prevenidos. Mas, ó poder da divindade e omnipotencia! Por mais

que o herege applicava o comer aos olhos e á boca do bruto; elle como se fôra racional dobrou os pés, dobrou as mãos, e mettendo entre ellas a cabeça, com as orelhas baixas, esteve prostrado e ajoelhado por terra, adorando e reverenciando a seu Creador. Vêde se dizia eu bem, que S. Antonio é o sal e a luz da meza do Santissimo Sacramento; e sal para o sentido do gosto, e luz para o sentido da vista. O herege tentava aquelle animal pelo sentido da vista, e pelo sentido do gosto: pelo sentido da vista, pondo-lhe o comer diante dos olhos; e pelo sentido do gosto, quasi mettendo-lhe o comer na bocca. Mas aquelles dois sentidos postoque irracionais, estavam tão suspensos e tão satisfeitos no manjar divino que tinham presente; o sentido do gosto com tal sabor, e o sentido da vista com tal luz, que nem quiz ver com os olhos, nem tocar com a bocca o comer, que o herege lhe offerencia. Confessando, porém, a mesma bocca e os mesmos olhos; confessando o mesmo sentido de gostar, e o mesmo sentido de ver a verdade e presença real de Christo no Sacramento. Julgae agora se é já o Sacramento mysterio dos sentidos. Até agora dizia a igreja: *Præstet fides supplementum sensuum defectui*: Suppra a fé o que falta aos sentidos; mas á vista de S. Antonio mude o hymno e diga: *Præstet sensus supplementum fidei defectui*: Suppram os sentidos o que faltar á fé; porque a fé que faltou ao herege, suppriram os sentidos do animal: o gosto saboreado naquella sal: *Vos estis sal*; a vista allumiada por aquella luz: *Vos estis lux*.

Oh que grande passo este para parar aqui o sermão á vista deste bruto e deste herege! Á vista deste herege, que dirá quem tem nome de catholico? Á vista deste bruto que dirá quem tem nome de homem? A reverencia do bruto, e a irreverencia do herege, tudo é confusão nossa! O bruto venera sem conhecer; o herege não venera, porque não conhece. Se o bruto venera o Santissimo Sacramento, sem conhecer; eu que sou homem racional, que conheço; porque tenho tão pouca reverencia? Se o herege não venera porque não conhece, e porque não crê; eu que creio e que conheço, porque tenho tão pouca reverencia? Ah Portugal! Ah Hespanha que por este peccado te castiga Deus!

Quem viu os templos dos hereges, e o silencio e respeito que nelles se guarda, pôde chorar mais esta miseria. Nos templos dos hereges, ainda que exterior, ha reverencia, e falta o Sacramento; nos templos de muitos catholicos, ha o Sacramento, e falta a reverencia. Vêde qual é maior infelicidade! Os dois sentidos que no bruto mostraram maior reverencia, são os que em nós mostram maior devassidão. Os olhos, onde está o sentido do ver; a lingua, onde está o sentido do gostar; que é o que fazem na presença do Santissimo Sacramento? Que é o que fallam aquellas linguas sacrilegas, quando deveram venerar aquelle Sacramento com a oração e com o silencio? Que é o que olham, e para onde, aquelles olhos inquietos e loucos, quando deveram estar enlevados naquella hostia de amor, ou pregados na terra, de modestia e de confusão? Que fazeis, ó divino sal, e divina luz do Sacramento? Saboreae como sal estas linguas; allumiae como luz estes depravados olhos. Saræ estas linguas como sal, postoque linguas tão sacrilegas, mais mereciam salmoiradas: allumiae estes olhos como luz, postoque olhos tão descompostos, mais mereciam ser cegos.

III.

Mas vamos vendo as maravilhas do Sacramento ao sabor deste sal, e ao resplandor desta luz; e veremos quão merecidamente dêmos a S. Antonio o titulo de sal, e luz desta meza: *Vos estis sal: vos estis lux*. A primeira maravilha do mysterio do Sacramento é, que estando Christo verdadeira e realmente no ceu, esteja por milagre natural deste mysterio, tambem verdadeira e realmente na terra, e não só em um lugar da terra, senão em muitos lugares, sendo um só e o mesmo. Isto era o de que se assombrava antigamente o intendimento, e que era necessario á fé animar-se e esforçar-se muito para o crer. Mas depois que S. Antonio veio ao mundo, já o confessam e o sabem até os sentidos. Duas vezes estava S. Antonio prégando, quando lhe occorreu que tinha aquella hora obrigação de officio no coro da sua religião, e inclinando-se sobre o pulpito, como quem dormia, no mesmo tempo

foi visto e ouvido no coro cantar o que lhe tocava. Também estava outras duas vezes pregando em Italia (como quem o tinha por exercicio de cada dia), quando seu pae em Lisboa se viu em dois grandes trabalhos, um de fazenda, outro de vida. Torna-se a inclinar sobre o pulpito o milagroso pregador e piedoso filho, e no mesmo tempo apparece ao lado do pae, defendendo sua innocencia, e livrando-o daquellas duas injustiças, que tão antigas são, não só naquelle reino. Pois é certo que por injustiças tira Deus os reinos a umas nações e os passa a outras: *Regnum à gente in gentem transfertur, propter injustitias.* (Eccles. X — 8) Mas deixemos de chorar as calamidades dos portuguezes, e tornamos ás glorias daquelle grande portuguez, cujas maravilhas chegam a fazer menos admiraveis as do mysterio mais admiravel, e a tirar o merecimento á fé, pela evidencia dos sentidos. Se os olhos vêem que Antonio está em Italia, e em Hespanha; em Padua e em Lisboa; no pulpito, e no coro; dentro da sua religião, e fóra della; que muito é que crea a fé que está o mesmo Christo em diferentes provincias, em diferentes cidades, em diferentes egrejas, e ainda na mesma egreja em diferentes altares? Se estas maravilhas obrou a omnipotencia de Deus no servo, que muito que as obrasse no filho?

Mas satisfaçamos a uma duvida curiosa, que com razão pôde vir a todos, neste modo de milagres de S. Antonio. Todas as vezes que S. Antonio esteve no mesmo tempo em diferentes lugares, porque razão se inclinava, como dormindo, sobre o pulpito? É certo entre os philosophos, que supposto o primeiro milagre de estar um homem presente em dois lugares, pôde em ambos elles obrar diferentes acções. E é philosophia esta provada com a experiencia em S. Francisco Xavier, o qual navegando nos mares da India, e desaparecendo o batel da nau com sete homens por espaço de tres dias, estava o santo na nau, e mais no batel, e em ambas as partes fallava e obrava tudo o que era necessario para o remedio dos perdidos. Pois se S. Antonio podia estar pregando no pulpito, e mais cantando no coro; se S. Antonio podia estar pregando em Italia, e mais advogando por seu pae em Portugal; porque razão quando estava fallando, e accordado, em

uma parte, estava sempre callado, e como dormindo na outra? Porque S. Antonio nestes milagres obrava do modo de Christo no Sacramento; e Christo no Sacramento está dormindo. *Comedite, amici, et bibite, et inebriamini, charissimi: ego dormio, et cor meum vigilat*: (Cant. V — 1 e 2) Comei, amigos; bebei carissimos, que eu durmo. Este texto intende S. Bernardo e S. Gregorio Nisseno do Santissimo Sacramento, e bem o provam as palavras antecedentes: *Comedite et bibite*. Diz pois Christo, que comam e que bebam, e é de advertir, que aos que manda comer, chama amigos: *Comedite, amici*; e aos que manda beber, chama carissimos: *Bibite, et inebriamini, charissimi*; porque neste Sacramento nem todos os que teem licença para comer e commungar a hostia, teem tambem auctoridade para beber o calix. Os que teem licença para comer, são os leigos; e a estes chama-lhes amigos; porque todos os que hão de commungar, teem obrigação de ser amigos: e por isso antes do Sacramento da communhão precede o da penitencia, em que nos reconciliamos com Deus, e nos fazemos seus amigos. E os que teem auctoridade para tambem beber, são os sacerdotes, e a estes chama-lhes carissimos; porque para os sacerdotes tomarem o calix, não só é necessario que tenham com Deus qualquer amisade, senão uma amisade muito particular, muito familiar, e muito affectuosa. Mas não está aqui a duvida. O que faz a difficuldade, são as palavras que se seguem: *Ego dormio, e cor meum vigilat*: Bebei, amigos; e comei, carissimos: eu durmo, e o meu coração vigia. Que consequencia é dizer que comam sua carne, e bebam seu sangue; e acrescentar logo que dorme: *Ego dormio*? Muito grande consequencia; porque Christo no Sacramento está dormindo. Ora vede.

Um homem dormindo e accordado, distingue-se, em que o homem accordado tem uso de seus sentidos; e o que está dormindo, tem sentidos, mas não tem uso delles. Assim está Christo no ceu e no Sacramento. No ceu tem o uso dos sentidos; falla, ve, ouve com os sentidos corporaes. No Sacramento tem os sentidos tão perfeitos, como no ceu; mas não tem o uso delles. E a razão é, como dizem os theologos; porque como Christo está na hostia pelo modo sacramental, a que chamam *ubi definitivo*, todo em

todo, e todo em qualquer parte, não tem a organização dos sentidos e extensão que hão mister, para obrar. E como Christo no Sacramento não tem uso dos sentidos, com toda a propriedade se diz, que está dormindo debaixo da cortina dos accidentes: *Ego dormio*. E acrescenta: *Et cor meum vigilat*; que ainda que dorme com os olhos, vigia com o coração; porque ainda que Christo no Sacramento nos não ve com os olhos exteriores do corpo, esta-nos vendo e vigiando sempre com os olhos interiores da alma e da divindade. Ah christãos, que se daquella hostia não só nos está Christo vendo, mas vigiando, vede lá como estaes nas egrejas! E como S. Antonio era um santo eucharistico, um santo em que Deus depositou as maravilhas do Sacramento, por isso quando milagrosamente se punha em dois lugares, em um tinha o uso dos sentidos, como Christo no ceu; em outro estava dormindo, como Christo no Sacramento: *Ego dormio*. Estes foram os primeiros sabores que gostaram os sentidos daquella sal: estes os primeiros resplandores, que receberam daquella luz: *Vos estis sal: vos estis lux*; mas não foram só estes.

IV.

Outra grande maravilha do Santissimo Sacramento é, que no dia do juizo todos havemos de resuscitar em virtude sua. No dia do juizo hão de resuscitar todos os nossos corpos, tão perfeitos e inteiros, como hoje vivem. E quem ha de dar esta virtude de resuscitar a tantos corpos depois de feitos ou desfeitos em cinza? O corpo de Christo sacramentado, que commungamos. Assim o disse e prometeu o mesmo Senhor: *Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, habet vitam aeternam, et ego resuscitabo eum in novissimo die*. (João. VI — 55) Intenderam-no tanto assim os christãos da primitiva egreja, que costumavam enterrar os defuntos, uns com o Santissimo Sacramento no peito, outros na bocca, em fé, ou esperança de que por virtude daquelle divino Sacramento haviã de resuscitar todos. D'onde judiciosamente Tertulliano chamou ao divino Sacramento, *semen resur-*

rectionis, semente da resurreição; porque o mesmo é commun-
gar, que semear cada um de nós dentro em si mesmo aquella
virtude divina e omnipotente, que no dia do juiso nos ha de tirar
outra vez da terra, vivos, renascidos e resuscitados.

Isto se viu claramente no sepulchro de Christo. Diz o evange-
lista que se abriram então as sepulturas e que resuscitaram e fo-
ram vistos em Jerusalem muitos corpos de santos: *Monumenta
aperta sunt, et multa corpora sanctorum, qui dormierant, sur-
rexerunt: et venerunt in sanctam civitatem, et apparuerunt mul-
tis*: (Matth. XXVII — 52 e 53) Pois se resuscitaram, porque não
resuscitaram no dia da resurreição de Christo, senão no da sua
sepultura? Porque no da sua sepultura foi seu corpo santissimo
lançado á terra, e como semeado; e sendo, como diz Tertulliano,
semen resurrectionis, então naturalmente, como effeito ou fructo
natural, saíram logo muitos resuscitados, sem esperarem pelo dia
da resurreição: não resuscitando, porque Christo resuscitou, se-
não porque seu corpo santissimo (passemos de uma metaphora a
outra) foi então comido e commungado. Eu, diz o mesmo Se-
nhor, estarei tres dias no coração da terra, assim como esteve
outros tantos Jonas no ventre da Balea: *Sicut fuit Jonas in ven-
tre celi tribus diebus, et tribus noctibus, sic erit Filius hominis
in corde terræ*. (Ibid. XII — 40) De maneira que no mesmo tempo
esteve Christo sepultado e comido: sepultado no coração da terra
tres dias, em respeito de sua resurreição, que foi ao terceiro dia
depois de resuscitado: e comido, como Jonas no ventre da Ba-
lea, em respeito da nossa resurreição futura, que ha de ser no dia
do juiso, depois de comido por nós, e commungado: *Qui man-
ducat meam carnem, habet vitam æternam, et ego resuscitabo
eum in novissimo die*. Assim o notaram, sobre o mesmo texto,
com breve e admiravel propriedade, S. Jeronymo, dizendo:
Monumenta aperta sunt in signum futuræ resurrectionis: e com
maior largueza de todo o sentido universal, Santo Ambrosio:
*Monumentorum reseratio quid aliud, nisi claustris mortis effra-
ctis, resurrectionem significat mortuorum?* (Amb. lib. X) O mesmo
confirmam S. Hilario, Beda, Theofilato e Ruperto.

Com isto ser assim, e o prometter Christo tão claramente,

houve muitos que negaram esta verdade ao Santissimo Sacramento, não só daquelles hereges, que negam o Sacramento, nem só daquelles, que negam a resurreição; mas de outros, que, confessando a resurreição e o Sacramento, não querem entender que a resurreição haja de ser por virtude sua. Porém depois que S. Antonio saiu ao mundo, e e allumieou com os raios de sua luz, não são necessarios argumentos para provar e facilitar esta verdade; bastam os sentidos, que o experimentaram, para o persuadir. Assim como no dia do juizo hão de resuscitar os mortos de todas as quatro partes do mundo, e de todos os elementos, e de todos os generos de mortes; assim S. Antonio, como se a sua voz tivesse a virtude da trombeta do anjo, que se ha de ouvir no dia do juizo, não ha parte do mundo, nem elemento, nem genero de morte, de que não tenha resuscitado muitos: uns afogados no mar, outros abrasados no fogo, outros despedaçados no ar, outros sepultados na terra: uns de mortes naturaes, outros de mortes violentas: uns de mortes dilatadas, outros de mortes repentinas. Emfim, não houve genero, nem invenção de morte, de que Santo Antonio não tenha resuscitado muitas vidas. Pois se a voz de Santo Antonio, se o toque de suas mãos, se a applicação de suas reliquias resuscita tantos mortos; que muito faz a fé em crer que o corpo de Christo, ou Christo com todo o corpo, fará o mesmo? Basta o aceno de um dedo de Antonio para resuscitar mortos; e a virtude de todo o corpo de Christo não os resuscitará, tendo-o prometido?

Só dirá algum incredulo (que isto de resurreições teem muitos) dirá algum incredulo, que não se faz bom argumento das resurreições do tempo de S. Antonio para as resurreições do dia do juizo; porque muito maior maravilha é resuscitar um homem depois de muitos centos de annos morto, do que resuscital-o quando acaba de morrer. Não arguis bem. Tanto obra é da omnipotencia resuscitar um morto de um dia, como um morto de cem annos. E se de uma resurreição a outra ha alguma vantagem, maior maravilha é resuscitar um morto de um dia, que um morto de muitos annos. Christo resuscitou tres mortos: Lazaro, o filho da viuva de Naim, e a filha do principe Jayro. A filha do principe

Jayro era morto de poucas horas, porque ainda estava na cama; o filho da viuva era morto de mais tempo, porque já ia na tumba a enterrar: Lazaro era morto de muito mais tempo ainda, porque já estava sepultado, e penetrado da corrupção. E qual resurreição destas foi mais famosa e admirada? A do sepultado de muitos dias? A do que ia na tumba a enterrar? Ou a da que estava ainda na cama, onde tinha espirado? O mesmo evangelista o notou, escrevendo só desta ultima resurreição: *Exiit fama hæc in universam terram, illam.* (Matth. IX — 26 De sorte, que quanto a morte era de menos tempo, tanto mais celebrada foi a resurreição. Tome a razão por um exemplo. Se um rei tomou uma cidade a outro rei, qual é maior maravilha, tornar-lh'a a tomar d'ahi a dez ou vinte annos, ou tomar-lh'a outra vez no mesmo dia? Não ha duvida que esta. Assim o intendeu David, como grande capitão, da victoria e despojos de Siceleg, os quaes tornou a recuperar no mesmo dia em que lh'os tinham tomado os amalecitas, dizendo e acclamando todos: Esta sim, que é victoria digna de David: *Dixeruntque, hæc est præda David.* (1 Reg. XXX — 20) Tal foi tambem a de Abrahão, vencendo na mesma noite os quatro reis gentios vencedores, descaptivando a Lot, e tornando-lhes a tomar todos os despojos da victoria que tinham alcançado naquella dia. (Genes. XIV) Etmfim, que em serem os mortos resuscitados, depois de mais ou menos tempo, se ha differença ou vantagem, a tem só aquellas resurreições, em que os mortos são tirados e como arrancados das mãos da mesma morte, quando ainda as tem ensanguentadas, e mal acaba de os despojar da vida. Assim que, por esta parte não tem que se negar ás resurreições de S. Antonio as consequencias que dellas tiram os sentidos, para as do Santissimo Sacramento no dia do juiso.

A difficuldade que tem este ponto, é a que eu agora direi. No dia do juiso é certo que hão de resuscitar todos; mas é tambem certo, que não commungarão todos; porque não commungarão os meninos, nem os hereges, nem os gentios, nem os que foram antes da vinda de Christo. Logo não havemos de resuscitar todos no dia do juiso em virtude do Santissimo Sacramento, que com-

mingamos. Nego a consequencia ; porque basta que o merecimento do beneficio esteja em alguns, para que Christo sacramentado o communique a muitos : assim disse aos apostolos, que eram somente alguns, que o mesmo calix que se dava a elles, se communicaria a muitos : *Qui pro vobis, et pro multis effundetur*. Antes é tal a liberalidade de Christo no Sacramento, que basta que seja devido o beneficio a um, para que o estenda a todos. Por isso os theologos, com S. João Chrysostomo, chamam ao mesmo Sacramento extensão da encarnação ; porque a divindade communicada na encarnação a uma só humanidade, no Sacramento a estende Christo e communica a todos os homens : *In me manet et ego in illo* ; e assim o fez S. Antonio no mesmo genero de resurreição. Andavam folgando em um rio de Italia dez meninos, arrebatou-os a corrente, e morreram todos. Um pae, porque tinha recebido o seu por orações de S. Antonio, veio pedir ao santo, que lhe tornasse a dar o seu filho. Estava nesta oração, quando entram dançando pela egreja, não só aquelle menino, senão os outros nove resuscitados. Pois se um só era o por quem se orou, como resuscita S. Antonio a todos ? Porque basta que haja merecimento em algum, para que S. Antonio, ao modo do Santissimo Sacramento, estenda o beneficio a todos. Assim estendeu aqui a resurreição a todos os dez meninos mortos, sendo que a oração do pae para um só a pedia. E se isto viram os olhos em S. Antonio ; porque o não crerá a fé no Santissimo Sacramento ? Crea-o a fé, e ajude-se, se lhe é necessario, dos sentidos, que saboreados e allumiados com estas maravilhas, publicam, que é S. Antonio o sal e a luz daquelle meza : *Vos estis sal : vos estis lux*.

V.

Outra maravilha se crê vulgarmente do Santissimo Sacramento, em que é mais necessario o sal e a luz, porque verdadeiramente é tal, que não só causa algum dissabor ao gosto, e

* Matth. XXVI — 28. — Luc. XXII — 20.

grande horror á vista, senão ainda á imaginação. Não debalde era cerimonia da cêa do Cordeiro, figura deste divino Sacramento, que se comessem com elle algumas amarguras: *Cum lactucia agrestibus*. (Exod. XII — 8) E que amargura, que dissabor, que horror é este do Santissimo Sacramento? É amargura misturada com doçura; mas amargura em fim, e grande amargura: *Mors est malis, vita bonis*. Com este manjar ser vida para uns, é morte para outros. Aquella hostia que recebemos, é um papel fechado, em que vem escripta a nossa sentença, ou de vida, ou de morte. Vêde se pôde haver meza mais temerosa que esta. Na meza da proposição havia uns pães, que estavam diante do propiciatorio, os quaes no texto hebreu se chamam, *panes facierum*, pães de faces. Tal é o pão do Sacramento do altar, pão de duas faces: uma benigna, outra temerosa: uma amavel, outra terrivel: uma de misericordia, outra de justiça: uma de vida, outra de morte. E pão, que de uma face me convida com a vida, de outra me ameaça com a morte: pão, que sendo triaga, pôde ser veneno, e não sei se me ha de dar saude, ou me ha de matar; vêde se pôde parecer desabrido.

Mas sabeis porque attribuis áquella meza estes dissabores? É porque comeis aquelle pão sem o seu sal, e porque vos chegaes áquella cêa sem a sua luz, que é S. Antonio. Tocaes esse pão naquella sal, e vede-o áquella luz, e logo conhecereis que Christo no Sacramento sempre é pão de vida, e nunca de morte. Ia o pae de S. Antonio a justiça com sentença definitiva de morte; por se lhe imputar que havia tirado a outro homem a vida: e quando ia passando junto á sé de Lisboa, apparece no adro della S. Antonio, pede á justiça que pare, manda abrir a sepultura, onde estava sepultado o morto: diz-lhe o santo que se levante e testemunhe diante de todos, se era aquelle homem o que o matára: Levantou-se o morto, com assombro de todos, e disse que não era aquelle homem o seu matador. Então replicaram as justiças a S. Antonio que lhe perguntasse quem era o matador; mas o santo respondeu, que elle viera dar vida ao innocente, e não dar morte a culpados. Pois se S. Antonio quando vem dar vida, tem por acção indigna de sua pessoa, dar também morte,

ainda que a vida seja a bons, e a morte a maus; porque havemos nós de cuidar que Christo no sacramento seja morte dos maus, quando é vida dos bons? Não ha tal coisa. Christo sempre é vida, e nunca morte. É verdade que quando chegamos a commungar (e isto é só o que quer dizer S. Thomaz e a igreja, que por isso eu dizia, que S. Antonio é exposição do Sacramento); é verdade que quando chegamos a commungar, os bons recebem vida, e os maus incorrem morte; mas dessa morte não é causa o Sacramento. Os bons recebem a vida, porque o Sacramento lh'a dá; os maus recebem a morte, porque elles mesmos se matam a si. De sorte, que da vida que recebem os bons, não são causa os bons, senão o Sacramento; e da morte que incorrem os maus, não é causa o Sacramento, senão os maus.

Amanhece a branca flor, cheia do orvalho doce que distillou nella a aurora; chega a beber a abelha, e leva mel; chega a beber a aranha, e leva veneno. Mas d'onde nasce este veneno, e este mel? O mel não nasceu da abelha, senão da flor; o veneno não nasceu da flor, senão da aranha. Nem mais, nem menos: está aquelle Sacramento feito um favo de vida e de doçura. Chega o justo, e chega o peccador áquelle manjar divino: o justo leva vida; *Vita bonis*; o peccador leva morte: *Mors est malis*. Mas d'onde nasceu esta morte, e esta vida? A vida não nasceu do justo, senão do Sacramento; e a morte não nasceu do Sacramento, senão do peccador. De sorte que o Santissimo Sacramento sempre para todos é vida, e nunca morte.

E senão, diga-o o mesmo Christo. Lede o capitulo sexto de S. João, que é onde Christo falla do Sacramento, e achareis que nove vezes se chama pão de vida: *Panis enim Dei est, qui de celo descendit, et dat vitam mundo: ego sum panis vitæ: Ego sum panis vivus, qui de celo descendi: Panis quem ego dabo, caro mea est pro mundi vita: Si quis manducaverit ex hoc pane vivet in æternum: Nisi manducaveritis carnem Filii hominis, non habebitis vitam: Qui manducat meam carnem, et bibet meum sanguinem, habet vitam æternam; sicut misit me vivens Pater, et ego vivo propter Patrem: Et qui manducat me, et ipse vivet propter me: Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.* (Joan.

VI — 33 e seg.) Pois se Christo diz nove vezes, que é pão de vida, porque não diz uma vez que é pão de morte? Porque Christo é summa verdade, e não podia dizer o que não era. Disse tantas vezes que era pão de vida, porque dá vida; não disse que era pão de morte, porque não da morte. O que somente disse ácerca da morte foi que era pão de não morte: *Hic est panis, qui de cælo descendit, ut si quis ex ipso manducet, non moriatur: Non sicut manducaverunt Patres vestri manna, et mortui sunt.* (Ibid. — 50) Tão longe está aquelle divino mysterio de dar vida e morte, que antes o fim para que foi instituido, é para dar vida, e para impedir a morte: *Ut si quis ex ipso manducet, non moriatur.* Bem assim como neste caso fez S. Antonio, o qual ao morto, que resuscitou, deu vida; e ao pae, que ia para morrer, impediu a morte. Podendo dizer com galharda applicação: *Ego vivo propter Patrem, et ipse vivat propter me.* Vêde agora se fica bem clara aquella mal entendida verdade, á vista daquella luz: *Vos estis lux.* Vêde se fica bem saboreado aquelle mal entendido dissabor, á vista d'aquelle sal: *Vos estis sal.*

VI.

Finalmente, porque não nos detenhemos mais, grande maravilha é do Santissimo Sacramento, que sendo carne, seja meio para Deus communicar espirito: *Ego sum panis vivus: Verba quæ ego locutus sum vobis, spiritus, et vita sunt.* (Ibid. — 51 e 64) Grande maravilha do Santissimo Sacramento, que sendo carne seja remedio contra as tentações da carne, e faça os homens castos e puros: *Fru mentum electorum, et vinum germinans virgines.* (Zachar. IX — 17) Grande maravilha é do Santissimo Sacramento, que sendo carne que tanto cega e precipita o entendimento, seja pão que dá juizo, que dá sizo e entendimento: *Cibabit illum pane vitæ, et intellectus.* (Eccles. XV — 3) Mas que muito é que a fé creia todas estas maravilhas de Christo sacramentado, se os sentidos as vêem em S. Antonio? Que muito que o Santissimo Sacramento faça estes milagres com a substancia, se S. Antonio os faz

com os accidentes? Todas estas maravilhas que faz o Sacramento não as faz com os accidentes de pão, senão com a substancia do corpo de Christo. Mas estas mesmas maravilhas faz-as S. Antonio, não com a substancia, senão com os accidentes de seu corpo. Se a carne de Christo no Sacramento dá espirito, S. Antonio só com um assopro, por ser alento da sua carne, deu espirito. Estava um noviço tentado a deixar a religião, assoprou-lhe S. Antonio no rosto, dizendo: *Accipe Spiritum Sanctum*; e ficou confirmado na vocação. Se a carne de Christo no Sacramento é remedio contra as tentações e appetites da carne; a tunica de S. Antonio, por ser tocada na sua, tirou as tentações da carne. Era um religioso mui molestado de tentações deshonestas: deu-lhe S. Antonio a sua tunica, para que a vestisse, e no ponto que a vestiu, não sentiu mais tentação. Se a carne de Christo no Sacramento dá juizo e intendimento; o cordão de S. Antonio, por cingir com elle a sua carne, deu juizo e intendimento. Estando o santo pregando, havia na igreja um doido, que inquietava o auditorio; lançou-lhe o santo o seu cordão ao pescoço, e no mesmo ponto recuperou o intendimento, e ficou sizo. Quem não dirá, á vista desta semelhança de maravilhas, que é S. Antonio um santo sacramentado? Pois ainda falta a mais admiravel de todas.

A mais admiravel de todas as maravilhas do Santissimo Sacramento é, que dentro de uma quantidade tão pequena esteja toda a humanidade e divindade de Christo, e que estejam estas grandezas tão grandes, escondidas e tão encobertas, que de nenhum modo appareçam, nem se possam ver, nem sentir: *In cruce latebat sola Deitas, at hic latet simul et humanitas*, diz S. Thomaz. Mais disfarçado, e mais encoberto está Deus no Sacramento, do que esteve na cruz; porque na cruz esteve escondida a divindade, mas a humanidade esteve patente: no Sacramento a humanidade, e divindade, tudo está escondido. Em S. Antonio (não o quero dizer com nome tão grande), naquella fradinho menor, que alli vêdes, havia grandes grandezas humanas, e grandes grandezas divinas. As grandezas divinas eram as suas virtudes; as grandezas humanas eram as suas lettras, e a sua sciencia admiravel. E todas estas grandezas, não só estavam

reduzidas e resumidas a um sujeito tão pequeno; mas estavam tão encobertas, tão escondidas, e tão sumidas dentro nelle, que (em quanto Deus as não descobriu) nenhum sentido humano as podia conhecer, nem descobrir, nem ainda conjecturar. Veio S. Antonio ao capitulo geral, que celebrava em Assis o padre S. Francisco, e acabado o capitulo repartiram-se os prelados por todas as provincias da christandade, pedindo cada um os religiosos que lhe parecia os podiam ajudar. No cabo ficou só o santo, engeitado e desestimado de todos, porque ninguem o quiz levar comsigo. Vêde quem é o mundo; ainda onde não ha, nem devia haver mundo, que é a religião! Mas isto não é maravilha nos homens; em S. Antonio o foi, e a maior de todas. Se em S. Antonio se conheceram suas virtudes, é certo que todos o haviam de querer levar por santo: se em S. Antonio se conheceram as suas letras, é certo que todos o haviam de querer levar por letrado. Mas estavam estas maravilhas todas tão sumidas e escondidas em S. Antonio, que sendo tão letrado, parecia idiota; sendo tão grande santo, não parecia virtuoso.

O que mais me admira neste caso é; que nem S. Francisco conhecesse o que nelle havia. Que os outros religiosos o não conhecessem, ainda que muitos eram santos, passe; mas S. Francisco, aquelle serafim, que não penetrasse o que estava escondido em S. Antonio! D'aqui infiro eu, que soube encobrir S. Antonio as suas maravilhas muito mais, do que Christo no Sacramento encobriu as suas. Provo; porque as maravilhas que estão encerradas no Sacramento, via-as muito bem S. Francisco; e quando S. Francisco com os seus olhos de serafim pôde ver e penetrar as maravilhas que estão escondidas no Sacramento, não pôde ver, nem penetrar as maravilhas que estavam escondidas em S. Antonio. E porque? Porque as de S. Antonio estão mais escondidas. Julgae agora se é S. Antonio sal e luz da meza do Santissimo Sacramento. Sal, pois provado em si, a nenhuma coisa sabe, senão a Sacramento: *Vos estis sal*: Luz, porque visto o Sacramento nelle, tudo o que ha no Sacramento fica allumiado e descoberto: *Vos estis lux*.

VII.

Mais tinha que ir por diante ; mas acabo com pedir a todos, com todo o affecto que devemos a este nosso santo, e que nós devemos a nós mesmos, que pois Deus o fez tão maravilhoso, que façamos tambem nossas as suas maravilhas. Aproveitemo-nos dellas, e não as desperdicemos. Muitos cuidam que se aproveitam das maravilhas de S. Antonio, empregando a valia deste santo para o remedio das coisas temporaes, e isto é desperdiçal-as. Se vos adoce o filho, Santo Antonio ; se vos foge o escravo, Santo Antopio ; se mandaes a encomenda, Santo Antonio ; se esperaes o retorno, Santo Antonio ; se requereis o despacho, Santo Antonio ; se aguardaes a sentença, Santo Antonio ; se perdeis a menor miudeza de vossa casa, Santo Antonio ; e talvez se quereis os bens da alheia, Santo Antonio. Homem houve no Maranhão, menos ha de cinco annos, que tendo induzidas duas testemunhas para lhe jurarem falso em materia de liberdade, ou captiveiro, no dia em que houveram de jurar, mandou dizer uma missa a S. Antonio, para que jurassem contra a verdade ; e porque juraram como iam instruidos, veio o pleiteante a esta mesma igreja dar as graças ao Santissimo Sacramento, e a S. Antonio. Ha tal barbaria como esta ? Ha tal maldade ? Basta, monstro do inferno, indigno do character de christão, e do nome de homem, que não contente de roubar a liberdade a estas duas creaturas mais livres que tu, pois não nasceram, como tu, vassallos do teu rei, a primeira lição que lhes déste da doutrina christã, foi ensinar-lhes a dizer em juiso um falso testemunho contra si mesmos, sujeitando-se a si, e a toda a sua descendencia a perpetuo captiveiro ; e para fazeres a Deus cúmplice nesta tua maldade, lhe offereceste o sacrificio do corpo e sangue de seu Filho, e tomaste por medianoiro desta perdição de tua alma o santo a quem o mesmo Deus deu o officio de reparar todas as perdas ! Mas para que saiba o mundo, e tome exemplo neste tão escandaloso caso do rigor com que o castigou a divina justiça ; andando o mesmo homem á caça de captiveiro de indios no rio das Amazonas, elles lhe tiraram a vida ás frechadas, morrendo sem sacerdote,

nem sacramentos, com tão pouca esperança de sua salvação, antes com manifesta e clara evidencia da condemnação eterna, aquelle que não só com tal cubiça, injustiça, e crueldade, mas com um sacrilegio tão estolido, inaudito, e barbaro, tinha abusado impiamente do santo e do Santissimo.

SERMÃO

DA

QUARTA DOMINGA

DA QUARESMA.

**Prégado na egreja da Conceição da Praia da Bahia,
no anno de 1633.**

O primeiro que prégou na cidade o auctor antes de ser sacerdote.

*Colligite quæ superaverunt fragmenta, ne
pereant. Joan. VI.*

I.

Como é uso antigo, e sempre praticado na guerra depois das batalhas, principalmente victoriosas, tocar a recolher os exercitos, para que descancem os soldados e sejam vistos, como em triumpho, e conhecidos os vencedores, assim o General supremo da egreja militante manda hoje a seus apóstolos, que recolham as reliquias e fragmentos dos cinco pães, que venceram, para que se não perca no esquecimento a memoria de tão illustre com-

bate : *Colligite quæ superaverunt fragmenta, ne pereant.* (Joan. VI — 12) Este é, com novo e sublime pensamento, o sentido das palavras que propuz, e este o primeiro reparo que podem fazer nelle os doutos, por não dizer os criticos. A palavra, *superaverunt*, tem igualmente dois sentidos naturaes : quando se falla de batalha, significa vencer ; e quando de banquete ou convite, que é a materia do presente evangelho, quer dizer, sobejar : logo, fallando com propriedade, parece que havia eu de dizer *sobejaram*, e não *venceram*. Esta replica pede uma razão, eu a satisfarei com duas. Uma das maiores escólas de Marte, que hoje tem o mundo, é a nossa Bahia ; e porque o Mestre unico desta bem exercitada milicia, sobre querer auctorisar com sua illustrissima presença o auditorio, advertiu que sendo o dia de banquete, fossem proporcionadas as iguarias ; que outra proporção lhe podia eu achar mais accommodada aos ouvidos tão costumados ao som das caixas e trombetas, senão fazel-as tambem bellicas, marciaes, e de guerra ? Taes foram as vozes com que o prophetas Isaias, tendo el-rei Balthazar convidado a mil principes do seu imperio, lhes tocou não esperadamente a rebate, e que trocassem os pratos com os escudos : *Comédentes, et bibentes : surgite principes, arripite clypeum.* (Isai. XXI — 5)

Esta é a primeira razão com que não póde deixar a minha obediencia de responder ao favor do offerecimento, que em todas as leis da cortezia devia eu aceitar, como mandado. A segunda, e que pertence á bem fundada duvida dos criticos, não é, como não deve ser, minha, mas de um tão grande e judicioso interprete, como é entre os antigos padres, o subtilissimo Eusebio Emisseno. As palavras do seu novo e maravilhoso commento são estas : *Non sunt panes nisi quinque, manducantes autem plus millibus quinque* : Os pães são somente cinco ; os que comem são mais de cinco mil : *Illi manducant, panes crescunt* : Os homens comem ; os pães crescem : *Certamen fit inter panes et homines.* Que é isto, senão uma batalha campal entre pães e homens ? E qual o fim della ? Milagroso, e que de nenhum modo se podia esperar : *Vincunt panes, superantur homines* : Os pães sendo comidos, vencem ; e os homens que os comem, são vencidos. Isto disse com tão maravi-

lhosa novidade, como é a do caso, o grande Emissario: e isto é, com maior largueza, o que nós ouviremos em um só discurso; mas tal, que desde o principio até o fim nos mostre em toda a narração do evangelho os verdadeiros praeitos de Marte; e o que desde o tomar as armas, até o recolher os despojos, devam desejar os vencedores soldados: *Ave Maria.*

II.

Colligite quae superaverunt fragmenta, ne pereant.

Altamente disse Salomão, que as guerras se hão de governar com o leme: *Gubernacula tractanda sunt bella.* (Prov. XX—18) E qual será, não digo nas guerras navaes, mas nas terrestres, o leme? Não ha duvida que é o conselho. Por isso os cultos da grammatica militar dizem acertadamente, que as batalhas se dão na campanha, mas as victorias se alcançam no gabinete. Christo Redemptor nosso, não perguntava para saber, senão para ensinar, e para ensinar, que nos casos semelhantes ao presente, se ha de tomar conselho, e de quem. Apontando primeiro para a grande multidão dos que o seguiam, perguntou a Philippe; *Unde ememus panes, ut manducent hi?* (Joan. VI — 5) D'onde compraremos pão para dar de comer no deserto a tanta gente? Antes de ouvir a resposta, é muito de notar, a quem Christo fez a pergunta, e a quem a não fez. Parece que o consultado em primeiro lugar havia de ser Judas, como aquelle que tinha cuidado do provimento e sustento do collegio, e era o thesoureiro das esmolas, de que a sua pobreza se valia: e do mesmo modo parece que se não devia consultar Philippe, por ser entre todos os discipulos de Christo o menos provecto nas sciencias do seu estudo, segundo o que o mesmo Senhor lhe tinha dito: *Tante tempora vobiscum sum, et non cognovistis me? Philippe, qui videt me, videt et Patrem meum.* (Ibid. XIV — 9) Mas assim na pessoa perguntada, como na que não perguntou, nos deu Christo dois soberanos documentos. Não perguntou a Judas, porque era traidor; e de um ministro de pouca fé e verdade, talvez se podem dissimular os

furtos da fazenda; mas os segredos da guerra, de que depende a conservação do estado, por nenhum modo se lhe deviam fiar. Consultou, porém, e perguntou Christo a Philippe, porque era natural de Bethsaida, e pratico daquelle paiz, de cuja experiencia em qualquer lavrador ou pastor rustico, depende muitas vezes o acerto das resoluções mais, que da agudeza e discurso dos sabios, que intendem, mas não adivinham. Porém Philippe como se viu chamado a conselho, sendo que só se lhe perguntava o logar d'onde se podia comprar o pão: *Unde ememus panes*; metteu-se a ministro, dificultando e impossibilitando a compra, e exaggerando a somma de dinheiro necessario para ella: *Ducentorum denariorum panes non sufficiunt eis, ut unusquisque medicum quid accipiat*. (Ibid. VI — 7) E se o seu voto se seguira, sem duvida morreria á fome toda aquella multidão de homens, como outras vezes acontece, pelo mal entendido zelo de ministros tão acanhados no animo, como Philippe o era na fé. Não ha votos mais perniciosos na paz e na guerra, nem mais bem aceitos communmente aos que governam o leme, que os que por poupar a fazenda impossibilitam as acções, com que o que havia de ser trabalho, é ociosidade, e o que havia de importar muito, se resolve em nada.

De Philippe passou o Senhor a S. André, o mais antigo de todo o apostolado, e por isso com a principal qualidade de conselheiro. Mas tambem aqui se póde com razão duvidar, porque não consultou antes a S. Pedro. Direi: S. Pedro era tão destemido e arrojado, que elle só se atreveu a tirar pela espada, e investir com um esquadrão armado de soldados romanos: e homens de espiritos tão alentados são mais para desfazer as difficuldades na execução, que para consultar se se devem ou não emprehender. Duas partes teve o voto de Santo André, e a primeira de grande juizo e acerto. Aqui ha, disse, um moço que tem cinco pães: *Est puer unus hic, qui habet quinque panes*. (Ibid. — 9) O voto verdadeiro ha se de fundar no que é, e no que ha, ou seja muito, ou pouco; e não votos mui elegantes e discretos, mas fundados no impossivel, que dizem o que fôra bem haver, e não ha; e fôra bem ser, e não é. Na segunda parte reconheceu André a diffi-

cuidade e desproporção dos cinco pães para sustentar a tantos mil: *Sed hæc quid inter tantos?* (Ibid.) E também aqui acertou, como bom conselheiro de guerra, sem advertir porém qual era o general, debaixo do qual militava. Considerando Christo Senhor nosso esta mesma proporção do numero que ha de haver dos combatentes de uma e outra parte, disse assim: *Quis rex iturus committere bellum adversus alium regem, non sedens prius cogitat si possit cum decem millibus occurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad se?* (Luc. XIV — 31) Que rei ha, diz o Senhor, o qual sabendo que vem outro a acommettel-o com um exercito de vinte mil soldados, não cuida primeiro, muito devagar, se pôde sair só com dez mil a pelejar com elle em campanha? Boa consolação, e tão necessaria, como animosa para os capitães mais versados na arithmetica, que na milicia, os quaes dizem, quasi hereticamente, que Deus sempre se-costuma pôr da parte onde ha mais mosqueteiros. Heresia muitas vezes condemnada na sagrada escriptura, onde se diz, que tão facil é a Deus vencer com poucos, como com muitos: *Non est differentia in conspectu Dei cæli liberare in multis, vel in paucis.* (1 Machab. III — 18)

Desta sentença de Christo pôde inferir, não digo o nosso temor, mas o nosso cuidado, que ainda que os inimigos que nos infestam, tenham dobradas boccas de fogo, nem por isso devemos receiar ou desconfiar da victoria. Mas não é isto só o que aquella sentença significa, sendo a nossa guerra puramente defensiva. Quando Christo diz que pôde um rei esperar que com dez mil combatentes resista e prevalesça contra o que o acommette com vinte mil, falla expressamente de batalha campal, e guerra em campanha, como se colhe claramente das palavras: *Si possit cum decem millibus occurrere ei;* e a nossa guerra nas circumstancias presentes, pôde com dez mil resistir e defender-se, não só de vinte, senão de cem mil; porque na campanha peleja um homem contra outro homem de peito a peito; porém os que se defendem cubertos e armados das suas fortificações com uma muralha diante, ainda que sejam pygmeus, em respeito dos outros homens são gigantes. Assim o diz o propheta Ezechiel da confiança ou desprezo com que os soldados da cidade de Tyro zombavam, sendo

pygmeus, de todos os seus sitiadores, mostrando-lhes os arcos e as aljavas penduradas da altura dos muros, d'onde, comparados com os outros homens, eram gigantes : *Sed et pygmaei, qui erant in turribus tuis per gyrum : ipsi compleverunt pulchritudinem tuam.*

III.

Mas que é o que oíço ? São as trombetas e caixas da nossa guerra, do nosso evangelho que tocam a arma. Pede Christo os cinco pães, e com elles nas mãos, e os olhos nos cinco mil homens, diz o evangelista, que levantando-os ao seu deus as graças a Deus, antes de partir, nem distribuir os pães : *Et cum gratias egisset, distribuit discumbentibus.* (Joann. VI — 11) Esta anticipada acção nos obriga, posto que já com as armas nas mãos, a reparar nella, e a não passar em silencio, sendo tão nova, e ainda encontrada com a razão. As graças dão-se depois da guerra, da batalha, e da victoria : então se canta o *Te Deum*, e se fazem as outras solemnidades. Pois se isto, segundo o pensamento que seguimos de Emisseno, era uma batalha entre os pães e os homens : *Certamen fit inter panes et homines* ; como anticipa Christo as graças antes de se dar a batalha ? Porque era sua. Nas guerras de Christo primeiro é o vencer, que o pelejar. Arrebatado S. João nas visões do Apocalypse ouviu uma voz, que lhe dizia : *Veni, et vide* : Vem, e vê : abriu os olhos, e viu sobre um cavallo branco um mancebo de gentil disposição, armado de arco e aljava : *Ecce equus albus, et qui sedebat super eum habebat arcum* ; (Apoc. VI — 2) e não tinha bem admirado o ar e bizzaria, com que o cavalleiro do ceu vinha saindo, quando viu que lhe punham na cabeça uma coroa : *Et data est ei corona.* Coroa ? Logo já tinha vencido. Mas como tinha vencido, se só trazia na mão o arco, e ainda não tinha disparado as settas ? Porque este galhardo mancebo, como diz Santo Agostinho, era o Verbo Etenno, que saía do ceu a conquistar o mundo ; e nas conquistas e batalhas de Christo, primeiro é o vencer, que o pelejar ; primeiro a victoria, que a batalha : o mesmo texto o diz expressamente : *Et exivit vincens, ut vinceret* : (Ibid.) Saiu vencedor para vencer : se

vencedor, já tinha vencido; se para vencer, ainda não tinha dado a batalha. Mas isto mesmo era ser Christo, que só elle, antes de pelejar, vence; e antes de dar a batalha, já é senhor da victoria. Por isso estando ainda com os cinco pães nas mãos, antes do famoso, e nunca visto combate, pondo os olhos na multidão que havia de ser vencida, e levantando-os juntamente com as mãos ao ceu, dá as graças a Deus, como vencedor.

Primeiro que tudo mandou o Senhor a seus doze apóstolos, como a outros tantos sargentos maiores de batalha, que dividissem os cinco mil homens em cem esquadras, cada uma de cincoenta; e porque a batalha havia de ser comendo ao modo e ao uso com que se punham á meza os hebreus, os fizessem recostar sobre o feno, de que havia muito naquelle deserto. Se o pão se houvesse de dar juntamente a tanta multidão de homens famintos de tres dias, qual seria o tumulto e labyrintho? Por isso mandou que se dividissem e puzessem primeiro em ordem. Multidão desordenada é confusão; com ordem, é exercito. Desordenada serve só de levar despojos ao inimigo; com ordem, na mesma ordem e em si leva já segura a victoria. Esse é o respeito, por que Salomão pintando um exercito formidavel e terrivel, não o encareceu pelo numero dos combatentes, ou pelo luzido das armas, senão pela ordem de todo elle: *Terribilis ut castrorum acies ordinata*. (Cant. VI — 3) Ordenada, e disposta assim a campanha, então repartiu Christo aos doze apóstolos os cinco pães, lançando-lhes primeiro a sua benção, e divididos em igual proporção com os homens, saíram os pães ao combate por todos os modos novo; elles cinco, e estes cinco mil.

Agora se verá a muita razão que teve S. André, e a pouca fé com que disse: *Quid hæc inter tantos?* Quanto á razão: os mesmos que haviam de comer se podiam rir ou chorar dos poucos bocados de pão, com que os apóstolos queriam tapar tantas boccas. Quando Josué e Caleb tornaram de explorar a terra de promessa, disseram que não havia que temer na conquista, porque os filhos de Israel aos amorreos os podiam comer a bocados, como pão: *Neque timeatis populum terræ hujus, quia sicut panem ita eos possumus devorare*. (Num. XIV — 9) Devorar, disseram e

engulir, que é muito mais fácil que comer, zombando da dificuldade do pão, em que não ha osso, nem espinha. O mesmo podiam dizer neste caso os cinco mil comedores, não havendo para a sua fome pão, senão tão pouco para tantos. Nem lhes falta o exemplo da escriptura, muito mais proprio e encarecido aos mesmos pães que haviam de ser comidos. Estando em campo, ou tendo inundado todos os campos, contra os hebreus, o exercito dos madianitas, cujo numero compara o texto sagrado não menos que ás arêas do mar, sonhou um soldado que via cair e rodar do ceu um pão, o qual dando no mesmo exercito o desbaratava todo, e destruia; e contando o sonho a um companheiro, inspirado este por Deus disse com espirito propheticó: *Non est hoc aliud nisi gladius Gedeonis.* (Judic. VII — 14) Isso que viste, não é outra coisa senão a espada de Gedeão. E assim foi; podendo dizer os cinco pães daquella batalha, em que agora entravam, não só o mesmo, mas com maior propriedade, e mais ajustada a todas suas circumstancias; porque o pão que descia do ceu, segundo a versão que refere Abulense, não só era um, senão *canistrum panis*, (Abul. quæst. 16) que vem a ser a cesta, em que trazia o menino os cinco pães: *Est puer hic, qui habet quinque panes.* Os setenta interpretes leem: *Mensa panis*, meza de pão; e tal era a que os cinco mil divididos esperavam assentados já, ou recostados á meza: *Discumbentibus*; e todos sem discrepância, que era pão de cevada: *Hordeaceus*; e assim o diz o evangelho: *Ex quinque panibus hordeaceis.* Finalmente Vatablo com novo reparo: *Streptus panis*: e Caetano: *Tremor panis*: Estrondo, e tremor de pão. Pois se o pão era um, ou tão pouco que o trazia um menino em uma cesta, como se chama estrondo e tremor de pão: *Streptus et tremor panis*? Porque tão estrondosa e tão formidavel havia de ser esta batalha dos cinco pães comidos, contra os cinco mil comedores, de que elles se riam ou choravam de ser tão pouco pão, contra tantos homens.

IV.

Assim se começou o combate, cuidando todos que havia de

acabar em um momento, sendo tantos os gastadores, e tão pouco o que se havia de desbatar. Mas depois que os apóstolos, começando pela primeira, acabaram pela ultima das cem esquadras, então comendo todos, se ouviu o estrepito, ou estrondo da marcha, e pareceu que a terra, e todo o deserto tremia : *Streptitus, et tremor panis*. Passou a admiração a espanto, e a primeira e mais que admirada foi a natureza. Eu, dizia a natureza, também sei, e posso fazer do pouco pão muito pão ; mais isto quando mais apressadamente, em tres mezes. Ha se de arar a terra, ha se de semear e gradar o trigo, ha de regallo o ceu, ha de amadurecel-o o sol, hão de colhel-o suando os segadores ; posto em paveias na eira, depois de calcado e limpo, ha de ser moido, depois amassado e levedado, depois finalmente cosido, até que se possa comer. Mas isto quando menos, como dizia, em tres mezes ; e ordinariamente desde as neves de dezembro até ás calmas de agosto. Mas em um momento, crescer das mãos á bocca ! S. Agostinho diz que crescia nas mãos de Christo ; S. Chrysostomo, que nas dos apóstolos ; S. Hilario, que nas dos que comiam ; e tudo era, mas principalmente nestes ultimos, porque partido o pão, que a cada um coube, em quanto a mão direita o partia, e levava á bocca, já na esquerda ficava outro tanto, que se podia tornar a partir, e desta maneira, quanto mais partiam os comedores, tanto mais cresciam os pães comidos. Oh se o mundo soubesse intender e aprender esta traça de multiplicar o pão ! *Parvuli petierunt panem, et non erat qui frangeret eis*, diz Jeremias : (Thren. IV — 4) Pediram pão os pequenos, e não havia quem lh'o partisse. Partisse, diz, porque a falta de não haver pão, é porque não ha quem o parta e reparta. Grande prova no mesmo êvangelho. Neste milagre, como veremos, sobejaram doze alcofas de pão ; em outro semelhante sete : e porque menos pão naquelle, que neste ?

Naquelle eram mais os pães, e menos os comedores ; porque eram os pães sete, e quatro mil os comedores : neste os pães eram cinco, e os comedores cinco mil : logo, lá, onde os pães eram mais e os comedores menos, haviam os pães de crescer mais ; e cá, onde os pães eram menos, e os comedores mais, haviam os pães de crescer menos. E porque não foi assim, senão pelo contrario ?

Pela razão expressa e infallivel, que tenho dito. Onde os pães eram sete, e os comedores quatro mil; foi necessario que os pães se partissem e repartissem menos; e onde se partiram, e repartiram menos, tambem cresceram menos: porém no nosso caso, em que os pães eram menos, e os homens mais, foi necessario e forçoso, que os pães se partissem e repartissem mais, e por isso cresceram mais. Não vos cresce o pão em casa, porque o não sabeis partir e repartir com os que carecem delle. Se o partissem e repartissem, elle cresceria, assim como cresceu, sendo tão pouco, e os comedores tantos nesta batalha. Nas outras guerras, uns vivem, outros morrem, e dos vivos são vencedores os mais valentes, e vencidos os mais fracos: aqui nenhum morreu, porque os comidos só matavam a fome dos comedores, mas os mesmos comedores, ficando sem fome, mais alentados e inteiros, foram os vencidos; e os poucos pães comidos, desbaratados e feitos em pedaços os vencedores: *Vincunt panes, superantur homines*. Uma das maiores victorias que viu o mundo, e tia realidade a maior de todas, foi a de Samsão, quando elle sendo um só, venceu e matou a mil: *Percussi mille viros*. (Judic. XV — 16) Tal foi a victoria de cada um dos cinco pães; elles só cinco, e cinco mil os vencidos. Mas porque a victoria tanto mais gloriosa, quanto menos proporcionados os instrumentos, o mesmo Samsão ponderou na sua, que vencêra os mil homens com uma queixada: *In mandibula delevi eos, et percussi mille viros*. (Ibid.) Assim o fizeram tambem, ou fez cada um dos cinco pães; porque cada um venceu a mil, e não com queixada alheia: *In mandibula pulli*, senão com as mesmas queixadas dos que os comiam: *Illi manducat, panes crescunt: vincunt panes, superantur homines*.

Vencida a batalha, e nenhuma tão gloriosamente como esta, mandam os generaes tocar a recolher os soldados vencedores; e assim mandou Christo a seus discipulos, que em signal da victoria recolhessem as reliquias e fragmentos della, para que se não perdessem: *Colligite quæ superaverunt fragmenta, ne pereant*. Fizeram-no assim os apóstolos, e admira-se com razão S. João Chrysostomo, que recolhessem cheios doze alcosas, nem mais,

nem menos: *Quia nec plus, nec minus fecit superfluum esse.* Doze, e só doze! Bem; porque eram doze os apóstolos. Mas porque não treze, para que chegasse também a Christo a sua? Porque era Christo o general. As alcofas tecem-se de palmas, as palmas significam as victorias; as alcofas cheias de pão, os despojos dellas: e o general de sublimes pensamentos, qual Christo, da victoria só quer a honra; dos interesses della, nada para si, tudo para os seus soldados. Assim o fizeram generosamente sem conhecimento do verdadeiro Deus, um Agesislau; um Alexandre, um Vespasiano, e dos que o conheceram antes de ser homem, David, Josué, Jepte, Gedeão, Samsão e Judas Machabeo, dos quaes disse com não menos levantado pensamento S. Bernardo: *Nemo eis communicavit in gloria.* Vendo os vencidos o milagre, e parecendo-lhes acção verdadeiramente real a de um capitão, que não só não mata os homens á fome para comer elle, mas mata a fome aos homens para os vencer; que resolveram entre si? Resolvem e determinam todos de acclamar a Christo por Rei, ainda que elle o repugnasse: *Ut raperent eum, et facerent eum Regem.* (Joann. VI — 15) Intendeu-lhe o Senhor os pensamentos, e para ultima prova do seu desinteresse, deixando-os com o titulo de Rei quasi na bocca, se retirou só para o monte: *Fugit iterum in montem ipse solus.*

V.

Aqui acaba o evangelho, e eu também tenho acabado o sermão. Mas se é verdade, como é, o que diz Santo-Agostinho, que os milagres depois de intendidos fallam: *Habent miracula, si intelligentur, linguam suam,* ainda que o evangelista se nos calou, não deixa o milagre de fallar. Oíçamos-lhe duas palavras. Em Christo, sabedoria eterna, pedir conselho, *Unde ememus panes,* diz que sem conselho nenhuma coisa façamos; porque nenhum homem é tão sabio, que não esteja sujeito a errar. Em ser errado o dos apóstolos, por não recorrerem aos poderes de Christo, *Sed hæc quid inter tantos,* diz que elle deve ser o oráculo, a que em todas as nossas duvidas e difficuldades devemos

recorrer. Em o Senhor dar as graças antes da mercê recebida : *Et cum gratias egisset*, diz que, ao menos depois de as receber, não sejamos desconhecidos e ingratos. Em partir e repartir o pão para o multiplicar : *Distribuit discumbentibus*, diz que a melhor traça de accrescentar os nossos bens é soccorrer com elles aos pobres. Em, finalmente, não querer Christo nada para si, senão tudo para os seus : *Collegerunt duodecim cophinos* : que é o que diz ? Sem duvida que nos diz o Senhor, o que lá disse Abrahão a outro rei sobre os despojos de uma victoria : *Da mihi animas, cætera tolle tibi*. (Gen. XIV — 21) Tudo o mais vos dou, dae-me as almas. Exhortar este só ponto é o que aqui cabia ; mas porque fio mais do bom juiso, com que os que me ouvem o poderão considerar, do que das razões, com que eu o posso persuadir, acabo com desejar a todos nesta vida a graça, e na outra a gloria : *Ad quam nos perducatur, etc.*

SERMÃO

DE S. ROQUE

Panegyrico e apologetico, no anniversario do nascimento do
principe D. Affonso.

Prégado na Capella Real. no anno de 1644.

*Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ
ardentes in manibus vestris. Luc. XII — 35.*

I.

Fôra de seu dia São Roque! E não em outro dia senão hoje (Mui altos e poderosos reis e senhores nossos)! Torno a admirar-me. Fôra de seu dia S. Roque! E não em outro dia senão hoje! Grandes suspeitas me dá este santo que vem ajudar-nos a celebrar a nossa festa, mais que desejoso de celebrarmos a sua. Um anno faz neste dia e nesta hora, pouco menos, que em comprimento da expectação, em desassombro do temor, em satisfação do desejo, em alvoroço dos corações, em applausos de Lisboa, em gloria de Portugal, e em alegria de todos, amanheceu á luz commum, e nasceu ao mundo o sexto planeta do nosso hemisphêrio, a quarta estrella dos nossos dois soes, o primeiro fruto da geração attenuada, restituida, o desempenho prophetisado dos

olhos de Deus, a união dos dois primeiros Affonsos de Portugal, e Bragança, o perfeitissimo retrato dos soberanos originaes, que nol-o deram; em fim o nosso bello infante D. Affonso, que Deus nos crie, que Deus nos guarde, e que Deus nos faça o quarto, como hoje é o ultimo.

Não sou de fazer mysterios dos acasos; mas folgo de fazer doutrina da occasião. E já que S. Roque veio a cair neste dia tão particular, em que Deus desempenhou suas promessas, e lançou novas raizes a seus beneficios, quizera eu que S. Roque hoje nos ensinára a os conservar. Roques a reis, peças são que se ajudam. A este intento procurarei encaminhar todo o sermão. O evangelho nos dará documentos, o santo nos dará exemplos: queira Deus que não resistam aos ouvidos os corações.

II.

Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris.

Manda Christo a seus discipulos que estejam com as roupas tomadas no cinto, e com tochas accezas nas mãos; bem assim como os criados vigilantes, que esperam por seu senhor no dia das vo-das. Este exemplo me faz difficullosa esta doutrina. Se o Esposo ha de vir, e não vem ainda, para que hão de estar todas as tochas accezas? Que esteja acceza uma, para que com ella se accendam as outras, parece-me muito bem: mas accezas todas: *Lucernæ ardentes in manibus vestris*? O que Christo Senhor nosso pretendia, como se vê de todo o evahgelho, era vigilancia e luz: para a vigilancia bastava um criado, para a luz bastava uma tocha. Provo com o exemplo da milicia; porque nos olhos de uma sentinella vigia todo o exercito, e na braza de um murrão, estão accezas todas as armas. Pois se parece que bastava uma só tocha, para que manda Christo accender tantas? Manda Christo accender muitas tochas, porque quer segurar as luzes. Uma só luz basta para accender, mas uma só luz não basta para assegurar; por isso manda Christo que estejam muitas tochas accezas, para em cada uma deixar o remedio, e em todas juntas assegurar o perigo. Luz

que se póde apagar com um assopro, não está segura sem fiador : pois multipliquem-se as luzes, diz Christo, para que umas sejam fiadoras das outras : na primeira luz nos deu o remedio, nas outras luzes nos tirou o cuidado.

Porque cuidamos, portuguezes, que se acabaram as luzes de Portugal ? Que causa cuidamos que houve para padecermos aquella noite eterna de sessenta annos tão compridos ? A causa foi, porque como Deus queria eclipsar as glorias de Portugal, permittiu que ficasse a luz pendente de uma só tocha : um rei D. Sebastião, outro rei D. Henrique, ambos sem successão, ambos sem herdeiros. Porém hoje, quando Deus foi servido de nos restaurar e restituir, engrossa a linha da geração attenuada com dobrados successores, assegura o lume das tochas com multiplicadas luzes, para que assim como se interrompeu o sceptro de Portugal por dois reis sem successor, se perpetue em durações eternas por um rei já com dois successores. Dois successores temos, e quatro herdeiros. Ditoso o dia, e ditoso o nascimento, em que se cerrou e aperfeiçoou este bem estreado numero.

Notou S. João Chrysostomo, que a lei escripta foi fundada em dois irmãos, e a lei da graça em quatro : *Primum populum edificavit super unam fraternitatem, hunc autem super duas*. Os dois irmãos, em que se fundou a lei escripta, foi Moysés e Arão : os quatro irmãos, em que se fundou a lei da graça, foi S. Pedro e S. André, S. João e Santiago. Pois saibamos : porque fundou Deus a lei escripta em dois, e a lei da graça em quatro ? Que se fundasse uma e outra em irmandade, com grande providencia está feito ; porque os fundamentos da união, são os mais solidos alicerces do edificio espiritual ou politico. Mas porque a primeira lei em dois irmãos, e a segunda em quatro ? A razão foi, porque quiz Deus lançar os fundamentos a cada lei, conforme a duração que lhe determinava dar. A lei escripta, que finalmente se havia de acabar, fundou-a em dois irmãos ; a lei da graça, que havia de ser eterna, e durar sem fim, fundou-a em quatro. Imperio fundado em dois irmãos dura muito, mas poderá ter fim ; porém imperio fundado em quatro irmãos, assentado sobre quatro columnas, allumiado com quatro tochas, será perpetuo, será per-

duravel, igualará a duração com a do mundo, medirá os annos com as eternidades: *Hunc autem super duas fraternitates.*

Mas noto eu nas palavras de S. João Chrysostomo, que aos fundamentos da lei perpetua da graça não lhes chamou quatro irmãos, senão duas irmandades: *Super duas fraternitates.* Taes são os fundamentos do nosso reino. Está firmissimo Portugal, não só porque está fundado em dois irmãos, senão porque está fundado em duas irmandades: uma irmandade masculina do nosso principe, e do nosso infante; outra irmandade femenina das nossas infantas, que Deus nos guarde. De maneira, que não só consiste a nossa firmeza na multiplicação do numero, senão na repartição do sexo: não só em serem quatro irmãos, senão em serem duas irmandades, uma de irmãos, outra de irmãs: *Super duas fraternitates.*

Triste e desconsolada Anna por se ver esteril, e muito mais desconsolada e triste por se ver affrontada de Fenenna, mulheres ambas do principe Helcana, e secunda Fenenna, e mãe de muitos filhos, diz a historia sagrada, que foi ao templo, e com muitas lagrimas fez oração e voto a Deus desta maneira: *Domine, si respiciens videris afflictionem famulae tuae dederisque servae tuae sexum virilem: dabo eum Domino omnibus diebus vitae ejus.* (1 Reg. I — 11) Se puzerdes, Senhor, os olhos na minha afflicção e dor, e derdes á vossa serva um filho varão, eu prometto de o dedicar a este mesmo templo, para que nelle vos sirva todos os dias de sua vida. Assim orou Anna, e foi ouvida de Deus muito mais que assim; porque depois de lhe dar por filho ao propheta Samuel, lhe deu mais outros dois filhos, e duas filhas. De todos diz juntamente o texto: *Visitavit ergo Dominus Annam, et concepit, et peperit tres filios et duas filias.* (Ibid. II — 21) Não admiro neste famoso caso a liberalidade de Deus, que sempre é mais largo em dar, do que nós em pedir: é porém muito digno de reparo, que dando cinco filhos a Anna, quando lhe pediu um só, e esse varão, não fossem só várões e filhos, os que lhe deu de mais, senão filhos e filhas; e em numero igual de um e outro sexo: os filhos dois, e as filhas duas, que vem a ser, como S. João Chrysostomo ponderava, não só quatro irmãos, senão duas.

irmandades, e uma de irmãos, outra de irmãs, como nós particularmente notavamos na presente differença da successão dos novos principes. De sorte, que não consiste a nossa firmeza só na multiplicação do numero, senão também na repartição do sexo. Isto é, não só em serem quatro irmãos e duas irmandades, senão uma de filhos, outra de filhas. E porque? Porque os reinos e os imperios conservam-se e sustentam-se em duas raizes: das portas a dentro na successão dos reis naturaes; das portas a fóra com a confederação dos reis estrangeiros. E por isso nos acabou Deus de dar, em tal dia como hoje, tantos filhos, como filhas: os filhos, para que não faltassem reis ao reino proprio; e as filhas, para que possamos dar rainhas aos estranhos.

O mesmo S. Chrysostomo, que nos quatro apostolos notou as duas irmandades, nos quatro filhos, que depois de Samuel acrescentou Deus a Anna, nota ser uma irmandade de filhos, outra de filhas, dizendo que nesta segunda lhe dá Deus para ultima satisfação do gosto e do desejo, todo o lucro e augmento que da successão dos filhos póde ter uma venturosa familia: *Ex utroque sexu lucrum illius cumulavit, ut illi jam plenum, ac perfectum contigerit gaudium.* (Homil. — 1) Mas porque o santo não individou qual fosse ou haja de ser esse lucro, eu o direi, e provarei com admiravel propriedade do mesmo texto; e é, que a segunda irmandade das duas filhas, por beneficio e extensão dos casamentos acrescentaram outros tantos filhos á mesma geração. Assim o disse a mesma Anna no cantico da acção de graças que deu a Deus, pela mercê que de sua tão liberal mão tinha recebido, declarando expressamente na lingua original hebreá, ou chaldaica, em que fallava, que ella sendo esteril parira sete filhos; *Donec sterilis peperit septem.* (1 Reg. II — 5) Pois se a mesma escriptura sagrada no vulgar latino diz: *Visitavit Dominus Annam, et concepit, et peperit tres filios et duas filias*: que visitou Deus a Anna, e pariu tres filhos e duas filhas, que são cinco por todos; como agora diz que pariu sete? Aqui está a propriedade e maravilha que eu dizia. Porque como a segunda e ultima irmandade foi de filhas, casando estas em familia estranha, acrescentavam cada uma dellas um filho á sua propria, e ambas dois,

com que vinham a fazer o numero de sete : *Dñec sterilis peperit septem*. Desta maneira descreve Isaías o augmento e propagação de Jerusalem, dizendo : *Filii tui de longe venient, et filiae tuae de latere surgent* : (Isai. LX — 4) que as filhas nascendo a seu lado como proprias, lhe trariam de longe pelo vinculo da successão outros tantos filhos ; e se ella fosse de principes, como a de que falla Isaías, e a nossa, outros tantos reis.

Vêde agora se está bem fundado Portugal nestas duas irmandades. Vêde se está bem seguro nestas quatro luzes, e se se deve festejar muito este dia, em que nos amanheceu a quarta. Quero-me apaixonar por este dia. Digo que o dia de hoje é o mais alegre que nunca teve Portugal ; mais ainda que o dia felicissimo da acclamação. Razão. Porque então deu-nos Deus o reino, hoje mostrou que elle nol-o dêra ; então cumpriram-se as prophecias, hoje provou-se que foi verdadeiro o cumprimento dellas.

Quando ao patriarcha Abrahão lhe nasceu Isaac de sua mulher Sara, diz S. Basilio de Seleucia, que foi gêmeo este parto. Gêmeo ? Pois como assim ? Leam-se as escripturas, e achar-se-ha que deste parto de Sara não nasceu mais que Isaac. Pois se só Isaac nasceu, como foi o parto gêmeo ? Foi gêmeo, diz S. Basilio, porque deste parto de Sara esteril, se bem se nota, nasceram dois filhos : nasceu Isaac, e mais nasceu a fé das promessas, que Deus tinha feito a Abrahão : *Sara sterilis in partu suo fidem divinæ promissionis peperit*. Tinha Deus promettido a Abrahão, que lhe daria um filho, e que em sua geração seria remido o mundo : e como Isaac foi este filho promettido ; por isso veio a ser, e poder-se chamar gêmeo o parto de Isaac ; porque nasceu delle juntamente o filho das esperanças, e mais a fé das promessas : *In partu suo fidem divinæ promissionis peperit*. O mesmo passa no nascimento do nosso infante D. Afonso. Nasceu hoje á geração real portugueza esterilisada o primeiro filho, e nasceu juntamente com elle a fé das promessas divinas-feitas ao primeiro rei. Estava esteril, pelos peccados de Portugal a geração de seus reis, como outra Sara ; mas como Deus tinha promettido que nessa geração esterilisada e atenuada, poria seus olhos, quando a geração real portugueza outra vez

se vê secunda, não ha duvida que com o primeiro fructo desta fecundidade nos nasceu juntamente a fé daquellas promessas : *In partu suo fidem peperit*. Neste nascimento acabou o signal do castigo. Com este nascimento nasceu a fé do remedio. Porque assim como foi signal evidente de Deus querer acabar Portugal, fazer a geração real esteril ; assim é confirmação evidente de Deus querer estabelecer Portugal, fazer a geração real secunda.

E senão, pergunto : qual foi o termo com que Deus declarou, que restauraria Portugal ? O termo foi : *Ego respiciam et videbo* : Eu olharei, e verei. Pois no dia de hoje, e neste felicissimo nascimento se compriu o *respiciam et videbo*. E porque razão ? Por que dar Deus a uma geração esteril um filho varão, é o olhar e o ver de Deus. Texto expresso e continuado. Quando Anna, como vimos, e ainda não ponderamos, disse : *Si respiciens videris afflictionem famulæ tuæ, dederisque servæ tuæ sexum virilem* : (1 Reg. I — 11) Se olhardes, Senhor, e virdes a afflicção da vossa serva, e lhe derdes um filho varão.... De maneira, que dar Deus um filho varão a uma geração esteril, é o olhar e o ver de Deus : *Si respiciens videris : Ego respiciam, et videbo*. A decima sexta geração real portugueza estava, como Anna, esteril : *Usque ad decimam sextam generationem in qua attenuabitur proles*. Tinha-nos promettido Deus, que nessa mesma geração attenuada olharia e veria : *In ipsa sic attenuata ego respiciam, et videbo*. E quando olhou e viu ? Olhou e viu, quando deu a essa geração esteril um filho varão : *Si respiciens videris, dederisque sexum virilem : Ego respiciam et videbo*.

Que resta logo, senão darmos hoje infinitas graças a Deus, e infinitos parabens a Portugal, dizendo com o propheta Isaias : *Lauda sterilis, quæ non parit, decanta laudem et hinni quæ non pariebas* : (Isai. LIV — 1) .Dá graças a Deus, Lusitania, alegra-te, e triumphas, pois sendo nestes annos passados tão esteril de principes, hoje te vês tão secunda ? E se queres alegrar-te com mais admiração, olha para a visinhança : *Quoniam filii desertæ magis quam ejus, quæ habet viram* : (Ibid.) porque a que era esteril, se vê secunda, e a que era secunda, esteril. Coisa

é muito digna de reparar, que tendo Castella ha poucos annos dois infantes varões, hoje não tem nenhum; e não tendo Portugal ha poucos annos nenhum infante, hoje se ve com dois. Parece que Castella enterrava os seus infantes, para que os nossos nascessem; porque, se bem advertirmos, acharemos que nas mesmas terras onde ella enterrou os seus infantes, nos nasceram a nós os nossos. Enterrou Castella um infante, em Allemanha, o infante Fernando; e nasceu-lhe a Portugal outro infante em Allemanha, o Senhor Dom Duarte, que Deus guarde e livre, que nasceu infante no dia felicissimo da acclamação. Enterrou Castella outro infante em Hespanha, o infante Carlos; e nasceu-lhe a Portugal outro infante em Hespanha, o Senhor infante D. Affonso, que nasceu já filho de rei, no dia felicissimo de hoje faz um anno. Que é isto? É que quando Deus quer eclipsar, como vimos em nós, vae apagando as tochas; e como quer que resplandeça outra vez em Portugal, vae-nos dando as luzes ás mãos cheias: *Et lucernæ ardentes in manibus vestris.*

III.

Mas supposto que Deus nos deu tantas luzes: *Lucernæ ardentes*; e supposto que as poz nas nossas mãos: *In manibus vestris*; que havemos de fazer para sustentar estas luzes? Luzes accezas gastam, e consomem; pois que remedio para as sustentar, e para as conservar? O remedio, como tão importante e necessario, já está prevenido e declarado nas palavras antecedentes do evangelho: *Sint lumbi vestri præcincti*: Cingi-vos, apertae-vos, estreitae-vos. Remedio para sustentar as tochas, apertar os cintos: *Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris.* E que consequencia tem apertar os cintos para luzirem as tochas? Muito grande. Porque para luzir é necessario arder, para arder é necessario gastar, para gastar é necessario cingir. Cingi-vos primeiro, podereis luzir depois.

Muitas vezes tenho buscado em que consistiu a loucura das virgens nescias; porque á primeira vista eu não vejo mais milagres nas prudentes. Se as prudentes ornaram as alampadas, tam-

bem as nescias as ornaram : se as prudentes saíram a receber o Esposo, também as nescias saíram : e se as nescias adormeceram, também as prudentes não vigiaram : *Dormitaverunt omnes, et dormierunt.* (Matth. XXV — 5) Pois em que esteve a loucura tão canonisada ? Esteve em que as nescias tendo menos cabedal de azeite que as companheiras, não souberam poupar com a industria, o que as outras gastavam na abundancia. Quizeram luzir, quando haviam de poupar, e vieram a mendigar, quando haviam de luzir : *Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur.* (Ibid. V — 8) Apagaram-se-lhes as luzes, porque não souberam estreitar os cintos ; não souberam poupar antes, não puderam luzir depois. Que bem emendou esta ignorancia das virgens nescias, a prudencia e a providencia de S. Roque ! Contentou-se com satisfazer á necessidade, e não ao appetite ; á natureza, e não á vaidade ; por isso pôde resplandecer em obras de caridade tão excellentes, e servir ao Rei do ceu com tanta liberalidade e grandeza, quanto eu agora quizera, mas não tenho tempo para ponderar.

Só não posso deixar de dizer e de estranhar muito, que se alarguem agora os cintos, quando era tempo de os estreitar ; e que os tragam e queiram trazer muito largos os mesmos que n'outro tempo os traziam assaz estreitos. No outro tempo tão estreitos e tão delgados, como todos sabem ; e agora tão largos, e não sei se tão inchados, que em nenhuma parte cabem, nem ha quem caiba com elles. Cabe-lhes porém, e vem-lhes muito ao justo a phrase do soberbo Jeroboam, que são hoje mais grossos pelo dedo meeminho, do que eram antigamente pela cintura : *Minimus digitus meus grossior est dorso patris mei.* (3. Reg. XII — 10) Levam hoje mais roda em um anel, do que levavam antigamente no cinto. E o peor é, que no cabo queixosos, e mal contentes. Ora medi, medi os cintos, e vereis quanto mais largos andaes agora, do que andaveis no outro tempo. Antigamente (se vos lembra) cabieis nos vossos çapatos, e hoje não cabeis em um coche, e mais outro coche. E sobre tanta differença, queixas ainda ? Estranho isto, mas não me espanto, que quando anda prodigioso, o ceu, vêem-se semelhantes maravilhas na terra.

1a S. Paulo caminhando para Damasco, desce do ceu um raio de luz, que o derribou do cavallo, e o deitou em terra. Estava Elias no Jordão, desce do ceu um coche de quatro cavallos, que o levou por esses ares. Eis-aqui o que acontece na terra, quando anda prodigioso o ceu. A uns apea, a outros levanta. Paulo que andava a cavallo, ficou a pé; Elias que andava a pé, ficou em coche. Comtudo, a mim me parece muito bem que Elias tenha coche, porque vejo a capa de Elias nos hombros de Elizeu. Que ande em coche Elias zeloso, que cobre a Eliseu com a sua capa, é muito justo; mas que ande em coche Elias zelote, que cobre o coche com a capa de Eliseu, não é bom zelo este. Zeloso que não sabe dar a capa, não tem bom zelo. Pois enganemo-nos que quem quizer sustentar as tochas nas mãos, não ha de ter a capa nos hombros. Por isso Christo nos manda ser semelhantes aos criados, cujo estylo e obrigação é largar a capa para tomar a tocha. Estava Jehú em uma conversação de fidalgos, veio subitamente um propheta ungil-o por rei: e que fizeram os circumstantes? No mesmo ponto, diz o texto, que tiraram todos as capas dos hombros, fizeram dellas um trono, assentaram nelle a Jehu, e disseram: viva el-rei: *Regnavit Jehu*. (4 Reg. IX — 13) Então vive o rei, quando se lhe faz o throno das capas dos maiores vassallos. Entrou Christo em Jerusqlem triumphando, começaram todos a acclamal-o por Rei de Israel: e que fizeram os que estavam pelas ruas? No mesmo ponto, diz o evangelho, que tiraram tambem as capas, e as lançavam por terra, para que o Senhor passasse por cima. Então triumpho o rei, quando tem postas a seus pés as capas dos seus vassallos. Em nada me aparto do nosso texto.

A duas coisas se compara Christo Senhor nosso neste evangelho: compara-se a esposo, e compara-se a ladrão. A esposo: *Expectantibus Dominum suum quando revertatur à nuptiis*. (Luc. XII — 36) A ladrão: *Sciret paterfamilias qua hora fur veniret*. (Ibid. — 39) Que se compare Christo a esposo, está muito bem, que o é de nossas almas; mas comparar-se a ladrão? A ladrão e a esposo juntamente? Sim. Compara-se Christo a ladrão, e mais a esposo, para que intendamos que ha de

ser seu o nosso amor, e que ha de ser sua a nossa capa. Ao esposo deveis-lhe o amor, o ladrão pede-vos a capa. E como Christo é nosso legitimo Rei e Senhor, por isso se compara juntamente a ladrão e mais a esposo: porque ao senhor natural, ao rei verdadeiro, ha-se-lhe de dar o amor, e ha-se-lhe de dar a capa por amor: oh como fica airoso quem o faz!

Mas advirto-vos de caminho, que se derdes a capa, dae-a dada, porque alguns dão a capa no exterior, e por debaixo da capa tornarão a tomar-a. Capas dadas, são as que estabelecem o throno ao rei: capas dadas e tornadas a tomar, não. Pouco ha que dissemos que os vassallos d'el-rei Jehu lhe fizeram o throno com as suas capas. Tambem dissemos que os vassallos de Christo lhe pizeram as capas debaixo dos pés, quando o acclamaram por Rei. Porém eu noto uma grande differença, que o reinado de Jehú (como consta do texto) durou vinte e oito annos; e o reinado de Jesus temporalmente, não durou mais que cinco dias. Pois qual é a causa por que o reinado de Jesus dura tão poucos dias, e o reinado de Jehu dura tantos annos? A causa Deus a sabe; a conjectura eu a direi. Aquelles vassallos que fizeram o throno de Jehu com as suas capas, não as tornaram a tomar; pelo contrario os que pizeram as suas capas aos pés de Christo, tanto que passou o triumpho, tornaram a pol-as aos hombros. E reinado como o de Christo, em que os vassallos dão as capas, e as tornam a tomar, não é muito que dure pouco: porém reinado como o de Jehu, em que os vassallos dão as capas dadas, durará por muitos annos, e perpetuar-se-ha em muitos successores.

Pois por certo que merecia Christo aos seus vassallos, que lhe dessem as capas dadas. Tanto que Christo tomou o titulo de Rei na cruz, deu os seus vestidos aos soldados, e não só os vestidos exteriores, senão a tunica interior: *Milites ergo acceperunt vestimenta ejus, et tunicam.* (Joann. XIX — 23) E que fizeram logo os soldados? Tomaram os dados, e pizeram-se a jogar. Grandes dois documentos. Se o verdadeiro Rei se despe, para que os soldados tenham que jogar; quanto mais se deve despir, para que tenham que comer? E se o rei tira a tunica, para sustentar os soldados; porque não tirarão os vassallos a capa, para sustentar

o rei? Quereis poder dar as capas? Sabei apertar as roupas: *Sint lumbi vestri præcincti*. E se não basta a doutrina, baste o exemplo. *Amen dico vobis quod præcinget se*. Porque não fará o vassallo pelo rei, o que o rei faz pelo vassallo? Notae a correspondencia do evangelho entre o criado e o senhor. Diz o senhor aos criados que se cinjam e tomem as tochas nas mãos: *Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris*. (Luc. XII — 35) E logo abaixo diz, que o senhor se cingirá também e porá os criados á meza: *Præcinget se et faciet illos discumbere*. (Ibid. — 37) Pois se o rei se cinge e se estreita para sustentar a meza dos criados: *Præcinget se et faciet illi discumbere*; porque se não cingirão e estreitarão os criados para sustentar as tochas do Senhor: *Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris*? Não vemos a moderação verdadeiramente de paê da patria, com que el-rei, que Deus guarde, estreita os gastos de sua real pessoa e casa? Não vemos a liberalidade verdadeiramente real, com que a rainha nossa senhora se priva de suas rendas, e as applica aos exercitos e fronteiras? Pois se assim se estreita a grandeza dos reis; porque não aprenderá a se estreitar a vaidade dos vassallos? Fazemos como libertados, pois elles fazem como libertadores.

Ora ouvi-me uma ponderação, em que vereis que neste mesmo estreitar-se mostra ser sua magestade o nosso verdadeiro libertador. Quando estavam captivos os filhos de Israel no Egypto, desceu Deus em figura de fogo, assentou-se em uma çarça: *Quod rubus arderet, et non combureretur*; (Exod. III — 2) e a çarça ardia, e não se queimava. Pois se o fogo é um elemento tão activo, tão consumidor, tão voraz, porque não queimava a çarça? Portava-se a si o fogo, não pelo que era, senão pelo a que vinha. Vinha Deus naquella fogo a libertar os filhos de Israel, como elle mesmo disse: *Descendi ut liberem eum*. (Ibid. — 8) E o fogo libertador sustenta-se de si mesmo, não gasta. Fogo em que Deus vem abraçar, como o do sacrificio de Abel, consome; mas fogo em que Deus vem a libertar, como o da çarça de Moysés, não gasta, sustenta-se de si mesmo. Bem o vemos no nosso libertador, que se sustenta do seu, que era,

e não do nosso, sendo que o seu e o nosso, tudo é seu. E para que mais estimemos e agradeçamos esta moderação, notemos que os reis da terra são como o rei dos elementos, o fogo. Todos os outros elementos, temol-os em casa, sem nos fazerem gasto: a terra, a agua, e o ar, não nos gastam nada; o fogo ninguem o teve em sua casa, senão custando-lhe. Assim são os reis da terra. E se não bastam os exemplos passados dos que tão abrasado deixaram Portugal, leia-se na escriptura o que Deus disse por Samuel ao povo, quando teimaram em pedir rei. E que sendo esta a qualidade e condição de um e outro fogo, que não tome para si nada o milagroso que vemos! Que não toque em uma folha da çarça! Que se sustente de si mesmo! E sem duvida, porque está Deus naquelle fogo, e porque está nelle como Libertador: *Descendi ut liberem eum.*

E não só como libertador, senão como restaurador e conquistador, que assim o pede a nossa necessidade, e promettem as nossas prophcias. E porque? Pela mesma razão que temos dito. Porque príncipe, que quanto pede aos vassallos, nada toma para si, tudo despende com elles, será restaurador e conquistador do mundo. Diz S. Agostinho, e é auctoridade recebida de toda a igreja: *Sacramento eucharistiae totus mundus subjugatus est*: que com o Sacramento da eucharistia rendeu e sujeitou Christo todo o mundo. Na cruz alcançou a principal victoria; mas com o sacramento de seu corpo e sangue foi restaurando, e restituindo a seu imperio, quanto o demonio lhe tinha tyrannizado. Ora examinemos e saibamos porque mais com o sacramento da eucharistia, que com outro mysterio. Christo nascido, Christo morto, Christo resuscitado, não poderá restaurar o mundo? Pois porque mais Christo sacramentado? Porque se tomou por instrumento da restauração e conquista do mundo o mysterio sagrado da eucharistia? Lavremos um diamante com outro diamante, e expliquemos um santo com outro santo. S. Thomaz fallando do Santissimo Sacramento do altar, nota uma coisa muito digna de ponderação, e é, que neste soberano mysterio, quanto Christo recebeu de nós, tudo despende connosco: *Et hoc in super quod de nostro assumpsit, totum nobis contulit: ad*

salutem. Que recebeu Christo de nós na encarnação? Recebeu carne, e recebeu sangue. E que nos dá Christo na eucharistia? Dá-nos essa mesma carne na hostia, e dá-nos esse mesmo sangue no calix. E este soberano Príncipe é tão justo, e tão desinteressado, que quanto recebe de nós, tudo despende connosco, e quanto toma dos homens, tudo despende com os homens para sua sustentação e proveito: *Quod de nostro assumptis, totum nobis contulit ad salutem*. Logo com muito fundamento ao mysterio em que se exercita esta grande acção, mais que a nenhum outro, se deve e se attribue a restauração e conquista do mundo: *Sacramento eucharistiae totus mundus subjugatus est*. Porque príncipe que gasta com seus vassallos tudo o que recebe delle, não lhe compete menos conquista que a do mundo, menos monarchia que a do universo. Assim o promettem as nossas prophcias, o confessam as nossas esperanças, fundadas no exemplo de tal rei, e na liberalidade de taes vassallos, para grande augmento da fé, para grande gloria da igreja, para grande honra da nação portugueza, e ainda para grande oppulencia dos bens da fortuna, com maior abundancia dos bens da graça.

IV.

Bem acabava aqui o sermão, e certamente aqui acabou a parte panegyrica delle. Mas porque o dia e a festa propriamente é de S. Roque, o santo, e o que resta do evangelho, tomarão e satisfarão por sua conta a parte apologetica. Não declaro a materia da questão, porque é vulgar, sabida, e praticada de todos nesta côrte, como segunda e mui necessaria parte da mesma panegyrica, em que até agora fallámos, suppondo só o util e glorioso della, sem reparar no duvidoso e perigoso da sua conservação. Baste por unico fundamento na supposição, e circumstancias do tempo presente, que em todo o passado, Castella e Portugal juntos, não poderam prevalescer, assim no mar, como na terra, contra Hollanda; e como poderá agora Portugal só permanecer e conservar-se contra Hollanda, e contra Castella? Em defensa do zelo, que isto duvida e teme, se deterá um pouc o

a nossa apologia contra os juizes portuguezes (se é que verdadeiramente o são) tão confiados e bizarros, que impugnam como descredito os que suppoem a necessidade, e representam o remedio.

Os remedios, dizem, suppoem perigos, os perigos causam temores, os temores erguem desconfianças, e animos desconfiados, nem são bens, nem são animos. Ora o nosso evangelho, quando menos, não discorre assim; dos mesmos principios tira mais honradas consequencias. Todo o evangelho que hoje nos propõe a egreja, está fundado em temores, e em esperanças; porque como tracta da salvação, que é incerta, a esperança anima, o temor acautela. Mas ainda que estes dois effectos, ambos são necessários para obrar ao futuro; eu, contudo, sem ser muito apaixonado do medo, acho melhores raizes ao temor, que á esperanças. Vamos ao texto.

Exhorta Christo neste evangelho a todos os homens a que vigiem sobre sua salvação, e n'um lugar compara-os aos criados, n'outro lugar compara-os ao pae de familias. Mas noto eu, que quando os manda vigiar como criados, diz que esperem: *Similes hominibus expectantibus*; quando os manda vigiar como pae, diz que temam: *Si sciret paterfamilias qua hora fur veniret, vigilaret*: Pois se o criado, e mais o pae, ambos vigiam, qual é a razão por que o criado quando vigia, espera, e o pae quando vigia teme? Porque o pae é pae, e o criado é criado. O criado quando vigia, espera; porque no criado vigia o interesse: o pae quando vigia teme; porque no pae vigia o amor: espera quem serve, teme quem ama. Grande confirmação no mesmo evangelho. Quando Christo manda vigiar como criados, promette a sua meza: *Faciet illos discumbere*: quando manda vigiar como pae, não promette nada. Pois porque se promette premio ao criado, e não se promette premio ao pae? Porque? Porque o criado serve, o pae ama. Quem serve, tem por premio a vossa meza: quem ama tem por premio o seu cuidado. E quem tem os olhos na vossa meza, claro está que ha de esperar: quem tem o coração no seu cuidado, claro está que ha de temer.

Ainda mais apertadamente no mesmo texto. Quando Christo

falla nas esperanças dos criados, diz que esperam por seu senhor : *Expectantibus dominum suum* : quando falla nos temores do pae, diz que teme ao ladrão : *Si sciret paterfamilias qua hora fur veniret*. É certo e averiguado entre todos os doutores, que assim o senhor, como o ladrão nesta parábola significam a Christo na hora da morte. Pois se é a mesma pessoa, e no mesmo tempo, como em respeito do criado se chama senhor, e em respeito do pae se chama ladrão? Porque d'onde o criado tira razões de confiança, o pae, que ama, tira razões de temor. No mesmo tempo, e nas mesmas circumstancias, o mesmo que para o criado é senhor, para o pae é ladrão. Ora queira Deus, que não haja algum criado, que espere como o senhor, o mesmo que o pae que ama teme como o ladrão! E se quem ama teme; porque não ha de imaginar perigos? E se quem teme, ama; porque não ha de sollicitar remedios? Quem estranhar este zelo, perto está de condemnar o de Christo.

Lea-se o nosso evangelho, e em todo elle não se achará outra coisa senão perigos e mais perigos, remedios e mais remedios. Virá o ladrão : *Qua hora fur veniret*, poderá roubar a casa, *perfordi domum suam* : buscar-nos-ha na hora em que estivermos mais descuidados : *Qua hora non putatis, Filius hominis veniet*. Eis-ahi os perigos. Por outra parte, roupas na cinta, tochas accezas, portas fechadas, olhos abertos : eis-ahi os remedios. Pois, Senhor, estas são os dois pólos da vossa doutrina e do vosso cuidado? Não imaginaes n'outra coisa senão em perigos? Não fallaes n'outra coisa senão em remedios? Sim, sim. O mais verdadeiro e fiel amigo que ha, nem pôde haver no mundo, é Christo; e o fiel e verdadeiro amigo, em materias que não importam menos que a salvação, não sabe imaginar senão em perigos, não sabe fallar senão em remedios. Este é o zelo de Christo : e porque não será este o zelo christão?

Mas vejo que me diz, ou que me dirá alguém, que ha perigos que são impossiveis, e ha remedios que são perigosos. Perigos impossiveis não se hão de temer : remedios perigosos não se hão de acceitar. Admitte no perigo o impossivel, admitto no remedio o perigoso, e respondo comtudo.

V.

Quanto ao primeiro. Falla Christo Redemptor nosso dos tempos temerosos do Antichristo, e diz que será tão universal a ruína, que até os mesmos predestinados, em certo modo, não estarão seguros: *Ita ut in errorem inducantur, si fieri potest, etiam electi.* (Matth. XXIV — 24) Notavel dizer! Os predestinados não é impossivel perderem-se? Claro está que os decretos divinos são immutaveis, e seus effeitos nada os pôde impedir. Pojs se o perigo nos predestinados é impossivel; porque chega Christo a receiar perigo aos predestinados: *Etiam electi?* Porque? Porque os ama muito. Christo Senhor nosso ama muito os seus predestinados. E quem ama muito, até perigos impossiveis teme. O perigo será impossivel, mas o amor é muito verdadeiro. Quem chegou a temer impossiveis, chegou a amar quanto é possivel. Ha se o amor no temer, como no desejar; e assim como não ha maior signal de amor, que impossiveis desejados; assim não ha maior signal de amor, que impossiveis temidos. Antes mais verdadeiramente ama quem teme impossiveis, que quem deseja impossiveis; porque desejar-me impossiveis, sempre é amor meu; mas temer-vos impossiveis, não pôde ser senão amor vosso.

Porém dir-me-hão que os impossiveis será amor temel-os, mas não razão temerem-se. Temel-os-ha o amor, que é um cego; mas não os temerá a razão, que tem os olhos abertos. Tambem a razão.

Começaram a edificar os filhos de Membroth aquella soberba torre chamada depois de Babel, com intento de que chegassem suas ameias a topetar com as estrellas, diz o texto sagrado, que desceu logo Deus a impedir e desfazer esta obra; e que a razão que o moveu foi esta: *Non desistent à cogitationibus suis, donec eas opere compleant.* (Eccl.) Que era necessario atalhar em seus principios a fabrica daquella torre, porque os homens a não acabassem, e chegassem ao ceu com ella. Galante razão por certo. É demonstração geometrica que ainda que o globo da terra fôra vinte vezes maior do que é, não poderá dar

bastante materia para edificar uma torre, que chegasse á altura do ceu. Quanto mais (deixados outros mil impossiveis), que chegando á segunda região do ar, por ser extremamente fria, haviam de morrer os homens congelados; e quando d'alli escapassem, lá estava a esphera do fogo, onde se haviam de abraçar e consumir todos, antes de chegar ao ceu. Pois se a fabrica da torre e o intento daquelles homens era impossivel; como diz Deus, que desce á terra a o impedir, porque não acertem de o executar: *Non desistent, donec opere compleant*? A razão é, porque quem tem inimigos que possam armar torres contra os seus reinos, como Deus tinha neste caso, ha de discursar sobre os perigos impossiveis, como se foram perigos provaveis. A torre era impossivel, mas Deus discursava e obrava como se o não fôra. Os perigos que são impossiveis para o effeito, hão se de imaginar possiveis para a cautela. Quem teme os perigos possiveis, estará acutelado; mas quem teme os impossiveis, está seguro. O melhor meio de conservar a segurança, é temê-la. Assim a temia, ou obrava Deus, como se a temêra, dentro das muralhas do ceu: *Non desistent à cogitationibus suis*. De maneira que receiar perigos impossiveis, é amor; e acutelar-se de perigos impossiveis, é providencia. Quem persuade que se temam impossiveis, aconselha como Christo, que assim o aconselhou aos predestinados: e quem se acutela de impossiveis, obra como Deus, que assim se acutelou da torre. Nem o receio é descredito do amor, nem a cautela é descredito do poder. O receio não é descredito do amor, pois assim receia Christo, que ama tanto: a cautela não é descredito do poder, pois assim se acutela Deus, que pôde tudo.

VI.

Tembo satisfeito aos perigos impossiveis: respondo agora aos remedios perigosos. Para o primeiro ponderei o evangelho; para o segundo contarei parte da vida de S. Roque.

Depois de S. Roque haver peregrinado por Italia, recolheu-se outra vez a França, e entrando em Montpellier patria sua, como entre França e Italia havia naquello tempo guerras, prenderam-no

por espia. Por espia a S. Roque? Não saltará neste caso quem chame á patria de S. Roque desgraçada, ou, quando menos, desagradecida. Mas eu chamo-lhe ditosa e bemaventurada. Bem-venturada a terra onde os que padecem, e os que fazem padecer, todos são zelosos! S. Roque zeloso, porque o zelo da patria o trouxe a ella; os francezes tambem zelosos, porque o zelo da patria os fez maltractar a S. Roque. Terem todos o mesmo entendimento, não é obrigação; mas terem todos o mesmo zelo, ainda que em pareceres encontrados, é grande ventura. Presumo, certo da virtude de S. Roque, que só por conhecer o bom zelo de seus naturaes, levaria com muito bom animo a sua des-auctoridade. Mas se S. Roque era o remedio unico da sua patria, e os francezes eram tão zelosos della, porque o perseguem, porque o accusam, porque o condemnam? Isto é zelo da patria? Sim. O zelo não tem mais obrigação, que de ser bem intencionado. Póde ser muito bom, e póde enganar-se. Os francezes cuidavam uma coisa, e era outra: cuidavam que em S. Roque lhes vinha o perigo, e em S. Roque vinha-lhes o remedio. Quantas vezes succede isto no mundo?

Andavam os apostolos na barquinha de S. Pedro luctando com as ondas: parte de terra Christo a soccorrel-os: *At illi putaverunt phantasma esse*; (Marc. VI — 49) e elles começaram a tremer, cuidando que era phantasma. Phantasma? Pois como assim? Não era Christo que os ia soccorrer? Não era Christo que os ia remediar? Não era Christo que os ia livrar do perigo? Pois como lhes pareceu que era phantasma? Porque assim como ha phantasmas que parecem remedios, assim ha remedios que parecem phantasmas. Coisa notavel, que o mesmo que lhes mettia medo como perigo, os livrou da tempestade como remedio. Visto ao longe entre as trevas parecia phantasma, mettido dentro na barca era Jesus Christo. Mas é muito de reparar o tempo e a circumstancia em que Christo effectivamente soccorreu aos apostolos. Partiu Christo de terra, e ainda que os apostolos andavam luctando com a tempestade, passou o Senhor de largo: quando elles viram que passava, cuidaram que era phantasma; tanto, que cuidaram que era phantasma, então voltou o Senhor a re-

medial-os. Pois porque os não remediou Christo, quando elles temiam, e lidavam só com a tempestade, senão depois que chegaram a temer o mesmo Christo, cuidando que era phantasma? Porque Christo sempre acode nos maiores perigos; e o maior perigo não é quando se teme o perigo, é quando se teme o remedio. Quando os apostolos temiam a tempestade, temiam o perigo; quando temeram a Christo, temeram o remedio; e como Christo costuma acudir sempre nos maiores perigos, por isso não acudiu, quando temiam o perigo, senão quando temeram o remedio. Não digo que não haja remedios perigosos; mas só mostro que alguns o podem parecer que o não sejam, como o de Christo e o de S. Roque. Quando S. Roque veio a Montpellier, prenderam-no; quando morreu, os mesmos que o prenderam o canonisaram. E é muito para notar, que o não canonisou o papa, senão o povo. Na vida não lhe bastou vir de Roma para o aceitarem; na morte não teve necessidade de Roma para o canonisarem. E sendo quasi de fé o que canonisa o povo; como ha de ser caso contra a fé o que canonisar o papa?

O remedio temido, ou chamado perigoso, são duas companhias mercantis, Oriental uma, e outra Occidental, cujas frotas poderosamente armadas tragam seguras contra Hollanda as drogas da India e do Brazil. E Portugal com as mesmas drogas tenha todos os annos os cabedaes necessarios para sustentar a guerra interior de Castella, que não póde deixar de durar alguns. Este é o remedio por todas as suas circumstancias não só approuado, mas admirado das nações mais politicas da Europa, excepta somente a portugueza, na qual a experiencia de serem mal reputados na fé alguns de seus commerciantes, não a união das pessoas, mas a mistura do dinheiro menos christão com o catholico, faz suspeito todo o mesmo remedio, e por isso perigoso. Mas tornemos ao defensor deste perigo.

Herdou S. Roque por morte de seus paes um grande estado, e muitas riquezas, e quando os outros desejam larga vida, e muitos annos para as lograr, elle as repartiu logo aos pobres. Oh que grande politica do ceu esta! Fazer do perigo remedio, e vencer ao inimigo com suas proprias armas! As armas com que

o mundo faz maior guerra aos homens, são as riquezas. Pois que fez S. Roque ás suas? Tirou estas armas da mão ao mundo, converteu-as outra vez contra elle, e desta maneira o venceu e meteu debaixo dos pés. Tirar as armas ao inimigo e convertel-as contra elle, é fazer de um mal dois bens; um bem, porque se diminue o poder contrario; outro bem, porque se acrescenta o poder proprio. E de um mal fazer dois bens é mal? Não é melhor que essas riquezas sirvam a S. Roque contra o mundo, que servirem ao mundo contra S. Roque? Ao menos assim o intendeu el-rei David, um varão tão santo, tão amigo de Deus, feito em fim pelos moldes de seu coração.

Quando Joab tomou a cidade de Rabba, achou-se alli entre os despojos um idolo famoso chamado Melchom, cujo oiro tomou el-rei David, e mandou que lhe fundissem delle, e lhe lavrassem uma coroa. Pois pergunto; um rei tão rico e tão poderoso como David, não tinha outro oiro de que mandar lavrar a sua coroa, senão o oiro de Melchom? Sim tinha muito. Pois que pensamento teve em querer que do oiro do idolo se lhe fizesse a coroa? Um rei tão catholico, como David, ha de fazer a coroa da sua cabeça do oiro dos idolos? Sim. Antes por isso mesmo; porque não pôde haver mais gloriosa industria em um rei, que saber passar á sua coroa o mesmo oiro que enriquece os idolos. Este oiro está servindo á infidelidade: pois quero eu que sirva á minha coroa, diz el-rei David. Qual é melhor, que o oiro sirva a David contra o idolo, ou que sirva ao idolo contra David? Se este oiro posto da parte da infidelidade está conquistando os réinos de David, e propagando nelles a heresia; porque não passará David este oiro á sua coroa, para ajudar a restaurar seus reinos, e dilatar a verdadeira fé? Servir á fé com as armas da infidelidade, oh que politica tão christã! Alcançar a fé as victorias, e pagar a infidelidade os soldos, oh que christandade tão politica!

Não houve no mundo dinheiro mais sacrilego, que aquelles trinta dinheiros, por que Judas vendeu a Christo. E que se fez deste dinheiro? Duas coisas notaveis. A primeira foi, que daquelle dinheiro se comprou um campo para sepultura de peregrinos: *In sepulturam peregrinorum*: (Matth. XXVII — 7) assim o diz o

evangelista, e assim o tinha Deus mandado pelo propheta: Houve no mundo maior impiedade, que vender a Christo? Nem a pôde haver. Ha no mundo maior piedade, que sepultar peregrinos? Não a ha maior. Pois eis-aqui o que faz Deus quando obra maravilhas; que o dinheiro que foi instrumento da maior impiedade, passe a servir as obras da maior piedade. Serviu este dinheiro sacrilegamente á venda de Christo? Pois sirva piedosamente á sepultura dos peregrinos. Esta foi a primeira coisa que se fez dos trinta dinheiros. A segunda foi, que mandou Christo a el-rei D. Affonso Henriques, que destes trinta dinheiros, e mais das suas cinco chagas se formassem as armas de Portugal: *Ecce pretio quo ego genus humanum emi, et ex pretio quo à judæis emptus sum, insigne tuum compones*: Comporeis o escudo das vossas armas, do preço com que eu comprei o genero humano, que são as minhas cinco chagas; e do preço com que os judeus me compraram a mim, que são os trinta dinheiros de Judas. Ha coisa mais sacrilega, que os trinta dinheiros de Judas? Ha coisa mais sagrada, que as cinco chagas de Christo? E comtudo manda Deus ao primeiro rei portuguez, que componha as armas de Portugal das chagas de Christo, e mais do dinheiro de Judas: para que intendamos, que o dinheiro de Judas christãmente applicado, nem descompõe as chagas de Christo, nem descompõe as armas de Portugal. Antes compostas juntamente de um e outro preço podem tremular victoriosas nossas bandeiras na conquista e restauração da fé, como sempre fizeram em ambos os mundos. E se Deus compoz assim as armas de Portugal, se Deus não achou inconveniente nesta união; que muito é que o imaginasse assim um homem? Ora perdoae-lhe quando menos, que tem bom fiador o pensamento.

Mais. Estava São Roque doente ao pé de uma arvore, e diz a historia, que vinha alli um cão piedoso, o qual lhe trazia todos os dias um pão da meza de seu senhor, com que o sustentava. Lembra-me que aos que carecem da verdadeira fé, chama Christo Senhor nosso, cães: *Non est bonum sumere panem filiorum, et mittere canibus*. (Marc. VII—27) E com o mesmo nome de cães affronta justamente a nossa terra os convencidos do mesmo crime

da infidelidade, não pelo nascimento da nação, nem pelo exercício do commercio, em que não ha culpa. Isto posto, pois, e levando o cão na bocca o pão de que se sustentava S. Roque, pergunto: E é mau tirar o pão da bocca do cão, para sustentar o santo? Ora eu não reparo em S. Roque comer o pão da bocca do cão, que pareceria asqueroso; mas reparo em que o cão lh'o levasse. Se o cão tirava o pão da meza a seu senhor, sabia elle a quem o levava; e se o senhor sabia que o levava a S. Roque, porque lh'o não leva elle, ou manda ao menos por um criado? Ha de dar o pão o homem, e ha de levar o pão o cão? Sim. Porque aquelles a quem sustenta a providencia divina, quer Deus que o sirvam os homens, e quer que o sirvam os cães. A quem Deus sustenta com sua mão, quer que o sirvam todas suas creaturas; que o sirvam os racionais, e que o sirvam os animaes.

Estava Elias em um deserto, quando foi a perseguição de Jozabel, e veio um anjo que lhe deu pão, com que se sustentou quarenta dias. Estava outra vez Elias em outro deserto, quando foi a fome do tempo de Achaz, e vinha todos os dias um corvo, que lhe trazia tambem de comer. Pois, valha-me vossa providencia, Senhor: que mudança é esta? Já se acabaram as jerarchias do ceu? Já se variou o ministério dos anjos? Pois se uma vez sustentaes a Elias com anjos, porque outra vez sustentaes a Elias com corvos? Porque Deus quando sustenta os seus mimosos, quer que os sirvam todas suas creaturas. Sirvam uma vez a Elias os anjos, sirvam outra vez a Elias os corvos. Sustentar Deus a Elias por meio dos corvos, nem era contra a providencia de Deus, nem contra a santidade de Elias. Tão Deus era Deus quando sustentava a Elias por ministerio de corvos, como quando o sustentava por ministerio de anjos: e tão santo era Elias quando recebia o pão das mãos dos anjos, como quando tomava o pão das unhas dos corvos.

E a razão disto qual é? A razão é, porque a bondade das obras está nos fins, não está nos instrumentos. As obras de Deus todas são boas; os instrumentos de que se serve, podem ser bons e maus.

A Job chama-lhe Deus na escriptura, servo seu: *Numquid con-*

siderasti servum meum Job? (Job I — 8) E a Nabuchodonosor chama-lhe Deus também seu servo: *Nabuchodonosor, quia servivit mihi*. Todo o mundo sabe quão diferentes eram os procedimentos destes dois homens. Job muito santo, muito justo, muito piedoso; Nabuchodonosor muito mau, muito cruel, muito idôlatra. Pois se isto é assim, como se chama servo de Deus Nabuchodonosor? Que se chame servo de Deus Job, está muito bem, era santo: mas que se chame servo de Deus Nabucho, que era tão mau homem? Também. Porque entre os servos de Deus ha esta differença: uns são servos de Deus, porque servem a Deus; outros são servos de Deus, porque Deus se serve delles. Os que são servos de Deus, porque servem a Deus, necessariamente hão de ser bons: os que são servos de Deus, porque Deus se serve delles, bem podem ser maus. Eis-aqui a differença com que Job e Nabuchodonosor, sendo tão dessimilhanes na vida, ambos eram servos de Deus nas obras. Job, como santo, era servo de Deus, porque servia a Deus; Nabuchodonosor, como mau, era servo de Deus, porque Deus se servia delle. Bons e maus, todos podem servir a Deus. Os bons sirvam a Deus; os maus sirva-se Deus delles. Assim aconteceu a S. Roque no pão com que se sustentava. Servia-o o homem, em que havia piedade, e servia-o o cão, que era incapaz de virtude. Um servia por discurso, outro servia por instincto: mas ambos serviam.

VII.

Muito tinha que dizer ainda nesta materia, mas porque ella se estampa tantos annos depois de se haver prégado, em que se pôde confirmar com os mesmos effeitos, baste por prova ser o arbitrio ou remedio que no principio se duvidava como perigoso, disposto e ordenado, e por ventura inspirado pela providencia divina. É consequência evidente. Porque não se executando todo este remedio, senão só ametade; nem se formando a companhia Oriental (de que depois houve tantos arrependimentos), senão a Occidental unicamente, foram sufficientes os soccorros que as suas frotas trouxeram ao reino, não só para sustentar a guerra inte-

rior, sempre com maior poder, e maiores augmentos; mas para restaurar ametade do mesmo Brazil. Com guerra de vinte e quatro annos estava occupada e perdida, e já estampada nos mappas com nome de nova Hollanda esta ametade do que possuimos na America: e que bastou para recuperar tanta terra, tantos mares e portos, tão invencivelmente fortificados, como suppunha não só a experiencia commum, mas a resistencia de tantos e tão grandes generaes, não se atrevendo a aceitar uma tal empresa? Aqui se viu o milagre da providencia. Appareceu a frota mercantil do Brazil defronte do Recife, a que por sua fortaleza poderamos justamente chamar a rochella da America, e á ostentação somente do numero de seus vasos, sem morte de um homem, se renderam dezeseite fortes reaes, guarnecidos de sobeja infantaria, abastecidos de munições de boeca para dois annos, e de guerra para muitos, e em espaço de tres dias se recuperou o que se não podia caminhar pacificamente em muitos mezes, e se tinha ganhado a palmos em vinte e quatro annos. Ao principio não creu tal milagre o mundo; mas estes foram os fins maravilhosos daquella unica companhia mercantil, que havendo mais de quarenta annos que cessou a causa por que foi instituida, é tão util, importante e necessaria, que ainda se conserva, e conservará por muitos. Assim se desfizeram os escrupalos em applausos, as duvidas em demonstrações, os impossiveis em milagres, e o imaginado perigo em acções de graças a Deus, dadas na côrte, em todo o reino, e repetidas todos os annos naquellas conquistas, triumphando os altissimos conselhos da providencia, sabedoria e omnipotencia, não só dos vãos temores, interesses e pretextos, mas do mesmo bom, verdadeiro e fiel zelo humano, para ultima exaltação e gloria da bondade divina.

SERMÃO

DA

PRIMEIRA DOMINGA

DA QUARESMA.

Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me. Matth. IV — 9.

I.

Oh que temeroso dia ! Oh que venturoso dia ! Estamos no dia das tentações do demonio, e no dia das victorias de Christo. Dia, em que o demonio se atreve a tentar em campo aberto ao mesmo Filho de Deus : *Si Filius Dei es* : (Matt. IV — 6) Se até o mesmo Deus é tentado ; que homem haverá que não tema ser vencido ? Dia, em que Christo com tres palavras venceu e derribou tres vezes ao demonio, oh que venturoso dia ! A um inimigo tres vezes vencido quem não terá esperanças de o vencer ? Tres foram as tentações, com que o demonio hoje accommetteu a Christo : na primeira offereceu : na segunda aconselhou : na terceira pediu. Na primeira offereceu : *Die ut lapides isti panes fiant* : (Ibid. — 3) que fizesse das pedras pão ; na segunda aconselhou :

Mitte te deorsum : (Ibid. — 6) que se deitasse daquella torre abaixo : na terceira pediu : *Si cadens adoraveris me* : (Ibid. — 9) que caído o adorasse. Vêde que offertas, vêde que conselhos, vêde que petições ! Offerece pedras, aconselha precipícios, pede caídas. E com isto ser assim, estas são as offertas que nós aceitamos, estes os conselhos que seguimos, estas as petições que concedemos. De todas estas tentações do demonio, escolhi só uma para tractar ; porque para vencer e convencer tres tentações, é pouco tempo uma hora. E quantas vezes para ser vencido dellas basta um instante ! A que escolhi das tres, não foi a primeira, nem a segunda, senão a terceira e ultima ; porque ella é a maior, porque ella é a mais universal, ella é a mais poderosa, e ella é a mais propria desta terra em que estamos. Não debalde a reservou o demonio para o ultimo encontro, como a lança de que mais se fiava ; mas hoje lh'a havemos de quebrar nos olhos. De maneira, christãos, que temos hoje a maior tentação : queira Deus que tenhamos tambem a maior victoria. Bem sabeis que victorias, e contra tentações, só as dá a graça divina ; peça-mol-a ao Espirito Santo por intercessão da Senhora ; e peço-vos que a peçaes com grande affecto, por que nos há de ser hoje mais necessaria que nunca. *Ave Maria.*

Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.

II.

Que offereça o demonio mundos, e que peça adorações ! Oh quanto temos que temer : oh quanto temos que imitar nas tentações do demonio ! Ter que temer, e muito que temer, nas tentações do demonio, coisa é mui achada e mui sabida : mas ter nas tentações do demonio que imitar ? Sim ; porque somos taes os homens por uma parte, e é tal a força da verdade por outra, que as mesmas tentações do demonio, que nos servem de ruina, nos podem servir de exemplo. Estae comigo.

Toma o demonio pela mão a Christo, leva-o a um monte mais alto que essas nuvens, mostra-lhe d'alli os reinos, as cidades, as

córtes de todo o mundo, e suas grandezas, e diz-lhe desta maneira: *Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me*: Tudo isto te darei, se dobrando o joelho me adorares. Ha tal proposta? Vem cá, demonio, sabes o que dizes, ou o que fazes? É possível que promette o demonio um mundo por uma só adoração? É possível que offerece o demonio um mundo por um só peccado? É possível que não lhe parece muito ao demonio dar um mundo só por uma alma? Não; porque a conhece, e só quem conhece as coisas, as sabe avaliar. Nós os homens, como nos governamos pelos sentidos corporaes, e a nossa alma é espiritual, não a conhecemos; e como não a conhecemos, não a estimamos, e por isso a damos tão barata. Porém o demonio, como é espirito, e a nossa alma também espirito, conhece muito bem o que ella é; e como a conhece, estima-a, e estima-a tanto, que do primeiro lanço offerece por uma alma o mundo todo; porque val mais uma alma, que todo o mundo. Vêde se as tentações do demonio que nos servem de ruina, nos podem servir de exemplo. Aprendamos se quer do demonio a avaliar e a estimar nossas almas. Fique-nos, christãos, que val mais uma alma que todo o mundo. E é tão manifesta verdade esta, que até o demonio, inimigo capital das almas, a não pôde negar.

Mas já que o demonio nos dá doutrina, quero-lhe eu dar um quinau. Vem cá, demonio, outra vez. Tu sabio? Tu astuto? Tu tentador? Vae-te d'ahi, que não sabes tentar. Se tu querias que Christo se ajoelhasse diante de ti, e souberas negociar, tu o renderas. Vae-lhe offerecer a Christo mundos? Oh que ignorancia! Se quando lhe davas um mundo, lhe tiráras uma alma, logo o tinhas de joelhos a teus pés. Assim aconteceu. Quando Judas estava na cea, já o diabo estava em Judas; *Cùm jam diabolus misisset in cor, ut traderet eum Judas*. (Joan. XXIII — 2) Vendo Christo que o demonio lhe levava aquella alma, põe-se de joelhos aos pés de Judas, para lh'os lavar, e para o converter. Tá, Senhor meu, repara e no que fazeis: não vêdes que o demonio está assentado no coração de Judas? Não vêdes que em Judas está revestido o demonio, e vós mesmo o dissestes: *Unus ex vobis diabolus est*: (Ibid. VI — 71) Pois será bem que Christo es-

teja ajoelhado aos pés do demonio? Christo ajoelhado aos pés de Judas, assombro é, pasmo é; mas Christo ajoelhado, Christo de joelhos diante do diabo? Sim. Quando lhe offerecia o mundo, não o pôde conseguir: tanto que lhe quiz levar uma alma, logó o teve a seus pés. Para que acabemos de intender os homens cegos, que val mais a alma de cada um de nós, que todo um mundo. As coisas estimam-se e avaliam-se pelo que custam. Que lhe custou a Christo uma alma, e que lhe custou o mundo? O mundo custou-lhe uma palavra: *Ipse dixit, et facta sunt*: (Psalm. CXLVIII — 5) uma alma custou-lhe a vida, e o sangue todo. Pois se o mundo custa uma só palavra de Deus, e a alma custa todo o sangue de Deus; julgae se val mais uma alma, que todo o mundo. Assim o julga Christo, e assim o não pôde deixar de confessar o mesmo demonio. E só nós somos tão baixos estimadores de nossas almas, que lh'as vendemos pelo preço que vós sabeis.

Espantamo-nos que Judas vendesse a seu Mestre e a sua alma por trinta dinheiros; e quantos ha, que andam rogando com ella ao demonio por menos de quinze! Os irmãos de José eram onse, e venderam-no por vinte dinheiros; saiu-lhe por menos de dois dinheiros a cada um. Oh se considerarmos bem os nadaes, por que vendemos a nossa alma! Todas as vezes que um homem offende a Deus mortalmente, vende a sua alma: *Venumdatus est, ut faceret malum*, diz a escriptura fallando de Achab. (3 Reg. XXI — 25) Eu, christãos, não quero agora, nem vos digo que não vendaes a vossa alma, porque sei que a haveis de vender; só vos peço que, quando a venderdes, que a vendaes a pezo. Pezae primeiro o que é uma alma, pezae primeiro o que val e o que custou; e depois eu vos dou licença que a vendaes embora. Mas em que balanças se ha de pezar uma alma? Nas balanças do juízo humano não; porque são mui falsas; *Mendaces filii hominum in stateris*. (Psalm. LXI — 10) Pois em que balanças logo? Cuidarieis que vos havia de dizer que nas balanças de S. Miguel, o anjo, onde as almas se pezam? Não quero tanto: digo que as pezeis nas balanças do mesmo demonio, e eu me dou por contente. Tomae as balanças do demonio na mão: ponde de uma parte o mundo todo, e da outra uma alma, e achareis que peza mais a

vossa alma, que todo o mundo. *Hæc omnia tibi dabo, si cadent adoraveris me*: Tudo isto te darei, se me deres a tua alma. Não lhe tirou com menos bala a Christo, que com o mundo inteiro: Mas já que vos dou licença para vender, ponhamos este contracto do demonio em pratica, e vejamos se é bom o partido.

Supponhamos, primeiramente que o demonio no seu offercimento fallava verdade, e que podia e havia de dar o mundo: supponhamos mais que Christo não fosse Deus, senão um puro homem, e tão fraco, que pudesse e houvesse de cair na tentação. Pergunto: se este homem recebesse o mundo todo, e ficasse senhor delle, e entregasse sua alma ao demonio, ficaria bom mercador? Faria bom negocio? O mesmo Christo o disse n'outra occasião: *Quid prodest homini si mundum universum lucretur: animæ verò suæ detrimentum patiatur?* (Matth. XVI — 26) Que lhe aproveita ao homem ser senhor de todo o mundo, se tem a sua alma no captivoiro do demonio? Oh que divina consideração! Alexandre Magno, e Julio Cesar foram senhores do mundo; mas as suas almas agora estão ardendo no inferno, e arderão por toda a eternidade. Quem me dera agora perguntar a Julio Cesar e a Alexandre Magno, que lhes aproveitou haverem sido senhores do mundo, e se acharam que foi bom contrato dar a alma pelo adquirir. Alexandre, Julio, foi bom serdes senhores do mundo todo, e estardes agora onde estaes? Já que elles me não podem responder, respondei-me vós. Pergunto: Tomareis agora algum de vós ser Alexandre Magno? Tomareis ser Julio Cesar? Deus nos livre. Como; se foram senhores de todo o mundo? É verdade, mas perderam as suas almas. Oh cegueira! E para Alexandre, para Julio Cesar, parece-vos mau dar a alma por todo o mundo; e para vós parece-vos bem dar a alma pelo que não é mundo, nem tem de mundo o nome? Sabeis de que nasce tudo isto? De falta de consideração; de não tomardes o pezo á vossa alma. *Quid prodest homini?* (Ibid.) Que aproveita ao homem lucrar todo o mundo e perder a sua alma? *Aut quam dabit homo commutationem pro anima sua?* (Ibid.) Oh que coisa ha no mundo, pela qual se possa uma alma trocar?

Todas as coisas deste mundo têm outra, por que se possam

trocar. O descanso pela fazenda, a fazenda pela vida, a vida pela honra, a honra pela alma; só a alma não tem por que se trocar. E sendo que não ha no mundo coisa tão grande, por que se possa trocar a alma, não ha coisa no mundo tão pequena e tão vil, por que a não troquemos, e a não dêmos. Ouvi uma verdade de Seneca, que por ser de um gentio, folgo de a repetir muitas vezes. *Nihil est homini se ipso vilius*: Não ha coisa para comnosco mais vil, que nós mesmos. Revolvei a vossa casa, buscae a coisa mais vil de toda ella, e achareis que é vossa propria alma. Provo. Se vos querem comprar a casa, o canaveal, o escravo, ou o cavallo, não lhe pondeis um preço muito levantado, e não o vendeis muito bem vendido? Pois se a vossa casa, e tudo o que nella tendes, o não quereis dar, senão pelo que val; a vossa alma, que val mais que o mundo tudo; a vossa alma, que custou tanto como o sangue de Jesus Christo, porque a haveis de vender tão vil e tão baixamente? Que vos fez; que vos desmereceu a triste alma? Não a tractareis se quer como o vosso escravo, e como o vosso cavallo? Se vos perguntam acaso, porque não vendeis a vossa fazenda por menos do que val, dizeis que a não quereis queimar. E quereis queimar a vossa alma? Ainda mal, porque a haveis de queimar, e porque ha de arder eternamente.

Ora, christãos, não seja assim: aprendamos ao menos do demonio a estimar nossa alma. Vejamos o que o demonio hoje fez por uma alma alhea, para que nós nos corramos e confundamos do pouco que fazemos pelas proprias. Vae-se o demonio ao deserto, esta-se nelle quarenta dias e quarenta noites, como se fôra um anacoreta; e em todo este tempo esteve vigiando, e espreitando occasião, e tanto que a teve, não deixou pedra por mover para a conseguir. Vendô que não lhe succedia, parte para Jerusaleem, e sendo tão inimigo de Deus, vae-se ao templo, para persuadir a Christo que se arrojasse do pinaculo; *Mitte te deorsum*: (Matth. IV. — 6) estuda livros, allega escripturas, interpreta psalmos: *Scriptum est enim, quia angelis suis mandavit de te, et in manibus tollent te, ne forte offendas ad lapidem pedem tuum.* (Ibid.) Resistido tambem aqui, e vencido segunda vez

o demonio, nem por isso desmaia : corre valles, atravessa montes, sobe ao mais alto de todos ; e só por ver se podia fazer cair a Christo, não repara em dar de uma só vez o mundo todo. E que o demonio faça tudo isto por uma alma alheia ; e que façamos nós tão pouco pela propria ! Que se ponha o demonio quarenta dias em um deserto para me tentar ; e que eu nos quarenta dias da quaresma não tome um quarto de hora de retiro para lhe saber resistir ! Que vigie o demonio e espreite todas as occasiões para me condemnar ; e que deixe eu passar tantas de minha salvação ; e occasiões que uma vez perdidas, não se podem recuperar ! Que vá o demonio ao templo de Jerusalem distante tantas legoas, para me despenhar ao peccado ; e que tendo eu a egreja á porta, não me saiba ir metter em um canto della, como o publicano, para chorar meus peccados ! Que o demonio para me persuadir estude e allegue os livros sagrados ; e que eu não abra um só espirital, para que Deus falle commigo, já que eu não sei fallar com elle ! Que o demonio vencido a primeira e segunda vez, insista, e não desmae para me render, e que se comecei acaso alguma obra boa, á primeira difficuldade desista, e não tenha constancia nem perseverança em nada ! Que o demonio para me fazer cair, desça valles, e suba montes ; e que eu não dê um passo para me levantar, tendo dado tantos para me perder ! Finalmente, que o demonio para grangear a minha alma, não repare em dar no primeiro lanço o mundo todo ; e que eu estime a minha alma tão pouco, que bastem os mais vis interesses do mundo para a entregar ao demonio ! Oh miseria ! Oh cegueira !

A que differente preço compra hoje o demonio as almas, do que offerecia por ellas antigamente ! Já nesta nossa terra vos digo eu ! Nenhuma feira tem o demonio no mundo, onde lhe saíam mais baratas : no nosso evangelho offereceu todos os reinos do mundo por uma alma : no Maranhão não é necessario ao demonio tanta bolsa para comprar todas : não é necessario offerecer mundos : não é necessario offerecer reinos : não é necessario offerecer cidades, nem villas, nem aldeas. Basta acénar o diabo com um tujupár de pindóba, e dois tapuyas ; e logo está adorado com

ambos os joelhos: *Si cadens adoraveris me*. Oh que feira tão barata! Negro por alma; e mais negra ella que elle! Esse negro terá teu escravo esses poucos dias que viver; e a tua alma será minha escrava por toda a eternidade, em quanto Deus fôr Deus. Este é o contracto que o demonio faz convosco; e não só lh'o accitaes, senão que lhe daes o vosso diaheiro em cima.

III.

Senhores meus, somos entrados á força do evangelho na mais grave, e mais util materia, que tem este estado. Materia, em que vae, ou a salvação da alma, ou o remedio da vida; vêde se é grave e se é util. É a mais grave, é a mais importante, é a mais intrincada, e sendo a mais util, é a menos gostosa. Por esta ultima razão de menos gostosa, tinha eu determinado de nunca vos fallar nella; e por isso tambem de não subir ao pulpito. Subir ao pulpito para dar desgosto, não é de meu animo, e muito menos a pessoas a quem eu desejo todos os gostos, e todos os bens. Por outra parte subir ao pulpito e não dizer a verdade, é contra o officio, contra a obrigação, e contra a consciencia; principalmente em mim, que tenho dito tantas verdades, e com tanta liberdade, e a tão grandes ouvidos. Por esta causa resolvi trocar um serviço de Deus por outro: o ir-me doutrinar os indios por essas aldeas.

Estando nesta resolução até quinta feira, houve pessoas, a que não pude perder o respeito, que me obrigaram a que quizesse pregar na cidade esta quaresma. Promettiu-o uma vez, e arrependi-me muitas; porque me tornei a ver na mesma perplexidade. É verdade que no juizo dos que tivessem juizo, sempre a minha boa intenção parece que estava segura. Pergunto-vos: Qual é melhor amigo: aquelle que vos avisa do perigo, ou aquelle que por vos não dar pena, vos deixa perecer nelle? Qual medico é mais christão: aquelle que vos avisa da morte, ou aquelle, que por vos não magoar, vos deixa morrer sem sacramentos? Todas estas razões tinha por mim, mas não acabava de me deliberar. Fui á sexta feira pela manhã dizer missa por esta tenção, para que Deus me alumiasse; e me inspirasse

o que fosse mais gloria sua; e ao lér da epistola me disse Deus, o que queria que fizesse, com as mesmas palavras della. São de Isaias no capitulo cincoenta e oito.

Clama, ne cesses: quasi tuba exalta vocem tuam, et annuntia populo meo scelera eorum. (Isai. LVIII — 1) Brada, ó pregador, e não cesses; levanta a tua voz como trombeta, desengana o meu povo, annuncia-lhe seus peccados, e dize-lhe o estado em que estão. Já o pregão do rei se lançou com tambores: agora diz Deus, que se lance o seu com trombetas: *Quasi tuba exalta vocem tuam.* Não vos assombre, senhores, o pregão, que como é pregão de Deus, eu vos prometto que seja mais brando, e mais benigno, que o do rei. E senão, vêde as palavras que se seguem: *Me etenim de die in diem quærunt, et scire vias meas volunt: quasi gens, quæ justitiam fecerit, et iudicium Dei sui non dereliquerit.* (Ibid. — 2) Esabes porque quero que desenganes este meu povo, e por que quero que lhe declareis seus peccados? Por que são uns homens, diz Deus, que me buscam todos os dias, e fazem muitas coisas em meu serviço, e sendo que teem gravissimos peccados de injustiças, vivem tão desassustados, como se estivessem em minha graça: *Quasi gens, quæ justitiam fecerit.* Pois, Senhor, que desengano é o que hei de dar a esta gente, e que é o que lhe hei de annunciar da parte de Deus?

Vêde o que dizem as palavras do mesmo texto: *Nonne hoc est magis jejunium, quod elegi? Dissolve colligationes impietatis, et dimitte eos, qui confracti sunt, liberos.* (Ibid. 6) Sabeis, christãos, sabeis nobreza e povo do Maranhão, qual é o jejum que quer Deus de vós esta quaresma? Que solteis as ataduras da injustiça, e que deixeis ir livres os que tendes captivos e opprimidos. Estes são os peccados do Maranhão: estes são os que Deus me manda que vos annuncie: *Annuntia populo meo scelera eorum,* Christãos, Deus me manda desenganar-vos, e eu vos desengano da parte de Deus. Todos estaes em peccado mortal: todos viveis e morreis em estado de condemnação, e todos vos ides direitos ao inferno. Já lá estão muitos, e vós também estareis cedo com elles, senão mudardes de vida.

Pois, valha-me Deus! Um povo inteiro em peccado? Um povo

inteiro ao inferno? Quem se admira disto, não sabe que coiza são captiveiros injustos. Desceram os filhos de Israel ao Egypto, e depois da morte de José, captivou-os el-rei Pharaó, e servia-se delles como escravos. Quiz Deus dar liberdade a este miseravel povo, mandou lá Moyses, e não lhe deu mais escolta que uma vara. Achou Deus que para pôr em liberdade captivos, bastava uma vara, ainda que fosse libental-os de um rei tão tyranno como Pharaó, e de uma gente tão barbara como a do Egypto. Não quiz Pharaó dar liberdade aos captivos; começaram a chover as pragas sobre elle. A terra se convertia em rãs: o ar se convertia em mosquitos: os rios se convertiam em sangue: as nuvens se convertiam em raios e em coriscos: todo o Egypto assombrado e perecendo! Sabeis quem traz as pragas ás terras? Captiveiros injustos. Quem trouxe ao Maranhão a praga dos hollandezes? Quem trouxe a praga das bexigas? Quem trouxe a fome e a esterilidade? Estes captiveiros. Insistiu e apertou mais Moysés, para que Pharaó largasse o povo; e que respondeu Pharaó? Disse uma coiza, e fez outra. O que disse foi: *Nescio Dominum, et Israel non dimittam*: (Exod. V — 2) Não conheço a Deus: não hei de dar liberdade aos captivos. Ora isso me parece bem; acabemos já de nos declarar. Sabeis porque não daes liberdade aos escravos mal havidos? Porque não conheceis a Deus. Falta de fé é causa de tudo. Se vós tivereis verdadeira fé, se vós creereis verdadeiramente na immortalidade da alma, se vós creereis que ha inferno para toda a eternidade; bem me rio eu que quizesseis ir lá pelo captiveiro de um tapaya. Com que confiança vos parece que disse hoje o diabo: *Si eadem adoraveris me*? Com a confiança de lhe ter offerecido o mundo. Fez o demonio este discurso: Eu a este homem offereço-lhe tudo; se elle é cubiceiro e avaro, ha de aceitar; se aceita, sem duvida me adora idolatrando; porque a cubice e avariza são a mesma idolatria. É sentença expressa de S. Paulo: *Avaritiam, que est simulacrorum servitus*. (Coloss. III — 5). Tal foi a avariza de Pharaó em querer reter, e não dar liberdade aos filhos de Israel captivos, confessando juntamente que não conhecia a Deus: *Nescio Dominum, et Israel non dimittam*. Isto é o que disse.

O que fez foi, que fugindo todos os israelitas captivos, sãe o mesmo rei Pharaó com todo o poder de seu reino para os tornar ao cativeiro: e que aconteceu? Abre-se o mar Vermelho, para que passassem os captivos a pé enxuto (que sabe Deus fazer milagres para libertar captivos). Não cuideis que mereceram isto os hebreus por suas virtudes; porque eram peiores que esses tapuyas: d'ahi a poucos dias adoraram um bezerro; e de todos, que eram seiscentos mil homens, só dois entraram na terra de promessa: mas é Deus tão favorecedor de liberdades, que o que desmereciam por maus, alcançavam por injustamente captivos. Passados á outra banda do mar Vermelho, entra Pharaó pela mesma estrada, que ainda estava aberta, e o mar de uma e outra parte como em muralhas, cáem sobre elle e sobre o seu exercite as aguas, e affogaram a todos. O em que aqui reparo, é o modo com que conta isto Moysés no seu cantico: *Operuit eos mare: submersi sunt quasi plumbum in aquis vehementibus. Extendisti manum tuam, et devoravit eos terra:* (Exod. XV — 10 e 12) que caiu sobre elles, e os affogou o mar, e os comeu e engoliu a terra. Pois se os affogou o mar, como os tragou a terra? Tudo foi: aquelles homens, como nós, tinham corpo e alma: os corpos affogou-os a agua; porque ficaram no fundo do mar: as almas tragou-as a terra; porque desceram ao profundo do inferno. Todos ao inferno, sem ficar nenhum; porque onde todos perseguem, e todos captivam, todos se condemnam. Não está bom o exemplo? Vá agora a razão.

Todo o homem que deve serviço ou liberdade alheia, e podendo-a restituir, não restitue, é certo que se condemna: todos, ou quasi todos os homens do Maranhão devem serviços e liberdades alheias, e podendo restituir, não restituem: logo, todos ou quasi todos se condemnam. Dir-me-heis que ainda que isto fosse assim, que elles não o cuidavam, nem o sabiam; e que a sua boa fé os salvaria. Nego tal; sim cuidavam, e sim sabiam, como tambem vós o cuidaes, e o sabeis; e se o não cuidavam, nem o sabiam, deveram cuidal-o e sabel-o. A uns condemna-os a certeza, a outros a duvida, a outros a ignorancia. Aos que tem certeza, condemna-os o não restituirem; aos que tem duvida, condemna-os

o não examinaem : aos que teem ignorancia, condemna-os o não saberem, quando tinham obrigação de saber. Ah se agora se abriam essas sepulturas, e apparecêra aqui algum dos que morreram neste infeliz estado, como é certo que ao fogo das suas lavaredas haviéis de ler claramente esta verdade ! Mas sabeis por que Deus não permite que vos appareça ? É pelo que Abrahão disse ao rico avaro, quando lhe pedia que mandasse Lazaro a este mundo : *Habent Moysen, et prophetas* : (Luc. XVI — 29) não é necessario que vá de cá do inferno quem lhe appareça, e lhe diga a verdade : lá tem a Moysés, e a lei : lá tem os prophetas e doutores. Meus irmãos, se ha quem duvidê disto, ahi estão as leis, ahi estão os letrados, pergunte-lh'o. Tres religiões tendes neste estado, onde ha tantos sujeitos de tantas virtudes, e tantas letras, perguntae, examinae, informaе-vos. Mas não é necessario ir ás religiões ; ide á Turquia, ide ao inferno, porque não póde haver turco tão turco na Turquia, nem demonio tão endemoninhado no inferno, que diga, que um homem livre póde ser captivo. Ha algum de vós só com o lume natural, que o negue ? Pois em que duvidaes ?

IV.

Vejo que me dizeis : Bem estava isso, se nós tiveramos outro remedio ; e com o mesmo evangelho nos queremos defender. Qual foi mais apertada tentação, a primeira, ou a terceira ? Nós intendemos que a primeira ; porque na primeira estava Christo com fome de quarenta dias, e offereceu-lhe o demonio pão ; na terceira offereceu-lhe reinos e monarchias : e um homem póde viver sem reinos, e sem imperios, mas sem pão para a bocca, não póde viver : e neste aperto vivemos nós. Este povo, esta republica, este estado, não se póde sustentar sem indios. Quem nos ha de ir buscar um pote de agua, ou um feixe de lenha ? Quem nos ha de fazer duas covas de mandioca ? Hão de ir nossas mulheres ? Hão de ir nossos filhos ? Primeiramente não são estes os apertos em que vos hei de pôr, como logo vereis ; mas quando a necessidade o a consciencia obriguem a tanto, digo que sim, e torno a dizer que sim : que vós, que vossas mulheres, que vos-

sos filhos, e que todos nós nos sustentassemos dos nossos braços; porque melhor é sustentar do suor proprio, que do sangue alheio. Ah fazendas do Maranhão, que se esses mantos e essas capas se torceram, haviam de lançar sangue! A samaritana ia com um cantaro buscar agua á fonte, e foi tão santa como sabemos. Jesabel era mulher d'el-rei Achab, rainha de Israel, e foi comida de cães, e sepultada no inferno, porque tomou a Nabot uma vinha, que não lhe chegou a tomar a liberdade. Pergunto: qual é melhor, levar o cantaro á fonte, e ir ao ceu como a samaritana; ou ser senhora, servida, e rainha, e ir ao inferno como Jesabel? Melhor era que nós Adão, e tinhe offendido a Deus com menos peccados, e devia ao trabalho de suas mãos o bocado de pão que mettia na boca. Filho de Deus era Christo, e ganhava com um instrumento mecanico, o com que sustentava a vida, que depois havia de dar por nós. Faz isto por nós o mesmo Deus; e nós desprezar-nos-hemos de fazer outro tanto por guardar a sua lei?

Direis que os vossos chamados escravos são os vossos pés e mãos; e tambem podereis dizer, que os amaes muito, porque os creastes como filhos, e porque vos criam os vossos. Assim é; mas já Christo respondeu a esta replica: *Si oculus tuus scandalizat te, erue eum: et si manus, vel pes tuus scandalizat te, amputa illum*. Não quer dizer Christo que arranquemos os olhos, nem que cortemos os pés e as mãos; mas quer dizer que se nos servir de escandalo aquillo que amarmos como os nossos olhos, e aquillo que havemos mister como os pés e as mãos, que o lancemos de nós, ainda que nos doa, como se o cortarmos. Quem ha que não ame muito o seu braço e a sua mão? Mas se nella lhe saltaram erpes, permite que lh'a cortem, por conservar a vida. O mercador, ou passageiro, que vem da India, ou do Japão, muito estima as drogas, que tanto lhe custaram lá; mas se a vida periga, vae tudo ao mar, para que ella se salve. O mesmo digo no nosso caso. Se para segurar a consciencia, e para salvar a alma, fôr necessario perder tudo, e ficar como um Job, perca-se tudo.

Mas, bom animo, senhores meus, que não é necessario chegar

a tanto, nem a muito menos. Estudei o ponto com toda a diligencia, e com todo o affecto ; e seguindo as opiniões mais largas e mais favoraveis, venho a reduzir as coisas a estado, que intendo que com muito pouca perda temporal, se podem segurar as consciencias de todos os moradores deste estado, e com muito grandes interesses se podem melhorar suas conveniencias para o futuro, Dae-me attenção.

Todos os indios deste estado, ou são os que vos servem como escravos, ou os que moram nas aldeas d'el-rei como livres, ou os que vivem no sertão em sua natural, e ainda maior liberdade : os quaes por esses rios se vão comprar ou resgatar (como dizem) dando o piedoso nome de resgate a uma venda tão forçada e violenta, que talvez se faz com a pistola nos peitos. Quanto áquelles que vos servem, todos nesta terra são herdados, havidos, e possuidos de má fé, segundo a qual não farão pouco (ainda que o farão facilmente) em vos perdoar todo o serviço passado. Contudo, se depois de lhes ser manifesta esta condição de sua liberdade, por serem creados em vossa casa, e com vossos filhos, ao menos os mais domesticos, espontanea e voluntariamente vos quizerem servir e ficar nella, ninguém, em quanto elles tiverem esta vontade, os poderá apartar de vosso serviço. E que se fará de alguns delles, que não quizerem continuar nesta sujeição ? Estes serão obrigados a ir viver nas aldeias d'el-rei, onde também vos servirão na fórma que logo veremos. Ao sertão se poderão fazer todos os annos entradas, em que verdadeiramente se resgatem os que estiverem (como se diz) em cordas, para ser comidos : e se lhes commutará esta crueldade em perpetuo captiveiro. Assim serão também captivos todos os que sem violencia forem vendidos como escravos de seus inimigos, tomados em justa guerra ; da qual serão juizes o governador de todo o estado, o ouvidor geral, o vigario do Maranhão ou Pará, e os prelados das quatro religiões, carmelitas, franciscanos, mercenarios, e da companhia de Jesus. Todos os que deste juizo saírem qualificados por verdadeiramente captivos, se repartirão aos moradores pelo mesmo preço, por que foram comprados. E os que não constar que a guerra em que foram tomados, fôra justa, que se fará delles ? Todos serão

aldeados em novas povoações, ou divididos pelas aldeas que hoje ha ; d'onde repartidos com os demais indios dellas pelos moradores, os servirão em seis mezes do anno alternadamente de dois em dois, ficando os outros seis mezes para tractarem de suas lavouras e familias. De sorte que nesta fórma todos os indios deste estado servirão aos portuguezes; ou como propria e inteiramente captivos, que são os de corda, os de guerra justa, e os que livres e voluntariamente quizerem servir, como dissemos dos primeiros; ou como meios captivos, que são todos os das antigas e novas aldeas, que pelo bem e conservação do estado me consta, que, sendo livres, se sujeitarão a nos servir e ajudar ametade do tempo de sua vida. Só resta saber qual será o preço destes que chamamos meios captivos, ou meios livres, com que se lhes pagará o trabalho do seu serviço. É materia de que se rirá qualquer outra nação do mundo; e só nesta terra se não admira. O dinheiro desta terra é panno de algodão, e o preço ordinario por que servem os indios, e servirão cada mez, são duas varas deste panno, que valem dois tostões! D'onde se segue, que por menos de sete reis de cobre servirá um indio cada dia! Coisa que é indigna de se dizer, e muito mais indigna, de que por não pagar tão leve preço, haja homens de intendimento, e de christandade, que queiram condemnar suas almas, e ir ao inferno.

V.

Póde haver coisa mais moderada? Póde-haver coisa mais posta em razão, que esta? Quem se não contentar e não satisfizer disto, uma de duas: ou não é christão, ou não tem intendimento. E se não, apertemos o ponto, e pezeros os bens e os males desta proposta.

O mal é um só, que será haverem alguns particulares de perder alguns indios, que eu vos prometto, que sejam mui poucos. Mas aos que nisto reparem pergunto; Morreram-vos já alguns indios? Fugiram-vos já alguns indios? Muitos. Pois o que faz a morte, porque o não fará a razão? O que faz o successo da fortuna, porque o não fará o escrúpulo da consciencia? Se vieram

as bexigas e vol-os levaram todos, que haviéis de fazer? Haviéis de ter paciência. Pois não é melhor perdel-os por serviço de Deus, que perdel-os por castigo de Deus? Isto não tem resposta.

Vamos aos bens, que são quatro, os mais consideraveis: O primeiro é ficardes com as consciencias seguras. Vêde que grande bem este. Tirar-se-ha este povo do estado de peccado mortal; vivereis como christãos, confessarvos-heis como christãos, morrereis como christãos, testareis de vossos bens como christãos; em fim, ireis ao ceu, não ireis ao inferno, ao menos certamente, que é triste coisa.

O segundo bem é, que tirareis de vossas casas esta maldição. Não ha maior maldição n'uma casa, nem n'uma familia, que servir-se com suor e com sangue injusto. Tudo vae para traz: nenhuma coisa se logra: tudo leva o diabo. O pão que assim se grangea, é como o que hoje offereceu o diabo a Christo; pão de pedras, que quando se não atravessa na garganta, não se pôde digerir. Vêde-o nestes que tiram muito pão do Maranhão, vêde se o digeriu algum, ou se se lhe logrou algum? Houve quem se lhe atravessou na garganta, que nem confessar-se pôde.

O terceiro bem é, que por este meio haverá muitos resgates, com que se tirarão muitos indios; que d'outra maneira não os haverá. Não dizeis vós que esse estado não se pôde sustentar sem indios? Pois se os sertões se fecharem, se os resgates se prohibirem totalmente, mortos estes poucos indios que ha, que remedio tendes? Importa logo haver resgates, e só por este meio se poderão conceder.

Quarto, e ultimo bem, que feita uma proposta nesta fórma, será digna de ir ás mãos de sua magestade, e de que sua magestade a approve e a confirme. Quem pede o illicito e o injusto, merece que lhe neguem o licito e o justo; e quem requiere com consciencia, com justiça, e com razão, merece que lh'a façam. Vós sabeis a proposta que aqui fazieis? Era uma proposta, que nem os vassallos a podiam fazer em consciencia, nem os ministros a podiam consultar em consciencia, nem o rei a podia conceder em consciencia. E ainda que por impossivel el-rei tal permitisse, ou dissimulasse, de que nos servia isso, ou que nos importava? Se

el-rei permitir que eu jure falso, deixará o juramento de ser peccado? Se el-rei permittir que eu furte, deixará o furto de ser peccado? O mesmo passa nos indios. El-rei poderá mandar que os captivos sejam livres; mas que os livres sejam captivos, não chega lá sua jurisdição. Se tal proposta fosse ao reino, as pedras da rua se haviãam de levantar contra os homens do Maranhão. Mas se a proposta for licita, se fôr justa, se fôr christã, as mesmas pedras se porão de vossa parte, e quererá Deus que não sejam necessarias pedras, nem pedreiras. Todos assignaremos, todos informaremos, todos ajudaremos, todos requereremos, todos encommendaremos a Deus, que elle é o auctor do bem, e não pôde deixar de favorecer intentos tanto de seu serviço. E tenho dito.

VI.

Ora, christãos, e senhores da minha alma, se nestas verdades e desenganos, que acabo de vos dizer; se nesta minha breve proposta consiste todo o vosso bem, e toda a vossa esperança espiritual e temporal; se só por este caminho vos podeis segurar nas consciencias; se por este caminho vos podeis salvar, e livrar vossas almas do inferno; se o que se perde, ainda temporalmente, é tão pouco, e pôde ser que não seja nada; e as conveniencias e bens que d'ahi se esperam, são tão consideraveis e tão grandes; que homem haverá tão mau christão, que homem haverá tão mal intendido, que homem haverá tão esquecido de Deus, tão cego, tão desleal, tão inimigo de si mesmo, que se não contente de uma coisa tão justa, e tão util, que a não queira, que a não approve, que a não abraçe? Por reverencia de Jesus Christo, christãos, e por aquelle amor, com que aquelle Senhor hoje permittiu ser tentado, para nos ensinar a ser venedores das tentações; que mettamos hoje o demonio debaixo do pé, e que vencamos animosamente esta cruel tentação, que a tantos nesta terra tem levado ao inferno, e nos vae levando tambem a nós. Dêmos esta victoria a Christo, dêmos esta gloria a Deus, dêmos este triumpho ao ceu, dêmos este pesar ao inferno, dêmos este remedio á terra em que vivemos, dêmos esta honra á na-

ção portugueza, dêmos este exemplo á christandade, dêmos esta fama ao mundo.

Saiba o mundo, saibam os hereges e os gentios, que não se enganou Deus, quando fez aos portuguezes conquistadores e prégadores de seu santo nome. Saiba o mundo, que ainda ha verdade, que ainda ha temor de Deus, que ainda ha alma, que ainda ha consciencia, e que não é o interesse tão absoluto, e tão universal senhor de tudo, como se cuida. Saiba o mundo que ainda ha quem por amor de Deus, e da sua salvação, mette debaixo dos pés interesses. Quanto mais, senhores, que isto não é perder interesses, é multiplicar-os, é acrescentar-os, é semeal-os, é dal-os á usura. Dizei-me, christãos, se tendes fé: os bens deste mundo, quem é que os dá; quem é que os reparte? Dizeis-me, que Deus. Pois pergunto; Qual será melhor diligencia para mover a Deus a que vos dê muitos bens, servil-o, ou offendel-o? Obedecer e guardar a sua lei, ou quebrar todas as leis? Ora tenhamos fé, e tenhamos uso de razão.

Deus para vos sustentar e para vos fazer ricos, não depende de que tenhaes um tapuya mais, ou menos. Não vós pôde Deus dar maior novidade com dez enxadas, que todas as vossas diligencias com trinta? Não é melhor ter dois escravos, que vos vivam vinte annos, que ter quatro, que vos morram ao segundo? Não rendem mais dez caixas de assucar que cheguem a salvamento a Lisboa, que quarenta levadas a Argel, ou Zelandia? Pois se Deus é o Senhor das novidades da terra; se Deus é o Senhor dos folegos dos escravos, se Deus é o Senhor dos ventos, dos mares, dos corsarios, e das navegações; se todo o bem ou mal está fechado na mão de Deus; se Deus tem tantos modos, e tão facéis de vos enriquecer, ou de vos destruir: que loucura, e que cegueira é cuidar que podeis ter bem algum, nem vós, nem vossos filhos, que seja contra o serviço de Deus? Faça-se o serviço de Deus, acuda-se á alma e á consciencia, e logo os interesses temporaes estarão seguros: *Quærite primum regnum Dei, et justitiam ejus, et hæc omnia adjiciëntur vobis.* (Matth. VI — 33) Mas quando não fôra, nem se seguraram por esta via nossos interesses, faça-se o serviço de Deus, acuda-se á consciencia, acu-

da-se á alma, e corte-se por onde se cortar, ainda que seja pelo sangue e pela vida.

Dizei-me, christãos : Se vos vireis em poder de um tyranno que vos quizesse tirar a vida pela fé de Christo ; que haviéis de fazer ? Dar a vida, e mil vidas. Pois o mesmo é dar a vida pela fé de Deus, que dar a vida pelo serviço de Deus. Não ha mais cruel tyranno, que a pobreza e a necessidade ; e padecer ás mãos deste tyranno, por não offender a Deus, tambem é ser martyr, diz S. Agostinho. Nada disto ha de ser necessario, como já vos tenho dito ; mas quem é christão verdadeiro, ha de estar com este animo, e com esta resolução.

Senhor Jesus : este é o animo, e esta a resolução, com que estão de hoje por diante estes vossos tão fieis catholicos. Ninguem ha aqui que queira outro interesse mais que servir-vos : ninguem ha que queira outra conveniencia mais que amar-vos : ninguem ha que tenha outra ambição mais, que de estar eternamente obediente, e rendido a vossos pés. A vossos pés está a fazenda, a vossos pés estão os interesses, a vossos pés estão os escravos, a vossos pés estão os filhos, á vossos pés está o sangue, a vossos pés está a vida ; para que corteis por ella e por elles, para que façaes de tudo e de todos o que fôr mais conforme á vossa santa lei. Não é assim, christãos ? Assim é, assim o digo, assim o digo e prometto a Deus em nome de todos. Victoria, pois, por parte de Christo, victoria, victoria contra a maior tentação do demonio. Morra o demonio, morram suas tentações, morra o peccado, morra o inferno, morra a ambição, morra o interesse ; e viva só o serviço de Deus, viva a fé, viva a christandade, viva a consciência, viva a alma, viva a lei de Deus, e o que ella ordenar, viva Deus, e vivamos todos : nesta vida com muita abundancia de bens, principalmente os da graça ; e na outra por toda a eternidade os da gloria : *Ad quam nos*, etc.

SERMÃO

DA

CONCEIÇÃO DA VIRGEM SENHORA NOSSA.

**Prégado pelo auctor, antes de ser sacerdote, na Bahia,
e na egreja da mesma invocação, que por estar na
praia, se julga extra-muros, no anno de 1635.**

*David autem rex genuit Salomonem ex ea,
quæ fuit Uriæ. — Matth. I.*

Começar pelos fins, e acabar pelos principios, são primores da omnipotencia de Deus, e subtilezas de sua divina sabedoria. Edificou o Creador esta grandiosa fabrica do mundo, e diz o texto sagrado, que primeiro fez o ceu, e depois a terra: *In principio creavit Deus cælum, et terram.* (Gen. I — 1) É explicação e admiração juntamente de S. João Chrysostomo, o qual diz assim: *Deus præter humanum morem, suum perficiens ædificium, prius cælum extendit, postea et terram substernit: prius culmen, et postea fundamentum. Quis tale vidit? Quis tale audivit? Quem vii nunca tal architectura? Quem vii nunca tal traça, diz Chrysos-*

tomo, que para fazer um edificio, primeiro se arme o tecto, do que se levantem as paredes ; primeiro se fechem as abobadas, do que se abram os alicerces ? Pois isto é o que obrou na creação e fabrica do mundo o supremo Architecta delle: *Creavit calum, et terram*. Primeiro fez o ceu, e depois a terra : primeiro levantou o tecto, e depois armou as paredes : primeiro correu essas abobadas, e depois fundou estes alicerces : *Sed et ipse opifici modo divina nature dignitas innascit*, conclue o santo : mas nestes avessos do fraco poder humano consiste o direito, o sublime, o maravilhoso da omnipotencia divina : em começar por onde os homens acabam ; em acabar por onde elles começam.

Toda esta traça tão milagrosa da creação do mundo, menhuma outra coisa foi, senão uma planta ou debuxo da Conceição purissima de Maria, mundo segundo, que para o segundo Adão, Christo, singular e milagrosamente foi edificado. Toda a architectura andou trocada neste soberano edificio, toda andou ás avessas. Nos outros edificios espirituaes, nas outras puras creaturas, por mais santas e santificadas que sejam, a primeira pedra é da natureza, e a segunda da graça. Primeiro se edificam pela parte da terra, e depois pela parte do ceu. Primeiro nascem tributarias ao peccado de Adão, e depois renascem justificadas pelos merecimentos de Christo. Não assim na Conceição de Maria. Começou-se este milagroso edificio pelo muito que tinha do ceu, e acabou-se pelo pouco que participava da terra. Primeiro se fecharam as abobadas do espirito, e depois se lançaram os fundamentos do corpo. Primeiro (ou quasi primeiro) a santificou a graça, e depois a produziu a natureza. Que elegante e que expressamente o disse S. João Damasceno : *Natura voluit in conceptione Virginis gratia cedere, ut Virginis conceptio gratia Dei, non viribus nature tribueretur*. A natureza, que em todas as outras concepções costuma ser a primeira, cedeu de seu direito nesta obra, e concedeu-o á graça. As prevenções da graça puzeram a primeira pedra no edificio ; e as excepções da natureza a segunda. Primeiro foi em Maria o ser santa, que o ser mulher. Começou Deus na Virgem Santissima, por onde acaba nos outros santos, e acabou por onde começa. Lá começa pela natureza, e acaba pela graça : cá come-

çou pela graça, e acabou pela natureza; manifestando as delicias de sua sabedoria nestes trocados de sua omnipotencia: *Ut Virginis conceptio gratia Dei, non viribus naturæ tribueretur.*

Ora em dia, e em obra em que o mesmo Deus andou ás avessas, tambem eu não quero prégar ás direitas. Havemos de começar hoje pelo fim, e acabar pelo principio. Havemos de acabar por onde os outros começam, e começar por onde acabam. Os outros sermões começam pela explicação do thema, e acabam pela prova do assumpto: este hoje ha de começar pela prova do assumpto, e acabar pela explicação do thema. Isto posto, não nos resta mais que pedir a graça á cheia de graça: *Ave Maria.*

II.

David autem rex genuit Salomonem ex ea, quæ fuit Uria.

Pois havemos de prégar hoje ás avessas; pois se ha de começar este edificio pelo ar, seja pelo ar e graça da mais formosa de todas as mulheres. O Esposo sagrado, nos Cantares, fallando da formosura de sua Mãe e Esposa, a Virgem purissima, diz assim no cap. 6.º: *Pulchra es amica mea, suavis, et decora sicut Hierusalem*: (Cant. VI — 3) Sois formosa e suave amiga minha, tão formosa como a cidade de Jerusalem. Galante comparação por certo! Já que o Esposo se não fizesse astrologo, como se fazem commumente todos os amantes; já que não comparasse a formosura que adorava, ao sol, á lua, ás estrellas, por que a não compara, como pastor, ás flores do campo, ás rosas, aos cravos, aos jasmims, ás açucenas? Comparar a formosura de um rosto a uma cidade: *Decora sicut Hierusalem*? Quem viu nunca tal comparação? Seguem varios pensamentos os expositores: melhor que todos o Legionense: *Ea erat sponsæ pulchritudinis magnitudo, ea oris et corporis totius majestas, ut non posse declarari putaret, nisi similitudine earum rerum, quæ non solum pulchræ, sed amplæ etiam, et multa rerum varietate præditæ sunt, quales sunt urbes regiæ.* Era tão grande a formosura

daquelle rosto ; era tão grande a magestade daquella formosura ; havia tanto que ver naquelle pequeno espaço ; havia tanto que admirar naquella breve esphera, que não achou o Esposo coisa alguma tão formosa e grande a que a comparar senão ao emporio de muitas grandezas, quaes são as cidades reaes e metropoles do mundo.

Entra um perigrino em uma cidade metropole, qual naquelle tempo era Jerusalem, e hoje é Roma ; vê torres, vê templos, vê palacios, vê jardins artificiosos, em que vence a arte a natureza, e por mais que veja, sempre lhe fica mais que ver ; por mais que admire, sempre lhe fica mais que admirar ; não lhe basta um dia, nem muitos dias : quando cuida que acabou de notar tudo, ainda lhe fica muito que observar de novo. Tal diz o Verbo encarnado é a formosura da sua Esposa : *Decora sicut Hierusalem*. Depois de visto uma vez, e outra vez, sempre ha que ver nesse rosto : depois de admirada um dia, e outro dia, sempre ha que admirar nessa formosura. Chamou Santo Agostinho á formosura de Deus : *Pulchritudo nova, et antiqua*, formosura antiga, mas sempre nova. As formosuras mortaes, no primeiro dia agradam, no segundo enfastiam ; são livros, que uma vez lidos, não teem mais que ler : não assim a formosura divina. Mil e seiscentos annos ha, que o Baptista está vendo o rosto de Deus : mil e seiscentos annos ha, que está lendo por aquelle livro eterno, e sempre acha de novo que ver, sempre acha de novo que contemplar naquelle mar de formosura, naquelle abysmo de perfeições. Taes attributos reconhecia o Esposo na formosura infinita de Maria ; por isso a compara a uma cidade real, em que sempre ha que ver de novo : *Decora sicut Hierusalem*.

Com algum escrupulo levantei a comparação de Jerusalem, e a da formosura da Virgem Maria á do rosto de Deus na Jerusalem do ceu ; mas deste escrupulo me livrou S. Gregorio Nazianzeno (por antonomasia, entre todos os doutores da egreja, o theologo) o qual commentando as mesmas palavras do Esposo : *Decora sicut Hierusalem*, as não intende da Jerusalem da terra, senão da do ceu : *Decora sicut cælestis Hierusalem*.

Ao mesmo Nazianzeno seguem, e o mesmo sentido approvam Theodoro, Ruperto, Psele, Beda, Apponio, e é o commum dos doutores. Quer pois dizer esta notavel elogio da Esposa, segundo o juizo de tão grandes intendimentos, que ha tanto que ver na formosura da Virgem, quanto ha que ver na formosura da gloria. Se na gloria não houvera formosura mais que a dos espiritos angelicos, nenhuma difficuldade tinha a exposiçõ, porque o mais gentil-homem serafim do ceu se prêza muito de servir de chapins a esta soberana Rainha. O ponto da difficuldade está em que na Jerusalem celestial mostra-se o rosto de Deus aos bemaventurados de cara a cara ; e sendo isto de fé, *Tunc autem facie ad faciem*, (1 Cor. XIII — 12) como é possível que haja tanta formosura na Virgem, como na Jerusalem do ceu: *Decora sicut celestis Hierusalem?* Para a soluçõ não temos menos que o testemunho de vista do insigne Dionysio Areopagita, chamado, como o Platão da egreja, o divino. Foi este santo tão venturoso, que mereceu ver com seus olhos a Virgem sacratissima, quando ainda vivia em carne mortal: e o que lhe succedeu nesta vista, escreven o mesmo santo, fallando com Deus, por estas admiraveis palavras: *Nisi tua divina doctrina me docuisset, ó Deus, hanc verum Deum credidissem, quoniam nulla videri posset maior gloria beatorum, quam felicitas illa, quam ego tunc felicissimus degustavi*: Quando cheguei a ver o rosto de vossa Mãe Santissima, ó Deus eterno, se a doutrina de vossa fé me não tivera de sua mão, sem duvida me prostrára de joelhos, e a adorára por Deus. Representava tão grande magestade aquelle rosto imperial: saíam raios tão divinos daquella soberana presença, que me pareceu que já gosava o estado felicissimo da bemaventurança, e que não tinha mais quilates de gloria aquella sobrenatural visã, que faz aos anjos bemaventurados: *Quoniam nulla videri posset maior gloria beatorum, quam felicitas illa, quam ego tunc felicissimus degustavi*. Os bemaventurados, quando entram a ver a Deus, perdem a fé; porque ver e crer não se compadecem. Se entrára S. Dionysio sem fé a ver Maria, parece a adorara com adoração de latria; por Deus verdadeiro, ficando idolatra daquella imaginada divina

dade: *Nisi tua divina doctrina me docuisset, ó Deus, hanc verum Deum credidissem.* Tanta razão como esta teve o Esposo de comparar a formosura da sua Esposa á formosura da Jerusaleem do ceu: *Decora sicut cælestis Hierusalem.*

III.

Assás ponderada ficava a formosura de Maria, se parára aqui o divino Esposo: mas não parou aqui: *Averte oculos tuos à me, quia ipsi me avolare fecerunt.* (Cant. VI — 4) Teem tanta reputação commigo estas palavras, que ainda que descesse um serafim do ceu a ponderal-as, não lhes ha de dar o pezo que ellas merecem. Apartae de mim vossos olhos, Senhora, diz Christo a sua Mãe: *quia ipsi me avolare fecerunt*; porque fico arrebatado quando os vejo, fico em extasi. *Vult avertere illam oculos,* diz S. Ambrosio, *ne eam considerans elevetur, et cæteras animas derelinquat.* Pede Christo a sua Santissima-Mãe, que ponha tre-goas á vista, que aparte delle seus formosos olhos; porque se o não fizer assim, ficará tão absorto, tão enlevado na consideração de sua formosura, que não poderá tractar da salvação das outras almas; e ficará totalmente suspenso o mysterio a que veio, da redempção. Espantoso dizer! Queira Deus que acerte a o ponderar.

E bem, Christo Redemptor nosso não gosa a visão clara de Deus, com o mais perfeito lume de gloria, que de lei ordinaria é possível? Pois se a vista perfeitissima daquelle abysmo de formosura não embargava as atenções a Christo, e se occupava com tanto cuidado na salvação do mundo; como diz o mesmo Senhor á Virgem, que eclipse um pouco o resplendor de seus olhos, para que não fique suspensa a salvação das almas: *Ne eam considerans elevetur, et cæteras animas derelinquat?* Mais ainda, Christo em quanto Deus não se comprehende a si mesmo? Não abraça dentro da infinidade da sua vista aquelle mar immenso da divindade? Pois se a visão comprehensiva de Deus lhe não suspende o attributo da providencia: se comprehendendo-se a si, lhe ficam bastantes advertencias para governar o

mundo ; como agora o mesmo Deus pedindo a Maria que aparte delle os olhos, dá por razão, que se cuidar em suas graças e perfeições, não lhe ficarão cuidados para tractar de outras almas : *Ne eam considerans, cæteras animas derelinquat?* Aqui não ha senão ou dizer uma heresia, ou não responder nada. Mas este mesmo não saber responder, este mesmo encolher os hombros, este mesmo pasmarmos, é o maior encarecimento que se pôde dizer nesta materia. Que veja Christo, em quanto homem, a formosura de Deus, e nem por isso perca a attenção de outros cuidados ! Que comprehenda Christo em quanto Deus toda a essencia divina, e nem por isso perca o uso de sua providencia ; e que chegando a contemplar a formosura daquelle virgem purissima, fique tão arrebatado, fique tão suspenso, em tal calma de sentidos, em tal extasi de potencias, que para poder advertir a outra coisa, seja necessario divertir-se daquelles olhos : *Averte oculos tuos à me, ipsi me avolare fecerunt!*

Já agora me não espanto de uma coisa que estranhei sempre muito na cortezia de S. Martha. Estava a Magdalena aos pés de Christo seu divino Mestre ; e Martha, que andava mui sollicita no adereço da meza, chega, e diz : *Domine, non est tibi curæ, quod soror mea reliquit me solam ministrare?* (Luc. X — 40) E bem, Senhor, não tendes cuidado ? Paræ ahi, divertida Martha : vós sabeis com quem fallaes ? Esse a quem chamaes Senhor, não é aquelle cuja providencia cuidadosa alcança até ás avesinhas do ar, e aos bichinhos da terra ? Pois como vos atreveis a pôr descuido no mesmo Deus : *Domine, non est tibi curæ?* Andou muito delgado neste logar um doutor grave da nossa companhia : *Umbra erat Mariæ Deiparæ, cujus gratia præ omnibus aliis creaturis sic Deum capiebant, ut posset fieri quod habens Deus secum Mariam, non multum curaret cæteras creaturas.* Quando Martha fez aquella queixa a Christo, estava o Senhor fallando com Maria Magdalena, figura de Maria Mãe de Deus ; e como tinha diante dos olhos este formoso retrato, não é muito que Martha chamasse a Christo descuidado : *Domine, non est tibi curæ* ; porque quando se põe este Senhor a contemplar as perfeições e graças de Maria, tanto o captivam,

tanto o enlevam, tanto lhe roubam os pensamentos, e embargam os cuidados, que parece lhe não deixam attenção para cuidar de outra coisa : *Domine, non est tibi curæ*. E como o Verbo encarnado viera ao mundo com um cuidado de tanta importancia como a redempção e remedio delle, por isso pede á Senhora, que ponha tregoa á vista, que aparte um pouco os olhos, que lhe descaptive os pensamentos, que lhe liberte os sentidos, e lhe desembargue os cuidados : *Averte oculos tuos à me, quia ipsi me avolare fecerunt*.

Estas ultimas palavras, *Ipsi me avolare fecerunt*, conforme a versão hebraica ainda teem mais alma. Diz o texto hebreu : *Averte oculos tuos à me, quia ipse me superbire fecerunt*. Tirae de mim vossos olhos, Virgem Mãe minha, diz Deus ; porque sua formosura me faz ensoberbecer. Ensoberbecer ? Que quer dizer isto ? Na fonte de toda a santidade pôde caber soberba ? Na pureza da verdade eterna pôde ter logar a vaidade ? Claro está que nem vaidade, nem soberba pôde caber em Deus ; mas foi o mais enca-recido hyperbole, com que se podia subir de ponto a formosura da Virgem Maria. Como se dissera Deus : A gloria que recebo da vista de vossos olhos é tanta, que se em mim coubera vangloria, sem duvida que me ensoberbecera. De Lucifer diz o propheta Ezechiel, que considerando a formosura de sua natureza, se ensoberbeceu : *Elevatum est cor tuum in decore tuo*. (Ezech. XXVIII — 17) De Adonias se diz tambem no livro dos Reis, que se ensoberbeceu, e se dá por causa sua grande formosura : *Erat autem pulcher valde*. (3 Reg. I — 6) Só de Deus não ha escriptura alguma que diga (não digo por verdade, que não pôde ser ; mas nem por figura, ou similhança), que contemplando-se a si, que contemplando aquella formosura immensa de seu ser, se ensoberbecesse. Pois, Senhor e Deus meu, se essa formosura eterna, immensa, infinita, incomprehensivel : se essa formosura, de que são umas participações mui escaças tudo o que é formosura no ceu e na terra, tudo o que é formosura nos homens e nos anjos : se não chega essa formosura a vos ensoberbecer por metáforas : se não chegaes a dizer della que vos ensoberbeceu contemplando-a ; como dizeis por vossa boca, que a formosura dos olhos de

Maria foi poderosa a vós ensoberbecer. *Ipsi me superbire fecerunt?*

Tudo são exaggerações, tudo são hyperboles, tudo são encarecimentos da formosura daquella soberana Virgem; mas exaggerações as mais levantadas, hyperboles os mais subidos, encarecimentos os mais sobrelevados. A formosura de Eva chegaria a ensoberbecer a Adão; a formosura de Rachel chegaria a ensoberbecer a Jacob; a formosura de Esther chegaria a ensoberbecer a Assuero; mas a formosura de Maria chegou a ensoberbecer, do modo que se pôde dizer, ao mesmo Deus. Chegou a confessar o mesmo Deus, que a formosura de seus olhos o ensoberbecia: *Ipsi me superbire fecerunt.*

IV.

Ora vamos ao ponto. Vejo está dizendo o auditorio todo: Este prégador, como novo, e como moço, não sabe o que prêga: hoje é dia de Nossa Senhora da Conceição, havia-nos o prégador de provar como a Virgem purissima foi concebida sem peccado original; que quanto é retratar-nos as formosuras de Nossa Senhora, a que proposito? O proposito eu o direi agora. Conta Plutarcho, que em Athenas impondo-se um grave crime a uma donzella formosissima chamada Frenes, para se sentenciar a sua causa appareceu em juizo com o rosto còberto, como era costume apparecerem as accusadas. Começou logo a allegar por sua parte um orador com grande copia de palavras, com grande numero de textos, com grande força de razões. Mas as presumpções eram tão forçosas, e os indícios tão efficazes, que já nos rostos dos juizes se estava lendo sentença contra Frenes. Levanta-se neste passo Pericles, outro orador famosissimo, lança mão ao manto da quasi convencida donzella, e o mesmo foi apparecer a formosura de seu rosto, que trocárem-se subitamente os pareceres de todos. Acclama todo o senado: Victor, victor, pela parte de Frenes. Em tanta formosura, dizem, não pôde haver culpas: em tanta formosura não pôde haver culpas.

Eis-aqui a traça, senhores, eis-aqui o pensamento, que me levou apoz si neste sermão. A questão mais altercada, ou das mais

altercadas, que houve na igreja catholica, é esta em que estamos. Se foi ou não concebida com culpa original a Virgem purissima Mãe de Deus? Na especulação deste ponto teem suado os mais insignes theologos de toda a igreja: na confirmação desta verdade teem corrido felizmente as pennas mais engenhosas de todo o mundo. Mas ainda está a questão indecisa, ainda está a verdade em opiniões. Pois que remedio para sair com victoria? Que remedio para tapar a bocca de uma vez a todas as razões contrarias? O remedio é, Virgem purissima, já que não posso ser digno orador de vossa pureza, fazer-me Sumilher de cortina de vossa formosura. Apareça esse rosto mais formoso que a Jerusalem da terra, mais formoso que a Jerusalem do oeu: appareçam esses olhos bastantes a enlevar a Deus, bastantes a o ensoberbecer; e á vista de tanto extremo de formosura, todos acclamarão a uma voz, que sois concebida, Senhora, sem culpa original: que em tanta formosura não pôde haver culpa.

Prégando em tal dia como hoje um prégador de contraria opinião, não duvidou dizer publica e declaradamente que a Virgem Maria fôra concebida em peccado original. Estava na mesma igreja uma imagem da mesma Senhora de vulto, e vestida como então se costumava mais; e em se ouvindo no auditorio aquella proposição, que faria? (Escreve o caso Bernardino de Bustes.) Estendeu o braço direito a imagem, pegou no manto, e cobriu o rosto. Qual seria o espanto e assombro, e tambem o applauso de todos, bem se deixa ver. A mim me está lembrando neste passo, o que aconteceu a Sara com el-rei Abimelech. Partiu-se Abrahão de sua patria, e fez concerto com Sara, que d'alli por diante se chamasse irmão e irmã, e não mulher e marido; porque assim levava a vida mais segura. Chegados ao Egypto, onde Abimelech reinava, levaram logo o alvitre ao rei os ministros de seus appetites, dizendo, que era chegada á côrte uma mulher de estranha formosura. Informou-se o rei se era casada, e dizendo-se-lhe que não, mandou que lh'a levassem a palacio. Que boa occasião tinhamos aqui para uma pequena de doutrina. Era rei Abimelech, era gentio, era poderoso, e não tinha fé, nem tinha um mandamento da lei de Deus, que lhe dissesse: *Non concu-*

pisces uxorem proximi tui: (Deut. V — 21) Não desejarás a mulher de teu proximo; e comtudo foi tão comedido, que não tractou de Sara, senão depois que soube primeiro que era mulher sem marido. E andou muito acertada Sara em se desterrar para o Egypto, e não para outra de muitas terras, onde pôde ser que não achasse tanto comedimento nos homens.

Emfim, não chegou Abimelech a affrontar a Sara, porque Deus, que zelava a honra de Abrahão mais que elle mesmo, appareceu a Abimelech em sonhos, mui severo, mandando-lhe que restituísse logo a mulher a seu marido, sob pena de lhe tirar a vida a elle, e lhe abrasar o reino. Executou-o assim o rei no mesmo ponto; e mandando dar a Abrahão quatrocentos crusados, disse assim a Sara: *Ecce mille argenteos dedi fratri tuo: hoc erit tibi in velamen oculorum ad omnes, qui tecum sunt*: (Genes. XX — 26) Sara, aquelle dinheiro que mandei a vosso irmão, é para comprares um manto, ou véo, com que cobrir os olhos diante daquelles que vos conhecem. Cobrir os olhos Sara; porque razão? Não consta da escriptura, que Abimelech não tocou a Sara no fio da roupa: *Abimelech verò non tetigerat eam*? (Ibid. — 4) Não consta que o rei declarou logo o caso, como passará, aos da sua corte: *Locutus est universa verba hæc in auribus eorum*? (Ibid. — 8) Pois se Sara estava tão innocente, tão livre da culpa; porque havia de cobrir o rosto? Porque havia de tapar os olhos: *Hoc erit tibi in velamen oculorum*? Apenas ha logar na escriptura, que tenha tantas exposições dos doutores; cada um diz o que lhe parece, o mesmo hei de fazer eu.

Diz Abimelech com muita razão a Sara, que compre um manto, com que cobrir os olhos; porque para uma mulher da auctoridade de Sara, não são necessarias culpas verdadeiras, bastam culpas imaginadas, para não ter olhos, com que apparecer diante de gente. Ainda que o rei sabia a innocencia de Sara, e a publicára; como o mundo é tão mau, muitos imaginariam o que quizessem: e basta que se imagine uma culpa em uma mulher tão santa, para que não tenha rosto com que apparecer, para que tape os olhos: *In velamen oculorum*. De Sara podéra a Virgem Maria herdar este pundonor, como neta sua que era;

mas em si tinha maiores obrigações, que as herdadas. Corre o manto, tapa os olhos, quando ouve dizer de si, que foi concebida em peccado original : não porque esta culpa fosse verdadeira, não ; mas porque para a pureza da Mãe de Deus, bastam culpas imaginadas, para cobrir o rosto ; basta uma suspeita, ainda que falsa, de culpa, para não ter olhos para apparecer : *In telamen oculorum.*

Assim é, Senhora minha, assim é : mas neste mesmo manto temos o remedio. Se por que vos condemnam de culpa original, cobris o rosto, descobriu-o, e todos vos absolverão dessa culpa. A formosura desse rosto é a executoria de vossa pureza. Não sou eu o que vol-o digo, Senhora ; nos Cantares vol-o disse vosso Filho e Esposo sagrado, quando o consultastes neste caso : *Indica mihi, ubi pascas, ubi cubes in meridie.* (Cant. I — 6) Declarae-me, Esposo querido meu, diz a Senhora onde repousaes descansando ás horas do meio dia. Ide notando as propriedades do textó, que são admiraveis. O peccado de Adão, que é, ou donde nasceu o original, foi commettido ao meio dia. Assim se colhe do mesmo texto, em que Deus arguiu a Adão, e elle se escondeu logo depois do meio dia : *Et cum audissent vocem Dei deambulantis ad auram post meridiem, abscondit se.* (Genes. III — 8) E esta é a razão, por que disse Rabano, e bem, que quiz subir o Redemptor á cruz no pino do meio dia : *Hora sexta ;* para que o peccado fosse pago na mesma hora em que fôra commettido : *Crucem meridie ascendit, ut qua hora primus homo lignum prævaricationis tetigerat, secundus homo lignum redemptionis ascenderet.* Vem pois a ser a pergunta da Senhora, que lhe declare o Esposo divino onde descansava por graça no tempo em que Adão peccára, e acrescenta maravilhosamente a nosso intento : *Ne efficiar sicut adopta.* Porque em quanto vós, Senhor, não declarades isto, estarei eu com o rosto coberto, como costumam estar as accusadas da culpa : *Ne efficiar sicut adopta.*

Ouvi agora o que respondeu o Esposo, que é milagrosa prova do nosso assumpto : *Si ignoras te, ó pulcherrima inter mulieres.* (Cant. I — 7) Perguntar isso, Esposa e Mãe minha, pergun-

tar se estava eu em vós por graça no tempo em que peccou Adão, é ignorardes vós que sois a mais formosa de todas as mulheres. Argumenta o Esposo pelas mesmas consequencias em que o nosso discurso se funda. Diz que duvidar da graça original da Virgem, é ignorar que é a mais formosa de todas as mulheres; porque quem conhecer sua formosura, impossivel é que crea que foi concebida em peccado; que em tanta formosura não póde haver culpa. Divinamente o abbade Ruperto: *Ó pulcherrima mulierum! Talis, ac tanta causa tua est, ut si te ipsam non ignores, statim scias illud, quod quæris.* Dessa causa que perguntaes, ó formosissima entre todas as mulheres: dessa questão que moveis, comvosco trazeis a resposta, comvosco trazeis a solução. Vossa formosura é a prova de vossa immaculada Conceição. Só poderá duvidar della quem ignora as excellencias de vossa formosura: *Si ignoras te ó pulcherrima inter mulieres.*

V.

Entra agora o nosso thema, e, segundo o que prometti, é bom signal: acaba-se o sermão. *David autem genuit Salomonem, ex ea quæ fuit Uriæ.* David gerou a Salomão da mulher que foi de Urias. Altercam muito os doutores, por que se põe esta mulher no catalogo da geração da Senhora. E tem muito mais logar a duvida no dia de sua purissima Conceição. Se se passa em silencio Sara, Rebecca, Rachel, e outras mulheres santissimas primogenitoras da Virgem; por que se faz menção desta, que foi muito menos casta, e menos santa? E já que se houvesse de fallar nella, porque se não nomea por seu nome de Bersabé, senão por mulher que foi de Urias? Porque nomear a Urias, é trazer á memoria o aleivoso homicidio, com que lhe mandou tirar a vida David: e dizer que fôra sua mulher, é lembrar o adulterio, que com tanto escandalo do mundo commetteu. Por todas estas razões entra no evangelho de hoje Bersabé; por isso mesmo a põe Deus no catalogo da geração da Virgem. Assim como para fazer rainha a Bersabé, e para a fazer mãe de Salomão, quebrou David todas as leis divinas e humanas, matando a Urias, tirando-lhe a

mulher, sem reparar em homicídios, nem adulterios : assim Deus para fazer a Maria Rainha dos anjos, e para a fazer Mãe do verdadeiro Salomão Christo, em nenhuma lei reparou ; todas as leis quebrou, a quantas estavam sujeitos os filhos de Adão.

Por filhos de Adão, nascemos filhos da ira ; por filhos de Adão, nascemos escravos do demonio ; por filhos de Adão, nascemos desherdados da gloria ; por filhos de Adão, nascemos sujeitos aquella inclinação má, a que chamam *Fomes peccati*. Por todas estas leis cortou Deus no dia da Conceição de Maria, e a creou tão pura, tão immaculada, tão santa, quanto era bem que o fosse a que havia de ser Mãe do verdadeiro Salomão Christo : *Genuit Salomonem ex ea, quæ fuit Uriæ*. Bem está até aqui ; mas d'onde havemos de colligir esses privilegios, d'onde havemos de colligir essas leis quebradas ? Não nol-o hão de dizer doutores, senão o mesmo texto. Havemos de colligir estas leis quebradas, do mesmo fundamento, por que David as quebrou. O fundamento, por que David quebrou todas aquellas leis, não foi outro, como diz o texto, senão a formosura de Bersabé : *Vidit mulierem se lavantem, erat autem mulier pulchra valde*. (2. Reg. X — 2) Pois deste mesmo fundamento havemos de colligir também que quebrou Deus todas as leis de Adão na Conceição de Maria : *Erat enim mulier pulchra valde* ; antes, *Pulcherrima inter mulieres*. Porque é, como tão largamente temos visto, a mais formosa de todas as mulheres. Digamos logo com o Esposo : *Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te* : (Cant. IV — 7) Toda sois formosa, Senhora, e Mãe minha ; e d'ahi se collige, que não contrahistes macula de peccado original. Digamos também com os anjos : *Pulchra, ut luna, electa, ut sol* : (Ibid. — 9) Sois formosa, Senhora, como a lua ; e d'ahi se collige bem, que fostes escolhida como o sol. O sol de justiça Christo, é de fé que foi escolhido e predestinado sem peccado original : o mesmo confessa de vós, Virgem purissima, a nossa devação, e o fundamos em vossa formosura : *Pulchra, ut luna, electa, ut sol* ; que onde a formosura é total, não póde haver mancha alguma : *Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te*. Assim o cremos, assim o confessamos. Cremol-o com o coração, confessamol-o com a bocca, e o de-

fenderemos sempre com o sangue e com a vida, se for necessario.

VI.

Fixemos, bem christãos, nesta protestaço e devaço da Conceição da purissima Senhora, e estejamos muito certos, que nenhuma outra lhe agrada tanto á mesma Senhora, e que com nenhuma outra a havemos de obrigar tanto, como com esta. Duvidam os santos, porque se mostrou Christo tão liberal com o bom ladrão, que lhe promettesse tão effectivamente o reino do ceu: *Hodie mecum eris in paradiso?* (Luc. XXIII — 43) coisa que se não lê haver o Senhor feito outra vez. A razão dizem que foi a que antecedentemente propõe o texto. Quando crucificaram a Christo entre dois ladrões, o mau ladrão, como diz S. Lucas: *Blasphemabat eum*: (Ibid. — 39) blasphemava ao Senhor, dizendo que não era Filho de Deus, nem Messias, pois se não salvava a si, nem a elles, como tambem o diziam os outros ouvintes: *Prætereuntes blasphemabant*. (Matth. XXVII — 39) Acudia o bom ladrão reprehendendo-o, dizendo: *Nos quidem justè, nam digna factis recipimus, hic verò nihil mali gessit*. (Luc. XXIII — 41). Os maus e os culpados somos nós, e assim justamente estamos aqui crucificados; que quanto é este Senhor, *Nihil mali gessit*, nenhum mal fez; é justo, é santo, é innocente. E dizendo isto, vira-se para Christo: *Domine, memento mei; cum veneris in regnum tuum*. (Ibid. — 42) Pois homem que quando me estão blasphemando, impugna aos que me blasphemam: homem, que quando todos me teem por malfeytor, elle me confessa por innocente: homem, que quando a minha honra está em opiniões, com tão ruim opinião, acode por mim, e diz que não tenho culpa: este homem, ainda que seja um ladrão, ha de entrar commigo hoje no paraizo: *Hodie mecum eris in paradiso*. O mesmo digo eu da Virgem purissima. Todas as outras devaçoens que fazemos; todos os outros titulos que damos a esta Senhora, lhe agradam muito: mas nenhum a obriga e rende tanto, como este de sua purissima Conceição. Dizer da Senhora, que é Mãe de Deus; dizer que foi Virgem antes do parto; no parto, e depois do parto; di-

zer que é Filha do Padre, Mãe do Filho, e Esposa do Espirito Santo; todos estes titulos agradam muito á Senhora; mas não a obrigam tanto, como dizer que foi concebida sem peccado original; porque aquelles titulos, ainda que grandes, todos os creem, todos os confessam, ninguem já duvida delles. Porém o titulo da Conceição immaculada, como anda em questão, como está em opiniões, como ha quem o duvida; que nos ponhamos nós da parte da Senhora, que impugnemos os que sentem o contrário, que a confessemos, apesar de todos, por concebida sem peccado original; isto obriga tanto á Senhora, que sem duvida, como Mãe de tal Filho, dirá a cada um destes seus devotos: *Mecum eris in paradiso*. Bem cahia aqui o *quam mihi, et vobis*; mas ainda digo mais uma palavrinha.

Quando os filhos de Israel iam caminhando para a terra de promissão, adoeceu de lepra Maria irmã de Moysés. Parou logo o exercito, e não deu mais passo adiante. Sara Maria outra vez, e fica purificada da lepra, e logo no mesmo ponto começou o exercito outra vez a marchar: *Et populus non est motus de loco illo, donec revocata est Maria*. (Num. XII — 15) Porque não marcha o exercito, em quanto Maria está cuberta de lepra; e tanto que sara da lepra, por que marcha logo? Origenes responde a esta duvida: Porque era figura de Maria Mãe de Deus. Onde Maria está cuberta da lepra do peccado original; onde ha uns que teem para si, que foi a Senhora concebida em peccado, intendam e cuidem os que isso imaginam, que não hão de ir por diante no caminho da terra de promissão; não hão de fazer jornada no caminho do ceu. Porém onde Maria está pura da lepra original; onde ha almas, que teem para si, confessam, e protestam, que foi a Senhora concebida em graça; assim como lá os filhos de Israel logo marcharam para a terra de promissão, assim caminharão logo felizmente pelo caminho do ceu, alcançando-lhes a mesma Senhora tantos auxilios, e impetrando-lhes tantas graças, quantas lhes segurem e façam certos os premios da gloria: *Ad quam nos, etc.*

SERMÃO

DE

SANTO ANTONIO.

Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cælis est. Matt. V.

I.

Assim como ha dias claros e escuros, assim o será o dia de hoje em comparação do passado. Hoje faz um anno (porque assim o pedia a occasião e as circumstancias da solemnidade) préguei aos portuguezes as luzes da sua nação: agora lhes descobrirei a elles, e a todos, as sombras dessas mesmas luzes, para que se veja no que disse, e no que direi, que não foi lisonja ou affectação o louvor, pois eu mesmo, e aos mesmos, não callo, nem dissimulo o que nelles se não deve louvar. Inventou a mathematica aquella famosa pyramide, a qual ferida perpendicularmente do sol, de tal maneira recolhe em si todas as luzes, que não deixa logar á som-

* Este sermão, que é a segunda parte do que se acha impresso no tomo 2.º pag. 126 da antiga edição (na nossa, vol. 2.º pag. 243). Havia-se de prégar no anno seguinte, em Roma, na egreja dos Portuguezes, e por enfermidade do auctor se não prégo.

(Nota da edição antiga).

bra. Mas, este milagre da natureza só tem semelhante no maior milagre da graça, Maria sempre immaculada, da qual com tão admiravel propriedade como verdade se diz: *Non habet umbra locum*. Nas outras coisas, porém, por mais illustres e illustradas que sejam, nenhuma luz viram jámais os olhos humanos tão pura e tão sincera, que não ande junta com sombras.

O dia mais claro e resplandecente que amanheceu ao mundo, foi o da transfiguração de Christo, porque nelle se viu o monte Tabor allumiado juntamente com dois soes, um no ceu, outro na terra: no ceu com o sol natural, que todos viam; na terra com o sol do rosto do mesmo Senhor, que só viram os que com elle subiram ao monte: *Resplenduit facies ejus sicut sol*. (Matth. XVII — 2) E neste monte tão allumiado poderia tambem haver sombras? Parece que não; porque a sombra que fizesse um sol, a desfaria o outro. Comtudo é certo que aquelles mesmos olhos, que pela parte do ceu, e pela da terra não só estavam allumiados, senão cercados de soes, no mesmo dia, e na mesma hora se viram cubertos de sombras: *Ecce nubes lucida obumbravit eos*. (Ibid. — 5) Atravessou-se de repente uma nuvem, que tomando em si a envestidura dos raios de ambos os soes, se não eclipsou de todo, assombrou uma e outra luz; porque não ha neste mundo luz sem sombra. Estas sombras, pois, que sempre seguem e acompanham a luz, serão hoje a segunda parte daquellas mesmas luzes, que, não sei se com tanto applauso, como verdade, inculquei o anno passado aos ouvidos romanos. Então ouviram o que somos; agora ouvirão o que não deverámos ser. E posto que para persuadir o bem, é necessaria maior eloquencia, que para declarar ou declarar o mal; tambem para este triste assumpto me é necessaria a graça. *Ave Maria*.

II.

Sic luceat lux vestra coram hominibus.

Na primeira parte e panegyrica das duas, em que continuo e divido estes dois sermões, nos mostrou o evangelho como o

nosso santo portuguez foi luz do mundo : *Vos estis lux mundi*. Nesta segunda, que, como já insinuei, será mais declamatoria que panegyrica, nos dirá o mesmo evangelho o modo com que luziu esta luz : *Sic luceat lux vestra*.

Queixava-se o anno passado (se bem vos lembra) a sua e nossa patria, de se ver deixada de um filho, e tal filho como Antonio. Justificava a sua queixa com o exemplo de José, que se mandou levar morto á terra propria; e agora repete e aperta a mesma queixa com outro exemplo mais vivo, mais domestico, e mais seu. Lembra-se Lisboa do seu famoso fundador Ulysses, tão amante da terra onde nascera, que sendo natural de Itaca, o mais aspero e desconhecido lugar de toda Grecia, antepoz a dureza de seus rochedos ás delicias e grandezas mais celebradas do mundo, e depois de o ter visto e rodeado todo, o deixou todo por ella; tanto assim (diz Homero) que prometendo a deusa Calypso a Ulysses de lhe conceder a immortalidade, só com condição, que se deixasse ficar e viver nas terras que lhe offerecia, pôde tanto com elle o natural amor da sua, que não aceitou uma tal promessa, querendo antes (como pondera Cicero, e depois delle o ponderou tambem S. Chrysostomo) querendo antes morrer na terra propria, que ser immortal na estranha. Á vista, pois, desta formosa medalha do amor da patria, lançada para memoria e exemplo nos primeiros alicerces de sua fundação, e não se podendo jámais esquecer della, pois a traz impressa no nome; como se não queixaria Lisboa, e como se não tornará a queixar da se- quidão, por não dizer crueldade, com que se vê deixada de um filho gerado, nascido, e creado, não só no mais alto lugar, mas no mais interior de si mesmo, como filho do seu coração? Só pôde dizer contra isto Antonio, que deixa a patria por ir buscar o martyrio; e que se mostra menos humano com os de seu proprio sangue, porque o quer derramar todo por Christo. Mas a esta satisfação responderei depois. O que agora só digo sobre o que já disse, é, que assim como S. Antonio foi obrigado a deixar Portugal, para ser portuguez; assim foi necessario, que se tirasse d'entre os portuguezes, para ser tão grande homem, e tão grande santo como foi. Um dos maiores homens que houve no mundo,

foi Abrahão; e a este mandou Deus que saísse da sua patria, e de entre os seus para ser maior. O maior santo de todos os santos foi o Filho de Deus; e nem isto bastou para que podesse obrar na sua patria as maravilhas com que assombrava as alheas: para que nem os naturaes se escandalizem, nem os estranhos estranhem a differença do que hoje direi. Mas vamos ao evangelho.

III.

Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cælis est. De tal modo ha de luzir a vossa luz diante dos homens, que vejam elles as vossas boas obras, e glorifiquem a Deus. Isto é o que diz Christo a S. Antonio. E isto não o podia fazer um portuguez entre portuguezes. A primeira coisa que se lhe encarrega nestas palavras, é que ha de luzir a sua luz: *Sic luceat lux vestra*: e luzir portuguez entre portuguezes, e muito menos luzir com a sua luz, é coisa muito difficultosa na nossa terra. Com a luz alhea vi eu lá luzir alguns; mas com a propria, *lux vestra*, nem Santo Antonio, quanto mais os outros. Toda a terra (porque toda é tocada deste vicio) tem opposição com a luz. A lua quem a eclipsa? A terra; porque chegam lá as suas sombras. E o sol onde não chegam as sombras da terra, quem o escurece e encobre cada hora a nossos olhos? Tambem a terra. Levanta o sol com seus raios os vapores da terra, e esses mesmos vapores que elle levantou, condensando-se em nuvens, são os que o não deixam luzir. Tomam em si os resplandores do mesmo sol, e doirando-se com elles ou o escurecem de todo, ou nol-o tiram dos olhos. Preze-se, ou não se preze o sol de escurecer as estrellas do céu, que lá estão os vapores da terra, que o escurecerão a elle.

Sendo esta a condição natural de toda a terra, como grossa em fim, rude e opaca, e nascida debaixo das trevas, *Terra erat inanis, et vacua, et tenebræ erant super; faciem abyssi*; (Gen. I — 1) nenhuma terra ha comtudo entre todas as do mundo, que mais se opponha á luz, que a Lusitania. Outra ety-

mologia lhe dei eu no sermão passado, mas como ha vocabulos que admitem muitas derivações, e alguns que significam por antiphrase o contrario do que soam; assim o intendo deste nome, posto que tão luzido. O mundo, dizem os grammaticos, que se chama mundo, *Quia minime mundus*; e a morte Parca, *Quia nemini parcit*. E assim como o mundo se chama mundo, porque é immundo, e a morte se chama Parca, porque a ninguem perdoa, assim a nossa terra se pôde chamar Lusitania, porque a ninguem deixa luzir. Não é S. Isidoro, nem Marco Varro o auctor desta funesta etymologia, senão a mesma natureza e o mesmo céu, com o curso e occaso de suas luzes. A terra mais occidental de todas é a Lusitania. E porque se chama Occidente aquella parte do mundo? Por ventura, porque vivem alli menos, ou morrem mais os homens? Não; senão porque alli vão morrer, alli acabam, alli se sepultam, e se escondem todas as luzes do firmamento. São no Oriente o sol com o dia coroadado de raios, como rei e fonte da luz; são a lua e as estrellas com a noite, como tochas accezas e scintillantes contra a escuridade das trevas; sobem por sua ordem ao zenith, dão volta ao globo do mundo, resplandecendo sempre e allumiando terras e mares; mas em chegando aos horizontes da Lusitania, alli se affogam os raios, alli se sepultam os resplandores, alli desaparece e perece toda aquella pompa de luzes.

E se isto succede aos lumes celestes e immortaes; que nos lastimamos, senhores, de ler os mesmos exemplos nas nossas historias? Que foi um Affonso de Albuquerque no Oriente? Que foi um Duarte Pacheco? Que foi um D. João de Castro? Que foi um Nuno da Cunha, e tantos outros heroes famosos, senão uns astros e planetas lucidissimos, que assim como allumiaram com estupendo resplendor aquella glorioso seculo, assim escureceram todos os passados? Cada um era na gravidade do aspecto um Saturno, no valor militar um Marte, na prudencia e diligencia um Mercurio, na altiveza e magnanimidade um Jupiter, na fé, e na religião, e no zelo de a propagar e estender entre aquellas vastissimas gentilidades um sol. Mas depois de voarem nas azas da fama por todo o mundo estes astros, ou in-

digites da nossa nação, onde foram parar, quando chegaram a ella? Um vereis privado com infamia do governo, outro prezo, e morto em um hospital, outro retirado e mudo em um deserto, e o melhor livrado de todos, o que se mandou sepultar nas ondas do Oceano, encommendando aos ventos levassem á sua patria as ultimas vozes, com que della se despedia: *Ingrata patria non possidebis ossa mea.*

Vêde agora se tinha eu razão para dizer, que é natureza ou má condição da nossa Lusitania não poder consentir que lusam os que nascem nella. E vêde tambem se podia Santo Antonio deixar de deixar a patria, sendo filho de uma terra onde se não consente o luzir, e tendo-lhe mandado Christo que luzisse: *Sic luceat lux vestra.*

Eu não direi que S. João no seu Apocalypse levantou figura aos que nascem em Portugal; mas ha muitos dias que naquellas suas visões de Parmos tenho observado uma notavel pintura, na qual estão retratadas ao vivo as fortunas ou influencias deste fatal nascimento: *Signum magnum apparuit in cælo mulier amicta sole, et luna sub pedibus ejus, et in capite ejus corona stellarum duodecim: et in utero habens, clamabat parturiens. Visum est aliud signum in cælo: et ecce draco magnus: et draco stetit ante mulierem, quæ erat paritura; ut cum peperisset, filium ejus devoraret.* (Apoc. XII — 1, 2, 3. e 4) Essa é em summa a historia da visão, na qual diz o evangelista, que viu primeiramente uma mulher vestida do sol, coroada de estrellas, e com a lua debaixo dos pés, a qual estava de parto, e dava vozes. E que logo appareceu diante desta mulher um grande dragão, o qual com a bocca aberta, estava esperando que saísse á luz o filho para lh'o tragar e comer, tanto que nascesse. Infeliz menino, antes destinado ás unhas e dentes do dragão, que nascido! Mas que dragão, que mulher, e que filho é este? O enigma é tão claro, que pelas figuras sem lettra se póde entender. A mulher vestida de luzes, o mesmo nome diz, que é a Lusitania: as luzes são as que ouvistes o anno passado; e o ter a lua debaixo dos pés, é a maior expressão da mesma figura; porque a Lusitania foi a primeira em toda Hespanha, que saca-

diu o jugo dos sarracenos, e tantas vezes então, e depois met-teu debaixo dos pés as luas mahometanas. O parto, que a fazia bradar, são os filhos, ou partos da Lusitania, não todos, senão aquelles com que ella dá brado no mundo. E o dragão, finalmente, já preparado e armado para tragar esses filhos, é aquelle mesmo dragão que Portugal tem por timbre das suas armas; porque é timbre da nossa nação tanto que sãe á luz quem pôde luzir, tragal-o logo, para que não luza. De maneira, que a mulher e o dragão em tão differentes figuras, uma humana, outra sem humanidade, ambas veem a ser a mesma coisa; porque como mulher para os filhos, e como dragão os traga depois de nascidos.

Os exploradores que foram descobrir e informar-se da terra de promessa, de tal maneira a descreveram, que parece definiram a nossa. Tres coisas disseram, todas grandes e notaveis; mas a terceira assombrosa e terrivel, e para todos fugirem de tal terra. Disseram que era tão fertil, e de clima tão benigno, que os rios manavam mel e leite: *Venimus in terram, ad quam misisti nos, quæ revera fluit lacte, et melle.* (Num. XIII -- 28, 29 e 33) Disseram mais, que viram nella homens da geração dos gigantes: *Stirpem Enoc vidimus ibi.* E sobre estas duas prerogativas tão singulares, a terceira, que acrescentaram, foi, que era uma terra, que comia e tragava os seus naturaes: *Terra, quam lustravimus, devorat habitatores suos.* Julgae se quadra bem toda a definição á nossa terra. É tal na benignidade dos ares, na fertilidade dos campos, na affluencia dos rios, que chamando-se antigamente Lethes, o que hoje se chama Lima, é opinião de muitos auctores, que o temperamento e delicias da Lusitania, foram as que deram motivo á fabula dos Campos Elysios. Que na mesma terra se conserve a geração dos gigantes, isto é, de homens maiores que os outros homens, tambem o não pôde negar quem tiver lido as antiguidades do mundo. Basta por exemplo serem os lusitanos, os que com seu rei Siculo, filho de Luso, debellaram em Scilia os cyclopes, e deixaram eternisada esta victoria no mesmo nome de seus habitadores, os quaes desde então se chamaram siculos. Mas que importam es-

tas excellencias, e outras que se poderam dizer sem lisonja, se o clima ou constellação natural da mesma terra é tão alhea de humanidade, que come seus proprios filhos? Que importa que como mãe seja tão felizmente secunda nos partos, que os gere de tão eminente estatura, se, como dragão peçonhento, com raiva de os ver tão grandes, os morde, os roe, os abocanha, os atacalha, e não descança até os engolir, e devorar de todo: *Terra devorat habitatores suos.*

IV.

Agora sim, que já posso responder a Santo Antonio, e con-
futar a sua escusa. De maneira, meu santo, que deixaes Portu-
gal, e vos embarcaes para Africa, porque dizeis, que ides bus-
car o martyrio? Antes por isso mesmo vos não deveis sair da
vossa patria. Não tendes vós já encerrado no peito aquelle grande
thesouro de sabedoria e eloquencia, com que depois haveis de
esclarecer e assombrar o mundo, e agora a vossa modestia e
humildade encobre e dissimula, e, quasi contra o conselho deste
mesmo evangelho, tem escondido debaixo do meio alqueire: *Ne-
que enim accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio?* Es-
cusado é logo ir buscar o martyrio incerto por mar em terras
estranhas, se o tendes mais breve e mais seguro na mesma onde
nascestes. Amanheçam em Coimbra os resplandores dessa theo-
logia, que depois ha de ter a primeira cadeira na segunda re-
ligião, de que tendes tomado o habito; passae com os eccos
dessa fama a Lisboa, e começae a levar após vós a côrte com
a eloquencia mais que humana dessa lingua immortal, e eu vos
prometto (não tanto que ella fallar, senão depois que fôr fal-
lada) que não falem naturaes vossos, que vos façam martyr.
Não vos asseguro rodas de navalhas, nem boias de metal, por-
que lá não se martyrisa com tanto engenho; mas se vos con-
tentaes com martyrio mais aparelhado, e mais vulgar, de ser-
des logo um S. Sebastião, não o duvideis. Todos os raios que de
si despedir a vossa luz, se hão de converter em settas que se
empreguem em vós. O vosso nome ha de ser o applauso de

todas as vozes, e o vosso corpo o alvo de todas as settas. Não vos ha de valer serdes filho de S. Francisco, uma vez que mostrardes que sois geração de gigante: *Stirpem Enoc vidimus ibi.*

Apareceu Saul no meio do povo de Israel, em occasião que estava junto em côrtes, e diz o texto sagrado, que era de tão alta e agigantada estatura, que do hombro para cima excedia a todos: *Sietitque in medio populi, et altior fuit universo populo ab humero, et sursum.* (1 Reg. X — 23) E vós, Saul, sois tão grande na terra onde nascestes, que os maiores, quando muito, vos dão pelo hombro, e com toda a cabeça sobrepujaes a todos? Ora esperae pelos effeitos dessa vossa tão bizarra estatura, e vereis a fortuna que com ella vos aguarda. Deu-se a fatal batalha dos campos de Gelboe, e posto que na confusão dos grandes exercitos, quando se combatem, apenas se conhece distincção de homens a homens, como Saul avultava tanto entre a multidão, sobre elle carregou todo o pezo da batalha, e nelle se empregaram todas as settas: *Totum pondus prælli versum est in Saul: et vulneratus est vehementer à sagittariis.* (1 Reg. XXXI — 3) Os sete montes daquella cidade, em um dos quaes nasceu Santo Antonio, todos são montes de Gelboe. Alli está encontrada a fatalidade dos que fez a natureza ou a fortuna maiores que os outros. Contra elles se armam as batalhas, contra elles se tiram as settas, e sobre elles descórrega todo o pezo da guerra; porque a inveja, como filha primogenita da soberba, peza para cima, e todos seus tiros se assestam contra o mais alto. Não debalde domina sobre Portugal o Sagittario; porque este é o signo em que lá nascem todos os que são apontados com o dedo, para que contra elles se apontem as settas. Escusadamente vae logo provocar as dos arcos turquescos a Africa, quem as tinha tão apparelhadas na patria, e tão certas na sua propria grandeza.

Essa foi, se eu me não engano, a providencia daquella inopinada enfermidade, com que apenas tinha posto os pés Santo Antonio nas praias africanas, quando foi outra vez obrigado a se embarcar para os ares patrios, como se lhe dissera Deus: Vens buscar o martyrio a Barberia, deixando Portugal e Lis-

boa ? Torna, torna para d'onde vieste, que tambem lá ha Marrocos e Tituões. Para a terra de seu nascimento mandou Deus tornar a Adão : *In terram de qua sumptus es* : (Gen. III — 19) e não porque aquella terra da sua patria fosse mais sadia, senão para que nella morresse com dobrada dor, em pena de ter comido da arvore da sciencia. Não havia outra terra para onde o desterrar, senão para aquella mesma em que nascera ? A sua patria ha de ser o desterro ? O tiral-o della foi o maior favor, e o tornar para ella ha de ser castigo ? Sim ; porque sendo aquella terra tão feliz no primeiro parto, que gerou o primeiro homem do mundo ; foi tão maldita no segundo, que não produziu mais que abrolhos, e espinhos contra esse mesmo homem que della nascera : *Spinās, et tribulos germinabit tibi*. (Ibid. — 18) Deixe-se ficar Antonio no campo Damasceno da sua patria, e se já a tem deixado, torne para ella, que nella achará, se se souber o que sabe, quanto ia buscar tão longe. Quando Santo Antonio depois de comer da arvore da sabedoria em tão profundos estudos, se escondeu como Adão, bem sabia que na sua patria tambem é delicto o muito saber, posto que não seja por desobediencia, mas por mais obedêcer e servir a Deus. Manifeste pois á sua terra o que sabe, deixe luzir (pois assim lh'o manda Christo) a sua luz, e experimentará logo que esta mesma terra, que o fez o primeiro homem, em logar de lhe tecer coroas de loiro, se arme de espinhos e abrolhos, com que o martyrise : *Spinās, et tribulos germinabit tibi*.

V.

Mas como Deus não queria de Antonio o seu martyrio, a nova providencia de uma furiosa tempestade o derrotou da patria, para onde tornava, e o levou a tomar porto em Italia. E porque, ou para que ? Porque Deus lhe tinha mandado que luzisse a sua luz diante dos homens : *Sic luceat lux vestra coram hominibus*. E para a sua luz luzir diante dos homens, era necessario que o mesmo Deus o levasse a terra onde houvesse homens, diante dos quaes se podesse luzir. Oh terra verdadei-

ramente bemdita, patria da verdade, asylo da razão, metropole da justiça, que não debalde te escolheu Deus para collocar em ti o seu eterno solio ! Quasi estou para dizer, que aquella figura do Apocalypse, que expliquei enigmaticamente, não só é, ou foi enigma, senão historia, ou prophesia litteral deste successo de Santo Antonio. Dissemos que a mulher vestida de luzes era a Lusitania: dissemos que o dragão que estava esperando com a bocca aberta, para tragar o parto que della nascesse, era o timbre das suas armas, e a deshumanidade natural, com que trata seus filhos: agora vêde como o filho, que então nasceu e escapou dos dentes do dragão, foi Santo Antonio: *Et peperit filium masculum, qui recturus erat omnes gentes in virga ferrea, et raptus est filius ejus ad Deum, et ad thronum ejus*: (Apoc. XII—5) E pariu (continúa o texto) um filho varão, o qual havia de reger todas as gentes com vara de ferro, e logo foi arrebatado da presença da mãe e do dragão, e levado a Deus, e ao seu throno.

Primeiro que tudo, não faça duvida dizer o texto que este filho havia de reger as gentes com vara de ferro; porque é propriedade dos termos, ou titulos, com que na escriptura se descrevem os que Deus elege e constitue (como elegeu e constituiu a Santo Antonio) para prégadores universaes do mundo: *Ego autem constitutus sum rex ab eo super Sion montem sanctum ejus prædicans præceptum ejus: Reges eos in virga ferrea, et tamquam vas figuli confringes eos*. (Psal. II — 6 e 9) Assim regia e encaminhava Santo Antonio com a lei e preceitos divinos todas as gentes a que prégava. E assim confundia e quebrantava os rebeldes com vara e efficacia propriamente de ferro, que por isso foi chamado por excellencia martello das heresias: *Perpetuus hæreticorum malleus*. Este filho, pois, prodigioso parto da Lusitania, que Deus tinha destinado a tão gloriosos fins, para o livrar assim da mesma mãe, como das unhas do dragão, de que não podia escapar, depois de sair á luz do mundo, diz o texto, que foi arrebatado com violencia, *raptus est*; porque o arrebatou do caminho que levava para a patria, a violencia da tempestade. E diz mais, que foi levado a Deus, e ao seu throno:

ad Deum, et ad thronum ejus; porque a mesma violencia dos ventos o levou a Italia e a Roma, onde Deus tem seu throno na terra.

Já agora, meu santo, póde luzir a vossa luz diante dos homens: *Sic luceat lux vestra coram hominibus*; porque já estaes em terra de homens, diante dos quaes se póde luzir. Tanto vos era necessaria a ausencia de uns, como a presença dos outros. Já os mesmos summos pontifices vos chamam arca do testamento: já as vossas vozes são ouvidas como oraculos: já as vossas razões e sentenças são recebidas e veneradas como divinas. E não porque vós hoje scjaes outro do que d'antes ereis, nem outros os documentos da vossa doutrina; mas porque tanto vae de logar a logar, e de homens a homens: *Coram hominibus*.

Esta felicidade de achar Santo Antonio homens, diante dos quaes luzisse a sua luz, como o Senhor lhe mandava, foi na minha opinião una das maiores graças que o mesmo Senhor lhe concedeu; porque sendo muito poucos no mundo os homens que podem luzir; aquelles diante dos quaes se possa luzir, ainda são muito menos. Todos os dias ouvimos no evangelho de S. João uma coisa, em que eu não acabo de reparar: *Fuit homo missus à Deo, cui nomen erat Joannes: hic venit in testimonium, ut testimonium perhiberet de lumine*. (Joan. I — 6 e 7) Houve, diz, naquelle tempo um homem, mandado por Deus, o qual veio para ser testemunha, e testemunhar da luz. A luz não ha mister testemunhas; porque ella por si mesma, e sem mais prova, demonstra o que é. Quanto mais que a luz, de que fallava o evangelista (como elle mesmo acabava de dizer), era a luz verdadeira, e fonte de toda a luz, Christo, que allumia todos os homens: *Erat lux vera, quæ illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum*. (Ibid. — 9) Pois se todos os homens viam essa mesma luz, porque foi necessario que mandasse Deus um homem como o Baptista, para que testemunhasse della? Porque tão raros são como isto no mundo os homens, que possam testemunhar da luz. Poder ver a luz, e ser allumiado della, é de todos os homens: *Quæ illuminat omnem hominem*. Mas fazer verdadeiro conceito dessa mesma luz, e dizer e testemunhar o que ella é: *Ut testimo-*

niam perhiberet de lumine ; para isso apenas se acha, no mundo um homem, e esse mandado por Deus : *Fuit homo missus à Deo*. Testemunhar o Baptista de Christo, como discretamente notou S. Gregorio Nazianzeno, era allumiar o sol com uma candeia ; e sendo isto uma coisa, que não só parece superflua, mas ridicula, teve necessidade o sol desta candeia, para que entre os homens houvesse um que testemunhasse da sua luz como merecia : *Ut testimonium perhiberet de lumine*.

E se quizermos examiuar a causa deste effeito tão contrario á natureza da mesma luz, acharemos que todo procede, não da luz, senão dos homens. O mesmo S. João o disse : *Lux venit in mundum, et dilexerunt homines magis tenebras, quam lucem*. (Ibid. III — 19) Veio a luz ao mundo, e os homens (quem tal havia de imaginar ?) amaram mais as trevas, que a luz. Quantas vezes se vê isto no mundo, e eu o tenho visto ? Ver os que luzem, é para rir ; e ver os que não luzem, para chorar : *Dilexerunt magis tenebras, quam lucem*. As trevas amadas, veneradas, e applaudidas, como se foram luz, e a luz aborrecida, desestimada, e perseguida, como se fôra trevas. Tal é, e tal costuma ser o juizo dos homens, ou seja por ignorancia, ou por malicia. Mas que remedio terá a luz para não ser aborrecida de tal gente ? Se é aborrecida, porque veio ao mundo : *Lux venit in mundum* ; vá-se do mundo, e não será aborrecida. Assim o cuidava eu, e assim creio que bastára para com alguns homens, mas não para com todos.

Diz Plinio, que os homens do monte Atlante todos os dias amaldiçoam o sol duas vezes, uma quando nasce, e outra quando se põe : *Solem orientem, Occidentemque dira imprecatione intuentur*. (Plin. liv. 5 cap. 8) O monte Atlante é aquelle tambem opinado entre os homens, que delle se diz e celebra, que sustenta o ceu com seus hombros, e que o mesmo ceu havia de cair, se aquella forte columna o não sustentára. Pois se com tanto trabalho e tanto zelo se sustenta neste monte o ceu, para que não caia ; a melhor joia, e maior lustre do mesmo ceu, que é o sol, como é tão aborrecido, e anatematizado no mesmo monte ? Dir-me-heis que tudo isto é fabula e mentira : e que a verdadeira razão deste odio é, porque os moradores do monte Atlante são os ethiopes

mais adustos, como mais visinhos, ou menos defendidos do sol, e por isso aborrecem tanto a luz dos seus raios, porque aos outros homens allumia, e a elles queima. Mas se isto assim é, como é, aborreçam os do monte Atlante ao sol, quando nasce, e não quando se põe. Se o recebem com maldições, quando vem, deem-lhe graças e louvores, quando se vae. Mas quando vem, e apparece diante destes homens, aborrecido na presença; e quando se vae, e os deixa, também aborrecido, e perseguido na ausencia: *Orientem, occidentemque?* Sim; porque o sol, ainda que se vae, vae para tornar: *A summo calo egressio ejus, et occursus ejus usque ad summum ejus.* (Psal. XVIII — 7) Vá-se pois o sol, e desapareça de uma vez para sempre, e logo nem os do Atlante terão quem os queime, nem o sol quem o injurie.

VI.

Isto é o que fez Santo Antonio: não só se foi da sua terra, senão para sempre, e para nunca mais tornar a ella. Nem o Santo podia deixar de o fazer assim, supposto o preceito divino, e o fim e intento delle. O fim e intento do preceito de Christo era: *Ut videant opera vestra bona*: que de tal maneira luzisse diante dos homens, que elles vissem suas obras boas: e nada disto podia ser, se Santo Antonio ficasse na patria, e quizesse luzir nella. E porque razão, ou semrazão? Por tantas quantas são as palavras do mesmo preceito: *Ut videant opera vestra bona*. Elle havia de fazer as obras: *Opera vestra*: os homens haviam-nas de ver: *Ut videant*: e essas obras vistas haviam de ser boas, *bona*: e nenhuma destas coisas podia Santo Antonio conseguir entre os da sua patria, por outras tantas razões. Primeira, porque não havia de poder fazer essas obras: Segunda, porque ainda que as fizesse, não as haviam de ver os homens: Terceira, porque ainda que as fizesse, e elles as vissem, não haviam de ser boas: *Ut videant opera vestra bona*. Dae-me agora attenção.

Primeiramente digo, que aquellas obras que o evangelho recommenda a Santo Antonio, elle as não havia de fazer, nem as podia fazer na sua patria, e não por falta de virtude no santo,

senão por defeito ou esterilidade natural da terra em que nasceu. Não é coisa nova na natureza haver terras que são secundas para as plantas, e estereis para os fructos. São secundas para as plantas, porque ellas produzem as arvores; e são estereis para os fructos, porque essas mesmas arvores não podem produzir os fructos em quanto estão nellos. Por esta razão e experiencia inventou a agricultura o remedio do transplantar, arrancando ou desterrando as plantas da terra onde nasceram, e passando-as a outras, onde fructifiquem. Isto é o que fez ou succedeu a Santo Antonio, do qual parece que prophetisou David, quando no texto hebreu, em que fallava, disse: *Erit tamquam lignum, quod transplantatum est, et fructum suum dabit.* (Psal. I — 3) Os milagres e obras prodigiosas com que Santo Antonio admirava e convertia o mundo em Italia e França, eram fructos daquella generosa planta, mas transplantada: *Tamquam lignum quod transplantatum est.* (Joan. XV — 1) Porque se Deus (que tambem é agricultor, *Pater meus agricola est*) o deixára ficar na terra onde nasceu, nenhuma dessas maravilhas havia de obrar, nenhum desses fructos havia de produzir, não por defeito da planta, senão por vicio da terra.

É a nossa terra (por que se não queixe de que lhe digo injurias) como a patria de Christo. Obrava Christo. Senhor nosso por toda a parte aquella multidão de milagres, tantos, tão continuos e tão estupendos, como sabemos; mas tanto que chegava á sua patria (assim como o manná cessou, tanto que chegou á terra de promissão) assim cessava, e se suspendia, e ficava totalmente parada aquella corrente celestial e benefica de maravilhas com que soccorria, remediava, e admirava a todos. S. Marcos chegou a dizer que Christo na sua patria não podia fazer milagre algum: *Abit in patriam suam, et non poterat ibi virtutem ullam facere.* (Marc. VI — 1 e 5) Ainda na boca de um evangelista parece duvidosa esta proposição. Christo em quanto Deus, não era omnipotente por natureza, e em quanto homem, não era tambem omnipotente por comunicação, e por graça? Assim o crê e confessa a nossa fé. Pois como é possível que um Homem-Deus, e por um e por outro modo omnipotente, não podesse fazer milagres na sua patria? Aqui vereis que coisa é a patria. E se

tanta resistencia e contradição experimentou a omnipotencia ordinaria; que seria a delegada de S. Antonio?

Respondeu Christo a este escandalo com aquelle proverbio universal: *Non est propheta sine honore, nisi in patria sua*.* Não ha 'propheta sem honra senão na sua patria. De sorte que toda esta repugnancia, ou todo este impossivel topava na honra. E como é vicio natural da patria não soffrer, nem poder ver mais honrado a quem nasceu nella; porque a patria não podia soffrer a honra de Christo, não podia Christo na patria fazer os milagres. Para os milagres honrarem a Christo na sua patria, era necessario que os da mesma patria cressem que eram verdadeiros milagres. Mas elles, diz o evangelista, eram tão duros, e tão incredulos, que não criam que um homem seu natural podesse fazer obras sobrenaturaes, e por isso o Senhor as não podia fazer: *Non poterat ibi ullam virtutem facere: et mirabatur propter incredulitatem eorum*. Reparemos muito nesta ultima, clausula e na connexão della com a antecedente. Diz o evangelista, que não podia Christo fazer milagres na sua patria, e que o mesmo Senhor se admirava muito, de que a incredulidade dos seus naturaes fosse a causa de não poder fazer os milagres: *Et mirabatur propter incredulitatem eorum*. Pois porque elles não criam que Christo podesse, por isso Christo não podia? Sim, e o mesmo Mestre Divino declarou o segredo deste impossivel n'outra occasião.

Pediu-lhe um pae a saude milagrosa para um filho, dizendo: *Si quid potes, adjuva nos*: (Marc. IX — 24) Se é que podeis, favorecei-me a mim e a este filho. E o Senhor respondeu: *Si potes credere, omnia possibilia sunt credenti*: (Ibid. — 22) Se tu podes crer, tudo é possivel a quem crê. Notae, que não diase, tudo me é possivel a mim, porque sou omnipotente; senão tudo te é possivel a ti, se cres, que eu posso. E a razão é, porque segundo a disposição condicional da Providencia Divina, para se fazer um milagre são necessarias duas possibilidades; uma activa, da parte de Deus, que faz o milagre, que é a omnipotencia; e outra pas-

* Matth. XIII — 53. Marc. VI — 4.

siva, da parte do homem, a quem se faz, que é a credulidade. E como nos naturaes de Christo faltava esta segunda possibilidade, e pela inveja natural, que nasce com os que nascem na mesma patria, não podiam crer (nem querer) que Christo nascido entre elles fizesse milagres, por isso o mesmo Senhor não podia na sua terra, o que podia em todas: *Non poterat ibi.*

Oh patria tão naturalmente amada, como naturalmente incredula! Que filhos tão grandes e tão illustres terias, se assim como nascem de ti, não nascêra juntamente de ti, e com elles, a inveja que os affoga no mesmo nascimento, e os não deixa luzir, nem crescer? Aquelle trigo mallogrado do evangelho, que caiu entre espinhas, diz o texto, que as espinhas que juntamente nasceram com elle o affogaram: *Et simul exortæ spinæ suffocaverunt illud.* (Luc. VIII — 7) Note-se muito muito o *simul exortæ*. Não ha coisa que mais pique, nem de que mais se piquem os naturaes, que da emulação e inveja. Estas são as espinhas que affogam logo desde seu nascimento, os que nascem na mesma terra, e estas são as que haviam de affogar na nossa a S. Antonio, para que não obrasse fóra della o que obrou, nem obrarin, se não fugisse della.

Mas que muito que houvesse de succeder a S. Antonio com os da sua, o que succedeu ao mesmo Deus, depois que teve patria? Impugnavam e contradiziam os de Nazareth, patria de Christo, a fama das maravilhas do Senhor; e houve um que se atreveu a lhe dizer em presença: *Quanta audivimus facta in Capharnaum, fac et hic in patria tua:* (Ibid. IV — 23) Isto que ouvimos de vossas maravilhas ao longe, não o veremos ao perto? Desses milagres, tantos e tão famosos, que fazeis nas outras partes, não fareis tambem algum aqui na vossa patria? Não; e por isso mesmo. Na terra gnde nascem os milagrosos, não nascem, nem se dão os milagres. O que só não pôde estorvar a patria, é que cheguem lá os éccos da fama, e que de boa ou má vontade sejam ouvidos: *Quanta audivimus.* Assim chegavam e se ouviam de longe em Portugal, as maravilhas do seu grande portuguez: e posto que não seí se eram tão cridas e applaudidas então, como

mereciam ; o que só posso afirmar sem escrupulo, é, que não seriam tão bem ouvidas na terra propria, como elle era ouvido nas estranhas. Ouviam, que quando prégava Antonio, cessavam todos os outros exercicios mecanicos, civis e politicos ; porque os lavradores deixavam os arados, os mercadores as tendas, os ministros os tribunaes, os côrtezaõs os palacios e os theatros : *Quanta audivimus !* Ouviam, que se despovoavam as cidades, e que não cabendo a multidão immensa nos templos, era obrigado a prégár nos campos, e que prégando em uma só lingua, sendo de diferentes nações os ouvintes, todos o intendiam, como se fallára na sua : *Quanta audivimus !* Ouviam, que vestido de burel, e descalço ia cercado de guardas, e defendido de homens armados, os quaes mal podiam resistir o pezo e tumulto das gentes que concorriam a lhe beijar o habito e roubar algum fio d'elle, como preciosa reliquia : *Quanta audivimus !* Ouviam, que se o não queriam ouvir os hereges obstinados, para confundir sua dureza e rebeldia, ia prégár aos peixes, e que elles chamados da sua voz concorriam de todo o mar em cardumes, grandes e pequenos, e postos por sua ordem com as cabeças fóra d'agua, como se tiveram o uso de razão, que faltava aos homens, escutavam attentos o que o Santo lhes dizia, e assentiam a tudo : *Quanta audivimus !* Ouviam, que armando-se uma horrenda tempestade sobre o povo innumeravel, que no campo descuberto ouvia ao Santo, elle os assegurou que ninguem se inquietasse, ou movesse, e voltado para o ceu escuro e medonho, com o acenõ somente de uma mão emmudeceu os trovões, apagou os relampagos, e suspendeu as nuvens, as quaes não tiveram licença para chover, senão depois de recolhidos todos a suas casas : *Quanta audivimus !* Ouviam, que encommendando-se a Antonio, os cegos viam, os surdos ouviam, os mancos andavam, os mudos fallavam, os enfermos de todas as enfermidades saravam, e até os mortos, invocado o Santo por bocca dos vivos, resuscitavam : sendo muito mais admiraveis resurreições as de infinitos peccadores, que, mortos e sepultados em todo o genero de vicios, por força da palavra divina pronunciada pela bocca de Antonio, se convertiam á penitencia e restituíam á graça : *Quanta audivimus !* Todas estas e outras

muitas maravilhas se ouviam em Portugal e Lisboa, onde as levava a fama: mas que o mesmo Santo, que tantos e tão prodigiosos milagres obrava nas terras estranhas, os fizesse também na sua: *Fac hic in patria tua*, isso não; porque não podia ser: *Non poterat ibi virtutem ullam facere*.

Vejo comtudo que todos estão reclamando contra esta doutrina e argumentando contra a verdade della, não menos que demonstrativamente, e com a experiencia. Porque sabemos que S. Antonio foi a Lisboa para livrar a seu pae, condemnado falsamente por um homicidio, e que em presença de todo o povo, e ministros da justiça, que o levavam ao supplicio, resuscitou o mesmo morto; e que este declarou a verdade, e depoz juridicamente que não era aquelle o homem que o matára. Pois se S. Antonio fez este estupendo milagre em Lisboa e dentro dos muros della, e no adro da mesma Sé, junto ás casas onde o mesmo Santo nasceu, como digo eu, nem posso provar com verdade, que Santo Antonio não havia, nem podia fazer milagres na sua patria? Agradeço-vos muito a instancia, que é bem apertada; e também espero que me haveis de agradecer a solução. Respondo e concedo, que Santo Antonio fez este milagre, e também outro semelhante em Lisboa; mas o Santo Antonio que fez os milagres em Lisboa, não era o nascido em Lisboa. Ora vêde. Quando um santo apparece realmente em alguma terra distante, pôde ser por um de dois modos: ou levado lá, como levou o anjo ao propheta Abacuc a Babylonia, ou reproduzindo-o Deus, e ficando onde estava, como Christo está no ceu, e juntamente no sacramento. Deste segundo modo é que fez Santo Antonio os milagres em Lisboa, não levado, senão reproduzido; porque no mesmo tempo ficou e estava em Italia prégando e inclinado sobre o pulpito, como diz a historia. E como o Santo, que fez os milagres, era Santo Antonio reproduzido, não era Santo Antonio nascido em Lisboa. O Santo Antonio nascido em Lisboa; esse ficou cá em Italia; o que obrou lá o milagre, era o mesmo Santo Antonio sim, mas reproduzido e nascido de novo nas mãos da omnipotencia. De sorte que para Santo Antonio fazer milagres em Lisboa, foi necessario que Deus lhe

dêsse outro segundo e novo nascimento, e assim segunda vez nascido fizesse o milagre na terra onde não nascêra.

Quando chegou aos ouvidos d'el-rei Herodes a fama dos grandes milagres que Christo obrava, entrou o rei em um pensamento notavel. Presumiu e disse, que aquelle homem não era Christo, senão o Baptista resuscitado, e que por isso fazia tantos milagres: *Joannes Baptista surrexit à mortuis, et ideo virtutes operantur in eo.* (Matth. XIV — 2) Consta do evangelho que o Baptista não fez milagre algum em sua vida: *Joannes nullum signum fecit.* (Joan. X — 41) Pois se o Baptista não fez milagres em quanto vivo; d'onde se colhe que os faria depois resuscitado? Porque a resurreição é um segundo nascimento do mesmo homem, que por isso se chama regeneração; e a graça que não teve o maior dos nascidos no primeiro nascimento, era verisimil que a tivesse no segundo. Isto pois que em S. João reproduzido era verisimil, em Santo Antonio foi certo. Não porque o segundo nascimento lhe dêsse a virtude de fazer milagres, que já a tinha, mas porque lhe tirou o impedimento de ser a terra em que nascêra: e como Lisboa não era patria de Antonio assim reproduzido, por isso pôde fazer milagres em Lisboa, o que de outro modo não podia: *Non poterat ibi virtutem ullam facere.*

VII.

Mas dado que Santo Antonio fizesse milagres na sua patria; a segunda coisa que prometti, e digo, é que os homens da mesma terra não os haviam de ver. O que Christo encomenda a Santo Antonio no nosso texto, é que a sua luz resplandeça de tal modo diante dos homens, que elles vejam as suas obras illustres e gloriosas: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona.* E estas obras illustres e gloriosas, se o Santo as fizesse na sua patria, como supponho, parece que não podiam os homens deixar de as vêr. O não as verem, só podia ser, ou por falta das obras, ou por falta da luz. Assim o notou Santo Agostinho, dando a razão, porque não vemos a Deus, estando elle presente em toda a parte: *Est quod videas, sed non*

est unde videas. Para ver é necessario objecto, e luz: o objecto que é Deus, sempre o temos presente; a luz com que elle se póde ver, essa é a que nos falta, e por isso o não vemos. Mas no nosso caso, nem faltava o objecto, que são obras, *Opera vestra bona*, nem faltava luz, que era a mesma de quem as obrava: *Sic luceat lux vestra.* Logo como póde ser, que os homens as não vissem? Digo que sim póde ser, e que assim havia de ser, não por falta das obras, nem por falta da luz, senão por falta dos olhos.

Nasceu no primeiro dia do mundo a luz, a qual não era outra coisa, que um globo daquelle luminoso accidente creado na segunda ou terceira região do ar, dentro da qual fazia seu curso dividindo o dia da noite, e dando desde logo a duração composta de ambos, o periodo natural que hoje observam. É porém coisa muito digna de admirar, que em quanto aquella primeira luz se conservou no lugar ou região onde foi creada, não ouve olhos creados, que a vissem; porque nem a terra e a agua creados no primeiro dia, nem o firmamento no segundo, nem as plantas e ervas no terceiro, tinham olhos. Luzia a luz, e não havia olhos que a vissem luzir; allumiava ella só o universo, e não havia em todo o universo olhos que se allumiassem com ella, nem a vissem allumiar: distinguia as noites e os dias, mas não havia olhos que notassem a igualdade e concertó desta distincção, nem se alegrassem com a presença da mesma luz, ou sentissem sua ausencia. Não sei se chame a isto desgraça da luz, se natureza do lugar, ou região em que nasceu ao mundo. Desenganae-vos, luz, ainda que sejaes a primogenita do Creador, e a primeira de todo o creado, que em quanto não sairdes do lugar onde nascestes, não ha, nem hão de haver olhos que se ponham em vós. Sai, sai desse berço natural, em que nascestes, passae a outros logares estranhos e remontados, e logo tereis olhos que vos vejam, que vos admirem, que vos amem, que vos celebrem, que vivam de vós, e morram por vós. Assim foi. Ao quarto dia da criação tirou Deus a luz da região do ar, onde a creara, repartiu-a pelas espheras celestes com fórma e nome de sol, de lua, e de estrellas; e logo no quinto dia e no sexto se desfez o mundo todo em olhos, que se allu-

miassem com a luz e a festejassem : olhos no mar, olhos no ar, olhos na terra ; olhos nas aves, olhos nos peixes, olhos nos animaes terrestres ; e sobre tudo olhos no homem, que não só lograsse os resplandores da luz, mas dêsse os devidos louvores ao Creador della. De maneira, que esta luz que hoje vemos e com que vemos todas as coisas, em quanto esteve e não saiu do lugar e região em que nascêra, nem ella se via, nem se viam com ella as outras obras admiraveis da omnipotencia, e não por falta das obras, nem por falta da luz, senão por falta de olhos. E isto é o mesmo que eu digo, e supponho que havia de succeder a Santo Antonio.

Um dos mais famosos milagres, que fez Christo Senhor nosso, foi o vulgarmente chamado do diabo mudo ; porque foram quatro milagres em um milagre. O miseravel homem era mudo, e fallou : era surdo, e ouviu : era cego e cobrou vista : era endemoninhado e ficou livre do demonio. Póde haver maior secundidade de milagres ? As arvores muito secundas, como diz a nossa lingua, dão os frutos em pinha. Mas vêde qual era a terra onde nasciam. Começavam a se admirar as turbas á vista de tanto milagre junto ; eis-que no mesmo ponto chegam-se os escribas e phariseus ao mesmo Obrador daquelles milagres e dizem-lhe assim : *Magister volumus à te signum videre* : (Matth. XII — 38) Mestre, quizeramos ver um milagre vosso. Ha tal pedir, e em tal occasião, e naquelle mesmo lugar ? Não acabavam estes homens de ver um milagre, e quatro milagres ? Não. Christo era o que tinha acabado de os fazer ; mas elles não tinham acabado, nem ainda começado a os vêr : e porque ? Não por falta dos milagres, senão por falta de olhos. *Volumus videre* : Queremos ver, disseram, e disseram bem ; porque o que lhes faltava, não eram milagres que ver, eram olhos com que vissem os milagres. Assim lhe havia de succeder a Santo Antonio : a elle não lhe haviam de faltar os milagres, mas aos milagres haviam-lhes de faltar os olhos. Logo em tal terra, e entre taes homens, não podia o Santo fazer o que Christo lhe mandava, que era luzir de maneira que os homens o vissem : *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant*.

E se me perguntardes a razão, por que naquella terra ha tanta falta de olhos, ou de olhos que vejam a luz; nas mesmas palavras a temos. A luz ha de luzir: *Sic luceat*: os homens hão de a ver: *Ut videant*: e olhos que vejam luzir a luz, não os pôde haver em uma terra, onde a mesma luz os faz cegar. Oiçamos ao mesmo Santo Antonio, que, como pratico do paiz, conhecia bem as causas desse terrivel effeito: *Invidus, si esset in cælo, ibi totaliter excæcaretur à gloriâ proximi. et à luce beatitudinis ipsorum*: São tão incapazes os olhos do invejoso de ver luzir (diz Santo Antonio), que se um invejoso fosse ao ceu, logo havia de ficar totalmente cego; porque a luz da gloria e bemaventurança do proximo o havia de cegar. Do proximo disse, e não do bem-aventurado, com grande elegancia e energia; porque a inveja sendo dor de olhos, é de olhos que olham ao perto (*proximi*) e não ao longe. E se isto em sentença de Santo Antonio havia de succeder no ceu; por que lhe não succederia a elle o mesmo na terra e mais na sua?

Saiu David contra o gigante, applaudiu-se a victoria como merecia, e diz o texto que desde aquelle dia nunca mais Saul pôde ver a David: *Non rectis ergo oculis Saul aspiciebat David à die illâ, et deinceps*. (1. Reg. XVIII — 9) Vêde os contrarios effeitos daquella animosa e venturosa pedrada. O tiro foi um, e as feridas duas; ao gigante feriu na testa, e a Saul quebrou-lhe os olhos. Tudo lhe sobejou a David para os applausos, só lhe faltaram os olhos de quem mais o devia estimar e applaudir. Mas se Saul era tão invejoso, por que invejou uma victoria de David, e não quarenta victorias do gigante? *A die illâ*, Desde aquelle dia, diz o texto, que começou a inveja de Saul; e eu cuidava que havia de começar quarenta dias antes. Quarenta dias continuos saiu o gigante a desafiar, elle só, os exercitos de Saul; e em todos estes quarenta dias se recolheu para a sua tenda com outros tantos triumphos, não só vencedor das mãos e das armas, senão dos corações e do proprio conhecimento dos israelitas, não se atrevendo nenhum a sair a campo com elle, e confessando com o temor a vantagem, que é a maior victoria de todas. Pois se Saul é invejoso, por que não inveja a Golias, senão a David? Por que

Golias era philisteu, e David israelista. Golias era de outra terra, e d'outra nação: David era da sua patria, e do seu proprio sangue. Por isso não teve coração para o estimar, nem bocca para o applaudir, nem olhos para o ver, ou poder ver. Para que se veja, se acharia Santo Antonio olhos na sua patria, que com a luz de suas maravilhas (como elle mesmo diz), se não cegassem de inveja, e totalmente as não vissem: *Totaliter excæcarentur.*

Tambem contra este discurso vejo que póde haver quem argumente, e tambem com a mais qualificada prova, que é a da experiencia. Todos sabemos quanto Lisboa se honra de ter um filho como Santo Antonio: os theatros e jogos publicos, com que o festeja, os applausos, os panegyricos, os poemas, com que celebra estas mesmas maravilhas que obrou nas terras estranhas. Logo não é de tão má condição a sua patria, que não houvesse de estimar as mesmas obras gloriosas, se fossem feitas nella, nem são tão máus, ou tão cegos os seus olhos, que as não houvessem de ver. Aceito outra vez, e estimo a instancia; porque tão longe está de impugnar o meu discurso, que antes o confirma mais. Ainda não tendes advertido, que a inveja faz grande differença dos mortos aos vivos, e dos presentes aos passados? Os olhos da inveja são como os do sacerdote Heli, dos quaes diz o texto sagrado, que não podiam ver a luz do templo, senão depois que se apagava: *Oculi ejus caligaverant, nec poterat videre lucernam Dei, antequam extingueretur.* (1. Reg. III — 2) Em quanto as luzes são vivas, cada reflexo dellas é um raio, que cega os olhos da inveja: porém depois que ellas se apagaram, e muito mais se se motem largos annos em meio, então abre a inveja, como ave nocturna, os olhos; então vê o que não podia vêr; então venera e celebra essas mesmas luzes, e levanta sobre as estrellas seus resplandores. Por isso disse com grande juizo S. Zeno Veronense, que todo o invejoso é inimigo dos presentes, e amigo dos passados: *In omnibus se inimicum præsentium servat, amicum vero pereuntium.* Os mesmos que agora amam, e veneram tanto a Santo Antonio, se viveram em seu tempo, o haviam de aborrecer e perseguir; e as mesmas maravilhas, que tanto celebram e encarecem, se fo-

ram obras na sua patria, as haviam de escurecer e aniquilar. Não tenho menos fiador desta, que só parece conjectura, que a verdade do mesmo Christo. É um logar da historia evangelica, antes de bem entendido, escuro; mas depois de entendido, singularmente admiravel.

Os escribas e phariseus do tempo de Christo, que eram os mais doutos e religiosos, em nenhuma coisa se esmeravam tanto, como em edificar mausoleos aos prophetas, e ornar e renovar os sepulchros dos santos antigos. Á vista pois destas fabricas, e do que sobre ellas diziam, reprehendeu-os o Senhor asperamente e exclamou contra elles desta maneira: *Vae vobis, scribæ, et pharisæi hypocritæ, qui ædificatis sepulchra prophetarum, et ornatis monumenta justorum, et dicitis: si fuissetus in diebus patrum nostrorum, non essemus socii eorum in sanguine prophetarum!* (Matth. XXIII — 29 e 30) Ai de vós, escribas e phariseus hypocritas, que edificais sepulchros aos prophetas e ornaes os monumentos dos justos, e dizeis que se vós vivereis no tempo de vossos paes, que os perseguiram e mataram, não haviéis de ser cúmplices nas suas mortes, nem ter parte no seu sangue! Atéqui parece que não havia materia de reprehensão, senão de louvor; porque tudo era honrar e venerar os santos, e detestar o sacrilegio e tyrannia dos que os tinham perseguido e morto. Mas o que mais acrescenta a difficuldade e admiração, é o motivo da mesma reprehensão, que o Senhor prosegue, e a conclusão, que infere daquellas mesmas obras. *Itaque testimonio estis vobismetipsis, quia filii estis eorum, qui prophetas occiderunt: et vos implete mensuram patrum vestrorum.* (Ibid. XXXI — 32) E d'aqui se prova bem (diz o Senhor), e vós mesmos testemunhaes contra vós, que sois filhos e imitadores daquelles que mataram os prophetas, e que em edificar e ornar os seus sepulchros acabaes de encher as medidas do que vossos paes começaram. Não pôde haver mais notavel consequencia, nem mais difficuloso modo de inferir! Se o Senhor dissera: Vós mataes os prophetas, e perseguis os justos, como vossos paes os mataram e perseguiram; bem se inferia, que como filhos de seus paes, eram tambem seus imitadores. Mas se os paes mataram os prophetas,

e os filhos lhes edificavam magníficos sepulchros : se os paes derramaram o sangue dos justos, e os filhos os veneravam e honravam : se os mesmos filhos condemnavam o que seus paes tinham feito, e protestavam, que se viveram no seu tempo haviam de fazer o contrario ; como affirma a verdade de Christo, que tudo isto era hypocrisia e falsidade, e que as mesmas obras presentes, posto que tão diversas, eram testemunho e prova de que haviam de fazer o mesmo que seus paes fizeram ? Se nas sentenças divinas póde haver superlativo, esta verdadeiramente foi divinissima. Todos aquelles prophetas, e santos antigos, cujos sepulchros agora veneravam tanto, tinham sido perseguidos e mortos por inveja de seus proprios naturaes, como homens em fim maiores, e mais eminentes que os outros na sua patria : e d'aqui se seguia, como inferiu a summa verdade, que todo o culto e veneração, com que os descendentes daquelles mesmos paes agora os celebravam, não era prova de que elles não houvessem de fazer o mesmo, se vissem no seu tempo : antes provava e testemunhava contra elles, que tambem os haviam de perseguir e matar ; porque é consequencia propria e natural da inveja, perseguir os presentes e estimar os passados, matar os vivos e celebrar os mortos. Assim que, todas essas festas publicas, todos esses panegyricos e applausos, com que hoje celebra Lisboa e Portugal o seu portuguez, tão longe estão de provar que no tempo em que vivia Santo Antonio, houvessem de fazer o mesmo, que antes são testemunhos publicos e authenticos do contrario : e que essas mesmas maravilhas, que hoje tanto celebra e festeja a sua patria, se elle as obrára na mesma patria, hoje faz quatrocentos annos, quando vivo, nem então haviam de ser maravilhas, nem haviam de luzir como taes, nem haviam de ser vistas, quanto mais celebradas ; porque os olhos da inveja são como os de Heli, que em quanto se não apagam as alampadas, não vêem as luzes : *Nec poterat videre lucernam Dei, antequam extingueretur.*

VIII.

Temos visto que as obras illustres e gloriosas que Santo Antonio

obrou nas terras estranhas, não as havia de fazer na sua, e que ainda que as fizesse nella, não haviam de ser vistas : agora digo e concluo, que ainda que fossem feitas e vistas, por isso mesmo não haviam de ser boas : *Ut videant opera vestra bona*. A razão desta lastimosa verdade, em summa é, por que em havendo olhos maus, não ha obras boas. Boa obra era, e canonisada por boa, derramar a Magdalena os unguentos preciosos sobre os pés do Salvador : *Opus enim bonum operata est in me*. (Matth. XXVI — 10) Mas como eram maus os olhos de Judas, logo essa mesma obra boa foi murmurada e reputada por não boa : *Ut quid perditio hæc?* (Ibid. — 8) Boa obra era, e tambem canonisada por boa, a graça que o pae de familias fez aos ultimos que vieram trabalhar á sua vinha ; mas tambem a murmuraram e se escandalisaram della os companheiros : *Murmurabant adversus patrem familias*. (Ibid. XX — 11) E porque ? Porque ainda que a obra era boa, os olhos eram maus : *An oculus tuus nequam est, quia ego bonus sum?* (Ibid. — 15) Basta que porque eu sou bom, hão de ser os vossos olhos maus ? Sim : e não é necessario outro porquê. Antes deste mesmo *porquê*, e desta mesma causa, resulta outro effeito ainda peor. Porque eu sou bom, os vossos olhos são maus ; e porque os vossos olhos são maus, eu hei de deixar de ser bom. Assim succedea ao pae de familias ; porque elle era bom, e a graça que fez era boa, os olhos que a viram foram maus : e porque os olhos que a viram foram maus, a graça, e quem a fez, deixaram de ser bons ; e por isso foram murmurados. Notae este terrivel e diabolico circulo, que a inveja faz com causalidade reciproca entre a potencia de ver, e o objecto visto. A vista, ou se faz por especies, que o objecto manda á potencia, ou por raios, que a potencia manda ao objecto : e estas duas opiniões contrarias dos philosophos, conciliou e ajuntou a inveja para fazer guerra ao bem, que não pôde ver. Pelas especies que saem do objecto, faz que sendo o objecto bom, os olhos sejam maus : e pelos raios que saem dos olhos, faz que sendo os olhos maus, o objecto não seja bom. De maneira que a bondade do objecto faz a maldade da potencia, e a maldade da potencia desfaz a bondade do objecto. Porque eu sou bom, os teus olhos são maus : e porque os teus olhos são maus,

eu não hei de ser bom. Vêde se mettidas entre tal casta de olhos, podiam ser as obras de Santo Antonio boas : *Ut videant opera vestra bona.*

E se algum curioso admirado de taes effeitos, me perguntar qual é o segredo desta maldita philosophia, respondo que o segredo é, porque os olhos da inveja nunca vêem sem dar olhado. Oh que bello menino (diz o que dá olhado) ! E no mesmo ponto se murchou aquella belleza, e o menino definhou, até que morreu de todo. Se o olhado chegára ao ceu, tanto que estes maus olhos se fitassem no sol, logo aquella immensa e formosa luz que doura e allumia o universo, se havia de eclipsar e escurecer. E isto mesmo que o olhado não pôde fazer no sol do ceu, sem duvida o havia de fazer no sol da terra, se a luz e obras gloriosas de Santo Antonio fossem vistas na sua. Mandou-lhe Christo que a sua luz resplandecesse de tal modo diante dos homens, que elles vissem as suas obras boas : *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona* : e se a luz de suas obras, ou as suas obras de tanta luz, com que esclarecia o mundo, fossem feitas e vistas na sua patria ; logo a luz havia de ficar eclipsada, e a bondade das obras escurecida ; porque os mesmos olhos que as vissem, lhes haviam de dar olhado ; e as mesmas obras boas, e tão boas, assim vistas, ou olhadas, haviam de deixar de ser boas. Não é consideração ou malicia minha, senão oraculo expresso do Espirito Santo : *Fascinatío nugacitatis obscurat bona.* (Sapient. IV — 12) O olhado dos olhos maus escurece todas as obras boas. E chama-se este olhado, o olhado da zombaria : *Fascinatío nugacitatis* ; porque os invejosos zombam do que haviam de admirar, e fazem farça do que deviam applaudir. E é traça de desfazer e desmentir o mesmo bem, que reconhecem, rirem-se por fóra, do que os faz chorar por dentro. Obrigação tinha logo Santo Antonio de buscar outros olhos mais benignos, e menos venenosos ; porque se o effeito do olhado é escurecer : *Fascinatío obscurat* ; como podia a luz de Santo Antonio luzir : *Sic luceat lux vestra* ? E se o que escurece o olhado são as boas obras : *Obscurat bona* : como podiam as obras de Santo Antonio, vistas por taes olhos, parecer boas : *Ut videant opera vestra bona* ?

Para que vejamos nas mesmas obras boas, e tão gloriosas de Santo Antonio, como isto havia e podia ser ; é necessario que advir-
tamos primeiro uma notavel habilidade e astucia, que usa a inveja
para desluzir e escurecer as boas obras, e para lhes avenenar e des-
truir a mesma bondade. E qual vos parece que será esta habili-
dade e astucia ? É que nunca olha para toda a obra boa de claro em
claro, assim como é em si mesma ; senão que sempre a procura to-
mar por um lado, e por aquella parte, ou ponta d'onde menos cla-
ramente se descobre a sua bondade, para ter em que morder e
que arguir. Balac, rei dos moábitas, tendo á vista os arraiaes do
povo de Deus, de que era capital inimigo, subornou com grandes
promessas ao propheta Balaam, para que os amaldiçoasse. Subiu-
se o propheta a um monte, d'onde se descubriam todos os arraiaes,
e viu nelles tal ordém, tal concerto, tal grandeza e magestade.
que em lugar de os amaldiçoar, os abençoou, e disse e prophe-
tisou delles grandes maravilhas. Que faria o rei ouvindo isto ?
Queixou-se muito a Balaam de que fizesse tanto pelo contrario
o que entre ambos estava concertado ; e como elle se escusasse
que não pudéra fallar contra o que vira, nem dizer mal do que
lhe parecêra mais que bem ; o meio que de novo lhe offereceu e
aconselhou o rei, foi este : *Veni mecum in alterum locum, unde
partem Israel videas, et totum videre non possis, inde maledicito
ei :* (Num. XXIII — 13) Vinde commigo a outro lugar d'onde
vejaes só parte de Israel, e não o possaes ver todo, e d'ahi o amal-
diçoareis. De sorte, que intendeu sagazmente o rei, que aquillo
mesmo que vendo-se todo e como é, não se pôde amaldiçoar ;
visto só por algum lado, pôde ser capaz de maldição. E este é o
dictame e a astucia da inveja. Olha para as coisas grandes de
modo que se não vejam todas, senão alguma parte, e essa a me-
nos luzida ; e desta sorte não ha obra boa tão boa, que por mal
vista não possa ser maldita.

Ninguém fez neste mundo tão boas obras, nem tão manifestas,
nem tantas, como o Filho de Deus : *Multa bona opera ostendi
vobis ex Patre meo.* (Joan. X — 32) Mas vêde porque lado as
via, e como olhava para ellas a inveja, que por ellas o poz na cruz.
Se tirava a Mattheus do Telonio, e Zacheu das usuras, não dizia

que convertia os peccadores, senão que tractava com publicanos. Se da vista ao cego de seu nascimento, fazendo um pequeno de lodo, e pondo-lh'o nos olhos; e se ao paralitico de trinta e oito annos mandava levantar do leito, e tomal-o ás costas, não dizia que fazia milagres, senão que quebrantava o sabbado. Se nas voadas de Caná persuadia o celibato a João; e convidado pelo phariseu defendia a penitencia da Magdalena, e no banquete do outro principe reprehendia a soberba dos primeiros logares, e louvava a modestia e humildade dos ultimos, não dizia que das mezas fazia escola de virtudes, senão que andava em convites. Se via o concurso das gentes, umas sobre outras, a tocar as vestiduras sagradas, e receber saude, não dizia que sarava os enfermos, senão que perturbava e inquietava a republica. E se deste modo eram vistas as boas obras de Christo pelos olhos dos seus naturaes; como veriam as de Santo Antonio ser boas: *Ut videant opera vestra bona?*

Dae-me licença que eu me revista um pouco de humor invejoso, e vêde como haviam de ser avaliadas na sua patria as obras boas, e tão boas, de Santo Antonio. Quando vissem que deixava a sobrepeliz, e murça de Santa Cruz, e se passava ao habito de S. Francisco; e que trocava o nome de D. Fernando, pelo de Fr. Antonio, não haviam de dizer que buscava maior aspereza e humildade, senão que era um moço vario e inconstante, e que não podia ser bom espirito o que deixava a primeira vocação. Quando ouvissem, que tendo deixado Portugal para ir buscar o martyrio a Africa, se embarcava outra vez da Africa a Portugal para buscar e recuperar a saude nos ares patrios, bem se vê o que diriam; que os martyrios vistos de perto são muito mais feios que de longe; que aquelles fervores de ser martyr, com as aguas do Mediterraneo se tinham apagado, e que mal teria coração para dar a vida, quem tão amigo era da saude. A passagem ou arribada a Scilia e Italia, claro é que se havia de attribuir á tempestade e acaso, e não a mysterio da providencia, que o levava, onde tanto se queria servir delle. E quando se visse que com tão poucos annos de habito, e de idade, se punha em campo contra Fr. Elias, que relaxava a pobreza e primitiva regra serafica, não haviam de dizer,

que aquillo era zelo da religião, *senão divisio á capite*; que era desobediente e rebelde ao seu geral; que era sedicioso e perturbador da ordem; em fim que obrava como filho de seu pae, e não como filho de S. Francisco; e para maior energia e propriedade da *satyra*, aqui lhe haviam de encaixar o sobrenome de Bulhão, que tinha deixado no mundo. Quando ouvindo a confissão do outro moço que tinha pizado a sua mãe, lhe afeiou a enormidade daquelle desacato com tal efficacia, que o moço assombrado se foi cortar o mesmo pé, não haviam de reparar em que o Santo lh'o restituira outra vez milagrosamente; mas que era tão indiscreto nas reprehensões dos peccadores, que não merecia ter assento no tribunal da benignidade e misericordia de Christo, e que devia a religião privar-o do confessionario. Se se dissesse, que homens e mulheres se levantavam de noite para ir tomar logar no campo, onde havia de prégar Santo Antonio, e que a outra mãe pela mesma causa deixára só o filhinho, que innocentemente se deitou em uma caldeira de agua fervendo; que motivos tão apparentes teria a inveja para dizer, que aquellas prégações e aquelles concursos mais eram para destruição das almas e das vidas, que para edificação? Que direi do partido, em que o Santo veio com os hereges, de que a mula esfaimada de tres dias, com o pasto natural diante, e o pão do ceu á vista, decidisse a controversia? Qual temeridade (diriam) póde ser maior, e mais precipitada, que no mysterio mais sagrado da nossa fé fiar a demonstração da sua verdade da contingencia de um successo tão difficultoso, e do appetite irracional, e da fome irritada de um bruto? Outra vez tendo fugido um noviço do convento, mandou o santo ao demonio, que com uma espada nua o esperasse ao passar de uma ponte, e o fizesse tornar para d'onde viera; e não haviam de dizer que até o inferno obedecia a Antonio, *senão* que era homem de taes artes, que tinha trato secreto e familiar com os demonios, e ao menos, que usava de meios tão suspeitosos, que deviam ser delatados ao santo officio. Já se lhe succedesse então o que depois experimentou Roma na egreja antiga de S. Pedro, quando o pontifice mandou que em logar de uma imagem de Santo Antonio, se puzesse a de S. Gregorio; que diria a piedade

e devação portugueza? Foi o caso, que subindo o pedreiro para picar a parede, levantou (diz a historia) o picão, e dando o primeiro golpe *in capitis*, no capello do Santo, elle despregou a mão pintada, e deitando a rodar o pedreiro, e o andaime com um fracasso, que fez tremer toda a basilica, metteu outra vez a mão na manga, e defendendo desta sorte o seu posto, ninguém se atreveu mais a o tirar delle. E fradesinho menor, que não cede o seu logar nem a um santo, como S. Gregorio Papa, nem por mandado de outro papa; e que tanto que lhe tocam, e o picam, dá com tudo a rodar; e que á primeira picada não espera pela segunda, porque não sabe levar duas em capello; pintado portuguez será elle, mas Santo, isso não.

E se as boas obras de Santo Antonio assim haviam de ser, ou assim podiam ser interpretadas na sua patria (como ella costuma interpretar e accusar outras verdadeiramente boas, e tanto mais quanto mais teem de maravilhosas) fez muito bem, e andou muito prudente o Santo em as vir obrar em terra onde fossem estimadas, como mereciam, e vistas como Deus lhe mandava: *Ut videant opera vestra bona*. Naquelle seu cantico triumphal-introduz o propheta Abacuc a Deus saindo a obrar maravilhas em Babilonia, não por si mesmo, senão por seus ministros e instrumentos, e diz estas notaveis palavras: *Deus ab austro veniet, et sanctus de monte Pharan: splendor ejus, ut lux erit, cornua in manibus ejus*. (Abac. III — 4) Diz, como coisa nova e rara, que será o seu resplendor á medida da sua luz: *Splendor ejus, ut lux erit*; porque ordinariamente vemos grandes resplandores, onde não ha luz, e grandes luzes sem nenhum resplendor. O proverbio da nossa terra diz: *Nem tudo o que luz é oiro*: melhor diria, se dissesse: *Nem tudo o que é oiro luz*: e como Santo Antonio na sua patria era oiro, quando menos arriscado a não luzir, e luz arriscada a não resplandecer; como se havia de expor a estas contingencias, se Christo lhe mandava que luzisse a sua luz: *Sic luceat lux vestra*? Diz mais o propheta, que esta luz resplandecente levava nas mãos o que os toiros trazem na cabeça: *Cornua in manibus ejus*. E se vos admira a phrase, e quereis ouvir a interpretação propria desta, que parece impropriedade, sabeí que a

palavra *cornua*, referindo-se, como aqui se refere, á luz, quer dizer resplandores. Por isso dos resplandores que lançava de si o rosto de Moysés, se diz no texto sagrado: *Cornuta erat facies sua*. (Exod. XXXIV — 29) E estes resplandores nasciam e estavam nas mãos, *in manibus ejus*; porque nas mãos e nas obras se hão de ver, como se viam as de Santo Antonio: *Ut videant opera vestra bona*. Finalmente, diz, que esta mesma luz, ou este mesmo santo, saiu do monte Faran: *Et sanctus de monte Pharan*, com grande mysterio; porque o monte Faran, como declaram e trasladam os Setenta, é o mesmo que o monte das sombras: *De monte umbroso*: e para a luz luzir, e as boas obras resplandecerem, é necessario que saíam e se apartem da terra das sombras, onde ellas as podem eclipsar e escurecer. Por isso Santo Antonio saiu da sua com divina prudencia e providencia: e porque esteve fóra da terra das sombras, por isso a luz das suas obras luziu e resplandeceu de maneira, que os olhos dos homens puderam ver obras de tanta luz: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona*.

IX.

Tal foi, senhores, hoje foz um anno, a luz, e taes são hoje as sombras que nos deram materia á primeira e segunda parte deste sermão, ou destes dois sermões. O primeiro todo de luz, e o segundo todo de sombras. E tendo eu dado fim, como tenho, a um e outro discurso, que colherei de tão estranho assumpto para dizer ao nosso Santo portuguez, e a todos os portuguezes? A vós, meu Santo, só digo, que vos dou o parabem, e os devidos louvores, não por outro motivo, senão pelo mesmo com que se queixava de vós a patria, invejosa de Italia: e não por outro exemplo, senão pelo mesmo que ella allegava de José, ao qual mais generosamente antes quizestes emendar, que seguir. Elle mandou trasladar seu corpo do Egypto para a sua patria: e quem o poderá livrar de ingrato nesta eleição, e de injusto nesta preferencia? Na patria foi perseguido, foi prezo, foi vencido, e, para dizer tudo em uma palavra, foi invejado de seus proprios irmãos. No Egypto foi amado, foi estimado, foi adorado e preferido pela

mesma magestade a todos os naturaes, sendo estrangeiro. E se a patria, em summa, de livre e senhor o fez escravo, e o Egypto de escravo principe; devendo José eternisar a memoria de tamanhas obrigações, quando menos nos marmores do seu sepulchro; que as esqueça, as desconheça, e quasi as despreze, pelo amor tão mal merecido da terra indigna em que nascêra! Não ha duvida que se péde pôr em questão, se foi mais ingrato José com o Egypto, ou a sua patria com elle. Não assim o generoso e fiel animo de Antonio, e por isso antes de Padua, que de Lisboa. Não teve aggravos que perdoar á patria; porque os anticipou com fugir della: foi porém tão reconhecido, e tão agradecido ás honras que recebeu da devação, da piedade, e da nobreza de Italia, posto que terra estranha, que não tendo outra coisa que lhe deixar (como aquellè que tinha deixado tudo) por prenda de seu amor, por memorial de sua gratidão, e por fiador perpetuo de seu patrocínio, deixou nella o deposito de seus sagrados despojos; para que também intendam todos os que amam, veneram, e servem a Santo Antonio, de qualquer nação ou condição que sejam, que servem a tão bom pagador, que não sabe dever o que deve; e que só é natural das suas obrigações, porque não reconhece outra patria.

SERMÃO

DA

EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ.

**Prégado no convento da Annunciada em Lisboa, no
anno de 1645.**

*Nunc judicium est mundi: nunc princeps
hujus mundi ejicietur foras: et ego si exal-
tatus fuero à terra, omnia traham ad me
ipsum. — Joan. XII.*

I.

Uma pratica espiritual com accidentes de sermão é o que temos hoje para ouvir. Encommendaram-me ao principio que fizesse neste dia uma pratica da exaltação da cruz, encaminhada somente à espiritos religiosos; e depois, mudando-se de parecer, ou estendendo-se a caridade e a devação, ordenaram que a cadeira se trocasse com pulpito, que as portas se abrissem, e o que havia de ser pratica particular, fosse sermão para todos. Assim será: prégaremos á religião, e prégaremos ao mundo, mas da cruz espiritual a ambos.

Para intelligencia desta não ordinaria materia, havemos de

presuppor que ha dois generos de cruces neste mundo ; uma cruz material, e outra espirital. A cruz material é aquelle sagrado lenho, em que Christo Salvador nosso obrou os mysterios divinos da redempção do genero humano. A cruz espirital é a mortificação interior e exterior do corpo e alma, com que os verdadeiros christãos, e particularmente os que professamos vida religiosa, crucificam suas paixões e appetites. Desta segunda cruz fallava S. Paulo, quando disse : *Qui carnem suam crucifixerunt cum vitiis, et concupiscentiis suis* : (Galat. V — 24) que crucificaram sua carne com seus vicios e desordenados desejos : e da mesma cruz fallou Christo naquelle desengano que deu a todos : *Si quis vult venire post me, tollat crucem suam, et sequatur me* : Se alguém quizer vir apoz mim, tome a sua cruz, e siga-me.

Estas duas cruces, com serem tão differentes, ambas são instrumentos de nossa redempção ; porque, para um homem se salvar, não bastam só os merecimentos de Christo, são necessarios tambem merecimentos proprios. Na cruz material temos os merecimentos de Christo : na cruz espirital temos os merecimentos nossos. A cruz material foi instrumento da redempção de todos, quanto á sufficiencia : a cruz espirital é instrumento da redempção de cada um, quanto á efficacia. D'onde se segue que, em certa maneira, importa mais para a salvação a nossa cruz, que a cruz de Christo : porque sem a cruz de Christo ninguém se póde salvar ; mas com a nossa cruz ninguém se póde perder : depois de Christo morrer na cruz por amor de nós, muitos se perdem : mas os que tomam a sua cruz em seguimento perseverante de Christo, todos se salvam.

Isto posto, quinta feira celebrou a egreja a festa da exaltação da cruz material, quando o imperador Heraclio a libertou do captiveiro da Persia, onde a tinha levado Cosroas, tirando-a de Jerusalem ; porém hoje celebraremos a exaltação da cruz espirital, que bem considerada em suas circumstancias, será ainda maior e mais christã solemnidade : porque se a cruz material

* Matth. XVI — 24. Marc. 8 — 34.

esteve captiva quatorze annos: a cruz espiritual está captiva desde principio do mundo, que na arvore vedada, e na desobediencia de Adão, se deu principio a seu captiveiro: e se a cruz material esteve captiva só em Persia; a cruz espiritual esteve, e está captiva em todos os reinos e em todas as nações do mundo; porque não só os judeus a teem por escandalo: *Judeis quidem scandalum*; (1. Cor. I — 23) nem só os gentios a teem por ignorancia. *Gentibus autem stultitiam*; (Ibid.) mas ainda os mesmos christãos, que adoram a cruz material de Christo, a aborrecem, e vituperam a espiritual, como chorava S. Paulo: *Nunc autem et flens dico, inimicos crucis Christi*. (Philip. III — 18)

E como o captiveiro da cruz espiritual é tanto mais antigo, e tanto mais universal, que o da cruz material de Christo; se eu hoje conseguisse deste auditorio com as palavras, o que Heraclio antigamente alcançou dos persas com as armas: se hoje libertassemos a cruz espiritual do captiveiro, em que a tem tão sepultada e abatida, a opinião e obstinação dos homens; não ha duvida que seria muito maior exaltação da cruz de Christo esta. Mas tão grandes victorias não se alcançam sem grandes soccorros da graça divina, peçamola primeiro ao Espirito Santo por intercessão da Senhora. *Ave Maria*.

II.

*Nunc judicium est mundi: nunc princeps
hujus mundi ejicietur foras: et ego si exalta-
tus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum.*

Hoje, diz Christo, é o dia do juiso do mundo: hoje ha de ser o mundo lançado fóra: e eu se for crucificado, hei de trazer a todos a mim. Notaveis palavras! O dia do juiso do mundo, é de sê, que ha de ser no fim delle: então ha de vir Christo a julgar vivos e mortos. Pois se o dia do juiso ha de ser nó fim do mundo, como diz Christo que hoje é o dia do juiso do mundo: *Nunc judicium est mundi*? A razão, posto que a não tocassem

os expositores, é esta. Neste mundo quer Deus que haja dois dias do juizo; um dia do juizo, em que os homens sejam julgados; e outro dia do juizo, em que os homens julguem. No dia do juizo futuro ha de julgar Christo entre homens e homens; no dia do juizo presente hão de julgar os homens entre o mundo e Christo. No dia do juizo futuro ha Christo de lançar de si aos maus, e chamar a si aos bons; no dia do juizo presente hão os homens de lançar de si ao mundo, *Nunc princeps hujus mundi ejicietur foras*; e hão de trazer a si, ou ser trazidos de Christo: *Omnia traham ad me ipsum*. (Matth. XXIV — 35) Finalmente, no dia do juizo futuro ha de sair a cruz a julgar e condemnar: *Tunc parebit signum Filii hominis*; no dia do juizo presente ha de sair a cruz a ser julgada e exaltada: *Et ego si exaltatus fuero à terra*.

Para fazer este juizo entre o mundo e Christo, entre a cruz de um e a cruz de outro, é necessario suppor primeiro, que, assim os que seguem ao mundo, como os que seguem a Christo, todos nesta vida teem suas cruzes. É este mundo como o monte Calvario, em que se veem todos os estados dos homens, e todos em cruz. Todos os homens do mundo, ou são justos, ou peccadores, ou penitentes. Se sois justo, haveis de ter cruz; porque Christo era justo, antes a mesma justiça, e tinha a sua. Se sois peccador, haveis de ter cruz; porque o mau ladrão era peccador, e estava crucificado. E se sois penitente, tambem haveis de ter cruz; porque o bom ladrão era penitente, e a cruz era a maior parte da sua penitencia. Se fordes rei, haveis de ter cruz; porque Christo tinha um titulo, que dizia: *Rex Judæorum*; e o titulo e mais o Rei ambos estavam pregados nella. E se fordes dos que estão ao lado do rei, tambem haveis de ter cruz; porque ao lado de Christo estava Dimas e Gestas, e estavam cada um na sua.

Muito em seu lugar, e muito fóra de seu lugar estavam estes dois ladrões. Estavam muito em seu lugar, porque estavam crucificados com as mãos e pés pregados na cruz; e estavam muito fóra de seu lugar, porque estavam ao lado do Rei. Se viverdes na corte, haveis de ter cruz; que pelas ruas de Jerusalem levou Christo a cruz ás costas: e se viverdes no monte, tambem haveis

de ter cruz ; que no monte Calvario teve a cruz a Christo nos braços. Emfim, se tiverdes vontade de levar a cruz, leval-a-heis ; que Christo desejou muito leval-a, e levou-a : e se não tiverdes vontade de a levar, também bem a levareis ; que o Cyreneo não queria levar a cruz, e forçaram-no a que a levasse. De maneira, que, ou por acto de virtude, ou por remedio de necessidade, não ha passar esta vida sem cruz. Antes a maior felicidade dos vivos é como o enterro dos defuntos : quanto mais pompa mais cruces.

Para sabermos quaes devem ser as escolhidas, e quaes as reprovadas, ajustando a festa com o evangelho, determino fazer hoje um dia do juiso das cruces : *Nunc judicium est mundi*. Chamaremos a juiso as cruces de todo o mundo ; e da maneira que no dia do juiso final se hão de pesar os merecimentos de todos os homens, assim o faremos neste juiso das cruces, e julgaremos quaes dellas são mais ou menos pezadas. Sentenciar e examinar cada cruz de por si, seria coisa muito dilatada, é impossivel. Pelo que, accommodando-me ás duas partes do auditório, secular e religioso, e não me esquecendo da exaltação da cruz de Christo, que é a solemnidade, reduzirei todos os generos de cruces universalmente a tres : cruz de Christo, cruz da religião, cruz do mundo. O juiso dos homens ha se de fazer no valle de Josaphat ; o juiso das cruces fal-o-hemos no monte Calvario : e assim como nò dia do juiso do valle de Josaphat, Christo ha de estar no meio, e á mão direita bons, á mão esquerda maus, assim neste juiso do monte Calvario, no meio poremos a cruz de Christo, á mão direita a cruz da religião, á mão esquerda a cruz do mundo. Asentadas nesta fórma as tres cruces, começará o rigoroso exame, e para que cada um de nós conheça e tome bem o pezo á sua cruz, faremos entre todas tres duas comparações. Na primeira compararemos a cruz da religião com a cruz de Christo ; e examinaremos qual é mais pezada e mais estreita, se a cruz de Christo, se a cruz da religião. Na segunda compararemos a cruz do mundo com a cruz da religião ; e examinaremos qual é mais estreita e mais pezada, se a cruz da religião, se a cruz do mundo. Destas comparações e exames assim feitos se seguirão no juiso de toda a boa razão ás duas consequencias que Christo prometta

no nosso evangelho. Primeira, que o mundo seja condemnado, e vá fóra : *Nunc princeps hujus mundi ejicietur foras*. Segunda, que todos se abracem com Christo, por meio da sua cruz : *Et ego si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum*.

III.

Entrando no primeiro exame, e comparando a cruz da religião com a cruz de Christo, ainda que a cruz de Christo, absolutamente fallando, foi a mais rigorosa de todas as cruzes; comtudo, attendendo a muitas circumstancias particulares, digo, que mais estreita é a cruz da religião, que a cruz de Christo. Parece proposição atrevida, mas tenho fiador abonado della um grande douto, e grande espirital, Pedro Blesense : *Audeô, et dico : In strictiore cruce pendet vir contemplativus, quam Christus*. Ouso dizer, e digo, diz Blesense, que a cruz da religião é mais estreita que a cruz de Christo : e provo : *Christo confixus sum cruci* : (Galat. II — 19) Eu, diz S. Paulo, estou crucificado na mesma cruz com Christo. D'onde se collige claramente, que mais estreito e apertado estava na sua cruz S. Paulo, do que Christo na sua : porque Christo na sua cruz estava só ; e S. Paulo na sua estava acompanhado : Christo na sua cruz não estava com Paulo ; e Paulo na sua cruz estava com Christo : logo mais estreita é a cruz para Paulo religioso, que para Christo crucificado.

Para prova desta maior estreiteza traz Pedro Blesense uma razão, e eu acho quatro. Começemos pela sua. É mais estreita a cruz da religião, que a de Christo (diz Blesense), porque, se bem advertis, Christo na cruz tinha cravados os pés e as mãos, mas não tinha cravada a lingua, porque fallava ; porém o religioso não só tem cravado o corpo na cruz da religião com tres votos essenciaes de pobreza, castidade, e obediencia, senão que tem cravada e crucificada a lingua pela regra do silencio, que é outro cravo.

Quão terrivel circumstancia seja esta de não fallar, explicou melhor que todos David : *Quoniam tacui, inveteraverunt omnia*

ossa mea. (Psal. XXXI — 3) Porque não fallei, se me envelhecaram os ossos. Grande tormento deve de ser o silencio, pois se compara á velhice, que tanto doe a tantos. Se dissera, a David, que com o silencio se lhe fizeram brancos os cabellos, se lhe enrugára o rosto, se lhe entorpeceram os pés, grandes eram os poderes do silencio; mas o em que reparo é, que não só diz que envelheceu, porque callou, senão que lhe envelhecaram os ossos: *Inveteraverunt ossa mea*: sim, que é tão grande violencia em uma creatura racional o callar, que chega a fazer em poucos dias, o que não pôde fazer a morte em muitos annos: é tão penetrante tormento o callar, que calla até os ossos.

E qual será a razão? É por que a morte é violencia da vida animal, e o silencio é violencia da vida racional. Pela vida nos distinguimos dos mortos, pela falla nos differencamos dos brutos; por isso quando Deus infundiu a alma no homem, em lugar de *Factus est homo in animam viventem*, (Gen. II — 7) diz o original hebreu: *In animam loquentem*. E como o silencio violenta uma parte superior mais delicada, que é a alma, e a morte violenta uma parte inferior, que é o corpo; por isso são mais excessivos os rigores do silencio, que os da morte.

Entra o demonio a atormentar a Job, e cobrindo-lhe de chagas todo o corpo, só lhe deixa livre a bocca, e sem lezão a lingua: *Derelicta sunt tantummodo labia circa dentes meos.* (Job XIX — 20) Pergunto: Se o demonio tem tão pouca piedade, como quem elle é, e queria atormentar a Job com intensas crueldades; por que não lhe atormenta tambem a bocca? Por que lhe deixa sem lezão a lingua? Vêde: Quando Deus deu poder ao demonio sobre Job, exceptuou-lhe a alma: *Verum tamen animam illius serva*; e como todo o direito do demonio se limitava ao corpo, e não se estendia á alma; por isso executando martyrios em todos os membros de Job, lhe deixou livre a lingua. Os outros membros são instrumentos do corpo, a lingua é instrumento da alma, como interprete do entendimento. E porque a lingua é parte da alma, bem dizia eu, que pela circumstancia do silencio, é mais rigorosa a cruz da religião, que a cruz de Christo. Na cruz de Christo estão cravados os pés e as

mãos, que são membros do corpo; na cruz da religião está crucificada também a lingua, que é membro da alma. E para fechar todo o discurso, digo, que na cruz de Christo havia um preceito que não lhe tocassem nos ossos: *Os non comminuetis ex eo*, (Joan. XIX — 36) e por isso *non frégerunt ejus crura*; (Ibid. — 33) porém na cruz da religião chegam os tormentos a penetrar os ossos, que é a efficacia do silencio: *Quoniam tacui, inveteraverunt ossa mea*.

IV.

Só vejo que me replicam, que o silencio será grande martyrio, mas que as religiosas (com quem, e de quem particularmente fallo) também fallam. Pudéra tapar as bocças a todos com responder, que ainda que fallam as religiosas, essas mesmas palavras saem tão crucificadas, quantas são as cruces de uma grade: mas não é isto o que respondo. Digo que o fallar das religiosas não diminue o martyrio da cruz, porque ainda que fallam alguma vez, fallam com taes circumstancias, que fazem maior o tormento; porque o seu fallar é com escutas, e fallar com escuta é maior pena que calar.

Veio o esposo nos Cantares a buscar a sua esposa com alguns amigos, e disse-lhe desta maneira: *Quæ habitas in hortis, amici auscultant, fac me audire vocem tuam*: (Cant. VIII — 13) Vós, esposa minha, que habitaes nesse horto, fazei-me graça de que eu oia a vossa voz, porque estão aqui também alguns amigos, que vos escutam, e querem ouvir. Que responderia a esposa a esta proposição? *Heu fuge dilecte mi*. (Ibid. — 14) O que eu vos peço, esposo meu, é que por agora vos vades; em outra occasião vos fallarei: *Non optando loquitur*; reparou bem Beda, que a esposa neste logar fallou contra o que queria, e bem o mostra aquelle ai: *heu*; porque se era seu amado, *Dilecte mi*, claro está que havia de querer fallar, e estar com elle. Pois se a esposa desejava fallar com o esposo, porque lhe diz que se vá: *fuge*? Não vêdes o que dizia o esposo: *Amici auscultant*? Ainda que o esposo vinha a fallar, traia os amigos por escutas: e houve-se a esposa discretamente, que muito melhor era não fal-

lar. Ide-vos agora, esposo meu, que outro dia me fallareis, que quanto fallar com escutas, melhor é o silencio, que o locutorio; e se isto é quando os que escutam são amigos, *amici* que será quando as escutas forem desaffeioadas?

A outra razão é; porque ainda que as religiosas fallam, fallam com licença; e para os que sabemos que coisa é religião, é certo que mais custa a licença, que o silencio. E a razão é clara; porque o silencio é calar, e a licença é pedir; e muito mais custa abrir a bocca para pedir, que fechal-a para calar. Entrou o Rei da parabola do evangelho a ver os convidados, e achou um á meza sem a vestidura de festa: mandou que o prendessem, e levassem logo a um carcere escuro, d'onde os condemnados saiam a justicar: *Ligatis manibus, et pedibus, mitte eum in tenebras exteriores.* (Matth. XXII — 13) Que faria o miseravel neste caso? Diz o texto, que emmudecera: *At ille obmutuit.* (Ibid. — 12) Pois, homem mal entendido, que fazes? Porque não te prostras de joelhos aos pés do Rei? Porque não lhe pedes perdão? Este rei não é como Herodes, que corta cabeças em dia de convites. Pois se é Rei piedoso, por que não pedes? Por que emmudeces? Emmudeceu, porque não se atreveu a pedir. De mansira, que posto um homem entre a morte e a vida, entre o calar e o pedir, antes quiz calar com certeza da morte, que pedir com interesse da vida. Logo bem digo eu, que por todas as razões é mais penoso nas religiosas o fallar, que o não fallar; e por esta circumstancia, em animos pouco atrevidos, mostra ser mais rigorosa a cruz da religião, que a cruz de Christo.

V.

A segunda circumstancia de rigor, que faz mais pezada a cruz da religião, que a cruz de Christo é, que a cruz de Christo não tirava a vista; mas a cruz da religião, ainda que não tira a vida, cerra a vista. A cruz de Christo não tirou a vista, sendo que tirou a vida, porque estava descubêta em um monte, onde Christo via o que queria; e assim viu a sua Mãe, e ao discipulo amado: *Cum vidisset Jesus Matrem, et discipulum stantem:*

(Joan. XIX — 26) mas a cruz da religião, ainda que não tira a vida, é cruz encerrada entre paredes, onde só se póde receber a luz do ceu, e não se póde ver nada no mundo. Quão estreita circumstancia de cruz seja esta, intenderam melhor que todos, a meu ver, os philisteus.

Fez Samsão aos philisteus os maiores aggravos que cabem na maior crueldade. Em um anno os matou, roubou-os, destruiu-os, e affrontou-os. Fizeram elles extraordinarias diligencias para o colher ás mãos, e depois que o tiveram em seu poder, diz o texto que lhe tiraram os olhos, e o deixaram vivo. Vivo Samsão? Pois se Samsão matou a tantos philisteus, porque não matam os philisteus a Samsão? Por que intenderam que se vingavam d'elle melhor tirando-lhe os olhos, e não tirando-lhe a vida. Se os philisteus tirassem a vida a Samsão, não ficavam vingados; por que Samsão tinha tirado muitas vidas, e muitas vidas não se pagam só com uma. Pois para que o rigor da vingança seja igual ao numero das injurias que Samsão lhes tinha feito; que fazem? Tiraram-lhe os olhos, e deixam-no vivo; por que intenderam que ficava mais castigado vivo sem vista, que morto sem vida. Se mataram a Samsão, morria só uma vez; mas deixam-n'o sem vista, para morrer tantas vezes, quantas queria ver, e não podia.

Bem o entendeu assim o mesmo Samsão. Depois que lhe cresceram os cabellos, fez que o levassem ao templo, e lançando mão ás columnas, dizendo: Assim se vinga Samsão dos olhos que lhe tiraram; deu com o templo em terra, matou-se a si, e a todos quantos alli estavam: *Pro amissione duorum luminum, unam ultionem recipiam.* (Judic. XVI — 28) De maneira que estimou Samsão tanto menos a vida, que a vista, que só por vingar a vista quiz perder a vida. E se o ver é mais estimado dos homens, que o viver; não ha duvida que é mais facil cruz aquella em que se ve, e se morre, do que aquella em que não se ve, e se vive. Mais ainda: A cruz de Christo foi cruz em que elle perdeu o ver, mas não o ser visto; porém a cruz da religião é tal, que nella não só não póde uma religiosa ver, mas nem ser vista; por isso tanto mais pezada, quanto vae de estar sepultado, a estar morto. Christo na morte perdeu o ver, na sepultura o ser visto:

porém em quanto esteve na cruz, nem perdeu o ser visto, nem o ver : logo o estar na cruz da religião sem ver, nem ser visto, não só é estar crucificado, senão morto e sepultado. D'onde se segue, que é mais rigorosa a cruz, porque é cruz com accidentes de morte, e com horrores de sepultura.

Toda a paixão de Christo se inclue no sacramento da eucharistia. Pois se Christo na paixão padeceu tanto, e no sacramento está impassivel ; porque ha de ser o sacramento não só uma cifra da cruz, senão um epilogo de todos os tormentos ? Notae. Christo no sacramento não pôde ver, nem ser visto pelo impedimento dos accidentes ; e é tão grande violencia estar um homem vivo sem ver, nem ser visto, que nesse sacramento se reduzem a compendio todos seus tormentos : *Recolitur memoria passionis ejus.*

VI.

A terceira circumstancia que faz mais pezada a cruz da religião, é, que na cruz de Christo houve uso do gosto, e exercicio da vontade : mas na cruz da religião, nem o gosto tem uso, nem a vontade exercicio. Disse Christo na cruz : Sitio : (Joan. XIX — 28) Tenho seda. Trouxeram-lhe sel e vinagre : *Et cum gustasset, noluit bibere,* (Ibid. XXVII — 34) e não quiz beber. De sorte que na cruz teve uso o gosto, porque provou : *Cum gustasset* ; e teve exercicio a vontade, porque não quiz : *Noluit* : porém na cruz da religião nem o gosto tem uso, porque não ha indifferença para provar ; nem a vontade tem exercicio, porque não ha liberdade para não querer.

Mas a meu ver não é esta a maior differença de cruz a cruz. A maior differença da cruz da religião á cruz de Christo é, que na cruz de Christo esteve a vontade livre, e na da religião está o intendimento cativo. Manda Deus a Abrahão que lhe sacrifique o filho. Obedece o patriarcha, e ponderando o texto esta acção, diz assim : *Credidit Abraham Deo, et reputatum est illi ad justitiam* : (Rom. IV — 3) Creu Abrahão a Deus, e ficou por isso com grande reputação de santo. Reparo naquella palavra *credidit*, dizer o texto que creu, havendo de dizer, obedeceu. Pois

se obedecer é acto de obediencia, e crer é acto de fé; por que pondera mais a escriptura a sua fé, que a sua obediencia? Respondem os doutores, que a obediencia de Abrahão teve uma grande circumstancia da fé; porque tendo-lhe promettido Deus que lhe daria em Isaac grande successão, e mandando-lhe que lh'o sacrificasse, encontrando-se tanto a promessa com o sacrificio, em nada repara, e obedece Abrahão. E a razão por que a escriptura pondera mais a sua fé, que a sua obediencia, é por que pela obediencia sujeitou a vontade, e pela fé captivou o intendmento. E muito maior foi o sacrificio de Abrahão por captivar o intendmento, que por sujeitar a vontade. Matar a seu filho, era vencer repugnancias da vontade: crer a Deus em tal caso, era vencer contradicções do intendmento: e muito mais fez Abrahão em sacrificar contradicções do intendmento, que em sacrificar repugnancias da vontade.

D'aqui se entenderá por que Christo Senhor nosso não quiz beber na cruz o fel e vinagre. Christo pelo muito que nos amava, nenhum tormento recusou, de quantos lhe deram seus inimigos. Pois se não recusou nenhum dos tormentos, por que não bebe o fel e vinagre? Respondo, que os outros tormentos deram-lh'os por tormentos; mas o fel e vinagre deram-lh'o por allivio. A cruz deram-lh'a por cruz: o fel e vinagre deram-lh'o por agua. Os tormentos dados por tormentos podem-se soffrer, porque são violencia da vontade; mas tormentos dados por allivio não se podem tolerar, porque são contradicções do intendmento. Que me deem a mim cruz por cruz, tormento é, mas pôde-se soffrer; porém que me deem fel por agua, é tormento que se não pôde tolerar: taes são os tormentos da religião, hão-vos de dar fel, e haveis de crer que é agua: o gosto ha de dizer que amarga, e o intendmento ha de dizer que é doce. Pôde haver maior violencia? Pois isto é o que se padece na cruz da religião.

VII.

A quarta circumstancia da cruz, que prometti, não quero ponderar, porque vae saltando o tempo: mas ella é tão evidente;

que não ha mister ponderação. Estando Christo na cruz disse : *Pater, in manus tuas commendo spiritum meum* : (Luc. XXIII — 46) Padre, em vossas mãos encomendo meu espirito. Vêdes aqui a ultima circumstancia, em que a cruz da religião excede á cruz de Christo? Na cruz de Christo houve liberdade para entregar o espirito nas mãos do Padre ; porém na cruz da religião, nem para entregar o espirito nas mãos do padre ha liberdade. Na religião tendes um padre, a quem entregaes o vosso espirito, a quem communicaes vossa alma ; mas esse padre não é de vossa eleição. O maior rigor da lei de Deus é haver de entregar um homem seu espirito, e manifestar sua alma a outro homem ; mas este rigor está tão apertado na religião, que esse homem, esse padre não ha de ser aquelle que vós quizerdes, senão aquelle que vos assignarem. Póde haver maior circumstancia de cruz ? Não ha passar d'aqui, nem 'eu direi mais.

VIII.

Temos já comparada a cruz de Christo com a cruz da religião, para que as almas religiosas conheçam seu merecimento. Agora para que conheçam sua felicidade, comparemos a cruz da religião com a cruz do mundo. Materia é esta em que o mundo anda muito enganado, como em tudo. Cuida o mundo, que é muito pezada a cruz da religião, e a sua é muito mais pezada : *Mihi mundus crucifixus est, et ego mundo* : (Gal. VI — 14) O mundo, diz S. Paulo, tem-me a mim por crucificado, e eu a elle ; maior é a sua cruz que a minha. E para que vejamos quanto mais pezada é a cruz do mundo, que a cruz da religião, façamos esta segunda comparação pelos mesmos pontos, que fizemos a primeira, mas com brevidade. Primeiramente arguimos a estreiteza da cruz da religião, por estar nella Paulo com Christo : *Christo confixus sum cruci* ; mas esta circumstancia, mais é de allivio, que de tormento. Christo não manda tomar a cruz aos religiosos, para que estejam nella, senão para que a levem : *Tollat crucem suam*. (Matth. XVI — 24) E quando a cruz é para estar e ter companhia, faz a cruz mais estreita ; porém quando é para a levar e ter

companheiros, faz a cruz mais leve. *Serviant ei humero uno*, (Sophoniæ. III — 9) dizia o propheta, fallando dos servos de Deus na lei da graça : que serviriam a Christo com um só hombro ; porque os religiosos só poem um hombro á cruz, e Christo põe o outro. Oh ditoso servir ! e não o do mundo. Vêde por quem, e com quem ; com Christo e por Christo.

D'aqui infiro eu, que a cruz da religião, ainda que tão pesada, nenhum pezo tem ; porque como a cruz se leva por Christo, e com Christo, uma parte do pezo allivia a companhia, e a outra parte allivia a causa. Provou Jacob servir quatorze annos por amor de Rachuel ; e os primeiros sete annos diz a escriptura que padeceu Jacob menos : *Videbantur illi pauci dies*, (Gen. XXIX — 20) Nos ultimos sete annos não diz o texto que Jacob padecesse alguma coisa. Pois pergunto : Jacob não serviu muito em todos os quatorze annos, que serviu por Rachuel ? Sim, serviu, e trabalhou muito, como quem era pastor. Pois se Jacob trabalhou tanto, por que se diz que nos primeiros sete annos padeceu pouco ? E se nos primeiros sete annos padeceu esse pouco, por que se não ha de dizer que nos outros sete padecesse muito, ou pouco ? A razão é por que nos primeiros sete annos trabalhou por Rachuel, mas sem Rachuel ; e nos segundos sete annos trabalhou por Rachuel, e com Rachuel : *Hanc quoque dabo tibi pro opere, quo serviturus es mihi septem annis aliis*. (Ibid. V) De sorte, que nos primeiros sete annos, Rachuel era a causa : e nos outros sete era causa e companhia do trabalho ; e como ambos juntos trabalhavam, todo o trabalho dos segundos sete annos não foi trabalho. O mesmo digo da cruz da religião. É pezada ? Sim, como o officio de Jacob : mas como nesta cruz se padece por Christo, e com Christo, é Christo a causa e a companhia. Em quanto causa, allivia uma parte do pezo ; em quanto companhia, allivia a outra : e ambas aliviam todo o pezo, com que tem esta cruz a não pesar. Quão differentes são as cruzes do mundo. Nem as allivia a causa por que o mundo é um ingrato ; nem as allivia a companhia, por que o mundo vos põe a cruz ás costas, e deixa-vos. Ninguem serviu ao mundo melhor que Christo, pois obrou por elle as mais estranhas finezas. Desterrou-se, padeceu, derramou seu sangue,

entregou sua vida, E o mundo que allivios lhe deu nestes trabalhos? Poz-lhe a cruz ás costas e deixou-o: *Omnes, relicto eo, fugerunt.* (Matth. XXVI — 56) Vêdes aqui os premios, e ajuda que vos dá o mundo? Ao fim de trinta e tres annos de serviço, poem-vos a cruz ás costas. E mais é de temer o desamparo, que a cruz. O mesmo é entregar-vos á cruz, que deixarem-vos todos. E não é ainda esta a maior circumstancia da sem-razão. Diz o texto, que sobre estar Christo na cruz, veio um ministro do mundo, e lhe metheu a lança pelo peito. De sorte, mudo, que está este Homem morrendo por ti, derramando sangue, e dando a vida, e tu sobre o pôr na cruz, ainda lhe mettes a lança? Este é, catholicos, o mundo. Christo morria por elle, e elle matava a Christo. Servi lá ao mundo! Para que é morrer, por quem vos ha de matar? Mas vamos ás mais circumstancias.

IX.

A outra circumstancia, que faz pezada a cruz da religião, dissemos, que era ser uma cruz, em que não se vê, nem se falla. E eu o intendo tanto ao contrario, que digo, que se no mundo não se fallasse, nem se visse, foram mais toleraveis as suas cruces. E senão pergunte-o cada um a si mesmo e á sua experiencia. Para fallar ao mundo, que tão mal responde, não fôra melhor ser mudos? Oh bemaventurados os mudos! porque o mudo está desobrigado de fallar talvez a um ministro incapaz, que dá a má resposta; e desobrigado de lisongear ao principe, que não quer ouvir a verdade; desobrigado de fazer bom quanto ouve, sustentando a vida á custa da consciencia. Finalmente, por que não está obrigado a mil desgostos, e a mil arrependimentos; que de haver chamado ninguem se arrependeu, e de haver fallado, sim. Oh bemaventurados os cegos, porque estaes livres de ver a cara ao mundo, e tantas falsidades e erros, como nelle se vêem! Que coisa é ver ao ignorante no lugar do sabio? Ao covarde comendo a praça do valente? Ao entremetido com valimento, ao murmurador bem ouvido, aos bons gemendo, aos maus triumphando; a virtude a

um canto, e o vicio com auctoridade? Oh que entremezes da fortuna! Oh que tragedias do mundo!

Certo, senhores, que para fallar o que aqui se ouve, e para vêr o que aqui se vê, melhor é ter véo para os olhos e silencio para a boca. Se Eva trouxera véo nos olhos, e guardára silencio, não botara a perder o mundo, como perdeu. Porque cuidaes que se perdeu o mundo? Porque houve uma mulher, que quiz fallar, e ver. Fallou Eva com a serpente, e ficou enganada. Viu Eva a arvore, e ficou vencida. Não lhe fóra melhor a ella, e a nós todos, não ter bocca para fallar, nem olhos para vêr? Estas são as liberdades do mundo, estes seus perigos.

Porém noto (e quizera que todos o notassem), o que fallou Eva, e o que viu. O que fallou, foi sobre o preceito de Deus: *Cur præcepit vobis Deus.* (Gen. III — 1) O que viu, foi a arvore da sciencia: *Vidit lignum.* (Ibid. — 6) Pois se são taes os perigos da lingua, que fallar aqui sobre os preceitos de Deus basta para perder ao genero humano, e se são taes os perigos dos olhos, que ver as arvores do paraíso, foi occasião para abrir as portas do inferno; que arriscadas serão no mundo as praticas livres, em que não se falla dos preceitos? Que perigosas serão no mundo as vistas lisongeiras, em que não se olha para as arvores, senão para as serpentes? Jacte-se embora o mundo, que, se tem cruces, são cruces em que se ve e se falla: mas lembre-se o mundo de quantos por uma palavra perderam a vida, e por uma vista perderam a alma.

X.

Só parece que na ultima circumstancia é mais fácil a cruz do mundo, que a da religião; porque na cruz do mundo, é cada um senhor da sua vontade; porém na da religião, todos estão sujeitos á vontade alheia.

Para isto sei uma coisa, que parece nova. Digo que por isso mesmo é mais leve a cruz da religião, que a do mundo; porque maior captivo é estar sujeito á vontade propria, que á alheia. Peccou o povo de Israel não querendo obedecer a Deus;

tracta Deus de castigal-o, e diz: já que os homens não querem fazer minha vontade, ordeno que façam a sua. Expressamente o disse David; *Non audivit populus meus vocem meam, et Israel non intendit mihi: et dimisi eos secundum desideria cordis eorum.* (Psal. LXXX — 12 e 13) Pois, Senhor, que modo de sentença é este? Os homens de nenhuma coisa gostam mais, que de fazer sua vontade; e com nenhuma coisa vos offendem mais, que em não fazer a vossa: pois se estes homens vos offenderam, e não quizeram fazer vossa vontade, como lhes permittis por isso, que façam a sua? É isto premio ou castigo? Premio, não; porque não se dá premio por culpas. Castigo, parece que não; porque não se dão gostos por penas. Pois que é isto?

O maior tyranno que ha no mundo, é a vontade de cada um de nós. Os tyrannos atormentam por fóra, este tyranno afflige por dentro. D'aqui se argue, que quando Deus quer dar um castigo, entrega a um homem nas mãos da sua propria vontade; por isso lhes deu por castigo, que fizessem a sua. De sorte que é maior mal estar sujeito aos appetites da vontade propria, que aos imperios da vontade alhea: pois quando a culpa é não querer obedecer á vontade alhea, da-se-lhe por castigo fazer a propria. Veja agora o mundo, qual é mais rigorosa cruz, se estar sujeito á vontade propria, ou á vontade alhea. Mas ainda que uma destas vontades seja mais tyranna que a outra, não ha duvida, que ambas molestem: a propria por dentro, a alhea por fóra. Porém a cruz da religião é tão suave, que de ambas as coisas livra ao religioso. Ouvi.

Digo que o religioso está livre de toda a vontade humana: da propria, porque a sua vontade é a do prelado; da alhea, porque a vontade do prelado, é de Deus. Assim que, o religioso não está sujeito á vontade humana, senão á divina. E de estar o religioso sujeito só á vontade de Deus, que se segue? Segue-se que em premio de despir-se de sua vontade, e está sempre fazendo. Não é paradoxo, senão verdade clara. Que remedio para fazer um homem sempre sua vontade? O remedio é querer o que Deus quer; porque em tudo se faz a vontade de Deus; e se eu quero o que Deus quer, sempre faço minha vontade. Este é o pre-

mio dos verdadeiros religiosos, no qual a sua cruz leva muita vantagem á do mundo; porque na cruz do mundo vivem os homens á sua vontade, a qual em muitas coisas não conseguem e por isso andam todos descontentes; na cruz da religião em tudo se faz a vontade do religioso; porque é força que em tudo se faça a vontade de Deus, com quem elle tem unida a sua.

XI.

Mas vejo que me replicam, que a vontade do prelado é verdade que é a de Deus; mas vem ás vezes passada por taes prelados, que não pôde deixar de ser mui penosa. Deus nosso Senhor no Testamento Velho communmente fallava por anjos. Assim fallou a Abrahão, a Jacob, a Isaac, e a outros. E talvez fallou de uma çarça como a Moysés; talvez de uma tempestade, como a Job: *De turbine.* (Job. XXXVIII — 1) O mesmo costuma succeder nos prelados. Em todos, e por todos, nos falla Deus, mas uma vez falla de um anjo, como a Abrahão, Isaac e Jacob, porque talvez é o prelado prudente, benigno e apazível; outras vezes falla de uma çarça ou espinheiro, como a Moysés; porque se o prelado é aspero, e mal acondicionado, nunca vos chegaes a elle, que não venhaes ferido; outras vezes falla de uma tempestade, como a Job; porque se o prelado é furioso, como trovão, não ha em casa quem se intenda com elle. Pois se a vontade de Deus vem executada por tal homem, que importa que seja de Deus?

Muito importa para padecer mais no mundo; porque se cá ha uma çarça e uma tempestade, ha muitos anjos; porém se lá ha um anjo, ha muitas çarças e muitas tempestades. Mas quando em tudo o demais fóra o mundo como a religião, ha uma grande differença no modo de obedecer; porque no mundo se o superior é çarça, sente-se como çarça, e se é tempestade, como tempestade: mas na religião não é assim; ainda que o superior seja çarça, aceita-se como Deus, que assim o fez Moysés; ainda que seja tempestade, aceita-se como Deus, que assim o fez Job. E vae tanto nesta differença de obedecer, que assim como as

obediências do mundo acrescentam novas violências ao sentimento, assim as obediências da religião acrescentam novos merecimentos ao sacrificio. Maior fineza é obedecer á voz de Deus pronunciada por um bruto, que articulada por um anjo.

Antes digo que chegam os obsequios da obediencia em creditos da verdade, onde chegaram os erros da idolatria em descreditos della. A idolatria chegou a conhecer divindade nos ventos, plantas e animaes: e a obediencia dos religiosos em um espinheiro, e em uma tempestade chega a reconhecer a Deus em sua voz.

Eia, pois, Senhor, deixae-me que corra por minha conta este pleito e este juiso entre as cruces. Façamos todos o mesmo, pois já temos visto que as cruces do mundo não tem mais que apparencia de leves; e verdadeiramente são pezadas: *Nunc princeps hujus mundi ejicietur foras*: fique-se o mundo embora, e atormente sua cruz aos cegos que a desconhecem, e aos insensíveis, que a não sentem. E pois a cruz de Christo, ainda que no exterior estreita e pezada, é tão larga pela causa, e tão leve pela companhia, atemos nossos corações a esta cruz, como prisioneiros do carro de seu maior triumpho. Seja esta exaltação a do instrumento sagrado, com que nos remiu Christo, para que em seguimento de suas penas, seja este desterro meio para que cheguemos a gosar suas glorias. Amen.

SERMÃO

DO

SANTÍSSIMO SACRAMENTO.

Prêgado em Santa Engrácia, no anno de 1642.

Hic est panis, qui de cælo descendit. — Joan. VI.

I.

Este é o pão que desceu do ceu, diz Christo Senhor nosso por S. Joã, affirmando a real e verdadeira presença de seu corpo santíssimo, debaixo das especies sacramentaes. Assim o intende a egreja, assim o confirmam as escripturas, assim o definem os concilios, assim o cremos firmemente os fieis catholicos: mas neste lugar, e nestas circumstancias, na memoria do atrevimento sacrilego, na consideração da ousadia heretica, que hoje gloriosamente detestamos, quasi parece que não é este o pão que desceu do ceu.

Duas coisas teve este caso, ou duas circumstancias considero nelle, uma da parte de Deus, outra da parte dos homens; as quaes ambas vistas a pouco lume de fé, parece que deixam duvidosa a verdade deste sacramento. Que podessem chegar os homens por

summa irreverencia a pôr mãos injuriosas naquella hostia consagrada, e que creamos que está alli Deus — Deus, diante cujo acatamento as potestades do ceu, as columnas do firmamento tremem! Deus, cuja omnipotente magestade os mesmos animaes brutos, dobrando os joelhos irracionaes, adoram! Deus cuja infinita grandeza até as creaturas insensivêis, dentro na incapacidade do seu ser, confessam mudas, e reconhecem sujeitas! E que aos ministros hereticos de tanta maldade, nem lhes pasmassem os braços sacrilegos, como ao impio Jeroboão, quando levantou a mão para o propheta! Nem chovesse sobre elles raios e diluvios de fogo o ceu, como sobre os soldados atrevidos, que intentaram prender a Elias! Nem a terra indignada se abrisse em boccas vingativas, e os tragasse vivos, como a Dathão, e Abiron! Nem caissem subita e temerosamente mortos, como Ananias e Zafira, aos pés de Pedro! Nem apparecessem feitos-pedaços nesta igreja, como amanheceu o idolo Dagon, á vista da arca do testamento! Que tenham tanto atrevimento os homens, e que seja Deus a quem offendem! Que tenha tanto soffrimento o offendido, e que seja Deus quem não resiste! Suspendem tanto a admiração, e são tão grandes circumstancias estas, que não só deixam pasmado o juizo que as considera, senão que vistas com olhos humanos, parece que mettem em escrupulos a mesma fé, e querem fique duvidosa a verdade divina deste sacramento.

Por parte desta verdade, e em defensa da fé catholica deste mysterio, determino sair hoje a campo, ou seja contra os erros da heresia, ou seja contra a fraqueza do intendimento humano. E para que a victoria da fé fique mais gloriosa vencendo a seus inimigos com suas proprias armas, satisfarei ás admirações do intendimento com os mesmos motivos dellas, e socegarei os escrupulos da razão pelos mesmos fundamentos, de que se levantam. O mesmo atrevimento dos homens, e o mesmo soffrimento de Deus neste caso será a prova (que não quero hoje outra) da verdade do mysterio que adoramos. Neste sentido verificarei as palavras do thema, não tomadas absolutamente, senão trazidas em particular, e applicadas ás circumstancias do caso: *Hic est panis, qui de caelo descendit. Hic*, este, contra o qual se mostra-

ram tão atrevidos os homens, offendendo-o com injurias; *Hic*, este, no qual se mostrou tão soffrido Deus, não os castigando com prodigios; *Hic est panis, qui de cælo descendit*: Este mesmo, e por isto mesmo, é o verdadeiro pão, que desceu do ceu, Christo Deus e Redemptor nosso. Esta é a materia sobre que havemos de fallar; e ainda que na casa em que estamos de Santa Engracia parece que é devida a graça, peçamol-a ao Espirito Santo por intercessão da Mãe da graça: *Ave Maria*.

II.

Hic est panis, qui de cælo descendit.

Do atrevimento dos homens, e do soffrimento de Deus, que são as duas circumstancias deste caso, prometti confirmar a fé do santissimo sacramento, que adoramos; e as consequencias em que me fundo são estas. Prova-se do atrevimento humano; porque a infidelidade dos hereges é argumento da nossa verdade. Prova-se do soffrimento divino; porque a paciencia de Christo é argumento de sua presença. Os hereges negam-o? Logo é verdade. Christo soffre-o? Logo está presente. Estas duas consequencias são as que havemos de provar. Vamos primeiro ao caso.

Consagrou Christo seu corpo na cea, deu o pão consagrado a todos os discipulos, para que o commungassem. E fallando o evangelista de Judas, diz assim: *Cum accepisset ille buccellam, exivit continuo. Cum ergo exisset, dixit Jesus: Nunc clarificatus est Filius hominis.* (Joan. XIII — 30) Tanto que Judas recebeu o bocado do pão, levantou-se logo da meza, e saiu do Cenaculo; e no ponto em que saiu, disse Christo: Agora começam as minhas glorias, agora será manifesta a fé de minha divindade, agora serei conhecido no mundo, e reverenciado por Filho de Deus. Este é o verdadeiro sentido das palavras: *Nunc clarificatus est Filius hominis*, e assim as declaram conformemente todos os sagrados interpretes. Mas antes que ponderemos a consequencia admiravel deste texto, é necessario saber como se houve Judas com o sacramento, quando a elle chegou. Christo Senhor nosso,

não commungou aos discipulos, applicando á bocca de cada um o sacramento, como agora fazemos; mas como eram todos sacerdotes, ou alli os consagrava por taes, deu-lhes o pão sacramentado, para que elles o repartissem entre si: Assim o diz o texto de S. Lucas: *Accipite, et dividite inter vos.* (Luc. XXII — 17) Chegou-lhe pois ás mãos de Judas a parte que lhe coube de pão consagrado: e agora pergunto eu: que fez Judas desta sua parte, commungou-a, ou não a commungou? É opinião de Theophylacto, e de muitos doutores daquelle tempo, que Judas, ainda que recebeu nas mãos o sacramento, que o não metteu na bocca, nem o commungou. E dizem que a isso alludiu Christo, quando dando o calix aos discipulos, acrescentou aquella palavra *omnes: Bibite ex eo omnes*: Bebei todos, porque não tinham comido todos: os onze sim; Judas não. Supposto, pois, que Judas tomou nas mãos, como os demais, o sacramento, e o não commungou, como os demais; que fez d'elle? Diga-o Theophylacto com suas mesmas palavras: *Judas panem accepit, sed non comedit; et occultavit illum, ut monstraret judæis, quod panem corpus suum vocaret Jesus*: Judas ainda que tomou na mão o pão consagrado, que Christo deu a todos, não o comeu, nem o commungou como os demais, senão levou-o consigo furtado e escondido para o mostrar aos judeus, e arguir e condemnar a seu Mestre, dizendo que aquelle pão affirmava elle que era seu corpo. Este foi o fim e o intento com que Judas saiu do Cenaculo, não com o santissimo sacramento commungado, senão roubado, como no caso presente, não o levando dentro no peito, senão nas mãos: *Cum accepisset bucellam, exivit continuo.*

Vamos agora á consequencia de Christo, á vista deste sacrilegio, e desta impiedade de Judas: *Et cum exisset, dixit Jesus*: E tanto que saiu Judas, disse Jesus: *Nunc clarificatus est Filius hominis*: Agora serei conhecido, agora serei honrado, agora serei crido, agora serei glorificado. Ha mais notavel consequencia? Quando Judas nega a verdade do santissimo sacramento, quando Judas o leva roubado, para com os judeus zombar d'elle, e o afrontar, então diz Christo que está a opinião da sua fé mais gloriosa, e as glorias de sua divindade mais declaradas; *Nunc clari-*

factus est Filius hominis? Se dissera, que então ficavam escurcidas, mais coherente ficava ; mas affirmar que mais declaradas ? Sim. Porque ainda que os atrevimentos e infidelidades dos hereges se ordenam a escurecer e infamar as glorias da fé de Christo, por esse mesmo caminho fica ella mais declarada, e mais acreditada. Quanto a auctoridade do mysterio perde de respeito, tanto a verdade da fé ganha de auctoridade. Encontram-se nos hereges com uma gloriosa implicação seus intentos, e nossa fé ; porque o credito que lhe negam, é credito que lhe dão. Negam-lhe o credito, porque a não creem ; dão-lhe credito, porque a acreditam : quanto por elles menos crida, tanto para com todos mais acreditada. Oicamos a Origenes, cujas palavras, se eu acerto a ponderal-as, são valente testemunha desta verdade.

Post evenientia ex prodigiis, necnon ex transfiguratione præconia, initium glorificandi Filii hominis fuit exitus Judæ: Depois de confirmada a fé de Christo (diz Origenes) com o testemunho dos milagres, e com o testemunho da transfiguração, quando Judas saiu do Cenaculo, então a deu o Senhor por verdadeiramente acreditada. Grande dizer, mas difficuloso em theologia. Os dois maiores fundamentos da nossa fé, são, primeiro a auctoridade divina ; segundo, a manifestação dos milagres. Na auctoridade divina se funda, como em razão formal de crer ; com os milagres se confirma como com obras sobrenaturaes, testemunhas sem suspeita da mesma auctoridade. Assim o escreveu S. Paulo aos hebreus fallando da nossa fé ; *Quæ cum initium accepisset enarrari per Dominum, ab eis, qui audierunt, in nos confirmata est, contestante Deo signis, et portentis.* (Heb. II — 3 e 4) Com estes dois testemunhos tinha Christo fundado e confirmado a fé de sua divindade, quando Judas saiu da cea : com o testemunho dos milagres nos ultimos tres annos da vida, em que obrou tantos como sabemos : com o testemunho da auctoridade divina na transfiguração, em que foi ouvida claramente a voz do Padre, que dizia : *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi complacui* : (Matth. III — 17) Este é meu Filho amado, em que muito me agradei. Pois se a fé da divindade de Christo estava fundada e démonstrada com os dois maiores argumentos

e testemunhos della; com o testemunho da omnipotencia nos milagres, com o testemunho da auctoridade divina na transfiguração: *Post evenientia ex prodigiis, necnon ex transfiguratione præconia*; como se diz, que então acabou de ficar acreditada e declarada, quando Judas saiu do Cenaculo? Quando Judas levou roubado o santissimo sacramento, para elle e os judeus desprezarem como vã, e negarem a fé deste mysterio? Não se podéra mais encarecer a verdade do que dizemos. É tão forte argumento, e tão evidente testemunho de nossa fé a mesma infidelidade dos hereges, e daquelles principalmente, que neste sacrosanto mysterio o offendem e negam, que depois de confirmada com o testemunho dos milagres, e com o testemunho da auctoridade divina: *Post evenientia ex prodigiis, necnon ex transfiguratione præconia*; em quanto lhe faltava o testemunho da infidelidade dos hereges, em quanto lhe faltava o testemunho dos despezos e zombarias de Judas e dos judeus, achou Christo que não estava cabalmente acreditada sua fé, e depois disso, sim: *Nunc clarificatus est Filius hominis: initium glorificandi Filii hominis, fuit exitus Judæ.*

III.

Agora entram as particulares demonstrações, com que prometti provar a evidencia deste mysterio. Os hereges negam-n'o? Logo é verdade. Christo soffre-os? Logo está presente. Começando pela primeira, parece coisa difficultosa e ainda impossivel, que o erro e infidelidade, com que os hereges negam o mysterio da fé catholica, seja argumento certo, e consequencia infallivel da mesma fé. Toda a razão formal e motivo da nossa fé, como já disse, é a auctoridade divina. Deus disse-o; logo é verdade. Mas que tambem seja motivo de crer os mysterios da fé, a auctoridade, ou asseveração contraria? E que se infira por boa consequencia: o herege nega-o; logo é verdade? Sim. E a razão em que se funda esta consequencia, é, porque andam os eixos do lume da razão tão encontrados nos entendimentos dos hereges, que creem pelos motivos de negar, e negam pelos motivos de crer. Texto expresso de Christo Redemptor nosso. Fez Christo

aquella celebre pergunta aos judeus: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* (Joan. VIII — 46) Se vos digo verdade. por que me não credes? Não responderam á questão os perguntados; mas o Senhor lhes respondeu no mesmo capitulo, por estas palavras: *Ego autem si veritatem dico, non creditis mihi* (Ibid. — 45) Sabeis, incredulos, por que me não credes? é por que eu vos digo a verdade. Clara sentença, mas difficullosa. A causa formal objectiva (como fallam os philosophos), ou a razão e motivo, por que damos credito ás coisas, é o ser e verdade dellas. Assim o ensina Aristoteles, o dicta o lume natural, e o obra a experiencia de cada um. Pois se a verdade das coisas é a razão e o motivo por que os entendimentos racionais se persuadem a crer; como diz Christo, que os judeus o não criam, por que lhes dizia a verdade: *Si veritatem dico vobis, non creditis?* A verdade, que é razão de crer, pôde ser razão de não crer? Nos entendimentos dos hereges, sim. Anda tão perturbado o lume racional nos entendimentos dos hereges, e os dictames do discurso tão encontrados com as consequencias da razão, que creem pelos motivos, por que haviam de negar, e negam pelos motivos, por que haviam de crer: e como o motivo de crer, é a verdade, e o motivo de negar é a mentira; por isso creem a mentira, só por que é mentira, e negam a verdade só por que é verdade: *Ego autem si veritatem dico, non creditis mihi*. Não é sentido imaginado, senão germano e litteral do texto; assim o intende com S. Agostinho e S. Chrysostomo aquelle grande commentador dos evangelistas e na minha opinião o mais litteral e mais solido do nosso seculo, o doutissimo Maldonado. *Mihi ideo non creditis* (diz elle), *quia ego non mendacium, sicut pater vester diabolus, sed veritatem loquor: si enim mendacium loquerer, crederitis utique mihi assueti credere diaboli mendaciis: sed ob hoc ipsum mihi non creditis, ob quod maxime credere deberetis, quia veritatem nimirum vobis dico*. Notem-se muito estas ultimas palavras, nas quaes se diz claramente, que o *propter quod*, e a razão formal de crer, é nos hereges razão de negar: *Sed ob hoc ipsum mihi non creditis, ob quod maxime credere deberetis*.

Posto que as palavras e oraculos da bocca de Christo são maio-

res que todo outro testemunho, ou exemplo humano; para que nós entendamos melhor, e mais claramente o texto referido, o quero confirmar com dois famosos casos, um do Velho, outro do Novo Testamento. Sairam os filhos de Israel do Egypto, com tantos e tão portentosos milagres, como sabemos: chegaram aos desertos do monte Sinay tres mezes depois; sóbe Moysés ao monte a receber de Deus a lei, e porque se deteve quarenta dias, cansados de esperar, os que agora se não cançam depois de mil e seiscentos annos, pediram a Arão que lhes fizesse um Deus, a quem seguissem, pois de seu irmão Moysés não sabiam o que era feito. Deteve-se Arão alguns dias; instaram fortemente: pede em fim as arrecadas de oiro suas, e de suas mulheres e filhos, (segundo o uso da nação naquelle tempo), as quaes derretidas e fundidas, saiu a imagem de um bezerro; e posta esta sobre um altar, com pregão publico por todos os arraiaes, se lhe dedicou solemnidade para o dia seguinte, dizendo que aquelles eram os deuses que tinham libertado o povo do captiveiro do Egypto: *Hi sunt dii tui Israel, qui te eduxerunt de terra Ægypti.* (Exod. XXXII — 4) Até aqui parece isto fabula, ou farsa: o que se segue é, que verdadeiramente adoraram o bezerro, e lhe offereceram sacrificiós, e com jogos e festas o celebraram. Se o não dissera assim a escriptura sagrada, ninguém pudéra crer tal loucura de homens com juiso. Dizei-me: quando saistes libertados da terra do Egypto, e quando foi feito este Deus, a quem vós chamaes deuses? O bezerro com quatro pés, e duas pontas na testa, foi fundido hontem.; do Egypto (como consta do mesmo texto) ha mais de quatorze mezes, que saistes: pois como pôde este Deus, ou como poderão estes deuses, que ainda não eram, libertar-vos do Egypto tantos mezes antes? Não eram, e puderam libertar? Não eram, e puderam fazer tantos milagres? Aquelle oiro, de que foram fundidas estas divindades, não o trazeis pendurado das vossas orelhas todo este tempo? Pois como antes de ter sófma nem figura, nem vida, nem sentido, nem ser, puderam obrar o que credes? Póde haver mais clara e manifesta implicação? Não pôde. E se vós tivereis uso de razão, ao pregoeiro, e ao que mandou apregoar esta nova divindade, ha-

vieis de queimar no mesmo fogo em que ella foi fundida. Mas isto mesmo é serdes vós, como então começastes a ser, hereges da verdadeira fé. Negastes a verdade, e crestes a mais clara e manifesta mentira; porque é natural instinto do vosso entendimento crer pelos motivos de negar, e negar pelos motivos de crêr.

O caso do Testamento Novo, ainda em certo modo é mais notavel. Mandou o senado de Jerusalem embaixadores a S. João Baptista no deserto, pedindo-lhe que declarasse se era elle o Messias esperado e promettido na lei; porque estavam apparelhados para o adorar e reconhecer. Foi esta embaixada dos ministros da synagoga muito acertada no tempo, mas muito errada na pessoa: foi acertada no tempo, porque cerradas as hebdomadas de Daniel, e traspassado o sceptro de Judá aos romanos, segundo a verdade das prophcias, era certo que estava o Messias no mundo: e foi errada na pessoa, porque esta embaixada havia de ir dirigida a Christo, e não ao Baptista, como as mesmas prophcias, que eram mais vulgares entre os hebreus, o gritavam claramente. A prophcia de Jacob dizia, que o Messias havia de ser do tribu de Judá: Christo era do tribu de Judá, o Baptista do tribu de Levi. A prophcia de Micheas dizia, que o Messias havia de nascer em Bethlem, e o Baptista nasceu nas montanhas de Judea. A prophcia de Isaias dizia, que o Messias havia de dar pés a mancos, vista a cegos, falla a mudos, etc., Christo fez infinitos milagres deste genero, e o Baptista nenhum: *Joannes nullum signum fecit*. Pois se todas as razões dictavam que Christo era o verdadeiro Messias, e nenhuma estava por parte do Baptista; porque se resolvem estes homens a crer e adorar o Baptista, e não querem reconhecer, antes negam a Christo? Porque? Por isso mesmo. Negavam a Christo; porque tinham motivos de o crer; e criam no Baptista, porque tinham motivos de o negar. Eram aquelles de quem diz o propheta: *Erraverunt ab utero, loquuti sunt falsa*: (Psal. LVII — 4) e quem erra por natureza, não acerta por razão. Se os entendimentos destes homens se governaram humana e desapaixonadamente pelos dictames da razão, crendo e negando creram em

Christo; e não creram no Baptista. Mas como elles eram infieis, e como taes procediam cega e irracionalmente, crendo pelos motivos de negar, e negando pelos motivos de crer, por isso encontraram aqui a resolução com os motivos; e ao Baptista, a quem tinham razão de negar, criam; e a Christo, a quem tinham razão de crer, negavam.

E porque os hereges (fechemos agora o nosso argumento), porque os hereges negam pelos motivos de crer, e crem pelos motivos de negar, bem se segue, que é maior credito de nossa fé ser negada por elles, que ser crida. Por isso Christo Senhor nosso mandou calar ao demonio, quando lhe chamava Filho de Deus; porque ha pessoas, que affrontam com os louvores, como com as injurias acreditam. Tal foi a de Nero, de quem disse Tertulliano, que não podia ter maior abono a santidade da nossa fé, que ser perseguida por tão mau homem: *Tali dedicatione damnationis nostræ etiam gloriamur; qui enim scit illum intelligere, patet non nisi aliquod grande bonum à Nerone damnatum.* São as palavras de Tertulliano merecedoras de virem a tempo que nos poderamos deter em as ponderar. Assim que, os erros da perfidia heretica; são argumentos da fé catholica; os sollecismos da sua infidelidade, são syllogismos da nossa verdade; mas syllogismos e argumentos que a logica de Aristoteles não alcançou, porque se prova nelles o que se nega, antes o mesmo negar-se é concluir que se deve conceder. D'aqui se intenderá a energia com que S. João Evangelista referiu no caso acima a resposta que o Baptista deu aos embaixadores de Jerusalem: *Confessus est, et non negavit; et confessus est: quia non sum ego Christus:* (Joan. I — 20) Confessou o Baptista, e não negou; e confessou que não era elle Christo. Pergunto: Não bastava dizer, que confessou? Para que acrescenta, que confessou, e não negou: *Et confessus est, et non negavit?* É sem duvida pelo que imos dizendo; porque os sacerdotes e levitas, que offereciam a divindade ao Baptista, tambem confessavam a Christo; mas com esta differença—que o Baptista confessava confessando, e elles confessavam negando: como se dissera, ou insinuara o evangelista: Confessou o Baptista a Christo, e tambem os que negavam o confessaram, bem que

por differente modo, como com diversa intenção ; porque os judeus, quando negavam, confessaram ; e o Baptista confessou e não negou : *Confessus est, et non negavit.*

Não se scandalize logo a fé por se ver negada por hereges no maior de seus mysterios ; antes se glorie na memoria e na presença, vendo-se confirmada com dobrados testemunhos : com o dos hereges sacrilegos, que injuriosamente a negaram ; e com a dos fieis catholicos, que tão firme, tão devota, e tão gloriosamente a confessam. Notou S. Pedro Damião advertidamente, que em abono da divindade de Christo não só testemunharam as luzes, mas também as trevas : *Habuit testimonium lucis, et habuit testimonium tenebrarum : Habuit testimonium lucis, quia claritas stellæ illustravit Magos ; habuit testimonium tenebrarum, quia in morte ejus tenebræ factæ sunt super universam faciem terræ.* Testemunharam pela fé de Christo em seu nascimento as luzes : em sua morte as trevas : as luzes guiando com uma estrella aos Magos ; as trevas escurecendo com universal eclipse o mundo ; mas ainda que com tão differentes effeitos, umas allumiavam, outras escureciam, todas conformemente testemunhavam. Tão claro testemunho deram as trevas com seus eclipses, como as luzes com seus resplandores. O mesmo digo do santissimo sacramento nesta casa e neste caso : *Habuit testimonium lucis, et habuit testimonium tenebrarum.* Aqui teve Christo o testemunho das luzes, e aqui teve o testemunho das trevas. As trevas da heresia escureceram, as luzes da nobreza illustraram, que cada uma havia de obrar como quem era : mas tão illustre testemunho deram as trevas escurecendo, como dão as luzes illustrando. Grande testemunho é da presença de Christo, que a confesse a maior nobreza da terra ; mas não é menor testemunho dessa mesma verdade, que a negue a maior cegueira do mundo. As luzes no nascimento arrastaram as purpuras dos reis ; mas as trevas na morte persuadiram os intendimentos dos philosophos : e assim como daquellas trevas naturaes, collegiu o Areopagita, que era Deus o que padecia ; assim destas trevas hereticas devemos collegir nós, que é Deus, o que offenderam : *Hic est panis, qui de cælo descendit.*

IV.

O segundo argumento desta verdade de nossa fé, era o soffrimento divino; porque a paciencia de Christo no sacramento é prova de sua presença. Soffreu Christo que os hereges puzessem as mãos naquella hostia, e não os castigou? Signal é que está alli presente. Caminhava em uma carroça a arca do testamento para a cidade de David, e como em um mau passo estivesse a perigo de cair, acudiu o sacerdote Oza para a sustentar; mas apenas tinha applicado a mão, quando caiu em terra subitamente, e d'alli o levaram para a sepultura. Isto se refere no sexto capitulo do segundo livro dos Reis: e se da historia do testamento Velho passarmos á do Novo, acharemos no capitulo dezoito de S. João, que um ministro do pontifice levantou sacrilego a mãe para Christo, e imprimindo-a com furia no sagrado rosto, ficou vivo e sem castigo. Notavel desigualdade! Se porque se atreve a pôr a mão na arca, morre Oza; como fica o ministro infame com vida depois de tão horrendo atrevimento? Todo o respeito que se devia a se dava á arca do testamento, não era por ser figura do Verbo encarnado? Pois se as injurias feitas ao retrato assim se castigam, como se não castigam tambem as injurias feitas á Pessoa? Porque cá era a Pessoa; lá era o retrato. Na arca do testamento estava Deus por presença figurativa; na humanidade de Christo estava Deus por presença real e verdadeira; e onde tinha mais verdadeira presença, ahí havia de dar maiores mostras de paciencia. Não pôde soffrer acenos a arca, porque não tinha de Deus mais que a figura: pôde soffrer injurias em seu rosto Christo, porque tinha de Deus a realidade. Oh Senhor, que bem mostraes, que debaixo desses accidentes de pão está vossa real e verdadeira presença! Os hereges obraram como quem são: vós obrastes como quem sois (os homens negaram-vos, vós não vos negastes. Consagraram os hebreus divindade á similhaça bruta de um bezerro; teve impulsos Deus de castigar tão grande atrevimento assolando-os a todos, como mereciam; mas deixou-se vencer a ira divina das orações de Moysés; não os castigou. Põe os olhos nesta acção S. Paulino, como os podera pôr no caso presente, e vendo os

offensores na terra sem castigo, e Deus no ceu offendido sem vingança, depois de larga admiração resolveu-se assim : *Deum homines negaverunt, et Deus se ipsum non negavit.* O caso é que os homens negaram a Deus, mas Deus não se negou a si : os homens negaram a Deus ; porque idolatraram : Deus não se negou a si, porque os soffreu. Cuidaria alguém que se portou Deus naquella occasião menos cuidadoso dos foros de sua honra, menos zeloso dos pundonores de sua divindade ; mas não foi assim, diz S. Paulino : não levar da espada contra os homens, foi defender e acudir por sua honra poderosamente ; porque na paciencia, com que os soffreu, refutou a falsidade, com que o negaram. Vós dizeis que não sou Deus ? pois hei de mostrar que o sou, hei vos de soffrer : *Deum homines negaverunt, et Deus se ipsum non negavit.*

E senão, pergunto, e responda-me o intendimento mais escrupuloso : Se quando os sacrilegos chegaram a pôr a mão na hostia, fizera Christo algum portentoso milagre, ou derribando-os por terra, ou enterrando-os vivos, não disseramos que era argumento grande de sua divindade e presença ? Sim : pois tanto mostrou Christo a verdade do seu ser, e de sua presença em se deixar maltratar, como se castigara severa e prodigiosamente os que assim o tractaram. Vieram os judeus prender a Christo Redemptor nosso ao Horto ; perguntou-lhes o Senhor a quem buscavam ; e como dissessem que a Jesus Nazarenô, respondeu : *Ego sum :* (Joan. XVIII — 5) Eu sou. E foi tão poderosa esta palavra, que no mesmo instante caíram por terra todos os soldados : *Abierunt retrorsum.* Não desistiram com este desengano os perfidos ministros (que não sabe escarmentar a infidelidade) : vendo-os resolutos, tornou o Senhor a lhes perguntar quem buscavam ; e como respondessem que a Jesus Nazareno, disse o Senhor : *Dixi vobis, quia ego sum :* (Ibid. — 8) Já vos disse que eu sou : e dizendo isto lhe puzeram as mãos, e o prenderam : *Cohors ergo ; et ministri comprehenderunt Jesum, et ligaverunt eum.* (Ibid. — 12) O que aqui pondero, e o em que muito reparo é, que com um *Ego sum*, derribou Christo a seus inimigos, e com um *ego sum*, lhes deu licença para que

puzessem nelle as mãos sacrilegas. Se a palavra, *Eu sou*, foi tão poderosa, que derribou um exercito de soldados; porque toma Christo por meio de se entregar, e de se deixar prender, a mesma palavra, *Eu sou*? A razão é, porque quiz ensinar Christo áquelles hereges, que tanto mostrava ser elle em os soffrer, como mostrava ser elle em os derribar. Não cuideis, hereges, que fica menoscabada a verdade de meu ser na temeridade de vossos atrevimentos; porque eu sou, quando vos derribo; e eu sou, quando vos soffro: quando dou comvosco por terra, *ego sum*; quando vos dou licença para que me ponhaes as mãos, tambem, *Eu sou*; porque tanto se prova a verdade de meu ser nos milagres de minha omnipotencia, como nas permissões de minha paciencia. *Ego sum*, nos milagres de minha omnipotencia: *Et abierunt retrorsum*: *Ego sum*, nos extremos de minha paciencia: *Et manus injecerunt in Jesum*.

V.

Antes se entre a omnipotencia e paciencia quizermos fazer comparação, mais mostra Christo que o é na fortaleza de soffrido, que na grandeza de todo poderoso. Estava Christo pregado na cruz, chegaram os judeus, e fizeram-lhe este partido: *Si Filius Dei es, descende de cruce*: (Matth. XXVII — 40) Eis, Senhor, venhamos a concerto: se sois Filho de Deus, como dizeis, descei dessa cruz, e creremos que o sois. Quando isto li, pareceu-me que o Senhor aceitasse logo o partido; mas eu leio que não lhes respondeu palavra, e se deixou estar crucificado. Pois se Christo não pertendia outra coisa mais que a fé dos homens, e os homens queriam crer, se se descesse da cruz; porque se não desceu? Deixou de descer Christo da cruz, não por não querer dar motivos de fé aos homens, senão porque lhes quiz dar os mais qualificados. O Senhor estava padecendo na cruz, elles queriam que descesse della; e era menor prova de sua divindade o descer, que o padecer. S. Athanasio: *Non descendendo, sed permanendo in cruce Filius Dei agnosci voluit*;

multo enim magis mors Salvatoris fidem hominibus attulit, quam descensus attulisset. Admiravelmente! Não quiz o Senhor descer, para que cressem nelle; mas para que cressem nelle deixou-se padecer; porque muito mais provava ser Filho de Deus padecendo, do que descendo. Descendo, mostrava-se sobrenaturalmente poderoso; padecendo, mostrava-se sobrenaturalmente soffrido; e mais prova de divindade eram os milagres de sua paciencia, que os milagres de sua omnipotencia. Bem se viu; porque depois de mostrar sua omnipotencia no Horto, derribando-os, crucificaram-n'o: e depois de mostrar sua paciencia no Calvario, adoraram-n'o: *Verè Filius Dei erat iste*, (Matth. XIV. — 34) disse o capitão dos mesmos soldados. Mal argumenta logo a infidelidade em duvidar da presença de Christo no sacramento, pelo ver tão soffrido em suas injurias, porque antes da sua paciencia se prova evidentemente sua presença: *Hoc est corpus meum*: Este é meu corpo, disse Christo na instituição do santissimo sacramento estando com o pão nas mãos; e sendo uma coisa tão nova, e tão difficullosa, com que o provou? Ouvi as palavras seguintes: *Hoc est corpus meum, quod pro vobis tradetur*: (Corint. XI — 24) Este é o meu corpo, que por vós ha de ser entregue. Allegou as injurias futuras, que os judeus haviam de fazer em seu corpo, quando affirmava a verdadeira presença, com que o deixava encoberito e invisivel no sacramento. Depois de dizer: *Hoc est corpus meum*, quando parece havia de dar provas de sua presença, deu provas de sua paciencia: *Quod pro vobis tradetur*. Porque a paciencia de Christo é a mais qualificada prova de sua presença. Deu-me confiança para o dizer assim S. Cyrillo, que em semelhantes palavras philosophou da mesma maneira. O que Christo disse na ceia consagrando seu corpo, tinha já dito no cap. 6.º de S. João, prometendo de o consagrar: *Panis quem ego dabo, caro mea est pro mundi vita*: O pão que hei de dar a comer aos homens, é o mesmo corpo que hei de entregar á morte pela salvação do mundo. Diz agora S. Cyrillo: *Panis, quem ego dabo ad manducandum, est illa ipsa caro, quam in morte pro mundi vita daturus sum; eo enim ipso quod bis dicit dare, indicat se diversis dandi mo-*

dis loqui; nec enim posterius prioris (ut quidam putant) explicatio est, sed potius probatio. Grandes palavras estas ultimas. Quando Christo diz que ha de deixar seu corpo debaixo das especies de pão, acrescenta, que é o mesmo corpo, que havia de entregar nas mãos dos homens; e isto diz S. Cyrillo, não foi explicação de ser, o que deixava, seu corpo, senão prova de que o era : *Nec enim posterius prioris explicatio est, sed potius probatio.* A evidencia com que padeceu, fez prova da inevidencia com que se deixou: encobrem-n'o os accidentes, descobre-o a paciencia: até agora era mysterio encoberto, agora é sacramento manifesto: para que intendamos que se não encontra a magnanimidade de sua paciencia com a verdade de sua presença, antes de uma se infere outra. Soffre? Pois está presente: *Hic est panes, qui de calo descendit.*

VI.

Este sois, Senhor, este sois; este é o summo de vossa grandeza; este é o summo de vossa Magestade; este é o summo de vosso poder. Pouco conhece a omnipotencia de vossa divindade, quem a não reconhece e adora mais descuberta e manifesta na vossa paciencia. Podeis desfazer, podeis destruir, podeis assolar, podeis anniquilar o mundo em castigo e vingança de vossas offensas, e parecendo que este é todo o vosso poder, ainda podeis mais: é que? Podeis perdoar, podeis não castigar, nem vingar essas mesmas offensas. Assim o crê e canta sem adulação vossa mesma igreja: *Qui omnipotentiam tuam parcendo maximè, et miserando manifestas*: Vós sois, diz aquella omnipotente divindade, que em perdoar, e não castigar, em soffrer, e não vingar, ostenta mais o summo poder de sua omnipotencia. Muito nos peza de que houvesse entre nós tão pouca fé, que se atrevesse a offender vossa occulta magestade debaixo da sombra desses accidentes invisivel. Porém nós que invisivel, e sem a vermos a cremos tão claramente, como se a viramos, em distinguir o castigo da satisfação, imitamos, quanto nos é possível, os primores soberanos de vossa justiça. Assim como casti-

gastes a infidelidade de Adão com a sentença de morte, assim castigou esta o zelo vigilantissimo de Portugal com a morte mais severa. Mas porque Adão é um sujeito de barro não podia satisfazer á infinita Magestade de Deus offendido, assim como mandou Deus seu proprio Filho, para que elle em pessoa satisfizesse por aquella culpa, assim o fez, e faz nestes tres dias Lisboa, no modo que lhe é possivel. Os reis, os principes, a primeira e mais illustre nobreza são as deidades cá da terra ; essas tendes, Senhor, prostradas diante desse throno, todas com nome de perpetuos escravos desse sacrosanto mysterio : para que vossa mesma Magestade offendida, se digne de acceitar a sua fé, a sua adoração, e o seu profundissimo conhecimento e obsequio, em satisfação e des-aggravó desta offensa.

SERMÃO

DAS

CHAGAS DE S. FRANCISCO.

**Prégado em Roma na archi-irmandade das mesmas
chagas, no anno de 1672.**

*Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi
in carne mea. — Col. I.*

I.

A segunda estampa de Christo crucificado (que no original toscano se diz com propriedade e elegancia, que não cabe na nossa lingua, *In crucifisso ristampato*) por ventura com maior e melhor novidade, da que promettem as segundas impressões, será hoje a materia do meu discurso. O discurso será meu: as palavras, nem minhas, nem vossas. Não minhas, porque de lingua estranha; não vossas, porque mal polidas, e duramente pronunciadas. Mas esta dissonancia tão conhecida a que me obrigastes, se supprirá com vantagem, e ainda com harmonia, nas mesmas chagas de Francisco, que celebramos; se as ouvirdes a ellas e não a mim.

Olhae, senhores, para aquellas chagas. Oh que silencio! Oh que

vozes ! Oh que clamores ! Aquellas chagas abertas são cinco boccas : aquelle sangue ardentemente gelado nellas, são cinco linguas, que ferindo os olhos mais cegos, penetram os ouvidos mais surdos. Ou as vejaes como chagas de Christo impressas em Francisco, ou como chagas de Francisco transformado em Christo, de todo'o modo são boccas, são linguas, são vozes. Das chagas de Christo disse Ruperto : *Quot in Christi corpore plagæ, tot linguæ* ; e das chagas de um pobre chagado, como Francisco, disse Chrysologo : *Ut in admonendo divite tot essent pauperis ora, quot vulnera*. A estas vozes convido hoje, senhores, não os vossos ouvidos, senão os vossos olhos. Quando Deus dava a lei a Moysés no monte Sinay, diz o texto sagrado que o povo todo estava vendo as vozes : *Populus autem videbat voces*. (Exod. XX — 18) Notavel dizer ! O ver é acção dos olhos : as vozes são objecto dos ouvidos ; pois como se viam as vozes ? Estava o monte Sinay ardendo em chammas : estava Moysés transportado em Deus, *facie ad faciem* : estava o mesmo Deus feito esculptor imprimindo caracteres nas taboas da lei ; e á vista de uma visão tão estupenda, saíram os sentidos humanos fóra de sua esphera ; e viam os homens com os ouvidos, e ouviam com os olhos : *Populus autem videbat voces*.

Assim é. Passemos do monte Sinay ao monte Alverno, que vae o amor de monte a monte. Arde o monte todo em lavaredas seraficas : Francisco arrebatado, e extatico de face a face com Christo : Christo Escultor e Impressor Divino estampando nelle as suas chagas : Christo fóra de si transformado em Francisco : Francisco fóra de si transformado em Christo. Sáiam logo tambem fóra de si os sentidos, e transformando-se os ouvidos em olhos, os olhos oiçam, e os ouvidos vejam. Os ouvidos, já que não teem que ouvir nas minhas palavras, vejam ; e os olhos, já que teem tanto que ver nas chagas de Francisco, oiçam. Os olhos ouvirão bem ; vendo bem : os ouvidos verão bem, ouvindo mal. E que hão de ver e ouvir ? O que disse no principio : a imagem de Christo segunda vez estampada. Este é o meu assumpto.

II.

Mas porque razão, saibamos, quiz Christo restampar as suas chagas? Porque quiz fazer esta segunda escultura, e esta segunda impressão dellas? A razão está nas palavras que tomei por thema: *Ad impleo ea, quæ desunt passionum Christi in carne mea.* Aquelle *ad*, no texto original é *re*; *reimpleo*. Quando a primeira impressão sê defeituosa, faz-se segunda impressão mais correcta, em que se emendam os defeitos da primeira. Isto é o que fez Christo. Tornou a restampar as suas chagas em Francisco para emendar nesta segunda impressão os defeitos da primeira estampa. *Quæ desunt*; eis ahi os defeitos: *Reimpleo*; eis ahi a reimpressão: *Passionum Christi*; eis ahi as chagas: *In carne mea*; eis ahi o corpo de Francisco. Que este logar se intenda particularmente das chagas de Christo, e das chagas de Christo depois de subir ao ceu communicadas na terra a um substituto do mesmo Christo, qual era S. Francisco, assim o dizem S. João Chrysostomo e Theofilacto: *Quemadmodum si, duce exercitus abeunte, Subimperator in ejus locum constitutus vulnera ipsius recipiat.*

Mas vejo que me dizem todos: defeitos nas chagas de Christo? Naquellas chagas de infinito preço, de infinito valor, de infinito merito, de infinita perfeição, pôde caber algum defeito? Primeiramente a palavra não é minha, senão de S. Paulo, que fallava com muita theologia, e com muita reverencia. Isso quer dizer: *Ea, quæ desunt*. E na lingua grega, em que S. Paulo escreveu, ainda está mais expressa a mesma palavra. Por onde a versão syriaca em logar de *quæ desunt*, trasladou, *defectus*: *Adimpleo defectus passionum Christi*. Pois que defeitos foram estes das chagas de Christo? Claro está que não foram, nem podiam ser defeitos do original, mas foram defeitos da impressão. Na primeira impressão das chagas de Christo no monte Calvario, se bem se consideram todas suas circumstancias, achareis que houve tres defeitos: um da parte dos impressores, outro da parte dos instrumentos, outro da parte das mesmas chagas impressas. E todos estes defeitos foram correctos e emen-

dados na estampa do monte Alverno, quando segunda vez se res-tamparam as mesmas chagas no corpo de Francisco: *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi in carne mea*. Agora vos peço attenção.

III.

Começando pelo primeiro defeito da parte dos impressores: os impressores das chagas de Christo no Calvario foram os ministros da synagoga, armados de odio, de ira, de inveja, de injustiça, de crueldade. E por esta circumstancia de tanta impiedade e horror, a mesma paixão de Christo, que dá parte do Crucificado era o mais agradável sacrificio, da parte dos crucificadores foi o mais abominavel sacrilegio. Este foi o fel do calix da paixão: *Dederunt ei vinum cum felle mixtum*. (Matth. XXVII — 34) Da parte do sacrificio era vinho; da parte do sacrilegio era fel; e por isso o Senhor o não quiz beber: *Cum gustasset, noluit bibere*. (Ibid.) E como no calix da paixão ia misturado o vinho com o fel: como na impressão das primeiras chagas, pela maldade dos artifices, o sacrificio foi misturado com o sacrilegio, o amor com o odio, e a innocencia com o peccado, este foi o primeiro defeito que Christo quiz emendar na segunda estampa. Por isso mudou os artifices; por isso fez que os impressores desta segunda estampa fossem um serafim transformado em Christo, e o mesmo Christo revestido de serafim; para que tudo aqui, e de todas as partes, fosse amor; e para que nós, que não podemos ver as chagas de Christo em Christo sem horror da impiedade humana, vissemos as chagas de Christo em Francisco só com admiração e pasmo do amor divino.

Este digo que foi o pensamento de Christo, e vêde se o provo. Morre e padece Christo no Calvario, e não contente com haver morto e padecido uma vez, torna a renovar a mesma paixão e a mesma morte no mysterio sacrosanto da eucharistia. E porque? O sacrificio da morte de Christo uma vez padecido não bastava para preço da redempção, para remedio do mundo, para propiciação do Padre, para exemplo e exemplar dos homens? Sim bastava, e sim bastou. Antes essa era a differença do sacerdocio

de Christo ao sacerdocio de Arão, como notou S. Paulo: *Hoc enim fecit semel seipsum offerendo.* (Hebr. VII — 27) Arão como sacerdote somente homem multiplicava os sacrificios, como se multiplicavam os peccados; porém Christo que era sacerdote hominem e juntamente Deus; que era sacerdote, e juntamente sacrificio, que era sacrificio offerecido uma vez juntamente por todos os peccados do mundo, bastou que uma só vez morresse, e uma só vez se sacrificasse: *Hoc enim fecit semel seipsum offerendo.*

Pois se bastava, e bastou para remedio do mundo, que Christo se sacrificasse e morresse uma só vez; porque renova segunda vez a mesma morte, e a mesma paixão no sacramento? Disse-o admiravelmente o propheta Isaías: *Fáciét Dominus in monte hoc convivium pinguium vindemiæ defæcatæ.* (Isai. XXV — 6) Instituiu Christo em fôrma de convite o sacrificio de seu corpo e sangue, diz o propheta, e tornou a renovar segunda vez no monte Sião a mesma morte, e o mesmo sacrificio, que tinha offerecido no monte Calvario, para que aquelle sacrificio que lá esteve misturado com fezes, aqui ficasse puro e defecado: *Convivium pinguium vindemiæ defæcatæ.* Ora vêde. O sangue derramado no sacrificio da cruz, era o mesmo sangue purissimo consagrado no sacramento; mas esse sangue na cruz esteve misturado, e como envolto nas fezes do odio, da maldade, e do peccado sacrilego dos ministros, que o derramaram. Que fez pois Christo para emendar este defeito? Torna-a reitar, torna a renovar segunda vez o mesmo sacrificio e a mesma morte no sacramento, sendo o seu amor, e elle por si mesmo o ministro; para que o sangue, que na cruz, por parte dos ministros impios, fôra misturado com fezes, no sacramento se tirasse em limpo, e ficasse totalmente puro e defecado: *Vindemiæ defæcatæ.*

Desejei um santo padre que o dissesse assim; mas dar-vos-hei um auctor {que val por todos os padres, David. Viu David a Christo com um calix na mão; e com termos difficultosos de entender, diz que este calix estava cheio de vinho puro e misturado: *Calix in manu Domini vini meri plenus mixto.* (Psalm. LXXIV — 9) Se o vinho do calix era puro, *vini meri*; como era misturado, *plenus mixto*? E se era misturado, como era puro? Tudo era; por-

que era o calix da paixão de Christo, o qual foi juntamente puro e misturado : puro, pela santidade e innocencia do sangue de Christo: misturado, pelas fezes do peccado, e maldade dos que o derramaram. Este calix de sua paixão viu David, que tinha Christo na mão : e que fez o Senhor com elle ? Ouvi e pasmae. *Inclinavit ex hoc in hoc; verumtamen fæx ejus non est exinanita.* (Ibid.) O que atégora era um calix, já são dois calices (como advertidamente notou Euthimio); um o calix da cruz, outro o calix do sacramento, que em substancia são o mesmo. Tendo pois Christo em uma mão o calix de sua paixão, toma na outra mão o calix em que havia de consagrar o sacramento : *Et inclinavit ex hoc in hoc*; e lançou e passou o calix da paixão ao calix do sacramento : *Verumtamen fæx ejus non est exinanita*; porém ficaram as fezes de fóra, porque ficou de fóra o peccado e maldade dos impios ministros: para que até aquella parte, que teve na cruz o odio, a tivesse no sacramento o amor.

O mesmo estylo guardou Christo na segunda impressão das suas chagas. Assim como lá reiterou a sua paixão, e a passou ao sacramento; assim cá reiterou as suas chagas, e as sacramentou em Francisco, e assim como no sacramento foi elle e o seu amor o ministro, assim na impressão das chagas foi elle e o seu amor o artifice: para que aquellas cinco brechas da divindade, que abertas no corpo do mesmo Christo, por parte dos executores dellas, foram assombradas da fealdade e horror; purificada esta circumstancia no corpo de Francisco, ficassem nelle por outras tantas partes formosas, e, vistas a todas as luzes, amaveis. Se vos não daes por satisfeitos com a paridade, vamos ás mesmas chagas, e seja Christo o interprete do seu pensamento.

Sobe Christo triumphante ao ceu no dia de sua gloriosa ascensão: viram os anjos os signaes vermelhos, de que ia matizado o sagrado corpo: cuidaram ao longe, que eram rubis de estranha formosura; mas divisando de mais perto que eram chagas, perguntaram admirados: *Quid sunt plagæ istæ in medio manuum tuarum?* (Zachar. XIII — 6) Rei, e Senhor nosso, que é o que vemos? Isto é o que fostes buscar ao mundo? Isto é o que traizeis de lá? Que chagas são estas? Eu não me admiro do que se

admiraram os anjos; admiro-me do que respondeu Christo: *His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me*: (Ibid.) São umas chagas, diz Christo, que recebi na casa dos que me amavam. Na casa dos que me amavam? Todos estaes vendo a duvida. O monte Calvario, patente e descoberto era casa? Os homicidas, ou deicidas deshumanos, que crucificaram a Christo, cheios de odio, de raiva, de vingança, amavam a quem tiraram a vida? Claro está que não: pois como diz Christo que recebeu as chagas, *In domo eorum, qui diligebant me*, na casa daquelles que o amavam? Tomara ouvir a resposta; mas eu a darei.

Christo recebeu duas vezes as chagas: uma vez em carne mortal, outra vez depois de resuscitado. A primeira vez foram recebidas n'um monte por mãos dos que tanto o aborreciam: a segunda vez foram recebidas n'uma casa por mãos dos seus maiores amigos. Entrou Christo a portas fechadas na casa onde estavam os apostolos; e ahí lhe tornou a abrir as chagas a incredulidade devota e amorosa de Thomé: *Infer digitum tuum huc, et vide manus meas: et affer manum tuam, et mitte in latus meum*: (Joan. XX — 27) Mette essa mão, e vê bem estas chagas de minhas mãos e lado. Esta foi a segunda vez que se rasgaram as chagas de Christo. Ouvi a S. Pedro Chrysologo: *Ea vulnera, quæ manus infixit impia, devota dextera nunc resulcat: latus, quod impii militis lancea patefecit, refodere manus nititur obsequentis*. E como as chagas de Christo foram segunda vez abertas naquella casa em que estavam os apostolos, que tanto o amavam; por isso Christo disse com toda a verdade: *His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me*. Está verificada a proposição; mas a razão não está dada. Se as chagas foram abertas uma vez no Calvario, e outra vez na casa dos apostolos; porque responde Christo com esta segunda abertura das suas chagas, e não com a primeira? Porque sendo o dia de seu triumpho, e da sua maior gala e magestade, quiz acudir pela formosura e pelo decoro das suas chagas: quiz honrar a obra com o nome do artifice, por isso calou o odio, e publicou o amor.

As chagas recebidas por mão do odio, ainda que tão divinas, tinham sombras de fealdade e de horror; porém recebidas por

mão do amor, todas e por todas as partes eram bellas e formosas. Esta foi a razão, por que Christo respondeu : *His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me.* E este foi o primeiro motivo, por que transformado em um serafim de amor, tornou a restampar as mesmas chagas em Francisco, supprindo desta sorte na segunda estampa o erro, e o defeito que tinha commettido na primeira o odio dos impressores : *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi in carne mea.*

IV.

Da parte dos instrumentos (que é a segunda circumstancia, e o segundo defeito) tambem houve muito que emendar na segunda impressão. Os instrumentos com que a primeira vez se imprimiram em Christo as suas chagas, foram os cravos, e a lança. Contra estes dois instrumentos tenho grandes queixas. E bem lenho mais que duro, e bem ferros mais que de ferro, assim vos atreveis contra vosso Deus, contra vosso Creador ? Porque vos não abrandastes ? Porque vos não rompestes ? Porque vos não desfizestes naquella hora ? Nos martyrios dos defensores deste mesmo Christo, quantas vezes se romperam os lenhos nas rodas, e nas catastas ? Quantas vezes se fizeram de cera as lanças e as espadas ? Mas não quero affrontar-vos com injurias tão remotas. Neste mesmo dia, e neste mesmo monte, e em todo o mundo não tremeu a terra ? Não se romperam as pedras ? Não se escureceu o sol ? Não se rasgou o véo do templo, confessando todas as creaturas que padecia o Auctor dellas ? Pois a cruz e os cravos, a quem o caso tocava de mais perto, porque se não abrandam ? Porque se não espedaçam ? Porque não acompanham na dor e no sentimento a toda a natureza ?

Este foi o defeito dos instrumentos na primeira impressão das chagas de Christo. Mas vêde como o emendou Francisco na segunda estampa. Nos pés e mãos de Francisco não só se viam as chagas abertas, mas no meio de cada uma dellas estava um cravo formado da mesma carne, que as traspassava, negro, ou entre negro, e azul da cor de ferro. Mais admiro estes cravos, que as mes-

mas chagas. Nô crucifixo Christo padeciam as mãos, padeciam os pés, padeciam as chagas; mas os cravos duros e insensíveis não padeciam. Porém no crucifixo Francisco, não só os pés, e as mãos, não só as chagas em carne viva, mas também os cravos padecem. No Cálvario quebraram-se as pedras mostrando dor; mas não tinham dor, porque eram insensíveis: os cravos mais duros que as pedras, nem tinham dor, nem mostravam dor, antes causavam acerbíssimas dores: e porque em Christo causaram dores, por isso em Francisco são capazes de dor. Cravos vivos, cravos sensitivos, cravos racionais, para que conhecendo a razão de sentir, padecessem a dor e mais a causa. Oh espirito! Oh amor mais que miraculoso!

Apprehendeu o amor de Francisco tão viva, tão forte, tão dolorosamente o tormento e offensa daquelles cravos, que os transformou e os informou, e os vivificou em si mesmo. Não tem parrelha esta maravilha; só em Moysés teve uma similhança. Estava Moysés com Deus naquelle monte, onde também orou e jejuou outros quarenta dias como Francisco: revelou-lhe Deus o que passava no campo, e no exercito e comb lá estava o ingrattissimo povo adorando um bezerro, e publicando a vozes que aquelle era o Deus que os libertara do Egypto. E que succedeu a Moysés neste caso? Desce Moysés do monte, olham todos para elle, e vêem que na testa (fosse a materia qual fosse) lhe tinham nascido e saído duas pontas: *Ignorabat quod cornuta esset facies sua.* (Exod. XXXIV — 29) Pois duas pontas, e de tão feio nome, na cabeça de Moysés, nesta occasião, e não em outra? Sim, porque como era tão amante de Deus, e tão verdadeiro zelador de sua gloria, transformou em si mesmo os instrumentos das offensas de seu Senhor.

Como o povo offendia brutaemente a Deus idolatrando, e o instrumento bruto desta offensa era um bezerro com duas pontas na testa; foi tal a força da dor, do amor, e do zelo de Moysés, que transformou em si, e informou e vivificou esses mesmos instrumentos na parte mais sensível de si mesmo: *Quod facies ejus esset cornuta.* Ah, zelador da honra de Deus, mais zelante que Moysés! Ah, amador de Deus, mais amante que Moysés, Fran-

cisco! Do vosso adorado Crucifixo disse o propheta: *Cornua in manibus ejus*: (Habac. III — 4) dando este fero nome áquelles duros cravos; mas porque elles foram duros e feros, vós os transformastes em vós, desaffrontando a sua dureza no vosso sentimento, e emendando a sua insensibilidade na vossa dor.

Assim suppriu Francisco o defeito dos cravos, e assim tambem o da cruz, que foi o segundo instrumento, que concorreu duramente á impressão das primeiras chagas. Notou S. Boaventura que os cravos das chagas de Francisco, não só lhe trespassavam as mãos e os pés, senão que da parte opposta estavam torcidos, dobrados, e como rebatidos: *Ipsa verò acumina oblonga, retorta, et quasi repercussa*. Grande mysterio! Os cravos pregam-se no crucificado, mas não se dobram, nem se rebatem senão na cruz: logo S. Francisco era o crucificado e mais a cruz juntamente. Mas porque era tambem cruz? Para emendar o defeito da cruz de Christo. Na cruz de Christo padecia o Crucificado, mas a cruz não padecia: por isso Francisco se fez a si mesmo cruz, para ser cruz padecente. Agora reparae na differença de uma cruz a outra cruz. Na cruz do Calvario padecia Christo, porque estava em carne mortal; mas a cruz não padecia, porque era insensivel: na cruz de Francisco, Christo não padecia, porque estava já immortal e glorioso; mas a cruz padecia, porque era cruz viva, cruz sensitiva, cruz racional, passivel e verdadeiramente padecente. Assim o disse o mesmo Christo por bocca de David, gloriando-se, não pouco desta nova cruz. Ouvi o passo, em que ha muito que ouvir.

Infixus sum in limo profundi, et non est substantia. (Psal. LXVIII — 3) Falla o propheta litteralmente de Christo, como intendem todos os padres e interpretes: e diz Christo que se crucificou a si mesmo no barro do profundo: *In limo profundi*. Já a cruz de Christo não é de madeira, senão de barro. E que cruz de barro, ou que barro feito em cruz foi este? S. Bernardo diz que foi o barro de Adão; aquelle barro, de quem diz o texto sagrado: *Formavit Deus hominem de limo terræ*. (Gen. II — 7) As palavras de Bernardo são estas: *Fortasse crux ipsa nos sumus, cui Christus memoratur infixus. Homo enim formam*

crucis habet; quam, si manus extenderit, exprimit manifestius. Loquitur autem Christus in psalmo: Infixus sum in limo profundi: limum quidem nos esse manifestum est, quoniam de limo plasmati sumus. De maneira que quando Deus tomando a natureza humana, uniu a si o nosso barro, então diz S. Bernardo que se crucificou Deus em uma cruz de barro; porque se crucificou no homem. A razão porque não pôde subsistir a segunda parte desta interpretação, logo a vereis. Que cruz de barro foi logo esta?

Digo que foi S. Francisco; porque sendo barro como os outros homens, foi o barro do profundo: *Infixus sum in limo profundi*. Olhae para todo o genero humano, para toda esta massa do barro de Adão: na superficie, e no alto, estão os soberbos, barro que todo se desfaz em vapores: no meio estão os que não são soberbos, nem humildes: no fundo estão os humildes: e no mais profundo deste fundo quem está? Francisco, que foi o mais humilde de todos os humildes. Este barro pois do profundo, foi a cruz em que Christo se crucificou: *Infixus sum in limo profundi*. O mesmo propheta o declarou, ajuntando a differença individual de Francisco: *Infixus sum in limo profundi, et non est substantia*. Santo Agostinho: *Et non est substantia, id est, non sunt divitiæ; quia ipse ille limus paupertas erat*. Substancia quer dizer, riquezas, e bens temporaes. Assim se diz do prodigo: *Dissipavit omnem substantiam*. (Luc. XV — 13) E este barro do profundo, em que Christo se crucificou, era tão pobre, que era a mesma pobreza: *Quia ipse ille limus paupertas erat*. Vêde se era Francisco, e se é esta a sua differença individual: *Infixus sum in limo profundi, et non est substantia*.

Os que querem engrandecer a similhança destas duas estampas, dizem: Despi a Francisco, e vereis a Christo: vesti a Christo, e vereis a Francisco. Isto significam aquelles dois braços cruzados, um nú, outro vestido, ambos chagados. Perdoae-me, senhores: não pintaes bem, ou trocae os pensamentos: o

* Bernard. Serm. 4 in vigil. Nativit.

braço vestido é o de Christo, o nú é o de Francisco. Porque? Porque *non est substantia*. A pobreza de Christo, em quanto exemplar nosso, foi mais conveniente; mas a pobreza de Francisco, em quanto pobreza, foi mais nua, e mais pobre; porque Christo, além do dominio alto de todo o universo, é de fé, e assim está definido, que, ou em particular, ou em commum, teve dominio de algumas coisas. Mas em Francisco, *Non est substantia*; porque nem em particular, nem em commum, teve dominio de coisa alguma. Os vestidos de que despiram a Christo na cruz, eram de Christo: a tunica de que está vestido Francisco, não é de Francisco. Logo o braço de Francisco é o braço nú, ou se deve tambem despir o braço de Christo. Mas se ambos nós, ambos chagados, onde acharemos a differença? Só a fé lh'a póde achar, e assim o advertiu o mesmo texto.

Infixus sum in limo profundi, et non est substantia. Lê o grego: *Et non est hypostasis*. A differença de um crucificado a outro crucificado, é que n'um ha união hypostatica, no outro não. A humanidade de Christo, como dizia S. Bernardo, foi a cruz de barro, em que se crucificou a divindade; e o corpo de Francisco foi a cruz tambem de barro, em que se tornou a crucificar a humanidade de Christo. E para que? Para supprir na segunda cruz os defeitos da primeira. Porque a primeira cruz foi uma cruz dura, uma cruz cruel, uma cruz des-humana, uma cruz, que, mostrando dor e sentimento, até as pedras, só ella se mostrou insensivel: seja logo Francisco uma segunda e nova cruz, cruz sensitiva, cruz humana, cruz amorosa, cruz crucificada, cruz que tome em si as dores, cruz que não cause as penas, mas as padeça, cruz, em fim, que desfaça e emende os defeitos da primeira: *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi, in carne mea*.

V.

O terceiro e ultimo defeito foi das mesmas chagas impressas. Porque ainda que as chagas dos pés e mãos foram perfectas chagas, a chaga do lado, que era a que mais pertencia ao

coração, foi chaga imperfeita, e quasi não foi chaga, nem Christo a estimou tal; porque foi chaga sem dor. Na ultima hora, e quasi nas ultimas respirações da vida, disse Christo : *Sitio* : (Joan. XIX — 28) Tenho sede, e disse : *Sitio*, diz o evangelista, porque sabia o Senhor que já estavam acabados todos os tormentos da paixão, e cumpridas todas as escripturas : *Sciens, quia omnia consummata sunt, dixit : Sitio*. (Ibid.) De vagar, Senhor meu : Nas escripturas está prophetisado que haveis de padecer o golpe da lança : *Circumdedit me lanceis suis, convulneravit lumbos meos*. (Job XVI — 14) Pois se ainda falta a chaga do lado, e a ferida da lança; porque dizeis que está tudo acabado : *Omnia consummata sunt*? Porque a ferida da lança, foi ferida que a não havia de sentir Christo; porque a havia de receber depois de morto : e feridas que se não sentem, ainda que sejam no coração, não são feridas. A chaga do lado era chaga sem dor : e chaga sem dor, não é chaga. Por isso S. João discreta e advertidamente não disse que feriram o lado a Christo, senão que lh'o abriram, como agudamente notou S. Agostinho : *Vigilanti verbo usus est, ut non diceret, latus ejus percussit, aut vulneravit*. Não disse que a lança feriu o lado, senão que o abriu : *Latus ejus aperuit*; (Joan. XIX — 34) porque feridas e chagas que não doem, não são chagas, são aberturas : *Aperuit*.

Sentiu Christo tanto este defeito, ou esta falta de dor na chaga do seu coração, que não pedindo a seu Padre que o dispensasse de algum outro tormento, só do golpe da lança pediu que o livrasse : *Erue à framea Deus animam meam*. (Psal. XXI — 21) Senhor, livrae-me da lança, que me ha de rasgar o peito, mas não me ha de causar dor. E que respondeu o Padre a esta petição? *Framea suscitare super pastorem meum, et super virum coherentem mihi*. (Zachar. XIII — 7) Já que, Filho meu, repugnaes tanto essa lança, porque não haveis de sentir o golpe della, eu vos prometto que assim como vos hei de resuscitar a vós, resuscitarei tambem a mesma lança, e a metterei no peito de um homem muito unido commigo, e pastor do meu rebanho, para que se suppra na sua dor a falta da

vossa. Já que vós não padcestes a dor da lançada, Francisco a padecerá. Assim foi; e para que o vejaes com os olhos, ponde-os naquelle galhardo mancebo, suspenso entre o ceu e a terra, pendente dos braços de uma ensinha, espirante, alanceado, morto. Bem intendeis que fullo de Absalão, figura de Christo crucificado, como dizem commummente os interpretes. Figura de Christo, porque filho de David: figura de Christo, porque o mais formoso dos homens; porque morto contra o preceito de seu pae; e finalmente, porque Absalão quer dizer: *Filius patris*, e filho do padre. Nem descompoem o primor da figura os peccados de Absalão; porque Christo na cruz tinha sobre si todos os peccados do mundo; e particularmente o da desobediencia de Adão.

Só Joab parece que a descompoz totalmente; porque diz o texto sagrado que pregou tres lançadas no peito de Absalão: *Infixit tres lanceas in corde Absalon*. (2 Reg. XVIII — 14) Pois se Absalão era figura de Christo, e o peito de Christo foi aberto, com uma só lança: *Lancea latus ejus aperuit*; como se vêem tres lanças no peito de Absalão? A segunda lança bem suspeito eu qual foi; porque vejo ao pé da cruz aquella affligidissima Mãe, a quem disse Simeão: *Tuam ipsius animam pertransibit gladius*. (Luc. II — 35) Qual foi logo a terceira lança, e qual o peito que traspassou e feriu? Claro está que foi o peito de Francisco; mas com admiravel propriedade e differença. A lança que abriu o peito de Christo, foi uma só, mas as lançadas foram tres: uma em Christo, outra em Maria, outra em Francisco. A de Christo feriu o corpo, mas não feriu a alma: a de Maria feriu a alma, mas não feriu o corpo: a de Francisco feriu o corpo, e juntamente a alma. Christo recebeu o golpe, mas não sentiu a dor: Maria sentiu a dor, mas não recebeu o golpe: Francisco recebeu o golpe, e sentiu a dor.

Mas, Francisco meu, segunda estampa de Christo: não bastará que se conforme a estampa com o original? Se as vossas chagas são ensitivas e racionaes, ponhamol-as em razão. As quatro que Christo padeceu, padecei-as: a quinta que elle recebeu, e não sentiu, tende-a embora no peito, mas não a pade-

çaes. Doei-vos com Christo vivo e doloroso ; mas doer-vos tam-
bem com Christo morto, quando já não padece, nem pôde pa-
decer dor ? Sim ; porque a primeira dor foi compaixão, a se-
gunda é fineza. Mostraram dor, e publicaram sentimento na
paixão e morte de Christo, todas as creaturas insensíveis do
ceu, e todas as da terra ; mas com uma differença porventura
não advertida. O sol escureceu-se em todas as tres horas em
que Christo esteve vivo na cruz : tanto que o Senhor espirou,
tirou o capuz o sol, e tornou-se a revestir de luz, e alegrou o
mundo como d'antes : *A sexta autem hora tenebræ factæ sunt
super universam terram, usque ad horam nonam.* (Matth. XXVII
— 45) A terra não o fez assim : em quanto Christo esteve vivo
na cruz, estiveram suspensas todas as creaturas do mundo in-
ferior : tanto que o Senhor espirou, treme a terra, quebram-se
as pedras, abrem-se as sepulturas, rasga-se o veo do templo :
tudo confusão, tudo tristeza, tudo dor, tudo sentimento : *Excla-
mans voce magna emisit spiritum : et ecce velum templi scissum
est in duas partes : terra mota est : petreæ scissæ sunt : et monu-
menta aperta sunt.* (Ibid. — 50, 51 e 52) Pergunto agora : E
qual foi maior demonstração de amor, a do ceu, ou a da terra ?
Em genero de fineza, não ha duvida que a da terra. O ceu
obrou como compassivo : a terra como fina. O ceu como com-
passivo ; porque se condeou com quem padecia : a terra como
fina ; porque se doeu de quem já não padecia, nem podia pa-
decer. Como a terra é a patria das dores, não é muito que em
se saber doer vencesse ao ceu.

Mas estes extremos, que entre o ceu e a terra estiveram di-
vididos, ambos se uniram e multiplicaram no coração de Fran-
cisco, que pôde ensinar amor ao ceu e á terra. Não se con-
tentou com o conselho do apostolo : *Hoc enim sentite in vobis,
quod et in Christo Jesus.* (Filip. II — 5) Sentiu o que Christo
sentiu, e o que não sentiu tambem : padecente com Christo
padecente, e padecente com Christo impassivel. Nas quatro cha-
gas padecente com Christo, porque Christo as padeceu ; na quinta
chaga padecente por Christo, porque ainda que Christo a não
padeceu, era chaga de Christo. Este foi o porquê. Mas para que ?

Para que a dor que saltou no lado de Christo, se supprisse na dor do lado de Francisco: *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi in carne mea.*

VI.

Tenho acabado o meu discurso, e só quizera que o fim delle fosse o mesmo fim que teve Christo nesta segunda impressão das suas chagas. Qual foi o fim em respeito de nós, porque tornou a estampar Christo as suas chagas em S. Francisco? Só Roma como interprete de todos os oráculos divinos, o podia saber dizer, e ella o disse: *Qui frigescente mundo, ad inflammanda corda nostra tui amoris igne, in carne beatissimi Francisci passionis tuæ stigmata renovasti.* Renovou Christo as suas chagas em Francisco, para que o mundo que tanto se vae esfriando, se accendesse no fogo do seu amor. Pois para accender e inflamar o mundo naquelle fogo, que Christo veio trazer á terra, não, seriam mais efficazes as chagas do mesmo Christo? Não; porque as chagas de Christo, ainda que accendem por uma parte, por outra parte esfriam. Ao exemplo de Christo posso responder que elle era homem, e Deus; mas eu sou homem somente. Esta escusa da nossa fraqueza é a que nos esfria. Mas ao exemplo de Francisco, que era homem como eu, não tenho outra resposta, senão arder como elle. S. Paulo que foi o S. Francisco do apostolado: *Ego stigmata Domini Jesu in corpore meo porto;* (Gal. VI — 17) que é o que dizia? Que imitassemos a Christo, e as suas chagas? Não: *Imitatoris mei estote, sicut et ego Christi:* (1 Cor. IV — 16) não dizia que imitassemos a Christo, senão a elle; porque para imitar a Christo, podia ter alguma escusa a nossa fraqueza; mas para imitar a Paulo, puro homem como nós, não podemos ter nenhuma escusa. Os raios que despedidos do corpo do sol não accendem, passados por uma vidraça ferem fogo. Por isso se entrou Christo crucificado naquelle espelho de Francisco: *Ut frigescente mundo, inflammaret corda nostra.*

E se é necessario, que a materia esteja disposta, em nenhuma parte do mundo ha mais apparelhadas disposições, que nos corações de Italia. Grande caso é, e tão glorioso como grande, que

imprimindo Christo duas vezes as suas chagas, ou visível ou invisivelmente, ambas estas impressões se fizessem em Italia : as chagas invisíveis em Catharina de Sena : as chagas visíveis em Francisco de Assis. Oh gloriosa nação, escolhida e amada de Christo para se transformar nella ! Esta é aquella unica nação, na qual se verificou o que tinha prophetisado a sabedoria da imagem de Christo transformada : *Imago bonitatis illius : et in se permanens omnia innovat, et per nationes in animas sanctas se transfert.* (Sap. VII -- 2 e 7) Arda pois Italia neste divino fogo, e arda Roma ; que se a cabeça do mundo arder, todo o mundo, por mais frio que esteja, se inflammará. E com esta ultima effi-
cacia de suas chagas supprirá tambem Francisco o effeito que ainda falta ás chagas de Christo : *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi, in carne mea.*

SERMÃO

DA

RESURREIÇÃO DE CHRISTO.

Prégado na matriz da cidade de Belem do Pará,
no anno de 1658.

Nolite expavescere ; Jesum quaeritis Nazarenum, crucifixum ; surrexit, non est hic.
— Marc. XVI.

I.

Que parecidas são as obras de Christo, ainda as que menos se parecem ! As tristes e as alegres : as dolorosas e as gloriosas : as de sua morte, e as de sua resurreição, todas causam os mesmos effeitos. Pasmadas deixámos as Marias olhando para o sepulchro de Christo, quando se fechou, e pasmadas por deixarem alli morto a seu Senhor : *Erat autem ibi Maria Magdalene, et altera Maria, sedentes contra sepulchrum.* (Matth. XXVII — 61) Pasmadas acho hoje outra vez as mesmas Marias no mesmo sepulchro : e pasmadas de o acharem resuscitado : *Nolite expavescere : Jesum quaeritis ; surrexit.* De maneira que Christo morto faz pasmar com a sua morte : e Christo resuscitado faz pasmar com a sua resurreição, sendo a resurreição e a morte duas coisas tão encontrados. Entraram as

Marias no sepulchro, viram um anjo vestido de neve e luz, que lhes deu novas da resurreição do Senhor, a quem buscavam morto; e ficaram tão assombradas e pasmadas do que ouviam e do que viam, que por muito tempo não tornaram em si de assombro e de temor, por mais que o anjo as animava a que não temessem: *No-lete expavescere*. A hora em que isto succedeu também tem contradições no evangelho. Diz o evangelista, que quando as Marias vieram ao sepulchro, era muito de madrugada, mas já depois do sol nascido: *Valdè mane, orto jam sole*. (Marc. XVI — 2) Se era muito de madrugada, como era já nascido o sol? E se era já nascido o sol, como era muito de madrugada? Tudo era. Era muito de madrugada; porque ainda não era nascido este sol natural, que nos allumia: *Valdè mane*: e era já o sol nascido: por que já o verdadeiro sol Christo era resuscitado: *Orto jam sole*.

Nas obras da natureza e nas obras da graça tem grandes similitudes a resurreição de Christo: mas nenhuma tão semelhante como a do sol. Põe-se o sol no seu Occaso, deixa o nosso emispherio escuro, em quanto desce, e vac allumiar os antipodas; torna outra vez a nascer claro, resplandecente, e coroado de raios: enxugando as lagrimas da aurora; restituindo a côr e a formosura aos campos: despertando as musicas das aves: dourando os ceus, e alegrando a terra. Tal o Divino sol Christo no dia de sua resurreição. Anoitecera no Occidente do seu sepulchro amortalhado em nuvens, deixando todo o mundo ás escuras na tristeza de sua paixão: desceu a visitar e allumiar os logares do Limbo, onde os santos pãdres, como desconsolados antipodas, havia tantos annos estavam esperando a chegada daquelle dia: e voltou outra vez á hora determinada, fazendo Oriente do seu mesmo Occaso: amanehecendo claro e formosissimo, vestido e corado de resplandores de gloria. Enxugou primeiramente as lagrimas daquelle aurora Divina a Virgem Santissima: restituiu a côr, e a formosura á sua igreja, mudando os luctos de que estava cuberta pela sua morte, em cores, e gulas de festa: trocou as lamentações em musicas alegres, e os seus sentidos em alleluias: dourou os ceus como mostraram os anjos, que hoje appareceram vestidos de branco e ouro: e finalmente alegrou a terra, dando a todos os homens

mui alegres paschoas : as quaes o mesmo senhor dê a vossa senhoria, e a todo este nobre e mui devoto auditorio, com tantos dos verdadeiros bens, como o mesmo auctor delles deseja. Para que nós vejamos os verdadeiros meios, por onde havemos de conseguir, e segurar estes bens, e tiremos desta grande solemnidade o proveito de nossas almas, que ella nos offerece : peçamos áquella Senhora, a quem tocou a melhor e a maior parte das glorias deste dia, nos assista nestas memorias delle com o favor de sua graça : *Ave Maria.*

II.

Nolite expavescere ; Jesum queritis Nazarenum, crucifixum ; surrexit, non est hic.

Não temaes, disse o anjo ás Marias : *Nolite expavescere* ; mas ellas nem por isso deixaram de temer. Antes diz o evangelista, que fugiram do sepulchro não só temendo, mas tremendo : *At illæ exeuntes fugerunt de monumento, invaserat enim illas pavor et tremor.* (Marc. ib. — 8) Foi tal o seu temor e assombro, que dizendo-lhes o anjo que levassem a nova aos discipulos, nem a fallar se atreveram de puro medo : *Et nemini quidquam dixerunt, timebant enim.* (Ibid.) Notaveis effeitos por certo em tal lugar ! Notaveis effeitos com tal nova ! E notaveis affectos em tal dia ! Em dia da resurreição temor ? Em dia da resurreição pavor e assombro ? Alegrias, festas, prazeres são os effeitos e os affectos proprios deste dia, mas temor e tremor ? Notaveis effeitos, toño a dizer, em tal dia ! E se repararmos em quem eram as que temeram, ainda nos admiraremos mais. Eram as Marias umas mulheres tão pouco mulheres, eram umas mulheres tão varonis, umas mulheres tão homens, que de noite saíram de suas casas, de noite passaram pelas portas da cidade, de noite andaram por logares desertos e despovoados, e tão medonhos como costumam ser os cemiterios dos defunctos, e os logares onde padecem os justicados. O monte Calvario, chamava-se Calvario, por estar semeado das caveiras, e dos ossos dos que ahi iam a justicar. Pois mulheres tão destemidas e tão animosas, que vão a estes

lôgares de noite quando acham a Christo resuscitado do sepulchro, e quando lhe diz um anjo, que resuscitou, temem e tremem? Sim; porque não ha coisa mais temerosa e mais tremenda nesta vida: não ha coisa mais para fazer temer e tremer os corações mais valentes, e animosos que a certeza da resurreição. É certo, e de fé, que Christo resuscitou: é certo e de fé, que eu tambem hei de resuscitar: oh que temerosa consideração! Estas mesmas Marias, quando estavam defronte do sepulchro de Christo morto, pasmaram, mas não tremeram: agora no mesmo sepulchro com Christo resuscitado, pasmam e tremem; porque muito mais é para temer um resuscitado, que um morto: muito mais para assombrar é a consideração da resurreição, que a consideração da morte. Um sepulchro de Christo com um *hic jacet*: aqui jaz, muito para temer é; mas um sepulchro de Christo com um *non est hic*, não está aqui, porque resuscitou, *surrexit*, muito mais é para temer.

Ao menos eu em mim experimento que muito mais temo o resuscitar, que o morrer: muito mais medo me causa a resurreição, que a morte; antes se temo a morte, é só por medo da resurreição. E porque? A razão é clara. A morte é o fim da vida que acaba: a resurreição é o principio da vida, que não ha de acabar: com a morte acaba-se a vida; com a resurreição começa a eternidade; e muito mais para temer é o principio da eternidade, que o fim da vida. Com o fim da vida acabam os males temporaes: com o principio da eternidade podem começar os males eternos: os males da vida teem o remedio na morte, que os acaba; os males da eternidade são males sem remedio, porque ninguem lhes póde dar fim. A mesma terra insensivel nos ensinou esta razão na morte e resurreição de Christo. Na morte: *Terra mota est*; (Matth. XXVII — 51) na resurreição: *Terræmotus factus est magnus*. (Ibid. XXVIII — 2) E porque moveu mais a terra a resurreição, que a morte? Porque a morte deve fazer muito abalo nos nossos corações de terra: *Terra mota est*; mas a resurreição muito maior: *Terræmotus factus est magnus*. E assim se viu por experiencia. A morte de Christo sendo acompanhada de tantos prodigios, não fez mais que: *Omnis turba*

eorum, qui simul aderant, percutientes pectora sua revertebantur. (Luc. XXIII — 48) Não fez mais que tornarem para Jerusalem batendo nos peitos os que o guardavam na cruz. Porém na resurreição: *Exterriti sunt custodes:* (Matth. XXVIII — 4) temeram, e tremeram assombrados os que o guardavam no sepulchro. A's Marias, *Invasit eas tremor et pavor.* Os apóstolos no Cenaculo tremendo, *Mulieres ex nostris terruerunt nos.* (Luc. XXIV — 22) Em fim, tudo medo, e tudo temor.

III.

Pois que havemos de fazer no dia da resurreição de Christo? Entristecer-nos? Tremar? Temer? Encerrar-nos? Sepultar-nos? metter-nos vivos na sepultura, d'onde Christo saiu? A esta pergunta não se póde responder do pulpito; do confessorio sim. Se estaes em estado de peccado mortal, temeí e tremeí, e cause-vos grande tristeza a resurreição; mas se estaes em graça de Deus, e tendes propositos firmes de a conservar, alegrae-vos, ponde a vossa alma, e o vosso coração muito de festa, e não temaes. Assim o disse o anjo ás Marias: *Nolite expavescere.* Notae. Quando o anjo desceu do ceu, e revolveu a pedra da sepultura, ficaram assombrados todos os guardas do sepulchro, e o anjo não lhes disse: *Nolite expavescere;* e ás Marias sim. E porque diz ás Marias, que não temam; e porque não diz o mesmo aos soldados? Porque as Marias iam buscar a Christo ao sepulchro para o servir: os soldados iam guardar o sepulchro para o perseguir, e para o afrontar. E aquelles que perseguem e que offendem a Christo, esses é bem que temam na resurreição; porém aquelles que o amam, e que o servem, esses não tem que temer: *Nolite expavescere.* Tema Pilatos, que o condemnou: tema Herodes, que o afrontou: tema Judas, que o vendeu: tema Caifaz, que o blasfemou; e temam todos os que o perseguiram e o crucificaram, quando sabem que elle resuscitou, e que elles também hão de resuscitar. Porém a Magdalena e as outras Marias: a Magdalena e as outras Marias que o buscaram, e que o servem, que se não podem apartar delle, essas não

teem que temer : *Nolite expavescere*. Não é esta razão menos que do anjo : *Nolite expavescere ; Jesum queritis Nazarenum*. Se vós buscaes a Jesus Nazareno, não temaes. A energia destas palavras ainda está mais clara em S. Mattheus, que neste passo é commentador de S. Marcos : *Nolite timere vos ; scio enim quod Jesum, qui crucifixus est, queritis*. Não temaes vós : (notae muito a palavra vós) vós que buscaes o Jesus, não temaes ; porém aquelles que o não buscam : aquelles que o não amam : aquelles que o offendem, esses temam e tremam em sua resurreição. A resurreição para elles será morte e tormento eterno, assim como para vós será eterna vida, e eterna gloria. Os máus porque hão de resuscitar mal, teem muita razão de temer ; mas os bons, que hão de resuscitar bem, não teem para temer razão alguma.

E que grande alegria, e que grande consolação é para um verdadeiro christão na festa da resurreição de Christo considerar que tambem elle ha de algum dia resuscitar ! Que grande seria a alegria da Magdalena, quando visse a seu irmão Lazaro resuscitado ! A nossa alma é a nossa Magdalena : o nosso corpo é o nosso Lazaro. Que alegria será a de uma alma considerar agora e ver depois este seu corpo, este seu companheiro resuscitado ! Ainda esta comparação não explica. Que alegria seria a da Virgem Senhora, quando hoje visse resuscitado em tanta formosura e gloria a seu benditissimo Filho ! Esta comparação é a propria. A Magdalena viu seu irmão resuscitado, mas resuscitado para tornar a morrer. A Senhora viu resuscitado a seu Filho, mas para não morrer jámais : *Mors illi ultra non dominabitur*. (Rom. VI — 9) A Magdalena viu a seu irmão resuscitado, mas em corpo passivel, como o que d'antes tinha. A Senhora viu resuscitado a seu Filho em corpo immortal, e impassivel, e ornado com todos os quatro dotes gloriosos. E tacs hão de ser estes nossos costaes de terra depois do dia da resurreição. Cuidaes que estes nossos corpos depois de resuscitados hão de ser como agora, ainda os de maior gentileza ? De nenhum modo. A Fenix morre Fenix, e resuscita Fenix : o homem entra no banho do baptismo homem, e sae homem : o grão de trigo semeia-se trigo, e nasce trigo. Na resurreição não é assim : *Seminatur corpus animale, surgit corpus*

spiritale: (1 Corinth. XV — 44) o que se semea na terra da sepultura, é um corpo com condições de corpo; e o que nasce na ressurreição, é outro corpo, ou o mesmo corpo com condições de espirito, que são os quatro dotes do corpo resuscitado. Havemos de ficar tão diferentes depois de resuscitados, que é necessario fê para crermos, que seremos então os mesmos. Com esta fê dizia Job: *Scio quòd in novissimo die de terra surrecturus sum: et rursum circumdabor pelle mea, et in carne mea videbo Deum, quem visurus sum ego ipse, et non alius.* (Job. XIX — 25, 26 e 27).

Estes quatro dotes são os mesmos com que Christo hoje resuscitou: dote de subtiliza, de agilidade, de impassibilidade, de claridade. Um corpo com o dote da subtiliza se quer passar desta egreja para este pateo, não ha mister porta; penetra por essa parede, assim como o sol passa por uma vidraça sem impedimento. Os judeus mandaram pôr grandes guardas ao sepulchro, para que não tirassem delle a Christo; e elle com a porta fechada e selada, por virtude do dote da subtiliza saiu da sepultura. Quando o anjo abriu a porta do sepulchro, já o Senhor não estava nelle; mas abriu-a, para que as Marias podessem entrar e ver. Da mesma sorte entrou o mesmo Senhor no Cenaculo: *Cum fores essent clausæ*, (Joan. XX — 19) com as portas fechadas; porque os corpos resuscitados são corpos com propriedades de espirito, a quem não resiste, nem fazem impedimento as paredes. O segundo dote é a agilidade, o qual consiste em um homem poder, quasi em um momento, estar aqui, em Lisboa e na India, e n'outras maiores distancias. Christo no dia de hoje appareceu á Magdalena no sepulchro, ás Marias no caminho de Jerusalem, aos discipulos desesperados no do castello de Emauz, aos apostolos no Cenaculo, a S. Pedro não se sabe onde: e todas estas jornadas fez o Senhor, e fizera outras muito maiores em muito poucos momentos. Do ceu empyreo á terra ha tanta distancia, que se do principio do mundo lançaram de lá uma bolla de chumbo, que corresse todos os dias oitocentas legoas, ainda não teria chegado cá abaixo. E todo este caminho andou o corpo de Christo resuscitado na sua ascensão em um momento. O dote da impassibili-

dade faz a um corpo incapaz de dor, de enfermidade, de morte : *Infer digitum tuum huc, et vide manus meas, et affer manum tuam, et mitte in latus meum.* (Ibid. — 27) Resuscitou Christo com as cinco chagas ; mas so quatro o mataram, como está agora vivo com cinco ? E principalmente com a chaga do lado : *Mitte in latus meum ?* É porque um corpo immortal e impassivel, é incapaz de padecer e morrer : e são as feridas, e as chagas nelle, como rubis sobre neve, que esmaltam a formosura. O dote da claridade é ficar um corpo resuscitado muito mais formoso e resplandecente que o sol. Christo cobriu seus raios hoje, para poder ser visto, como se escreve de Moysés ; porque se o viram como elle era, morrêram todos de pasmo e de contentamento. Aos apostolos no Cenaculo appareceu no proprio habito e figura em que andava neste mundo, só com as chagas de mais : á Magdalena, e aos discipulos de Emauz appareceu transfigurado ; mas de tal maneira, que o não poderam conhecer, nem pelo rosto, nem pelo vestido ; porque á Magdalena se representou como hortelão, e aos de Emauz, como peregrino. Só no monte Thabor foi visto com o dote de claridade no rosto resplandecente como o sol, e nos vestidos tão alvos como a neve : *Resplenduit facies ejus sicut sol vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix.* (Matth. XVII — 2) E que succedeu a S. Pedro ? Viu os vestidos de Christo com a mudança da côr, e o rosto soberano com a de raios semelhantes ao sol : e bastou esta vista, sendo só de dois accidentes exteriores, para ficar o apostolo fóra de si : *Nesciens quid diceret ;* (Luc. IX — 33) e não querer mais vida, nem mais gloria : *Donum est nos hic esse.* (Ibid.) E para que depois intendesse elle, e os outros dois discipulos, que este era um dos quatro dotes com que haviam de resuscitar, lhes disse o Senhor : *Nemini dixeritis visionem, donec filius hominis à mortuis resurgat :* (Matth. XVII — 9) que guardassem silencio do que viram, até que o vissem resuscitado. Estes são os dotes gloriosos, com que hoje resuscitou Christo, e com os mesmos hão de resuscitar estes nossos corpos.

Esta consideração nos deve animar e consolar muito em nossos trabalhos, considerando que este corpo mortal, que agora padece, virá tempo em que resuscite immortal e glorioso. Porque

vos parece que padecia Job com tanta alegria tantos trabalhos, perdas de fazenda, de filhos, desgostos da mulher, dores nos ossos, nos nervos, nas arterias, nos olhos, na cabeça, na respiração: cuberto de chagas, comido de bichos; e comtudo sempre alegre e sempre contente: porque? Porque trazia uma nomina ao pescoço com umas certas palavras, que lhe davam fortaleza para soffrer tudo isto. E que palavras eram estas? *Scio quòd Redemptor meus vivit et in novissimo die de terra surrecturus sum.* (Job. XIX—25) E a nomina era: *Reposita est hæc spes mea in sinu meo.* (Ibid.—27) Alguns consolam-se nos trabalhos com a morte, como Elias: *Petivit animæ suæ ut moreretur.* (3 Reg. XIX—4) Não ha de ser assim, senão com a resurreição. Consolar com a morte, é consolação de desesperados; com a resurreição, é de quem espera: *Reposita est hæc spes mea.* Olhava Job para si, e dizia: Padeces corpo? Consola-te com a resurreição, que então serás impassivel: estás feio e desforme? Contenta-te, que terás o dote da impassibilidade: estás entrevado sem te poder bulir: *Posuisti in nervo pedem meum?* (Job. XIII—27) Consola-te, que terás o dote da agilidade: estás em um muladar, porque todos te fecham a porta? Consola-te, que terás o dote da subtileza, e não haverá para ti porta fechada. E vós meus olhos, não fazeis senão chorar? Consolae-vos, porque vereis a Deus: *In carne mea videbo Deum.*

IV.

Ora supposto, que para não temermos a resurreição o meio é buscar a Christo; que meio ha para o buscar seguramente? O meio que ha para buscar a Christo seguramente, é fazer o que hoje fizeram as Marias. Quatro coisas fizeram as Marias hoje buscando a Christo; primeira: buscaram a Christo com presupposto de que buscando-o a elle, se achariam a si; segunda: buscaram a Christo fazendo o que tinham de obrigação, e o que tinham de devação; mas o que tinham de obrigação, fizeram-no primeiro; terceira: não guardaram o buscal-o para o fim do dia, senão logo no principio delle; quarta, e ultima: buscaram a Christo não reparando em trabalho, nem em gasto, nem em credito,

nem em perigo, nem em dificuldade. Vejamos tudo brevissimamente e comecemos pela primeira.

A primeira coisa por onde começaram as Marias, foi comprar aromas para ungirem ao Senhor: *Emerunt aromata, ut venientes ungerent Jesum.* (Marc. XVI — 1) E se bem se adverte, já então Christo estava ungido por José e Nicodemos com cem libras de unguentos: *Eigaverunt illud linteis cum aromatibus.* (Joan. XIX — 40) Pois se Christo estava ungido, para que o vêm ungir ainda mais? Ora vêde. As Marias não vinham ungir a Christo, porque Christo tivesse necessidade de ser ungido; senão porque ellas tinham necessidade de o ungir. Para Christo estar ungido, bastava que o ungissem José e Nicodemos; mas para as Marias terem o merecimento de o ungir, não bastava que José e Nicodemos tivessem ungido a Christo: era necessario que ellas o ungissem tambem; e por isso compraram aromas, para o ungirem, depois de tão ungido: *Emerunt aromata ut venientes ungerent.* De maneira que em certo modo não vieram ungir a Christo por amor de Christo; vieram ungir a Christo por amor de si. Não porque Christo tivesse necessidade daquella unção; senão porque ellas tinham necessidade daquelle merecimento.

Cuidam alguns, que fazem grande fineza, e grande serviço a Deus em o servirem. Deus não tem necessidade de nada, nem de ninguém: *Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges;* (Psal. XV — 2) não tem necessidade de que nós o sirvamos: nós é que temos necessidade de o servir a elle. S. Francisco de Borja recebendo em seu serviço os criados da casa de seu pae defuncto, e conservando juntamente os que tinha da sua, respondeu aos que lhe diziam que eram superfluos: *Estos queden; porque tengo necesidad dellos: y essotros queden tambien: porque tienen necesidad de mi.* Deste segundo genero é que são todos os que servimos a Deus. Não se serve Deus de nós, porque tenha necessidade de nós; senão, porque nós temos necessidade d'elle. Oicamos ao mesmo Deus: *Nunquid manducabo carnes taurorum, aut sanguinem hircorum potabo?* (Psal. XLIX — 13) Cuidaes que me fazeis grande serviço em me offerecer

grandes sacrificios? Por ventura hei eu de comer a carne dos vossos bezerras, ou beber o sangue dos vossos cordeiros? Da mesma maneira não tenho necessidade do vosso jejum; porque eu não como o que deixaes de comer: nem muito menos tenho necessidade da vossa reza; porque tenho anjos, que com melhores vozes continuamente me louvam. Finalmente, não hei mister que deis esmola aos pobres; porque eu os sustentarei com a mesma facilidade, com que sustento as aves do ar, e os bichinhos da terra: mas vós sois os que tendes necessidade de dar esmola, de rezar, de jejuar, e de me fazer sacrificios. Assim que, havemos de buscar, e servir, e amar a Deus com presupposto, que quando o buscamos a elle, nos buscamos, e nos achamos a nós; que quando o servimos, nos servimos; quando o amamos, nos amamos; e quando gastamos com elle, gastamos, e dispendemos connosco. Bem se viu nas Marias: compraram aromas: e quem se ungiu com elles? Ellas, e não Christo; porque tudo lhes ficou em casa. E o mesmo fôra se ungiram ao Senhor, como lhe aconteceu a uma dellas, a Magdalena, que quando ungiu ao Senhor, *Capillis capitis suis tergebat*, (Luc. VII — 38) dava com as mãos, e recebia outra vez com os cabellos; senão que o recebia melhorado, como tocado em tão soberanas reliquias.

Com este presupposto havemos de passar ás obras, que são obras de obrigação, e obras de devação; mas ás de obrigação primeiro: *Cum transisset sabbatum, Maria Magdalene, et Maria Jacobi, et Salome, emerunt aromata, ut venientes ungerent Jesum* (Marc. XVI — 1) Diz o evangelista, que depois de passado o sabbado, madrugaram muito as Marias, para virem ungir a Christo com os aromas que tinham comprado e prevenido. E porque não vieram ao sabbado, senão depois que o sabbado passou, isto é, ao dia seguinte, que era domingo? Porque o sabbado naquella tempo, e naquella lei, era dia santo, e prohibido nelle o caminhar mais que certo numero de passos: *Quod est juxta Hierusalem, sabbati habens iter*. (Act. I — 12) E como a observancia do sabbado era de preceito, e o ungir a Christo era devação, dilataram a obra da devação, para acudirem primeiro á do preceito: *Cum transisset sabbatum*.

A obra dó preceito se ha de acudir primeiro, e deixar a Deus por amor de Deus, exercitando a obra de seu maior agrado, e pospondo qualquer outra, ainda que boa e santa, de que possa ser offendido. Vejamol-o em Elias. Estava Elias em um deserto mettido n'uma cova orando a Deus, e fazendo penitencia, quando por mandado do mesmo Deus lhe apparece um anjo, e lhe diz : *Quid hic agis Elia?* E bem Elias : vós aqui ? Que é o que fazeis ? Reprehendeu-o pelo que fazia, e pelo logar onde estava : *Quid hic agis?* Pois estar Elias n'um deserto enterrado vivo n'uma cova, fazendo penitencia, orando a Deus, e contemplando, é logar e acção digna de reprehensão ? Em Elias sim ; porque Elias era propheta d'el-rei Acab, e tinha obrigação de lhe pré-gar, e de lhe dizer o que convinha ; e estar no deserto era devação, estar na côrte era obrigação. E deixar a obrigação pela devação, era obra digna de ser reprehendida e castigada. Deus não quer que o sirvamos com offensa sua. Servir a Deus com offensa de Deus, é offendel-o, não é servil-o. E quanto ha disto hoje ? Vae o outro, gasta quinhentos cruzados na festa de um santo, e não paga o que deve, nem aos officiaes que trabalharam. Isto não é serviço de Deus. Pagaes o que deveis, que é obrigação ; e então fareis festas, que é devação. Vem-se confessar uma devota. Jejuaes ? Não. E porque ? Desmaios, fraquezas, dores, de estomago, e outras escusas deste genero. Diz-lhe o confessor : Minha irmã, tractae de vos conservar na graça de nosso Senhor ; e para isso encommendaes-vos muito á Virgem nossa Senhora. Ah Virgem Mãe de Deus, nunca eu deixo de lhe jejuar o seu sabbado ! Por isso esperava. Pois vinde cá : não jejuaes vespóra de S. Mathias, ou de S. Thomé, e jejuaes o sabbado ? Melhor é jejuar vespóra de S. Pedro, e S. Paulo, que jejuar todos os sabbados : porque o jejum dos santos apostolos é preceito ; e o jejum do sabbado é devação. Mas sabeis porque acudimos antes á devação, que ao preceito ? É porque no preceito faz-se a vontade de Deus ; na devação faz-se a vontade nossa. E nós queremos antes fazer a nossa vontade, que a de Deus : *In die jejunii vestri invenitur voluntas vestra* : (Isai. LVIII — 3) Nos vossos jejuns fazeis a vossa vontade, diz Deus ; e eu quero que façaes a minha. Tudo se póde

e deve fazer, como fizeram as Marias. Guardaram o sabbado, que era o preceito, e fizeram a sua devação e cerimonia ao domingo, que era devação : *Cum transisset sabbatum, ut venientes ungerent Jesum.*

V.

Sim ; mas quando se ha de fazer ? No tempo em que é licito, e logo, como fizeram as Marias : *Valde mane*, muito de madrugada, sem o guardar para a tarde. Christo entra em nossas almas, ou nascendo, ou resuscitando : na primeira graça nascendo, na segunda resuscitando. Nasceu á meia noite ao cantar do gallo, e resuscitou antes de sair o sol. E porque ? Para que intendamos, que para Christo nascer, ou resuscitar em nossas almas, é necessario madrugar, e não o deixar para depois. Quem era aquelle Pae de familias, que saiu a alugar os operarios que haviam de trabalhar na sua vinha, e quando saiu a alugar-os ? O Pae de familias era Christo ; o *quando*, foi muito de madrugada : *Exiit primo mane conducere operarios in vineam suam.* (Matth. XX—1) Parece que o pudéra fazer mais tarde sem nenhum perigo, porque a todas as horas daquelle dia achou sempre os operarios promptos para trabalharem nella. Porque madruga logo, e tão cedo ? Para nos ensinar com seu exemplo. A nossa vinha é a nossa alma ; e o que é necessario para a cultivar, e colher della o fructo, que Deus espera de nós, não o havemos de dilatar, nem tardar em lhe applicar os meios, senão madrugar, como fez o Pae de familias, não aguardando para outras horas, ainda que os meios sejam certos, e não duvidosos, como é a nossa vida : *Ab altitudine diei timebo.* (Psal. LV — 4) Eu, diz David, sendo um homem tão pouco medroso, sempre me temi muito do alto dia. E que lhe fazia medo a David então, pois confessa esse temor ? Fazia-lhe medo ser o alto dia o meio delle, e terem-se passado já tantas horas naquillo que se ha de fazer antes de sair o sol : *Valde mane.*

E que faremos nós, os que já imos tão perto de elle se nos pôr ? Fazer como os discipulos de Emaús. A tarde daquelle dia mostrou Christo que se queria apartar delles, e seguir seu caminho como peregrino ; mas elles não só lhe rogaram que ficasse alli ;

mas diz o evangelista, que por força o obrigaram a isso : *Coege-
runt illum, dicentes : Mane nobiscum, quoniam advesperascit, et
inclinata est jam dies.* (Luc. XXIV — 29) Miseraveis daquelles
que o guardam para o fim da vida, para a ultima hora, e para o
ultimo momento do dia : *In articulo diei illius ingressus est Noe
in arcam.* (Gen. VII — 13) Para o ultimo momento do dia, em
que Noé se havia de embarcar na arca, e Deus a havia de fechar
por fóra, esteve Noé esperando com ella aberta. E que lhe suc-
cedeu? Caso verdadeiramente maravilhoso, e digno de grande
horror! Dilatou-se tanto, e esteve esperando, para ver se havia
algun que se convertesse, e quizesse soccorrer a arca; mas ne-
nhum houve que chegasse; porque quem nos annos em que se
fabrica a arca se não converte, não se converte no ultimo artigo.
E para que nos não descuidemos, advirtamos, que neste dia de
nossa vida muitas vezes nos parece que nos restam muitas horas :
e temos chegado ao ultimo artigo, em que se nos está pondo o
sol. Supponde que estão tres homens condemnados á morte, e
que mandou el-rei que um o lançassem ao mar na altura do Cabo
Verde, outro na linha, outro no Cabo de Boa Esperança; mas
qual houvesse de ser o primeiro, o segundo, e o terceiro, que o
levasse quem havia de fazer a execução, em uma carta cerrada,
a qual se abrisse naquelles mesmos logares. Dizei-me: Haveria
algun destes homens, que em qualquer altura destas não fosse
tremendo? Pois o mesmo passa connosco. Todos estamos con-
denmados á morte: uns para o Cabo Verde, que são os que
morrem na flor dos annos; outros para a linha, que são os que
morrem de meia idade; outros para o Cabo de Boa Esperança,
que são os que morrem na velhice; mas em toda a parte have-
mos de ir com grande medo, por não sabermos quando chegará
o nosso cabo. Pois para isso preparemo-nos logo em saindo da
barra, que isso é o *primo mane*.

Assim o devemos fazer, e assim o fizeram as Marias, sem re-
parar em trabalho, nem em perigo, nem em gasto, nem em des-
credito, nem finalmente em difficuldade alguma. Não repararam
em trabalho; porque se levantaram muito de madrugada, saíram
de casa, andaram pelas ruas da cidade, e saíram della até o monte

Calvario, e valle do sepulchro. Nem repararam em perigos, que eram muitos, pela escuridade da noite, pelo horror natural dos logares desertos e medonhos, e pelo temor das guardas dos muros, e principalmente pelos que guardavam a entrada cerrada e sellada do monumento. Nem repararam em gasto; porque despenderam o dinheiro, e muito dinheiro em comprar os aromas preciosos; pois uma e a principal dellas era a Magdalena, tão costumada a despende muito em serviço de Christo. Nem repararam em credito, sendo a Magdalena senhora tão illustre, e acompanhando as que eram mulheres e mães de pescadores; e nem ella, nem as demais, em serem vistas naquelles logares tão suspeitosos, como são, á honra e á virtude, os adros e cemiterios áquellas horas. Finalmente, não repararam em difficuldade; porque dizendo e duvidando entre si, *Quis revolvat nobis lapidem*, (Marc. XVI — 3) quem lhe havia de tirar da porta da sepultura a pedra muito maior que suas forças, *Erat quippe magnus valde*; nem por isso pararam, ou tornaram atraz, antes foram por diante seguindo animosamente seu intento, e confiando em Deus.

O mesmo havemos de fazer nós: nem nos engane o mundo com a falsa apprehensão do descanso; porque com um pequeno trabalho alcançaremos descanso eterno. Nem nos engane com os seus falsos perigos; pois, quando muito, podem chegar até á morte desta vida, que necessariamente ha de acabar. Nem nos engane com o seu falso interesse; porque por uma pequena despeza, alcançaremos os interesses do ceu. Nem nos engane com a sua falsa honra; porque, por um pequeno descredito com os homens, alcançaremos eterna gloria entre os anjos. E finalmente, não nos acovarde difficuldade alguma; porque quanto maiores, tanto mais nos facilita Deus o vencel-as. Eu antes quero grandes difficuldades, que as pequenas; porque as pequenas correm por minha conta, as grandes por conta de Deus. Na resurreição de Lazaro mandou Christo aos que estavam presentes, que levantassem a campa da sepultura: *Tollite lapidem*. (Joan. XI—39) E porque? Não seria muito maior circumstancia de um milagre, que tantas teve de assombro, sair Lazaro de dentro estando a sepultura cerrada? Sim, seria: pois porque manda o Senhor

que tirem primeiro a cãmpa que a cobria? Porque a cãmpa podiam-na tirar os homens; e resuscitar a Lazaro defuncto só Christo podia. Para nos ensinar, que só fazemos o que está em nossa mão, e o que podemos, elle fará o demais, que só elle pôde. Bem se viu no caso presente. As Marias reconheceram que de nenhuma maneira podiam abalar, nem tirar da porta da sepultura a grande pedra que a seohava: *Quis revolvat nobis lapidem? Erat quippe magnus valde*. E como ellas tinham feito o que podiam para ungir o sagrado corpo; tomou o Senhor por sua conta, o que elle só podia fazer. E que foi? *Angelus enim Domini revolvit lapidem; et sedebat super eum*. (Matth. XXVIII — 2) Acharam a sepultura aberta, e a pedra tirada, e um anjo que a tirára assentado sobre ella, que lhe deu as alegres novas da resurreição.

VI.

Dizei-me, e acabemos com o maior exemplo. Não vos parece que Christo hoje resuscitado fez bem em morrer? Que difficuldades, que trabalhos, que affrontas e descreditos, que amarguras e dores não experimentou em sua paixão? As bofetadas, os açoites, os espinhos da coroa, o pezo da cruz, a companhia dos ladrões, as feridas dos cravos, a ancia, a angustia, o tormento mortal, de estar pregado e suspenso, derramando todo o sangue das veias até lhe faltar a vida, e render a alma; tudo isto se lhe representava vivamente na oração do Horto, repugnando a natureza, e pedindo remedio ao Padre tantas e tão repetidas vezes, se fosse possível. E se o mesmo Padre condescendesse com a sua petição, e elle deixasse a empreza, e vivo sem morrer tornasse para o ceu; parece-vos, torno a perguntar, que ficaria bem reputado seu credito e sua honra entre os homens e anjos? E que teria rosto (digamol-o assim) para lá apparecer entre elles, e cá entre nós? Mas porque não fez caso de trabalhos, de dores, de ignominias e affrontas, e da mesma morte tão cheia de tormentos, por isso tão confiadamente apparece hoje a todos resuscitado, e com tantos applausos do ceu, e da terra, entre os mesmos homens e anjos, e muito mais á dextra

de seu Eterno Padre, será por todas as eternidades glorificado.

Isto é o que sobretudo devemos imitar todos neste soberano mysterio da resurreição, lembrando-nos sempre, e pondo como em balança de uma parte as poucas horas que duraram aquellas penas e tormentos, e os infinitos seculos e eternidades sem fim, que ha de durar sua gloria, e a nossa, pela qual padeceu Christo com grande alegria: *Proposito sibi gaudio, sustinuit crucem.* (Hebr. XII — 2) Oh como dirá então cada um de nós sallando comsigo, em tanta differença de estado: Oh bemaventurados trabalhos, que me trouxeram a tão grande descanso! Bemaventurada despeza, que me trouxe tão grandes interesses! Bemaventurado descredito, que me trouxe a tão grande honra! Bemaventurados perigos, que me trouxeram a tão grande segurança! E bemaventurada victoria de todas as difficuldades, que me trouxe a um tão grande premio como é o da gloria! *Ad quam nos, etc.*

★

SERMÃO

DE

SANTO ANTONIO,

Panegyrico e apologetico, contra o nome, que vulgarmente em Roma, na egreja dos portuguezes, se lhe dá de Santo Antonino.

Qui fecerit, et docuerit, hic magnus vocabitur. — Matth. V.

I.

Desgraça é minha e nossa, e não sei se diga do mesmo Santo que celebramos, que quando havíamos de levantar tropheus, seja necessario tomar as armas e defender dentro em Roma, a quem tanto merecia triumphar nella. Eu, que hoje havia de fazer panegyricos, sou obrigado a desfazer aggravos. E que aggravos? Os aggravos do nome de Santo Antonio em Roma. Em Roma, cabeça e adoração do mundo, em Roma, mãe universal de todos os peregrinos, os aggravos daquelle peregrino portuguez, que a pés descalços a visitou com tanta devação, a edificou com tantos exemplos, a illustrou com sua doutrina, e a admirou e fez admiravel com o prodigio estupendo de seus milagres! Celebra hoje Portugal a Santo Antonio de Lisboa: Italia a Santo Antonio de Pa-

dua: e já este não era pequeno agravo; mas é força dissimular os menos grandes, para acudir aos maiores. Não determino disputar com Padua de tão longe: com Roma é o meu pleito, de Roma é a minha queixa, e não menos bem fundada, que no mesmo texto do evangelho, que propuz.

Qui fecerit, et docuerit, hic magnus vocabitur. Aquelle que fizer, e ensinar (diz Christo), esse terá o nome de Magno. Não pôde ser a lei mais clara. Agora diga-me Roma o nome de Antonio Magno a quem o deu. Não o deu ao Antonio de Portugal, senão ao Antonio do Egypto. Elle é o que se nomea e venera com a antonomasia de *Magnus Antonius*. Pois se o evangelho tão conhecidamente promette o nome de Magno aos merecimentos do nosso Antonio, por que lh'o nega aquella cidade, que contém em si a regra do mesmo evangelho? Porque lh'o nega e o dá a outro? Dir-me-ha por ventura Roma, que o outro Antonio foi muitos annos primeiro; e que quando o nosso veio ao mundo já o nome estava dado. Mas lembra-me a este proposito, o que já disse Tertulliano á mesma Roma. Não fostes vós, meu Santo, o que tardastes; senão ella a que se apressou. Argue Tertulliano aos primeiros que canonisaram os deuses gentilicos, e diz que ficaram sem altares e sem nome os que melhor o mereciam, não porque a antiguidade os quizesse excluir, senão porque se apressou: *Properavit opinor*. Fez deus da guerra a Marte? *Properavit*; porque se não se apressára tanto, fôra deus da guerra Scipião. Fez deus das musas a Apollo? *Properavit*; porque se esperára mais, fôra deus das musas Homero. Fez deus da medicina a Esculapio? *Properavit*; porque se aguardára mais tempo, fôra deus da medicina Hypocrates. Fez deus das sciencias a Mercurio? *Properavit*; porque se não se adiantára tanto, fôra deus das sciencias Aristoteles. Eu não nego, antes venero e adoro as excellencias do grande Antonio Africano; só tenho para mim, que se o mundo, e a cabeça do mundo, se não anticipára, pôde ser a grandeza daquelle nome não a consagrára ao da Africa, senão ao da Europa; ao portuguez e não ao Egyptio.

Mas porque o meu intento não é tirar o direito adquirido, senão defender o tirado: já que o nome de Magno se deu áquelle

Antonio; por que senão havia de dar também ao nosso: *Hic Magnus vocabitur*? Se entre os capitães houve hum nome de Magno para Alexandre, e outro para Pompeio; se entre os pontífices houve um nome de Magno para Leão, e outro para Gregorio; se onde não havia, nem podia haver comparação, houve um nome de Magno para Christo: *Hic erit Magnus*, (Luc. I — 32) e outro para o Baptista: *Erit Magnus coram Domino*; (Ibid. — 15) porque se não daria o nome de Magno ao nosso Antonio, assim como se tinha dado ao outro? Vejo que me póde responder Roma, que os nomes se fizeram para distincção das pessoas, e que havendo dois Antonios, ambos Magnos, não se distinguiam. Venho nisso; mas distinguirá Roma aos Antonios, como distinguia aos Fabios, e aos Valerios. Já que ao primeiro Antonio tinha chamado Magno, ao segundo chamára-lhe Maximo. E vêde se o merecia. A dois heroes (como notou Plutarco) deu Roma o nome de Maximos: a Fabio, porque restituiu as perdas do imperio: a Valerio, porque reconciliou o povo com o senado. Pois se Roma dá o nome de Maximo a Fabio, por restituitor das perdas; por que o não daria a Antonio, que tem por graça e por officio restituir todas as coisas perdidas? Tanto o tem por officio e por obrigação, que na nossa terra o prendemos como devedor, para que as restituia. E se Roma deu o nome de Maximo a Valerio, por reconciliador da plebe com o senado; porque o não daria a Antonio, que não só reconciliou com Deus tanta infinidade de almas, que andavam fóra de sua graça; mas reconciliou com a mesma igreja romana tantas hereges, tantas seitas, tantos heresiarcas, que por isso lhe, chamaram martello das heresias: *Perpetuus hæreticorum malleus*?

* Mas tão longe esteve Roma (este é o mais duro ponto do meu e do nosso sentimento), tão fóra esteve Roma de dar a Antonio o nome de Magno, ou Maximo, que lhe dá o de Minimo. Por me não atrever a pronunciar tão grande agravo, o dissimulei atégora. Como chama Roma ao nosso Santo Antonio? Santo Antonino. Antonino a Antonio? A Antonio de Lisboa, a Antonio o Portuguez, Antonino? Esta admiração, por lhe não chamar desde logo abuso, será hoje a materia do meu discurso, de tal maneira

apologetico, que não deixe de ser panegyrico. Lembrada a Virgem Senhora nossa da apologia, com que Santo Antonio defendeu a pureza de sua immaculada Conceição, quando ainda tanta necessidade tinha de ser defendida, se dignára assistir poderosamente á que havemos de fazer do mesmo Santo; e seja esta vez agradecimento e graça: *Ave Maria*.

II.

Qui fecerit, et docuerit, hic Magnus vocabitur.

Chamar a Santo Antonio Antonino, são dois aggravos em um aggravo. O primeiro da comparação; o segundo da preferencia. Não só é aggravo de Antonio o preferir-se-lhe outro, senão também o comparar-se-lhe. Mas já que o aggravo é por comparação, será também por comparação o desaggravo. Não me tenhaes por temerario, porque hei de fazer uma comparação incomparavel. Quereis saber quão grande Santo foi este, a quem chamaes Antonino? Olhae para aquelle altar. Foi tão grande Santo Antonio, que Christo diante d'elle parece pequeno. Fallo da grandezza das obras, e tenho licença do mesmo Christo para o dizer assim. *Qui credit in me, opera, quæ ego facio, faciet, et maiora faciet.* (Joan. XIV — 12) Algum dos que crerem em mim, diz Christo, não só fará as obras que eu faço, senão ainda maiores. Não maiores de pessoa a pessoa; não maiores de virtude a virtude, não maiores de merecimento a merecimento, que isso não pôde ser; mas de obras a obras, sim. E sendo as obras de Antonio, ainda comparadas com as de Christo, maiores, *Maiora faciet*, não é muito, que posto Christo á vista de Antonio, pareça Antonio o Grande: *Hic Magnus vocabitur*. Não o grande, comparado Antonio com Antonio (como vós o comparaes); mas o grande, comparado Antonio com Christo, como elle quer que o comparemos.

Seja a primeira prova desta incomparavel comparação a do mesmo evangelho. Duas comparações faz Christo neste evangelho, ambas de luz, mas muito diversas: uma o sol, outra a can-

dea. O sol: *Vos estis lux mundi*; a candeia: (Matth. V — 14) *Neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum*. (Ibid. — 15) E estas luzes tão diversas; este sol, e esta candeia, quem são, e a quem significam? Eu cuidava que o sol, por ser fonte da luz, era Christo: e que a candeia, por ser luz participada, era Antonio. Mas não é assim. A candeia é Christo, o sol é Antonio. Que a candeia seja Christo, disse-o Santo Hylario, e também Santo Thomaz: *Lucerna Christi ponitur supra candelabrum, id est, in ligno per passionem suspensa*. Que o sol seja Antonio, não só o dizem os mesmos santos, e todos, senão o mesmo Christo: *Vos estis lux mundi*. O sol aqui não sou eu, sois vós: *Vos estis*. Pois Antonio o sol, e Christo a candeia? Sim. É verdade que a candeia em si é tal candeia, que dá a luz ao sol; e o sol em si é tal sol, que recebe a luz da candeia; mas comparada luz a luz, effeitos a effeitos, e obras a obras, as de Christo á vista de seu servo Antonio parecem de candeia: as de Antonio á vista de Christo seu Senhor parecem de sol. E porque não cuideis que exaggero, lêde-o no texto, e vêde-o na experiência. A esphera da candeia diz o texto que é uma casa: *Ut luceat omnibus, qui in domo sunt*: a esphera do sol diz o mesmo texto que é o mundo todo: *Vos estis lux mundi*. E tal foi a esphera de Christo, tal foi a esphera de Antonio. A missão que o Eterno Padre signalou a Christo, como Messias promettido aos patriarchas, foi a casa de Israel: *Non sum missus nisi ad oves, quæ perierunt domus Israel*. (Matth. XV — 24) Eis ahi a esphera da candeia, uma casa: *Ut luceat omnibus, qui in domo sunt*. A missão que Christo signalou a Antonio, como successor dos apostolos, foi o mundo todo: *Euntes in mundum universum, prædicate omni creaturæ*. (Marc. XVI — 15) Eis ahi a esphera do sol, o mundo todo: *Vos estis lux mundi*: e como na comparação de missão a missão, e de esphera a esphera, a de Christo é uma casa, e a de Antonio o mundo todo: não é muito na comparação de luz a luz, e de obras a obras, que Christo, sendo a fonte da luz, pareça candeia, e Antonio, sendo luz participada, pareça sol: Christo, sendo o immenso, pareça pequeno, e Antonio, sendo creatura limitada, pareça grande: *Hic Magnus vocabitur*.

III.

Mas para que procedamos com distincção na prova desta gloriosa grandeza, dividamos os discursos nas mesmas partes em que o evangelho divide os fundamentos della. A dois titulos refere o nosso texto a grandeza do nome de Santo Antonio, fazer e ensinar: *Qui fecerit et docuerit, hic Magnus vocabitur*. Aos mesmos titulos, e com as mesmas palavras, reduziram os evangelistas as maravilhas de Christo: *Cæpit Jesus facere, et docere*: (Actor. I — 1) o *facere* intende-se dos milagres, o *docere* da prêgação. Ora comparemos o *facere* de Christo com o *fecerit* de Antonio: o *docere* de Christo com o *docuerit* de Antonio; e veremos quanto por um e outro titulo merece o nome de grande: *Qui fecerit, et docuerit, hic Magnus vocabitur*.

Começando pelo *fecerit*: quando Christo vivia neste mundo, corriam a elle, como a fonte da saude, todos os enfermos; tocavam ao Senhor, e ficavam sãos. Morreu Antonio tal dia como hoje, e com o mesmo prodigio todos os enfermos que tocavam o sagrado corpo, immediatamente cobravam saude. Grande maravilha, que obrasse o corpo de Antonio morto, o que obrava o corpo de Christo vivo. Em Christo dava vida a fonte da vida; em Antonio dava vida o despojo da morte. Em Christo dava vida todo Christo; em Antonio dava vida a metade de Antonio, e a menor ametade, o corpo. Eliseu tinha dobrado o espirito de Elias: e em que se viu? — pergunta e responde S. Agostinho. — Em que Eliseu morto, foi tão milagroso como Elias vivo. Elias resuscitou um morto, estando vivo: Eliseu resuscitou um morto, depois de morto. Eis alli o Elias e o Eliseu. Menino, porque estaes despido? Porque deu a sua capa a Antonio, e com ella o seu espirito dobrado; por isso era tão milagroso Antonio morto, como Christo vivo. Mas ainda nesta maravilha havia outra maravilha maior. Como o concurso e o tropel dos enfermos para tocar o corpo do Santo era infinito, uns chegavam, outros não podiam chegar; mas estes que não podiam chegar, diz Surio, bastava que desejassem tocar o Santo, para ficarem sãos. De maneira que para receber a saude de Christo, era necessario

tocar a Christo: para receber a saude de Antonio, bastava de-sejar a saude. Christo dava saude pelo tacto, Antonio pelo desejo. Christo pelo tacto, para fazer mais que Moysés: Antonio pelo desejo, não para fazer, mas fazendo mais que Christo: *Majora faciet*. Levantou Moysés a serpente de metal no deserto; e todos os feridos que olhavam para ella, saravam logo. Pergunto: e saravam tambem os cegos? Não; porque como a saude dependia da vista, quem não tinha olhos, não tinha remédio. Por isso Christo não poz a saude na vista, nem em outro sentido particular, senão no tacto, que é sentido commum. Se Christo puzera a saude no ver, não sararam os cegos; se a puzera no ouvir, não sararam os surdos; se a puzera no fallar, não sararam os mudos; e como queria o Senhor que sarassem todos, poz a saude no tacto, que é sentido universal e de todos: *Omnis turba querebat eum tangere, quia virtus de illo exibat, et sanabat omnes*. (Luc. VI — 19) Mas com ser tão universal a saude milagrosa de Christo, ainda a de Santo Antonio era mais universal. A saude de Christo era mais universal que a de Moysés, quanto vae do tacto á vista; a saude de Antonio era mais universal que a de Christo, quanto vae do desejo ao tacto. Para sarar pelo tacto, era necessaria presença e movimento; para sarar pelo desejo, nem era necessaria presença, nem movimento, bastava a vontade: pelo tacto não podia sarar o tollido, nem o ausente; pelo desejo, o tollido e o ausente todos podiam sarar, e todos saravam. E isto é o que fez Antonio: *Qui fecerit*.

Mas deixemos a comparação de desejo a tacto, vá de desejo a desejo. Desejou Zacheu ver a Christo: *Querebat videre Jesum*; (Ibid. XIX — 3) mas como a gente fosse muita, e Zacheu era pequeno do corpo, não o podia ver: *Et non poterat prae turba, quia statura pusillus erat*. (Ibid.) Oh que boa occasião para Christo fazer um milagre por um desejo! Que não conceda Christo milagres ao desejo de Herodes, era desejo de curiosidade: que não conceda milagres ao dos escribas e phariseus, era desejo de malicia; mas ao desejo de Zacheu, que era desejo de devação! Eia, Senhor, veja-vos Zacheu milagrosamente, não se diga que sois como os grandes da terra, que se não deixam ver

dos pequenos : ou a estatura de Zacheu suba, ou desçam as especies do vosso rosto, e veja-vos quem tanto deseja ver-vos. Comtudo não fez este milagre Christo; mas se Zacheu desejára ver a Santo Antonio, ainda que tivera um monte diante, eu estou certo que o havia de ver. Desejou uma senhora ir ouvir a Santo Antonio que prégava no campo : mas não devia de ser senhora, porque não tinha liberdade : devia de ser alguma pobre mulher ; não lhe deu licença seu marido. E que succedeu ? Sem sair de sua casa, estando tão longe, ouviu o sermão tão distinctamente, como se estivera ao pé do pulpito. Fez Antonio por quem o desejava ouvir o que Christo não fez por quem o desejava ver. Christo ao devoto não lhe suppriu a estatura : Antonio á devota suppriu-lhe as distancias. As especies do rosto de Christo para satisfazer a um desejo não se dobraram tres dedos : as especies da voz de Antonio para satisfazerem a um desejo estenderam-se duas milhas. E não só a mulher ouviu ao Santo, senão tambem o marido. Christo não quiz dar um milagre por um desejo : Antonio por um desejo fez dois milagres.

Mas dir-me-heis que tambem Christo alguma vez quiz fazer um milagre por um desejo. Por isso na piscina perguntou ao paralytico, se desejava a saude : *Vis sanus fieri?* (Joan. V — 6) Assim é ; mas vêde a differença, ou as differenças. Christo fez milagres por desejos, mas por desejos declarados : Antonio por desejos occultos. Christo ao menos queria ouvir os desejos : Antonio despachava os desejos sem os ouvir. Christo punha o *cumpra-se* aos desejos, mas com os memoriaes na lingua : Santo Antonio sem sairem do coração. Mais ainda : o paralytico alcançou o remedio por um desejo, mas por um desejo de trinta e oito annos : os enfermos de Santo Antonio por um instante de desejo. O desejo do paralytico, quando Christo nasceu, já havia seis annos que era desejo : os enfermos de Santo Antonio vieram depois de Antonio morto, e no ponto em que tiveram desejo, tiveram saude. Christo acudiu a um desejo, mas quando já o desejo pudéra ser desesperação : Antonio acudia aos desejos, antes de chegarem a ser esperança : e quem não espera que os desejos sejam grandes, não pôde deixar de ser grande : *Magnus vocabitur*.

*

IV.

Um milagre fez Christo, que foi qualificado pelo maior milagre do mundo : *A sæculo non est auditum* ; (Joan. IX — 32) mas neste mesmo milagre deixou Christo materia a Santo Antonio para fazer outro milagre maior : *majora faciet*. Era um cego de seu nascimento, fez Christo um pouco de lodo com os dedos, poz-lh'o no lugar dos olhos, mandou-o lavar á fonte de Siloe, e cobrou vista. Todos aqui reparam em Christo dar vista com lodo : eu reparo em Christo o mandar lavar. Já que Christo fez que o lodo dêsse vista, porque não fez que o lodo não enlodasse ? Porque Deus, quando faz milagres por instrumentos naturaes, ainda que eleva as naturezas, não as muda, nem as violenta. A agua do baptismo elevada santifica, mas nem por isso deixa de molhar. Assim foi o lodo : deu vista, mas enlodou ; porque essa é a natureza do lodo. Ouvi um grande milagre de Santo Antonio ; e muito maior sendo portuguez. Os portuguezés enlodam sem lodo : Santo Antonio, sendo portuguez, fez que o lodo não enlodasse. Já, uma senhora, (esta o era) ia ouvir a Santo Antonio muito perto delle : era inverno : casu no lodo. Que taes ficariam as galas ! Disse-lhe o Santo que se levantasse ; e estavam os vestidos tão limpos e aceiadados, como quando saíram da guarda roupa. Nunca se viu tão limpo milagre.

Nem por sua propria Esposa o fez Christo. Era a Esposa tão polida, que chamada a grandes instancias de Christo, lhe respondeu : *Lavi pedes meos : quomodò inquinabo illos ?* (Cant. V — 3) E sendo tão ardentes os extremos, com que o Divino Amante suspirava sua presença, deixou passar todo o inverno, e então lhe disse : *Surge amica mea, et veni : jam enim hiems transiit* : (Cant. II — 10 e 11) Já agora, Esposa minha, podeis sair de casa ; porque já passou o inverno. Linda paciencia para tão grande amor ! Não era mais facil fazer Christo que, ainda que os lodos afougassem os campos, passasse a Esposa por cima delles, sem lhe offenderem um fio da roupa ? Nem com tanto amor fez Christo tal milagre. Que o lodo não enlode, nunca a omnipotencia de Christo o fez, nem em quanto Homem, nem em quanto Deus.

Abriu-se o mar Vermelho, para que passassem os filhos de Israel, e diz o texto que mandou Deus um vento abrazador: *Ventum urentem*, (Exod. X — 13) para que cessasse o lodo. Abriu-se o mar, para que passassem a pé, e seccou-se o lodo, para que passassem a pé enxuto. Pois se a omnipotencia estava tão liberal de milagres, e a occasião era tão apertada, que já os inimigos lhe vinham batendo nas costas, e Deus queria que não só passassem a pé, mas a pé enxuto; porque não fez que passassem pelo lodo, sem se enlodarem? Pelo lodo sem se enlodarem? isso não. Professores da limpeza, e da limpeza votada, guardar do lodo: ninguém presume que póde entrar no lodo, sem se enlodar. Mas este milagre, que não fez Christo, nem com tanto amor, nem com tanta necessidade; nem em quanto Homem, nem em quanto Deus, foi um acaso de Santo Antonio: *Qui fecerit*.

V.

Mas tiremo-nos do lodo, ponhamo-nos em Lisboa. Matou-se alli um homem: accusaram ao pae de Santo Antonio, sem culpa; e o peor é que lh'a provaram. Condemnado á morte (que naquella bom tempo na nossa terra, quem matava, morria, e não prevalecia a misericordia contra a justiça, ainda que fosse procurador das cadeas um titulo), saiu do Limoeiro, e quando chegava já perto de sua casa, apparece no adro da Sé Santo Antonio. Embargos, nunca ninguem os poz tão de receber. Neste adro, disse o Santo, está sepultado o morto, diga elle mesmo, se o matou este homem. Levanta-se da sepultura o morto, testemunha que não era aquelle o matador. Insta a justiça que descubra quem era; mas não o consentiu Santo Antonio. Morreu outra vez o defunto, resuscitou o vivo, ficou livre o innocente, e desapareceu o auctor do milagre. O caso da resurreição de Lazaro todos o sabem. Comparemos uma com outra, e veremos que onde Christo fez um milagre, fez Santo Antonio seis milagres, e maravilhas sem conto.

Christo teve novas da enfermidade de Lazaro por um escripto de Martha, e Maria: Antonio teve noticia da morte de seu pae por revelação do ceu; primeiro milagre. Christo tardou quatro

dias; Antonio não tardou : e sendo portuguez não tardar, segundo milagre. Christo do Jordão aonde estava, a Bethania poz quarenta e oito horas : Antonio de Italia a Portugal foi em uma noite : terceiro milagre. Christo mandou levantar a campa : Antonio não mandou cavar a terra ; quarto milagre. Christo pediu fé a Martha, como sempre pedia : Antonio pediu fé ; quinto milagre. Christo com uma resurreição deu uma vida : Antonio com uma resurreição deu tres vidas : uma ao morto, que resuscitou ; outra ao innocente, que não morreu, outra ao culpado, que não quiz descobrir. Este foi o sexto milagre ; e pudéra ser o setimo desaparecer logo o milagroso : obrar a maravilha, e não querer o applauso. Porque o não perca quem o não quiz, ponderemos mais o caso. Christo disse a Martha : *Ego sum resurrectio, et vita* : (Joan. XI — 25) Eu sou resurreição, e vida. Christo foi resurreição, e vida : Antonio foi vida, e resurreição. Christo deixou morrer a Lazaro, para resuscitar a Lazaro : Antonio não deixou morrer a seu pae, para o resuscitar depois : resuscitou o morto, para que não morresse o vivo. Christo deu uma vida, para remediar uma morte : Antonio deu uma vida, para conservar outra vida.

Houve-se Santo Antonio com seu pae na vida corporal, como Christo com sua Mãe na vida espiritual : não lh'a deu por remedio, deu-lh'a por preservação. Quasi estava para dizer deste venturoso pae nesta circumstancia, que foi mais venturoso em ter por filho a Antonio, que Adão em ter por filho a Christo. Adão foi sentenciado á morte : *Morte morieris* ; (Gen. II — 17) deu-lhe a vida seu filho Christo : mas quando lh'a deu ? Depois de executada a sentença. Não assim S. Antonio, metteu-se entre a sentença e a execução, e deu a vida a quem lh'a tinha dado ; podendo dizer com palavras de Christo, o que o mesmo Christo não póde dizer : *Ego vivo propter Patrem, et ipse vivet propter me*. (Joan. VI — 58)

VI.

Isto é o que Santo Antonio em comparação das obras e milagres de Christo, fazia : *Qui fecerit* ; agora seguindo a mesma

comparação, passemos do fazer a o ensinar: *Et docuerit*. Prêgava o Santo na igreja de um lugar não muito povoado, quando passava por alli acaso uma tropa de vinte e dois ladrões vando-leiros, cuja crueldade por costume se exercitava em matar, e cuja cubiça por vida e profissão em roubar quanto encostrava. Souberam que estava alli prégando Santo Antonio, e movidos da sua fama, entraram por curiosidade a ouvir o que dizia. Ao principio se deixaram levar e enlevar da graça do prégador, e depois penetrados pouco a pouco da força e efficacia de suas razões, se renderam de tal sorte a ellas, que todos sem se fallarem se converteram; e confessando seus peccados ao mesmo Santo, e recebendo com promessa da emenda a competente absolvição, assim como tinham entrado a ouvir peccadores, saíram da prégação penitentes. E que direi eu á vista deste caso tão raro em outro menor no numero, mas, por todas as suas circumstancias, mais notavel na pessoa?

Um anno e tres mezes havia, que Christo Senhor nosso começára a prégær a Judas, quando disse: *Nonne ego vos duodecim elegi, et ex vobis unus diabolus est?* (Joan. VI — 71) E em todo este tempo não deixou occasião de lhe bater ao coração, arguindo o máu e traidor pensamento, com que já traçava a sua venda; porque já o Senhor se tinha passado de Judéa para Galiléa, sabendo que os judeus tractavam de lhe tirar a vida: *Quia querebant eum judæi interficere*. (Ibid. VII — 1) Finalmente, chegado o dia, em que a morte de Christo, e a traição e venda de Judas se havia de effectuar, sete vezes (como já tenho notado n'outra occasião) o admoestou, e lhe prégou claramente o Senhor, que desistisse de tão impia e cruel maldade. E sem se deixar render de tão repetidas prégações, como ladrão saiu do Cenaculo, como ladrão concertou a venda, como ladrão recebeu o preço, como ladrão entregou a seu Mestre, e como ladrão rebentou, e morreu impenitente. E que não bastando em mais de um anno tantos dias e tantas prégações de Christo para converter um ladrão tão allumiado antes na fé do verdadeiro Deus, e não podendo ignorar que o era o mesmo Christo, Santo Antonio em um só dia, e com uma só préga-

ção, ou parte della, convertesse vinte e dois ladrões, quasi sem noticia de Deus, costumados a viver de roubos e homicidios!

Duas coisas difficultam aos homens de similhante vida a conversão e emenda della: o pejo de confessar o peccado, e a obrigação de restituir o alheo. Judas já tinha confessado o seu peccado: *Peccavi, tradens sanguinem justum*; (Matth. XXVII — 4) mas o alheo ainda o não tinha restituído: porque ainda que tornou a lançar no templo os trinta dinheiros: *Retuli tringinta argenteos*; (Ibid. — 3) estes dinheiros foram o preço da venda, mas não a restituição do vendido. O que Judas vendeu e entregou foi a liberdade de Christo; e esta não a restituiu: antes, porque viu que o levavam atado e prezo, sem se livrar das mãos dos judeus, como outras vezes tinha feito, desesperado se enforcou. O mesmo succede a outros ladrões, que nem elles se enforcam a si, nem a justiça a elles. Facilmente confessam o peccado: porque roubar o alheo já não é acção tão vil, e affrontosa depois que a nobreza e dignidade dos que a usam, a tem feito quasi honra. Mas tendo tantas artes e ardis para tomar o alheo na vida; encommendam a restituição a seus herdeiros, e nenhum tem valor para a fazer por si mesmo na morte.

Dois ladrões teve Christo na morte, que nem tinham necessidade de confessar a culpa, nem obrigação de restituir. Estes foram aquelles dois, em meio dos quaes o Senhor foi crucificado. Não tinham necessidade de confessar a culpa; porque o pregão e o supplicio a manifestava: nem obrigação de restituir o alheo, porque pregados a um pau, nós, e despidos, a mesma desnudez e impossibilidade os desobrigava da restituição. E comtudo desejando Christo converter a ambos, e offerecendo por elles todo o seu sangue, só converteu a um. Caso horrendo, estupendo, tremendo, e digno, se não houvera outra causa, de na terra se quebrarem as pedras, e no ceu se escurecer o sol. É possível que um homem condemnado á morte, e tal morte, sem honra, sem remedio, sem esperança, nem de vida, mais que duas horas, em um monte cuberto de caveiras, pregado em uma cruz, com tantas mortes, e a sua, e de seu companheiro á vista, se não queira converter! O maior dia que houve no mundo foi aquelle em que

o Filho de Deus actualmente estava remindo o genero humano desde Adão até o ultimo homem ; e que este estando tão junto a Christo, e Christo promettendo o paraizo ao companheiro, e o companheiro com o seu exemplo e palavras, prégando-lhe a fé e a salvação ; e sobretudo, que correndo do corpo do Salvador quatro fontes de misericordia em seu sangue, por obstinação da propria vontade se não queira aproveitar d'elle ! Mas era ladrão : e é tal, tão cruel, tão impio, e tão deshumano o exercicio de um homem a outro de sua propria natureza, despojar de seus trabalhos e suores, tirando-lhe talvez a vida, que não ha dureza de marmore tão dura, nem de diamante tão impenetravel, ainda ao mesmo sangue de Christo, como a de um tal coração. Se Christo convertera estes dois ladrões, ainda a conversão de Santo Antonio ficava superior em vinte ; se convertera tambem a Judas, em dezenove ; mas quando Christo no maior dia, e na maior acção de sua vida, de tres ladrões não converte mais que um : que de vinte e dois não fique um só por converter, mas que todos os vinte e dois se convertam a uma prégção de Antonio ! Bem se deixa ver quanto maiores foram suas obras, que as do mesmo Christo, assim como no fazer, no ensinar : *Et docuerit.*

VII.

Mais. Prégava Christo a verdade aos judeus, mas elles como filhos do pae da mentira, não só a não queriam crer, mas de nenhum modo ouvir. Suppunha-os o Senhor creaturas racionais, que eram ou deviam ser : e como taes os quiz persuadir com razões, e dois efficazes argumentos. Primeiro : *Qui ex Deo est, verba Dei audit : propterea vos non auditis, quia ex Deo non estis* : (Joan. VIII — 47) quem é de Deus, ouve a palavra de Deus : vós não a quereis ouvir : logo não sois de Deus. E se não sois de Deus, de quem sois ? Segundo argumento : Se não sois de Deus : logo sois do demonio, e do demonio não servos e seguidores somente, senão filhos : *Vos ex patre diabolo estis.* (Ibid. — 44) Responderam : Nós somos filhos de Abrahão : e

replicando Christo : Se sois filhos de Abrahão, fazei obras dignas de tal pae : então saíram com a sua e terceira consequencia : *Tulerunt ergo lapides, ut jacerent in eum* : (Ibid. — 59) Tomaram pedras para apedrejar o Senhor, o qual escondendo-se dentro em si mesmo, e fazendo-se invisivel, saiu do templo. Pudera-os cegar, mas teve por melhor fazer-se invisivel, para que com os olhos abertos vissem como em espelhos, nas pedras que tinham na mão, a dureza da sua rebeldia.

O mesmo succedeu a Santo Antonio com os hereges, cuja vaidade e soberba não só fazia pouco caso da sua doutrina, mas se retirava e fugia de a ouvir. E que faria Antonio neste caso ? Far-se-ia tambem invisivel ? Não o soffria seu zelo. Vae-se diante dos mesmos hereges á ribeira do mar : chama em voz alta aos peixes : Peixes vinde ouvir a palavra de Deus, já que os homens lhe negam os ouvidos. A esta voz (coisa maravilhosa!) começou a ferver todo o mar, e os peixes em cardumes, cada qual segundo sua especie, a nadar directamente, aonde os chamava a voz. Os mais pequenos se puzeram ordenadamente junto á praia ; os outros mais afastados um pouco ; e os maiores, que demandavam maior fundo, no ultimo logar : e todos com as cabeças fóra da agua aguardavam attentos o para que aquella voz os chamára. Socegado o mar, e quieto todo o auditorio, começou Santo Antonio a lhes prégar aquelles beneficios divinos, que sem os entenderem, tinham recebido da mão de seu Creador. Vós fostes, dizia, as primeiras creaturas sensitivas, que Deus produziu : os vossos olhos, os primeiros que descobriram e viram a luz do mundo : o vosso elemento o segundo, mais vasto que toda a terra, diaphano, transparente e penetravel : muitos de vossos corpos os maiores de todos os viventes, vestidos uns de escamas prateadas e doiradas, outros de pelles de diferentes cores, asperas, ou lisas. Emfim, parentes em primeiro gráu do sublime coro das aves, nascidas na mesma patria das aguas, onde muitas desprezando as alturas do ar, vivem juntamente convosco ; pelo que todos deveis infinitas e continuas graças ao Creador. Tudo isto viam, e ouviam os hereges pasmados e attonitos do silencio e attenção, com que os peixes mostravam por seu modo assentir

a tudo o que o Santo prégava: desfazendo-se pouco a pouco e abrandando-se as pedras, que tinham, não nas mãos, como os judeus, mas nos corações obstinados.

Um chamado Bonivilho, o mais sabio e ardente disputador de sua seita, era o que mais admirava o que estava vendo, e quasi não cria. Notava que Antonio para os ensinar a crer, os não mandava como Salomão á escola das formigas, ou das abelhas, animaes, ou bichinhos, que na pequena esphera de seu corpo, e na grande astucia de seu engenho, imitam as mais bem ordenadas republicas; mas os ensinava com o exemplo dos peixes, cujo confuso governo é totalmente despotico e tyrannico: comendo os grandes aos pequenos, os maiores aos grandes, e os mesmos maiores sendo comidos de outros de tão portentosa grandeza que os podem engulir e devorar de um bocado. Era mais que admiravel nesta condição de communidade a ordem, quietação, e socego, com que não só attendiam ao que o Santo prégava, mas depois de receberem sua bênção, sem se lembrarem da fome, ou costume, se apartavam em paz, e se retirava cada especie no seu cardume ao lugar d'onde alli tinham vindo. Assim dentro da arca de Noé-elhava o lobo para o cordeiro, e o falcão para a pomba com tal temperança do instincto, e appetite natural, como esquecidos do que eram, ou tinham sido antes.

Penetrado pois Bonivilho, como mestre dos demais, desta consideração, e communicando aos companheiros, todos, ou quasi todos, cederam da sua dureza, convertendo-se e pedindo perdão ao Santo. Christo Senhor nosso, de pescadores de peixes, fez pescadores de homens: mas Santo Antonio fez pescadores dos homens, não os pescadores, senão os peixes. E aquelle foi o dia em que o mar fez o mais formoso lanço na terra, do que a terra o tinha feito nunca com as redes no mar. Sendo admiravel a differença com que no mesmo caso, de não serem ouvidos dos homens, se houveram no modo de ensinar o Supremo Mestre, e o grande discipulo. Christo escondeu-se em si mesmo; Antonio não se escondeu. Christo fez-se invisivel; Antonio fez que vissem todos e ouvissem, como era ouvido. Christo saiu-se do templo; Antonio não se saiu da campanha ou da estacada. Christo desenga-

nou-se de não reduzir com razões a homens racionais; Antonio resolveu-se a convencer racionais com animaes brutos e sem razão. Christo deixou de gastar e multiplicar palavras com os que as não queriam ouvir; e Antonio persuadiu aos mesmos com aquelles animaes que entre todos são mudos, e com o seu silencio. Emfim, os judeus ficaram deixados com as pedras na mão; e os hereges com a dureza dos corações convertida de pedras em homens. Assim o tinha Deus promettido por Ezequiel aos redusidos de Babylonia: *Auferam ab eis cor lapideum, et dabo eis cor carneum.* (Ezech. XI — 19.)

VIII.

Tendo mostrado Santo Antonio a maioria do seu ensinar, *et docuerit*, primeiro em homens, e depois em brutos; só lhe resta em quem fazer clara a mesma demonstração. Em quem? Não em outrem, senão no mesmo demonio.

Assombrado o demonio, e raivoso das maravilhas com que Santo Antonio entre catholicos e hereges, despovoava o inferno, determinou (quem tal imaginára!) desarmal-o. Tinha o Santo reduzido a lição da sagrada escriptura a um livro de logares communs e materias particulares, do qual se valia, principalmente quando havia de prégar sem novo estudo, e de repente. Este livro lhe desapareceu da cella, e houve mister Santo Antonio outro Santo Antonio, que perdido lh'o deparasse. Porque estas graças de Deus, que os theologos chamam *gratis datas*, ou é fidalguia dos que as recebem, ou limitação com que Deus as concede, que nunca as possam exercitar consigo, senão com outros. Assim vemos em S. Roque, que tendo a graça de curar todos os apestados, elle morreu de peste: e em S. Pedro que dando saude fóra de sua casa a todos, não a deu dentro della a sua sogra que gravemente estava enferma de febres. E pudemos allegar aqui ao mesmo Christo que fazendo tantos milagres em toda a parte, só na sua patria diz o evangelista expressamente, que não podia: *Non poterat ibi virtutem ullam facere.* (Marc. VI — 5) E que foi feito daquelle livro de Santo Antonio? Ainda o demonio com

maior astúcia lh'o tinha, não tirado, mas persuadido a outrem que occultamente o furtasse. Foi-se ter com um noviço que devia ser pouco humilde, e de altos, ou altíssimos pensamentos, e disse-lhe interiormente: Não vês a grande fama de sr. Antonio, que leva todo o mundo apoz si com suas prégações? Pois eu te ensinarei meio, com que faças tua toda a sua fama; armando-te a ti, tirando-lhe as suas armas a elle: na sua cella tem um livro, de que tira quanto préga; entra lá occultamente, tira-o, e esconde-o onde ninguém te veja, nem o saiba: e logo saindo-te da religião, pois és noviço, com o teu talento, de que tanto presumes, e com o seu peculio, serás outro Santo Antonio.

Pareceu bem ao noviço o conselho, como inventado e dado por quem lhe conhecia o humor. Deixa o habito; sae-se com o livro roubado; e como pela falta que fez no noviciado fosse conhecida e averiguada a sua fugida, então revelou Deus ao Santo o engano do demonio, e o extraordinario modo de tentação com que o tinha tirado do estado religioso para o mundo, e posto no caminho certo do inferno. O intento de desarmar a Santo Antonio com o furto do livro, foi recebido com riso de todos os que o souberam, como se Santo Antonio fosse prégador de cartapacio, e como arca do testamento, que era, não tivesse dentro em si mesmo as taboas de ambas as leis, isto é, de todas as escripturas, assim da lei escripta, como da graça. O que sentiu o Santo estranhamente compadecido como pae e pastor, foi a perda daquella ovelha. E como nos parece que procuraria reduzir-a ao rebanho? Por ventura iria elle a buscá-lo, como o seu zelo tão facilmente acudia aos mais estranhos? Não: mandaria ao menos algum religioso dos mais antigos e espirituaes, que com verdadeiros conselhos o reduzisse outra vez? Também não. Finalmente encommendaria esta empreza a um par de leigos, robustos e de boas mãos, que, quando não quizesse por vontade, o trouxessem por força? Nem isso fez o Santo; porque em caso tão extraordinario quiz que fosse também novo e inaudito o remedio. Quer reduzir, e restituir á religião o noviço; mas não por meio de outrem, senão do mesmo demonio que o tinha enganado.

Christo na ultima tentação disse ao demonio: *Vade retro*: Torna atraz: e assim o fez Santo Antonio com notavel propriedade. Já que tu, demonio, foste o que machinaste desde seu principio toda esta tramoia, *Vade retro*, torna agora atraz, e pois tu a começaste e fizeste, tu és o que a has de desfazer. Já se vê qual seria o desgosto e raiva do demonio, considerando não só desfeita a sua maquina, mas a affronta de ser pelo mesmo auctor della. Não pôde porém deixar de obedecer a Santo Antonio pelo poder que tinha sobre todo o inferno. Vae, como signaladamente lhe era mandado; espera o noviço em uma ponte, d'onde ou se havia de lançar ao rio, ou tornar atraz: e assim prezo, e ambos envergonhados, se vieram lançar aos pés de Santo Antonio. Oh maravilha nunca vista, e com razão estimada na mesma escriptura por impossivel!

- Toda a conversão de uma alma a Deus, depois de o ter deixado, é sobre toda a natureza; mas nenhuma mais difficultosa que a do religioso. Não lhe dá outro nome a escriptura sagrada que de impossivel: *Impossibile est eos, qui semel sunt illuminati, et prolapsi sunt, rursus renovari ad penitentiam*. (Hebr. VI — 4 e 6) E que este impossivel, não só confirmado, mas atado e reatado com tão particulares circumstancias se desfizesse por meio do mesmo demonio, e tornasse elle a trazer e metter na religião o que por tão extraordinarios meios tinha tirado della! E que isto o não obrasse Santo Antonio por si mesmo, ou por outro religioso, senão por meio de um dèmonio! só na escola de Santo Antonio se pôde achar tal modo de ensinar: *Et docuerit*.

IX.

E senão vejamos o que fez Christo, cujo dominio, imperio, e desprezo em tractar os demonios tão frequentes em seu tempo

* Juxta codices græcos, et latinòs apud. Maldon in cap. IV. Matth. v. 10.

na Judéa e Galiléa, foi verdadeiramente admiravel; mas nenhuma acção sua tão soberana, que possa fazer parallelo a esta de Santo Antonio. A acção mais devota, e ao parecer mais santa do demonio, foi a daquelle que deu em ser prégador de Christo, e publicar que era Deus. E que fez então o Senhor? Por ventura converteu, por meio desta prégação do demonio, a todo o mundo, que elle lhe tinha offerecido no deserto: *Hæc omnia tibi dabo?* (Matth. IV — 9) ou quando menos a um homem? Nem por pensamento. O que fez foi não só mandar-lhe que se calasse; mas emudeceu-o totalmente: *Obmutesce.* (Marc. I — 25) Não assim Santo Antonio. O que Christo não fez por meio de um demonio prégador da sua divindade, fez Santo Antonio por outro demonio depravador da sua religião: não o privou do instrumento da lingua, antes acrescentou o de uma espada, nua com que ameaçasse o noviço fugitivo. Como se disséra: Tu me quizeste desarmar, para tentar o religioso; pois eu te armarei, para que tu mesmo desfaças o que tinhas feito. Se depois de lançado Adão do paraiso, puzera Deus por guarda d'elle a mesma serpente que o tentára, fôra grande propriedade e energia do castigo: mas não fiou Deus do demonio tal genero de obediencia. É verdade que tambem deu a espada; mas a quem? A um cherubim: *Cherubim, et flammeum gladium;* (Gen. III — 24) porque a acção da espada não está na espada, senão na mão de quem a menea. Mas não foi assim a de Santo Antonio. Mette a sua espada na mão do demonio, seguro de que não obraria a espada o que quizesse a mão; senão a mão, posto que muito a seu pezar, o que quizesse a espada. Assim foi, e não em menor, ou menos difficuloso caso, que em um já qualificado por impossivel.

Emfim, que não converteu Christo por meio do demonio a peccador algum, nem gentio, nem christão, e muito menos religioso. É grande o numero de religiosos, não só noviços, que cada dia deixam o habito, senão tambem dos professos, que depois de o serem, apostatas e fugitivos, renunciaram e abominam o que votaram e prometteram a Deus. E quando alguns se emendam e tornam verdadeiramente á religião, quem os converte? Converte-os o mesmo Christo com os impulsos de sua graça,

converte-os com os indultos de seu vigario o summo pontifice, converte-os, emfim, com meios varios, e extraordinarios de sua omnipotencia. Porém que um religioso pervertido se converta á religião por meio do demonio, e do mesmo demonio que o perverteu e incitou a sair della ; esta maravilha só Santo Antonio a fez neste caso, acabando de mostrar primeiro nos homens, depois nos brutos, e ultimamente no mesmo demonio, a grandeza e maioria de suas obras, não só consideradas em si, mas comparadas com o mesmo Christo, assim como já vimos no fazer, *fecerit*, e agora acabamos de vêr no ensinar, *et docuerit*.

X.

Este é aquelle Santo, ou aquelle famoso heroe entre todos os santos, que, chamando-se Antonio, o vulgo de Roma acrescentando-lhe uma letra ao nome, e chamando-lhe Antonino, de tão grande o fez pequeno. Tire-se-lhe esta letra tão injustamente acrescentada, e ficará reduzido (que é o que eu só pretendo) á sua natural, ou sobrenatural grandeza. Assim tirou Deus a Sarai aquelle ultimo, i, com que a fez muito maior do que era ; e assim tirado a Antonino o ultimo, n, ficará restituído ao que é e sempre foi. Elle se fez menor por amor de Christo ; e Christo lhe pagou esta grande resolução com se fazer em sua presença menor que elle. Como se dissera com o Baptista : *Ilum oportet crescere, me autem minui*. (Joan. III — 30) E quando Christo se diminue e faz menor que Antonio, injustiça manifesta é, por não dizer sacrilegio, que haja quem o diminua, ou reduza a um nome diminutivo, para lhe tirar, não digo já a maioria, senão a igualdade de grande. Será justo que nós lh'a tiremos, quando o evangelho lh'a dá : *Hic magnus vocabitur* ?

Só falla com o vulgo romano a humildade pouco presumida da minha apologia ; mas se ella tivera atrevimento para se apresentar aos pés de sua santidade, tenho por certo que pacificamente sairia melhor despachada. O papa Nicoláu IV tinha collocado a estatua de Santo Antonio na mesma ordem e serie,

em que na basilica de S. João de Latrão se vêem as dos apóstolos*: e parecendo-lhe a Bonifacio VIII que aquelle logar tão alto não competia a um santo de tão pouca antiguidade, como era em seu tempo a de Santo Antonio, ordenou que fosse tirada delle, e posta alli a de S. Gregorio Magno. Eis aqui como o sobrenome de Magno já então se impugnava a Santo Antonio. Mas vejamos como elle o defendeu. Levantaram os officiaes os andaimes por ordem de um pontifice, para porem naquelle logar outro, e ao primeiro golpe de picão, que tocou no capello de Santo Antonio, levantou a mão a estatua com tal impulso, que os pedreiros e os andaimes com ruido, que assombrou toda Roma, vieram abaixo, tendo-se por grande milagre do mesmo Santo, que todos os que tinham subido áquella obra, se levantassem vivos, e sem lesão; ficando elle porém no seu logar sem ser substituido por outro, posto que summo, e tão grande pontifice, como bem declara o titulo e sobrenome de Magno. E são já tres pontifices, um que lh'o deu, outro que lh'o quiz tirar, e o terceiro que o não substituiu.

Em nossos dias se acrescentou a este numero o quarto, que foi Urbano VIII. Houve tambem em Roma quem tivesse por demasiada a devação da escala santa, por onde todas as segundas feiras, desde a aurora até o meio dia estão subindo de joelhos desde o pé do Capitolio até o alto de *Ara cæli* em continua devação homens e mulheres a venerar a imagem de Santo Antonio. Mas que responderia a discreta urbanidade daquelle grande pontifice? Respondeu Urbano, que elle não queria pleitos com Santo Antonio, de que em S. João de Latrão tinha já o aviso. Vêde se tenho eu razão de que a minha apologia saísse com o merecido despacho, se chegasse a se pôr aos pés de sua santidade.

Tornando ao vulgo (se vulgo se póde chamar o romano, com que só fallo), para que lhe não pudesse dizer hoje Tertulliano que se apressou em dar o nome de Magno a Santo Antonio do Egypto (em quem eu tambem o reconheço e venero), saiba que nesta tão justa restituição imitará não menos que ao mesmo Deus,

* Ex Damiano Cornejo in Chronic. S. Franc.

o qual, depois de começar a se povoar o limbo dos padres em Abel, esperou dois mil e trezentos annos, para lhe dar o nome de seio de Abrahão, a quem entre todos os patriarchas era tão devido, como a Santo Antonio, pelo que fez e ensinou o de Magno : *Hic Magnus vocabitur.*

SERMÃO

GRATULATORIO E PANEGYRICO

PRÉGADO NA MANHÃ DE DIA DE REIS,

Sendo presente com toda a corte o principe nosso senhor ao Te Deum Laudamus, que se cantou na capella real em acção de graças pelo felicissimo nascimento da princeza primogenita, de que Deus fez mercê a estes reinos na madrugada do mesmo dia do anno de 1669.

Te Deum laudamus, te Dominum confitemur : te æternum Patrem omnis terra veneratur.

I.

A dois coros de louvores divinos (muito alto, e muito poderoso principe, e neste dia felicissimo senhor nosso) : a dois coros de louvores divinos, divididos em alternadas vozes, mas concordando em reciproca harmonia, cantam hoje a Deus este hymno de acção de graças, no ceu os anjos, e na terra os homens. A parte que toca ao coro dos homens, é o verso que propuz : a que pertence ao coro dos anjos, é a que se continúa no verso que se segue : *Tibi omnes angeli, tibi cæli, et universæ potestates.* Este coro celestial e angelico, que nós não podemos ouvir, nem accom-

panhar, ficará (pois Deus assim o quiz) para os nossos gloriosissimos reis Dom João, e Dona Luiza, que estão no ceu ; cuja gloria accidental considero eu hoje mui crescida no felicissimo nascimento da primogenita de seus netos, novas, e segundas primicias de sua real descendencia. Sendo certo (como piamente devemos crer) que lá desde esse throno de maior magestade, onde reinam, estão nesta mesma hora lançando mil benções sobre a recém-nascida infante, melhores e mais efficazes que as de Jacob, sobre o primogenito de seus netos, o venturoso Efraim. (Gen. XXVIII) No ceu ainda não tenho averiguado se se consentem saudades: mas assim como a sepultura é a terra do esquecimento, assim o ceu é a patria da memoria e das lembranças. A morte, ainda que esfria o sangue, não acaba os parentescos; nem a differença da vida faz mudança nas obrigações do amor. Sonhou José em sua primeira idade, que o sol, a lua, e onze estrellas o adoravam: (Gen. XXXVII) o sol era seu pae Jacob, a lua era Rachel sua mãe, as onze estrellas de maior e menor grandeza, eram os seus onze irmãos, desde Ruben a Benjamim. Cumpriu-se a verdade da prophecia, quando reinando José no Egypto, o adoraram seus irmãos e seu pae; mas não o adorou sua mãe; porque já era morta Rachel. Pois se Rachel era morta, e não adorou a José com os demais; como viu José que sua mãe o adorava? Porque ainda que o não adorou nesta vida, adorou-o na outra: ainda que o não adorou no Egypto onde José estava, adorou-o lá desd'o o seio de Abrahão (que era a bemaventurança daquelles tempos) aonde estava Rachel. Rachel tambem na outra vida é mãe; Jacob tambem na outra vida é pae. E como a morte não tem jurisdicção nas almas, lá amam os paes, e de lá adoram nos filhos; lá se gosam de seus bens, lá se alegram com suas felicidades. Renovam-se mais em semelhantes occasiões as saudades e memorias dos nossos bons reis; e dizemos com sentimento: Oh se viveram ainda hoje (como poderam ser vivos), que gloria seria a sua em tão formoso dia, vendo as felicidades do filho e

* Chrysol. Serm. 121. Vide Maldon. ad illud Luc. 23. *Hodie mecum eris in paradiso.*

neta, do reino e vassallos, que tanto amaram ! Mas o engano piedoso desta nossa consideração, mais necessita de fé, que de alívio. Demos o parabem a nossos reis, não lhes tenhamos lastima. De lá estão vendo melhor o que nós vemos : de lá estão gosando melhor o que nós gosamos : e lá estão louvando e dando graças a Deus, entre o coro do ceu, muito melhor, e mais altamente, do que nós o saberemos fazer neste nosso da terra.

O verso que pertence a este coro, é o que propuz : *Te Deum laudamus, te Dominum confitemur : te æternum Patrem omnis terra veneratur*. As palavras são muito communs para dia tão particular ; e para assumpto tão subido muito vulgares. Mas se o artifice não estivera tão esquecido do exercicio e da arte, sobre alicerces toscos, bem se pôde levantar alto e lustroso edificio : sobre a pedra fundamental delle, que é : *Te Deum laudamus*, determino perguntar ou ponderar três coizas : Quem louva ? A quem louva ? E porque louva ? Quem louva, somos nós, e toda a terra : nós : *Laudamus* : toda a terra : *Omnis terra veneratur*. A quem louva, é Deus em quanto Deus, e em quanto Senhor : em quanto Deus : *Te Deum* : em quanto Senhor : *Te Dominum*. O porque louva, é, porque o Eterno Padre, em quanto Pae, fez hoje pae ao nosso principe ; e em quanto Eterno, o começa tambem a fazer eterno : *Te Æternum Patrem*. Não diz mais o cantochão das palavras ; nem eu sei dizer mais do que ellas dizem. O concurso do evangelho e do mysterio, em dia tão singular, nada desdizem da presente acção de graças, antes a ajudam e acompanham. O evangelho diz, offereceram os reis ao Rei nascido, oiro, incenso, e myrrha : *Obtulerunt ei aurum, thus, et myrrham*. (Matth. I) E o mysterio foi, que no incenso reconheciam a Christo como Deus ; no oiro como Senhor ; na myrrha como mortal : *Auro Regem, thure Deum, myrrha mortalem*, diz S. Gregorio Papa*. Se offerecem adorações de incenso, como a Deus : *Te Deum laudamus* : se offerecem tributos de oiro, como a Senhor : *Te Dominum confitemur* : se offerecem myrrha de mortalidade, como a mortal, ao que é immortal e eterno :

* Greg. Homil. 10 in Matth.

Te Æternum Patrem omnia terra veneratur. Vamos ao que promettemos.

II.

Começando pela primeira pergunta : quem louva ? Digo, ou torno a dizer, que louvamos nós, e toda a terra. E toda a terra ? Parece que esta voz vem fóra do nosso coro : que louvemos nós : *Laudamus*, muita razão é ; mas toda a terra : *Omnis terra veneratur* ? Porque ? Que obrigação tem toda a terra á primogenita de Portugal, para vir dar graças a Deus pelo seu nascimento ? Se Portugal não conhece esta obrigação, não se conhece : toda a terra tem a mesma obrigação de Portugal, porque Portugal é toda a terra. Portugal quanto ao reino, é parte de uma parte da terra na Europa : mas Portugal quanto á monarchia, é um todo composto de todas as quatro partes da terra, na Europa, na Africa, na Asia, na America. Fazer esta demonstração com os compassos geometricos em um mappa, ou esphera do mundo, é muito facil : mas eu hei-a de fazer nas escripturas sagradas, porque parece difficiloso ; e para que saibamos os portuguezes quantas obrigações devemos a Deus, e quão antigas.

Desafogado o mundo das aguas do diluvio ; erma, e despoitada toda a terra, dividiu-a toda Noé em tres partes, e repartiu-as entre os tres filhos, que com elle se salvaram na arca : uma parte deu a Sem, que era o primogenito ; outra a Cham, que era o segundo ; e a terceira a Japhet, que era o ultimo : grande é na ordem da divina providencia a ventura dos filhos ultimos : tem Deus por brazão e honra de sua justiça, fazer dos primeiros ultimos ; e de sua grandeza, fazer dos ultimos primeiros*. Assim succedeu a Japhet : lançou-lhe a benção seu pae Noé, e disse desta maneira : *Dilatet Deus Japhet* : Filho meu Japhet, Deus te dê a ventura conforme o nome. O teu nome de Japhet, quer dizer : *Dilatatio*, dilatação ; e tal será a

* Genes. 9. Vide S. Amb. de Noe e arca cap. 33.

** Principe D. Pedro, filho ultimo d'el-rei D. João.

tua benção ; porque Deus te dilatará tão estendidamente por toda a terra, que não só lograrás a parte que coube na tua repartição, senão também a de teus irmãos : dominarás as terras de Cham, e habitarás as de Sem : *Dilatet Deus Japhet, et habitet in tabernaculis Sem : sit servus ejus Chanaan*. Pois se Cham havia de possuir só a sua parte da terra, e não a de Japhet, nem a de Sem : e se assim mesmo Sem havia de possuir só a sua parte, e não a de Cham, nem a de Japhet ; porque razão Japhet havia de possuir a sua, e mais habitar a de Sem, e dominar a de Cham, e por consequencia toda a terra ? Porque o primeiro era repartição, o segundo foi benção : o primeiro era distribuição da justiça, o segundo foi favor e privilegio da providencia. Olhou a divina providencia para Japhet com olhos tão benignos e liberaes, que limitando a seus irmãos certas e determinadas partes da terra, a elle só o quiz estender e dilatar por todas as partes della, sem termo nem limite : *Dilatet Deus Japhet*.

Bem está : mas sobre quem caiu esta benção de Noé ? Quem logrou esta promessa feita a Japhet ? E em quem se cumpriu a grandeza de toda esta prophesia ? Cumpriu-se no primeiro portuguez que houve no mundo, e na sua descendencia, que somos nós. O primeiro portuguez que houve no mundo foi Tubal : sua memoria se conserva ainda hoje, não longe da foz do nosso Têjo, na povoação primeira, que fundou com nome de *Cetus Tubal*, e com pouca corrupção, Setubal. Este Tubal, este primeiro portuguez (como se lê no cap. 10 de *Genesis*) foi filho quinto de Japhet (que também é boa a fortuna dos filhos quintos) : *Filii Japhet, Gomer, et Magog, et Madai, et Javan, et Tubal*^{*}. E finalmente neste filho quinto de Japhet, neste primeiro portuguez, neste Tubal, se verificou a benção de seu avô Noé, e se cumpriu a prophesia e promessa feita a seu pae Japhet ; porque só os portuguezes, filhos, descendentes e successores de Tubal, são e foram (sem controversia) aquel-

* Faria Epit. pag. 1. cap. 1. Brito, et alii.

^{aa} Príncipe D. Pedro filho quinto.

les que por meio de suas prodigiosas navegações e conquistas, com o astrolabio em uma mão, e a espada na outra, se estenderam e dilataram por todas as quatro partes do immenso globo da terra. Portuguezes na Europa, portuguezes na Africa, portuguezes na Asia, portuguezes na America : e em todas estas quatro partes do mundo, com portos, com fortalezas, com cidades, com provincias, com reinos, e com tantas nações e reis tributarios. Houve algum filho de Noé, houve alguma nação outra nas idades, por bellicosa e numerosa que fosse, e celebrada nas trombetas da fama, que se dilatasse e estendesse tanto por todas as quatro partes da terra? Nenhuma. Nem os assyrios, nem os persas, nem os gregos, nem os romanos. E porque? Porque esta benção, esta herança, este morgado, este patrimonio, era só devido aos portuguezes, por legitima successão de paes e avós; derivado seu direito de Noé a Japhet, de Japhet a Tubal, de Tubal a nós, que somos seus descendentes e successores.

Não posso deixar de confirmar esta benção ou doação (porque me não ponham pleito) com uma escriptura publica, e tambem sagrada. Os patriarchas antigos, como eram allumia-dos com espiritos de propheta, punham a seus filhos taes nomes, que nelles significavam a boa ou má fortuna sua, e de seus descendentes. Assim o fez Adão nos nomes de Caim, e Abel: assim Jacob nos nomes de José, e Benjamin: assim José nos nomes de Efraim e Manassés. Seguindo este estylo Japhet, houve de pôr nome áquelle seu filho quinto, e chamou-lhe Tubal. Mas que quer dizer Tubal? Prodigioso caso! Tubal, como dizem todos os interpretes daquella primeira lingua (que era a hebraica) quer dizer : *Orbis, et mundanus*: Homem de todo o mundo; homem de todo o orbe; homem de toda a redondeza da terra. Pois de todo o mundo, de todo o orbe, de toda a redondeza da terra um homem? Sim: porque este homem era o primeiro fundador de Portugal, era o

* Constat ex toto lib. Genesis. Ambr. Theod. et alii. De benedict. Patriarc. Euseb. 10 de præparat 2. Hieron. Damasc. August. Euch. Abul. Geneb. Belarm. Oleastr. Sanct. Pag. et alii.

primeiro portuguez, era o primeiro pae dos portuguezes: aquelles homens notaveis, que não haviam de ser habitadores de uma só terra, de um só reino, de uma só provincia, como os outros homens; senão de todo o mundo, de todo o orbe, de todas as quatro partes da terra. E assim como o romano se chama romano, porque é de Roma; e o grego se chama grego, porque é de Grecia; e o allemão se chama allemão, porque é de Allemonha, assim o portuguez se chama *Mundanus*, porque é de todo o mundo, e se chama *Orbis*, porque é de toda a redondeza da terra. E como toda a terra é synonymo de Portugal, e os portuguezes são parte dominadores, parte habitadores de toda a terra; por isso no dia felicissimo em que o principe e côrte de Portugal, em nome e representação de toda a monarchia, vem louvar e agradecer a Deus solemnemente o feliz nascimento da sua primogenita, razão é, e obrigação, que á mesma acção de graças venha e concorra tambem toda a terra. Vimos nós, vimos todos os portuguezes louvar a Deus; *Laudamus?* Pois venha tambem connosco toda a terra veneral-o: *Omni terra veneratur.*

• No nascimento de Christo, quando o vieram adorar hoje os reis do Oriente, cada um dos reis representava uma parte do mundo. O mundo naquelle tempo constava só de tres partes; porque ainda os portuguezes lhe não tinham acrescentado e descoberto a quarta. Esse é o mysterio, por que os reis foram somente tres. O primeiro sceptro representava a soberania de Asia, a segunda purpura a potencia da Africa, a terceira coroa a magestade da Europa: *Tres Magi tres partes mundi significant, Asiam, Africam, Europam*, disse o veneravel Beda, S. Thomaz e Rupert*. De maneira, que no nascimento de Christo, quando o mundo o vem adorar, um rei representa uma parte do mundo; mas no nascimento da nossa primogenita, quando Portugal vem adorar ao mesmo Christo, um só principe representa todas as quatro partes. Mais tem hoje Christo a seus pés em um sceptro, do que teve naquelle dia em tres coronas. Se nesta madrugada

* Bed. hic Rupert. lib. 2. in Matth. D. Th. in Catena.
TOMO XI

houvesse de despachar Portugal correios de luz a levar a feliz nova por toda a monarchia, não havia de ir uma só estrella, senão quatro estrellas; uma estrella para o Oriente á Asia, outra estrella para o Occidente á America; outra estrella para o Septentrião á Europa, outra estrella para o Meio-Dia á Africa. Oh que formosas estrellas! Oh que alegres e festejadas novas para aquelles fidelissimos vassallos, tão amantes do seu reino, e do seu rei, espalhados por toda a terra! Mas pois as estrellas não vão, nem elles podem vir tão depressa, vem em nome de todos elles, e como cabeça de todos, o nosso monarcha em presença, com toda a sua côrte, para que todos louvemos a Deus: *Laudamus*: e em representação, com toda a terra (em que tanta parte é sua), para que toda o venere: *Omnis terra veneratur*.

III.

Temos satisfeito á primeira pergunta, e já sabemos quem louva. Segue-se a segunda: A quem louva? Digo, que louva Portugal, e louva toda a terra a Deus em quanto Deus, e a Deus em quanto Senhor: em quanto Deus, *Te Deum*: em quanto Senhor, *Te Dominum*. Deus, é nome de liberalidade; Senhor, é nome de poder: chama-se Senhor, porque póde; e chama-se Deus, porque dá. E por isso louvamos a Deus, em quanto Deus, e em quanto Senhor, neste dia em que deu successão a nossos principes; porque lhes deu Deus, o que só Deus póde dar.

Carecia Rachel de filhos, e era esta dor para ella a maior de todas as dores, como verdadeiramente é. (Gen. — 50) Todos os prophetas nas suas comminações, quando querem encarecer muito uma grande dor, chamam-lhe dor como dor de parto. David: *Ibi dolores ut parturientis*. (Psal. — 47) Isaias: *Quasi parturiens, debunt*. (Isai. — 13) Jeremias: *Dolores ut parturientem*. (Jer. — 9) Mas posto que a dor do parto seja tão encarecida nas sagradas letras, ainda ha outra dor maior. E qual é? A dor de não ter essa dor; a dor de não ter filhos. A dor de parto é dor da mãe; a dor de não ter filhos, é dor da mãe, e mais do pae,

ou dos que o desejam ser, e não são. A dor do parto, é dor de uma hora; a dor de não ter filhos, é dor de toda a vida: antes na mesma morte é maior dor; porque hão de deixar por força os bens, e não teem a quem os deixem. A dor do parto, como ponderou Christo, é dor que se converte em alegria: a dor de não ter filhos, é dor sem consolação, sem allivio, sem remedio. (Joan. — 16) Finalmente, a dor do parto, é dor com que pôde a vida; a dor de não ter filhos, é dor que mata. Estes são os termos por onde Rachel explicou a sua dor: *Da mihi liberos, alioquin moriar*. Jacob, dae-me filhos, senão hei de morrer. Que responderia Jacob? *Nunquid pio Deo ego sum?* Rachel, sou eu por ventura Deus? Discreta resposta! De maneira que Rachel diz a Jacob, que lhe dê filhos; e Jacob responde a Rachel, que não é Deus. Como se dissera Jacob: Dizeis-me que vos dê filhos, porque desejaes ser mãe, e eu digo-vos, que não sou Deus, porque só Deus os pôde dar: só Deus os pôde dar, porque é Senhor; e só Deus os dá, quando é servido, porque é Deus. Para ter filhos, não basta só Jacob e Rachel; é necessario Jacob, Rachel, e mais Deus. É verdade que Deus não dá filhos sem Jacob e Rachel; que por isso instituiu o vinculo sagrado do matrimonio; mas tambem é verdade, que Jacob e Rachel sem Deus, não podem ter filhos; porque reservou Deus só para si esse poder como Senhor: *Te Dominum*; e reservou só para si essa data, como Deus: *Te Deum*. E quando Deus concede hoje ao nosso principe, o que negou a Jacob; e á nossa princeza, o que negou a Rachel, razão e obrigação temos de lhe render infinitas graças, de o louvar como Deus, *Te Deum laudamus*, e de o confessar como Senhor, *Te Dominum confitemur*.

Grandes mercês de sua liberalidade, em quanto Deus, grandes e maravilhosos favores de seu poder, em quanto Senhor, tinha Deus feito aos nossos principes e ao nosso reino até este dia: mas é tanto maior mercê, e tanto mais relevante favor, o que

* Gen. — 30. *Nunquid Deus ego sum, aut vice, et parte Dei fungor?* Cornel. hic.

hoje nos fez na successão que lhes deu, que em comparação deste soberano beneficio, em todos essas mercês, sem esta, nenhuma coisa lhes tinha dado; e em todos esses favores, e outros ainda maiores, sem este, nenhuma coisa lhes podia dar. Parece que digo muito: se o não provar, não me cream.

Appareceu Deus a Abrahão, satisfeito do bem que o serviu, e disse-lhe: *Ego protector tuus, et merces tua magna nimis.* (Gen. — 15) Eu desde este dia te tomo debaixo de minha protecção e saba que te hei de fazer grandes mercês. Mercês a mim? (respondeu Abrahão) *Domine Deus, quid dabis mihi?* Deus e Senhor meu, que tendes vós que me dar a mim, ou que podeis dar-me? Esta é a energia litteral das palavras. Porém eu hei de mostrar a Abrahão, que se implicou nellas. Nas primeiras palavras, *Domine Deus*, confessaes, que é Senhor e Deus: nas segundas, *Quid dabis mihi*, dizeis que não tem que vos poder dar? Se não tem que vos poder dar, não é Senhor e Deus; e se é Senhor e Deus, dar-vos-ha como Deus, o que póde como Senhor. Mas não argumentemos de possível, senão *de facto*. Sabeis, Abrahão, o que vos póde dar Deus? Póde-vos dar tudo o que vos deu. Deus deu a Abrahão grandes riquezas, deu-lhe prodigiosas victorias, deu-lhe honra, deu-lhe fama, e sobre tudo, deu-lhe a terra de promissão, e a coroa de Israel, que era uma monarchia de doze reinos. Pois se Deus vos deu tanto, e vos póde dar muito mais, como dizeis a Deus: Senhor, que me haveis de dar? Ou, que podeis dar-me? O mesmo Abrahão se explicou, e me explicou: *Domine Deus, quid dabis mihi? Ego vado absque liberis.* (Gen. — 17) Deus e Senhor meu, que me haveis vós de dar? Ou, que me podeis dar, se eu não tenho filhos? Quando Deus fez aquella promessa a Abrahão, Abrahão não tinha filhos, nem esperanças de os ter, porque Sara era de noventa annos, e elle ainda mais velho: e por isso diz resolutamente a Deus, que não tem que lhe dar; porque tudo o que Deus dá, ou póde dar nesta vida, se não deu filhos, é como se o não dera. E porquê? Porque o que se me dá a mim para outrem, não se me dá a mim. Esta é a emphase e alma daquelle *mihi*; conheço, que sois Senhor no poder, e que sois Deus na liberalidade; mas *mihi*? A mim, que não tenho filhos? *Mihi*?

A mim que nem esperança tenho de os ter*? Nenhuma coisa me pôde dar vossa liberalidade; nenhuma coisa tem que me dar vosso poder; porque tudo quanto me derdes a mim, não é para mim, senão para os estranhos, que o hão de lograr: e isso é dal-o a elles, e não a mim. Se vós, Senhor, me tivereis dado filhos, pôderis-me dar muito, mas como não me fizestes em seu tempo esta mercê, já agora por minha incapacidade, não tendes que me dar; porque nos filhos, que me negastes, me tendes já tirado quanto me derdes.

Eis aqui, Portugal, por que eu digo, que se Deus nos não dera successão, por mais mercês que nos tenha feito, nenhuma coisa nos tinha feito; nenhuma coisa nos tinha dado, nem tinha que nos dar. Seja prova desta pura verdade a memoria do tempo passado. Tirou-nos Deus o reino por tantos annos? Tirou-nos o imperio, a soberania, a liberdade: o imperio trocou-se em sujeição, a soberania em vassallagem, a liberdade em captiveiro. E quando nos tirou Deus tudo isto? Quando nos deu um rei sem successão: se o rei naquella infeliz batalha tivera successor, perdera-se o rei, mas não se perdera o reino: mas porque Deus, por nossos peccados, queria tirar ao rei e ao reino tudo o que lhe tinha dado, por isso lhe não deu successão. Não podéra agora succeder o mesmo? Não podéra ser um irmão, como outro irmão? Sim podéra. E nesse caso, em todas as mercês que Deus nos fez, nenhuma coisa nos tinha feito; e em todas as felicidades que nos deu, nenhuma coisa nos tinha dado, antes poderamos dizer com Abrahão, que nem tinha que nos dar: *Domine Deus, quid dabis mihi? Ego vado absque liberis.*

Alegremos o discurso, que parece ia sendo triste para dia tão de festa. Vêde o que digo agora. Assim como Deus, se não dera successão, não tinha que nos dar, assim hoje, que nos tem dado successão, já não temos que lhe pedir. O maior auge, que se pôde imaginar de fortuna, é chegar um rei e um reino a taes circumstancias de felicidade, que não tenha mais que pedir a Deus: e tal é o ponto altissimo em que hoje se vê Portugal e seu prin-

* *Qui dabis mihi? quæ merces ista tua homini cui prolem denegas?*
Ben. Terd. hic.

cipe. O fiador deste segundo pensamento é tão abonado, como o do primeiro.

Mandou Deus recontar a David, por bocca do propheta Nathan, as mercês que lhe tinha feito, e notificar-lhe tambem, as que de novo lhe determinava fazer : e todas se reduziã a estas tres. A primeira, que sendo filho ultimo da casa de seus paes, o puzera no throno real de Israel, de que tinha privado a el-rei Saul, e o confirmaria nelle : *Thronus tuus erit firmus jugiter : misericordiam autem meam non auferam ab illo, sicut abstuli à Saul.* (2. Reg. — 7) A segunda, que assim como lhe tinha dado maravilhosas victorias, lhe daria tambem paz universal com todos seus inimigos : *Omnes inimicos tuos interfeci à facie tua ; et requiem dabo tibi ab omnibus inimicis tuis.* A terceira, que lhe daria filho herdeiro, que succedesse em sua casa, para que o mesmo sceptro se perpetuasse por longos annos na sua descendencia : *Suscitabo semen tuum post te, quod egredietur de utero tuo : et firmabo regnum ejus.* Ouvida, David, esta tão grandiosa relação, como principe tão pio e religioso que era, fez o que faz hoje o nosso principe. Vae-se á capella real (porque naquelle tempo, como notou Abulense, estava a arca do testamento em palacio, em um logar separado e consagrado a Deus*), prostar-se diante do divino propiciatorio, e depois de confessar com humilde reconhecimento as mercês que da mão de Deus tinha recebido, chegando á do filho successor, disse assim : *Sed et hoc parum visum est in conspectu tuo, nisi loquereris de domo servi tui in longinquum : ista est enim lex Adam, Domine Deus.* E como se foram poucas nos olhos de vossa divina liberalidade as mercês tantas e tão grandes que me tendes feito, Senhor, ainda sobre todas ellas, fostes servido de me dar successor e herdeiro, em que minha casa se conserve e perpetue ; porque esta é a unica consolação daquella dura lei da mortalidade, com que os filhos de Adão nascemos. *Quid ergo* (ouvi agora a consequencia e conclusão de David), *quid*

* Abulens. hic. q. 11. *Ut daret gratiarum actiones Deo, introivit in domum, ubi erat arca, quia illa erat in quodam loco segregato domus sue.*

ergo addere poterit adhuc David, ut loquatur ad te? Depois desta ultima mercê que me fizestes, Senhor, já David não tem que vos pedir. Notavel dizer de um homem, rei e santo! E onde está, David, aquelle *Domine Deus*, que agora acabaste de confessar? É Senhor; e já não tem que pedir o servo ao omnipotente Senhor? É Deus; e já não tem que pedir a creatura ao infinito Deus? Nesta vida não, diz David. Não falla dos bens da graça como santo; falla dos bens da fortuna, como rei: e destes achou David, que já não tinha nesta vida que pedir a Deus: *Quasi diceret* (commenta o mesmo Abulense): *cum tanta bona mihi dederis atque promiseris, nihil manet, quod ego petere possim.* Tal era o summo da felicidade humana, em que aquelle grão rei se reconhecia, depois de se vêr com successão sobre tantas outras mercês do ceu.

Antes desta ultima felicidade, em todas as outras suas, sempre David tinha alguma coisa que pedir a Deus: e senão, vamos subindo um pouco pelos degraus da sua fortuna, que são os mesmos da nossa. Antes de David ser rei, ainda que era o ultimo filho da casa de seus paes, animado do sangue real, que lhe pulsava nas veas, podia pedir a Deus que lhe dêsse o reino. Depois de David estar sublimado ao throno real, adorado, obedecido, e confirmado nelle: *Thronus tuus erit firmus jugiter*; vendo-se cercado por todas as partes de tantos e tão poderosos inimigos, podia pedir a Deus, que o livrasse do tumulto das armas e oppressões da guerra, e lhe dêsse paz e descanso. Depois de David possuir o reino quieto e pacifico, e se vêr reconhecido e respeitado de todos seus inimigos: *Requiem dabo tibi ab omnibus inimicis tuis*, podia ainda pedir a Deus, que lhe dêsse successão, para que o reino, e essas mesmas felicidades se perpetuassem em sua casa, e na posteridade de seus descendentes. Mas depois de Deus lhe conceder esta ultima graça, e lhe dar successor á coroa para depois de seus dias: *Suscitabo semen tuum post te, quod egredietur de utero tuo*: vendo-se David com reino, com paz, e com successão, parou o desejo, fez alto a fortuna, e resolveu David com ella, e comsigo, que já não tinha nesta vida que pedir a Deus: *Quid addere poterit adhuc David, ut loquatur ad te?*

Não fazia conta de applicar o caso, por ser tão semelhante: mas quero que me intendam todos, porque não haja alguma ingratição, que possa ter escusa com Deus, nem com os homens. O principe D. Pedro nosso senhor, que Deus guarde (como David em tudo), era o ultimo filho da real casa de seus paes: o primeiro degrau da sua fortuna foi, por-lhe Deus na mão o sceptro de Portugal, e assental-o no throno real, não depois da morte, senão em vida do rei, bem assim como David em vida d'el-rei Saul. Quando sua alteza tomou as redeas do governo, estava o reino opprimido e carregado de tributos, as provincias e campanhas fervendo em armas; os vassallos dentro e fóra, no mar, e na terra, padecendo os trabalhos e oppressões das guerras. Aqui subiu sua fortuna o segundo degrau. Vem uma paz e outra paz, não buscadas, senão trazidas a Portugal; cessam as nrimas, levantam-se os tributos, (como tambem os tirou David: *Tulit David frantum tributi de manu Philistiim*:) (2. Reg. — 8) respira o reino, descansam os povos, colhem-se as novidades e fructos da terra em tanta abundancia, recolhem-se os commercios e riquezas do mar em tantas frotas, em tantos thesouros. Tens mais que desejar? Tens mais que pedir a Deus, reino de Portugal? Ainda tinhamos que desejar, ainda tinhamos que pedir; porque nos faltava a ultima, e maior felicidade de todas, que era a successão. Tinha-nos dado Deus o reino, tinha-nos dado a paz: mas paz sem successão, é guerra; reino sem successão, é despojo. Bem o experimentamos e bem lamentavelmente, no caso d'el-rei D. Sebastião. Tinhamos naquelle tempo reino, tinhamos naquelle tempo paz; mas a paz, para ser maior guerra, foi guerra de poucos dias; e o reino, para ser maior despojo, foi despojo de sessenta annos. A paz foi guerra de poucos dias, porque em poucos dias nos vimos sujeitos, sem resistencia: o reino foi despojo de sessenta annos; porque sessenta annos estivemos captivos, sem liberdade, e sem honra. No mesmo perigo, na mesma contingencia, no mesmo receio estavamos até este dia, posto que tão assistidos de felicidades. A successão real, ainda que enthronizada, estava no ultimo fio; o baixel, ainda que tremulando victoriosas bandeiras, estava sobre uma só amarra. Faltava-nos

segundo fiador para a vida, saltava-nos segunda ancora para a segurança: e tudo isto nos nasceu hoje. Já temos a successão em duas vidas; já temos o galeão sobre duas amarras. Esta foi a altissima mercê que hoje nos fez o ceu: este o ultimo auge, a que hoje vemos subida nossa fortuna: por uma parte tão necessaria e por outra tão excessiva; que nem Deus sem ella (em sentença de Abrahão) tinha que nos dar; nem nós com ella (em sentença de David) temos, que pedir.

A este Deus tão bom vimos louvar como Deus; e a este Senhor tão liberal, vimos confessar como Senhor: e vem tambem connosco os reis do Oriente, ou nós com elles. Canta a igreja neste dia, como os reis haviam de offerecer a Christo seus dons, e acrescentando á harpa de David duas vozes suas, como se a lettra fôra composta para o nosso coro, diz assim; *Reges Arabum, et Saba dona Domino Deo adducent.* Virão os reis do Oriente, e offerecerão seus dons a Christo, como a Deus, e como a Senhor: *Domino Deo.* E que dons são, ou haviam de ser estes? Isaías, commentando a David, diz que haviam de ser oiro e incenso: o oiro em tributos, como a Senhor, o incenso em adorações, como a Deus: *Omnes de Saba venient, aurum, et thus deferentes.* (Isai. LX) Os successores destes mesmos reis do Oriente, que hoje vieram ao presepio de Christo; e os senhores do commercio destas mesmas drogas ricas, que lhe offereceram da Arabia, da Persia, da India, são os reis de Portugal. E pois herdamos as suas coroas, bem é que paguemos tambem a Deus os seus tributos. Assim o fazemos hoje, e muito melhor. Elles offereceram o incenso, e nós o cheiro; elles offereceram o oiro, e nós o preço. O mais precioso daquelle oiro, e o mais cheiroso daquelle incenso, eram os louvores, que juntamente deram a Deus, como acrescenta o mesmo propheta: *Aurum, et thus deferentes, et laudem Domino annuntiantis.* Tambem vieram com *Te Deum laudamus.* Assim que, em louvores lhe offerecemos o incenso, como a Deus, e em louvores lhe tributamos o oiro, como a Senhor; e assim o oiro, como o incenso trazidos tambem de Sabá. De Sabá, quer dizer, *De conversione*, da conversão. E que é o que acabamos de ver em todo

este discurso, senão uma conversão admiravel de todas as coisas em Portugal? O captiveiro, convertido em liberdade; a vassallagem, convertida em reino; a guerra convertida em paz: e sobretudo a esterilidade convertida em successão. Este é, pois, poderosissimo Senhor, reparador de tantas ruinas, a quem vimos louvar como Deus: *Te Deum laudamus*. Este é o liberalissimo Deus, Auctor de tantas felicidades, a quem vimos confessar como Senhor: *Te Dominum confitemur*.

IV.

Temos ponderado, quem louva, e a quem louva. Resta a ultima pergunta: porque louva? Este *porque*, já está respondido em commum, mas não está dito nem ponderado em particular. Digo que louvamos em particular a Deus; porque o Eterno Padre, em quanto Pae, fez hoje pae ao nosso principe; e em quanto Eterno, começa hoje a o fazer eterno: *Te æternum Patrem*. Mas porque razão (começando pela primeira parte deste ponto), porque razão pertence mais este beneficio á Pessoa do Eterno Padre, que á do Filho, ou do Espirito Santo? Eu o direi. Entre as tres Pessoas da Santissima Trindade, o Espirito Santo é Pessoa infecunda; não gera, nem produz: por isso não ha quarta pessoa. O filho é Pessoa fecunda; produz, mas não gera: por isso o Espirito Santo é produzido, e não gerado. Só o Padre Eterno, por propriedade particular e nacional sua, tem fecundidade para produzir gerando: por isso só a Pessoa do Padre tem Filho. E porque só a Pessoa do Padre pôde gerar e ter Filho, essa é a razão por que o beneficio da geração, da successão, e dos filhos, pertence por attribuição particular e propriissima, só á Pessoa do Eterno Padre. Texto expresso de S. Paulo: *Hujus rei gratia flecto genua mea ad Patrem, ex quo omnis Paternitas in cœlis, et in terra nominatur*. (Ad Ephes. — 3) Por esta causa, diz S. Paulo (como se fallára por nós, e conosco neste dia) por esta causa me prostro de joelhos diante do Padre, porque d'elle procede toda a paternidade, assim no ceu, como na terra. De maneira, que não ha paternidade, nem ser

de pae, ou no ceu, ou na terra, que não seja derivado do Eterno Padre. No ceu; porque o Eterno Padre se faz Pae a si mesmo, e tem Filho Deus na terra; porque o Eterno Padre faz aos homens paes, e lhes dá filhos homens: *Paternitas in celo est generatio Filii: Paternitas in terra est generatio hominum: quæ omnis à Dei Paternitate manat; omnes enim ab eo habent vim generandi, ut sint, et nominentur Patres*, disse, commentando a S. Paulo, o doutor Maximo S. Jeronymo. Assim que, ao Eterno Padre deve hoje o nosso principe o ser pae.

Mas porque este beneficio e graça, que nos outros paes é commum, na soberania de tal Pae tivesse tambem prerogativas soberanas; que fez o Eterno Padre? Fez que não só lhe devesse o nosso principe a fecundidade da successão, senão tambem a similitude da fecundidade. Fez que fosse pae em tempo, ao modo (quanto póde ser) com que elle é Pae sem tempo. Uma das grandes differenças que ha entre a fecundidade divina, e a fecundidade humana; e entre uma e outra geração é esta: A fecundidade humana, ordinariamente obra com dilação de tempo, e com tanta dilação muitas vezes, que ainda quando ha geração e filhos, vem depois de muitos annos. Não assim a fecundidade divina: no mesmo ponto, em que a primeira Pessoa da Trindade *ab æterno* é constituida Pessoa, logo juntamente é Pae; logo juntamente tem filho, sem demora nem precedencia de tempo, só com prioridade de origem. Compustemos agora pelo dia do nascimento da nossa primogenita, o dia de sua geração, e acharemos phisicamente, que foi promptissimo, e que sem vagares de dilação, nem intervallos de tempo; logo, logo nos fez Deus a mercê que desejavamos. E porque tão promptamente? Por ventura, para nos livrar das suspensões da duvida, dos receios, da incerteza, dos cuidados da esperança, e ainda de outros pensamentos? Essa só razão bastava; mas não foi só por essa, senão que quiz o Eterno Padre (quanto cabe na proporção do creado ao increado), que a fecundidade dos nossos principes, fosse mui semelhante á sua fecundidade; e a geração da nossa primogenita, mui parecida á do seu Unigenito. O seu Unigenito gerado sem prioridade de

tempo ; a nossa primogenita gerada sem dilacões de tempo. Nem façam duvida os tres dias que contamos sobre os nove mezes ; porque esse é o estylo particular que a natureza observa nos partos reaes e heroicos*. Na formação dos partos vulgares, gasta a natureza nove mezes, e menos muitas vezes : mas nos partos, não só reaes, mas heroicos (ou seja providencia ou magestade), parece que põe a mesma natureza mais arte, e mais cuidado, e tarda na formação e perfeição delles, até entrar no mez decimo. Assim o disse de si mesmo el-rei Salomão : *Decem mensesum tempore coagulatus sum* : Assim o principe dos poetas da mãe do seu Augusto : *Matri longa decem tulerunt fastidia menses*". E assim (o que é mais) S. João Damasceno, contando os dias da geração, e nascimento temporal do Primogenito do mesmo Padre : *Novem menses complens, decimum attingens, nascitur*.

Mas, poderá replicar a curiosidade (por não dizer a ingratição) de algum ouvinte mau de contentar ; que para esta graça ser inteira, e propria do Eterno Padre, havia de ser primogenito, o de que nos fez mercê, e não primogenita ; porque o mesmo Padre, *A quo omnis Paternitas in cælis, et in terra*, assim no ceu, como na terra, só tem Primogenito : Primogenito no ceu o Verbo ; Primogenito na terra Christo. Agradeço o reparo pela resposta ; ou a ferida pelo reparo : ouvi o que a muitos parecerá novidade. Digo que foi graça propria e propriissima do Eterno Padre, dar-nos no primeiro nascimento primogenita, e não primogenito ; porque em Deus, assim no ceu como na terra ; assim no divino, como no humano, primeiro é a primogenita, que o primogenito. Fallo pela bocca das escripturas sagradas, e pelos termos de que usam os auctores canonicos de um e outro Testamento. Começemos pelo ceu. O Ecclesiastico no cap. 24. *Ego ex ore Altissimi prodivi primogenita ante omnem creatu-*

* Sap. VII. *De decimo mense inchoato intelligit ortum Salom.* Bengus de numeris n. 45.

" Virg. Eclog. 4. *Accipiendum Poetam de decimo mense inchoante,* ait Lacerd. Damasc. liv. 4. de Fide c. 15.

ram*. Eis aqui a Primogenita. S. Paulo no cap. I aos Colossenses: *Qui est imago Dei invisibilis Primogenitus omnis creaturæ.* Eis aqui o Primogenito. De sorte que já temos em Deus Primogenita, e Primogenito. E qual é primeiro, o Primogenito, ou a Primogenita? Primeiro é a Primogenita. Porque a Primogenita, é a sabedoria essencial; o Primogenito, é o Verbo, sabedoria pessoal e nacional; e em Deus (como ensinam todos os theólogos) primeiro é o essencial, que o nacional. Por isso a Primogenita tem antes, e o Primogenito não tem antes. A Primogenita tem antes: *Primogenita ante omnem creaturam*: o Primogenito não tem antes: *Primogenitus omnis creaturæ*. Uma e outra sabedoria em Deus são ab eterno, antes de todo o creado, mas a sabedoria essencial com prioridade virtual antecedente, ante. Não me detenho em distinguir estas prioridades e virtualidades, porque fallo entre doutos, e todos sabem que no Divino e Eterno, entre antes e depois, não cabe tempo. Passemos á terra. Na terra também Deus e o Padre tem Primogenito, e Primogenita; e ainda com mais rigoroso nome, Filho e Filha. O Filho é Christo: *Misit Deus Filium suum*: a Filha é Maria Santissima: *Audi Filia, et vide**. E qual foi primeiro, o Filho, ou a Filha? Não ha duvida, quanto á humanidade, que a Filha foi primeiro, e o Filho depois.

E porque, ou para que foi primeiro a Filha, que o Filho? Para que quando viesse o Filho, achasse já quebrada a cabeça, e pizado o veneno da serpente: *Ipsa conteret caput tuum*. Coisa é vulgar na historia sagrada, e advertida communmente dos padres, que os primogenitos, se são filhos, pela maior parte saem

* Eccl. XXIV. De Sapiencia essentiali interpretantur S. Greg. Naz. Tert. Hier. Cornel. Jans. Corn. Alapid. Caiet. Tirin. Menoch. Salaz. Oliveri. Bon. Gordon. et alii. Quam expositionem solum agnoscit litteralem Jansen. Salaz. vero literalissimam appellat. Eam optime intelliges in sententia communissima PP. et TT. qui integram Dei essentiam constituunt in intellectivo radicali, à qua tamquam à radice, et principio virtuali distincto emanat, et prodit sapientia essentialis, ut primam attributum. August. Cyril. Damas. Basilium, Vasq. Molin. Salas, Fonsec. et alii.

* Ad Gal. 4. Psal. 44. Marian. Patris Primogenitam vocat. S. Laurent. Justin. Simon. Cass. et RR. passim. Gen. III.

mordidos ou abocanhados da fortuna; e tocados de seu veneno, e trazem consigo não sei que dezar ou azar da natureza. Por isso geralmente lemos delles, que foram reprovados, ou menos queridos de Deus, que é o maior azar de todos. O primogenito de Adão, Caim, desgraçado : (Gen. — 4) o primogenito de Abrahão, Ismael, desgraçado : (Ibid. — 16) o primogenito de Isaac, Esaú, desgraçado : (Ibid. — 25) o primogenito de Jacob, Ruben, desgraçado : (Ibid. — 49) o primogenito de David, Amnon, desgraçado : (2 Reg. — 3) o primogenito de Job, não lhe sabemos o nome, mais que pela desgraça; a qual foi tanta, que de um golpe em sua casa, acabou elle, a casa, e todos seus irmãos. (Job — 1) E como este é o fado commum dos primogenitos, e costuma nascer com elles, ou seguil-os a desgraça; para desfazer este azar, e tirar este tropeço á má fortuna, sae hoje diante com particular providencia; a nossa primogenita, franqueando e deixando o passo livre ao venturoso irmão, que embora vier; para que sendo o segundo no lugar, seja, sem estorvo, o primeiro na felicidade: *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis, filia principis!* (Cant. — 7) Oh que formosos são vossos passos, filha do principe! E porque formosos seus passos? Porque os soube adiantar ao perigo do irmão, quebrando-lhe o azar de primogenito. E por isso signaladamente, *in calceamentis*; porque com esses passos adiantados calçou, pizou, e metteu debaixo do pé toda a má fortuna. Com tão bom pé, e com tão airosos passos, entra hoje no theatro do mundo, a fazer o primeiro papel, a nossa galharda princeza: *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis filia principis!*

Mas para que busco eu satisfações á nossa primogenita, se ella traz consigo a satisfação? *Vidimus stellam ejus in Oriente, et venimus adorare eum.* (Matth. — 2) Tanto que os magos viram a estrella no Oriente, logo, como sabios, vieram adorar o Rei nascido: *Ubi est, qui natus est Rex?* Porque o nascimento da estrella era signal certo do nascimento do Rei. Quando a estrella appareceu no Oriente, ainda o Rei não era nascido, nem concebido ainda; mas do nascimento da estrella, que já nascêra, inferiram com evidencia o nascimento do Rei que havia de nascer.

Nasceu a estrella? Pois após ella nascerá logo o rei. É magestade do sol, trazer diante o luzeiro. S. Chrysostomo, e Santo Agostinho fundados no texto: *A bimatu, et infra, secundum tempus, quod exquisierat à magis*, dizem que nasceu a estrella dois annos antes*. Não é necessario tamanho intervallo. Hoje vemos a estrella no Oriente, d'aqui a um anno (fiquem todos avisados) viremos adorar ao rei nascido. Galante coisa é por certo, que quizessemos nós, contra todas as leis do ceu e da terra, que o sol nascesse primeiro que a aurora; e o fructo primeiro que a flor! Hoje amanheceu em purpuras a aurora; após ella sairá o sol: hoje desabotoou em mantilhas a bellissima flor; após ella se seguirá o fructo, que sempre o fructo vem pegado no pé da flor. Nasceram á fecunda Rebecca dois partos de um ventre, e o segundo que era Jacob, saiu pegado no pé do primeiro. (Gen. — 25) O primeiro parto é a flor do segundo; e o segundo, como fructo, sae pegado no pé da flor. Virá o segundo e felicissimo parto após o primeiro: antes digo, que ao primeiro já tem começado a vir; porque a flor é parto inchoado do fructo. Assim o entenderam aquelles discretos lavradores, bem ensinados da natureza, quando disseram: *Egrediamur in agrum, et videamus si flores fructus parturiunt*. (Cant.^a—7)

Deixem nossos desejos fazer a Deus, que elle sabe melhor fazer, do que nós sabemos desejar. Lá diz o evangelho dos nossos maiores: *Na casa de benção, primeiro é a filha, que o varão*. Filha era do infante D. Duarte, e não filho, a serenissima senhora Dona Catharina, e nesta filha sustentou Deus a esperança, e depositou o remedio de Portugal. Em quanto não vier o primogenito, já temos herdeira: como o primogenito lhe tomar a vanguarda, batalhará Europa, sobre quem a ha de levar por senhora. É estrella deste dia, que andarão após ella não só um rei, senão muitos. E quanta razão terão todas as coroas do mundo, de a pretender para rainha; pois é: princeza de tantas partes, como já hoje começamos a ver! Muito benigna, muito discreta, muito vigilante, muito liberal, e sobretudo muito favorecida do

* Chrys. Homil. 7. in Matth. August. serm. 7. de Epiphan.

ceu. Tão benigna, e de tão real condição, que em nove mezes que esteve tão de portas a dentro com a rainha nossa senhora, nunca lhe deu a menor molestia. Tão discreta, e de tão alta eleição, que escolheu o melhor e maior dia do anno, e mais sem ninguém lh'o ensinar; porque nunca houve em Portugal exemplo semelhante. Tão vigilante e diligente, que sendo hoje dia feriado, madrugou ás duas horas depois da meia noite, e espartou toda a casa. Tão liberal e grandiosa, que para fazer a maior mercê aos vassallos, sem asparar memoriaes, lhes deu de reis a si mesma. Finalmente, tão favorecida do ceu, e da mesma Mãe de Deus, que fazendo a rainha, que Deus guarda, aquella tão devota noventa pela felicidade de seu nascimento; porque o ultimo dia foi dedicado á Senhora da Estrella, nos deu esta estrella por Senhora: *Vidimus Stellam ejus**. Esta é a primogenita que hoje nasceu a Portugal: esta é a princeza que hoje nasceu para o mundo: tão digna do paê, a quem se deu, como do Paê que a deu: *Te Eternum Patrem*.

V.

Isto fez o Eterno Padre, em quanto Paê. E em quanto Eterno que fez? Fez que o nosso principe comece tambem hoje a ser eterno por beneficio da successão. Os paes homens, ainda que sejam principes, todos são mortaes; mas por meio da vida dos filhos se immortalisam, e por meio da posteridade da successão se fazem eternos. Falla el-rei David de si mesmo, e diz assim no Psalmo 60: *Dies super dies regis adjicies: annos ejus usque in diem generationis, et generationis*. Vós, Senhor, acrescenta-reis dias sobre os dias do rei, e por meio destes dias acrescentados, os seus annos durarão de seculo em seculo, e serão eternos. Difficultoso texto. É certo que Deus tem decretado a cada homem o numero dos dias da vida, com um termo e um limite tão preciso, que de nenhum modo podem crescer, nem passar adiante: *Constituisti terminos ejus, qui præterire non poterunt*. (Job. — 14) Pois se o

* Nuvena que fez a rainha visitando nove egrejas de nossa Senhora.

numero dos dias decretados de nenhum modo pôde passar adiante, nem crescer; como diz David a Deus, que acrescentará dias sobre os dias do rei: *Dies super dies regis adjicies*? Que dias acrescentados são estes? São os dias dos filhos, acrescentados sobre os dias do pae. E por meio deste acrescentamento de dias a dias, os annos dos paes, que pela mortalidade humana eram finitos, pela posteridade da successão veem a ser eternos: *Annos ejus usque in diem generationis, et generationis*. Ajunta-se uma geração com outra geração, e uma vida com outra vida; e desta união de vidas a vidas, successivamente continuadas, se tece o fio daquella eternidade, que faz os annos eternos. Sim: mas esses annos acrescentados, são dos filhos, e não são do pae. Sim são do pae; que assim o diz o texto: *Dies super dies regis adjicies: annos ejus*: annos seus; porque assim os annos do pae, como os dos filhos, todos são do pae.

Mas esta composição de annos com annos, e esta união de dias a dias, como se faz, e quando? Faz-se no dia do nascimento do filho. Porque no dia em que nasceu o filho, torna o pae a renascer. Antes de o filho nascer, vae a vida do pae caminhando para o Occaso; mas no dia, em que nasce o filho, torna a vida do pae a nascer e por-se no Oriente. Prometteu Deus a el-rei Ezechias, que lhe acrescentaria os annos da vida: pediu Ezechias signal; e o signal foi este: Que o sol voltasse ao Oriente, e que a sombra subisse dez linhas no relógio d'el-rei Achaz. A duração da nossa vida mede-se pelo curso do sol: Pois se o curso do sol é a medida da vida humana, e Deus queria acrescentar a vida ao rei; parece que o sol havia de ir adiante, e não tornar atraz; parece que havia de caminhar ao Occaso, e não voltar ao Oriente. Este é o mysterio e estremada pintura do que vou dizendo. O modo natural, com que Deus acrescenta os annos aos homens, é unindo a vida dos filhos á vida dos paes, e renascendo outra vez os paes no nascimento dos filhos; e por isso a vida dos paes, que seguindo o curso do sol vae caminhando ao Occaso;

* Isai. 38. S. Hier. Cyril. Procop. Aym. Lyran. Hugo Adam. Cornel. Sanch. et alii.

pelo milagre natural do nascimento dos filhos torna de repente atraz, e se põe outra vez no Oriente. A traça daquelle relógio de el-rei Achaz era uma escada fabricada com tal artificio, que a sombra do sol em cada hora ia descendo um degrau. Essa escada, ou a sombra della, é a nossa vida; de degrau em degrau vae descendo sempre e caminhando para o Occaso. Mas a vida dos paes, no dia do nascimento dos filhos, torna outra vez a subir a escada, e a se repor de novo no primeiro degrau. Tal é, com natural maravilha, o estado em que neste venturoso dia se acha a vida, que Deus guarde, do nosso felicissimo principe. Hontem á tarde ia pondo sua alteza os pés nos degraus vinte e um da vida; hoje com o nascimento da bellissima successora, está outra vez reposto no primeiro degrau della, para começar a viver de novo. Hontem ia subindo o nosso sol para o zenith dos annos com passo lento; hoje com o nascimento da nova aurora, desfazendo subitamente as linhas, que tão felizmente tinha andado, amanhece segunda vez renascido em novo e recíproco Oriente. Demos, logo o parabem nesta duplicada felicidade a nosso augustissimo monarcha, não só do nascimento da sua primogenita, senão também do seu nascimento; pois hoje nasce outra vez nella e com ella: hoje dá novo principio á vida com a sua vida: e hoje começa a contar aquelles felizes e continuados annos, que por meio de sua real successão hão de ser eternos.

Conta Moysés no livro do Genesis os annos das vidas dos antigos patriarchas; le é muito digno de ponderação o estylo de contar, que segue, porque faz duas contas: uma dos annos que tinham quando lhes nasceu o primogenito; e outra dos annos que tinham quando morreram. Ponhamos o exemplo em Seth, filho de Adão: *Vixit Seth centum, et quinque annis, et genuit Enos.* (Gen. — 5) Viveu Seth cento e cinco annos, e gerou o seu primogenito Enós. Esta é a primeira conta: *Et facti sunt dies Seth nongentorum duodecim annorum, et mortuus est.* E viveu Seth novecentos e doze annos, e morreu. Esta é a segunda conta. Pois se para ficarem em memoria, e sabermos os annos que viveram os patriarchas, bastava só esta segunda conta, porque fez Moysés também a primeira? Porque faz uma conta dos annos em que

morreram, e outra dos annos em que lhes nasceram os filhos? Porque os homens, que são paes, teem duas vidas : uma vida que acaba ; outra vida que continúa. A vida que acaba, conta-se no dia da morte do pae : a vida que continúa, conta-se do dia do nascimento do filho. Porque no dia do nascimento do filho, a vida do filho ata-se com a vida do pae ; e destas duas vidas assim atadas (atando-se tambem entre si as que lho succedem), de muitas vidas, que não são perpetuas, se vem a fazer uma vida perpetuada. São Paulo chamou judiciosamente á morte, desatadura da vida : *Tempus resolutionis meæ*. (2. ad Timoth. 4.) A morte é desatadura da vida ; e o nascimento é atadura das vidas ; porque na morte do pae desata-se uma vida ; no nascimento do filho atam-se duas. Ata-se a vida do filho com a vida do pae, e destas, atadas uma na outra, seguindo-se vidas a vidas, e annos a annos, os annos do pae, que em si mesmos eram mortaes e finitos, na successão dos filhos, se fazem immortaes e eternos. Este é o attributo daquella eternidade, que o Eterno Padre por meio da real successão, começa a communicar hoje ao nosso renascente principe ; fazendo-o sem interposição de morte, fenix de multiplicadas e mais felizes vidas : para que assim como em quanto Pae, o fez pae ; assim em quanto Eterno, o faça eterno : *Te Æternum Patrem*.

A myrrha, que é o ultimo obsequio que hoje offereceram os reis a Christo, não significa simplesmente o mortal, senão o mortal immortalisado ; porque a morte mata os corpos, e a myrrha depois de mortos, preservando-os da corrupção os faz immortaes. Este foi o pensamento (diz S. Maximo) com que os Magos sabiamente dedicaram a Christo a myrrha, como a reparador da sua e nossa mortalidade, professando o mysterio no tributo : *In myrrha, qua exanima solent corpora conservari, præfiguratur carnis nostræ reparatio**. Mas se a mortalidade se repara deste modo pela myrrha, muito melhor se repara pela successão : porque a myrrha immortalisa o mortal depois da morte ; e a successão immortalisa e eternisa o mortal com novas e con-

* S. Maxim. homil. 3. in Matth.

tinuada vidas. Razão é logo, que no dia em que teve principio esta felicidade, nós todos, e toda a terra connosco, demos immortaes e eternas graças ao Eterno Padre, pela immortalidade e eternidade do nosso principe: pois com os primeiros penhores da felicissima successão, assim como em quanto Pae o fez pae; assim em quanto Eterno o começa a fazer eterno: *Te Æternum Patrem omnis terra veneratur*. Acabou-se o verso do nosso coro, e eu tenho acabado.

VI.

Estas são em breve summa (corte, nobreza, e povo venturosissimo de Portugal) as mercês e felicidades, por que neste illustrissimo e real congresso nos ajuntamos todos em solemne acção de graças, a louvar e glorificar ao supremo Auctor de todos os bens neste ditosissimo e tão desejado dia, coroa de todos os que temos visto, tendo visto tantos e tão grandes. Tres dias notavelmente grandes teve Portugal neste seculo tão cheio de novidades, em annos a que todos quasi fomos presentes. O primeiro foi o dia da acclamação: o segundo, o dia das pazes: o terceiro, este dia sobre todos feliz, do nascimento da nossa primogenita. No dia da acclamação, deu-nos Deus o reino duvidoso: no dia das pazes, deu-nos o reino seguro: no dia de hoje, dá-nos o reino perpetuado. No primeiro dia, deu-nos o reino que foi: no segundo o reino que é: neste terceiro, o reino que ha de ser. No primeiro dia, deu-nos o reino de nossos paes: no segundo dia, deu-nos o reino para nós: neste terceiro, dá-nos o reino para nossos descendentes. Os passados já não podem gosar este bem, porque foram: os futuros ainda o não podem gosar, porque não são: nós somos só os que o gozamos, porque fomos tão venturosos, que vivemos nesta era. Não sejamos ingratos a um Deus tão bom, que sem merecimentos nossos, antes sobre tantas offensas, nos faz tão singulares favores. Já que nos ajuntamos a o louvar, louvemol-o muito de coração, e louvemol-o todos. Assim como o sol e a lua louvam a Deus: *Laudate eum sol, et luna*; (Psal. — 148) louvem a Deus hoje os nossos soberanos planetas, e reconheçam o fructo da successão, como benignidade das influencias

divinas. Assim como as estrellas louvam a Deus : *Laudate eum omnes stellæ* ; (Ibid.) louve a Deus o bellissimo lizeiro, que hoje amanheceu nos nossos horisontes, esclarecendo e allumiando com a mesma luz, a que sáe, este seu e nosso hemispherio. Assim como os reinos louvam a Deus : *Regna terræ cantate Deo* : (Psal. — 67) louve a Deus o reino de Portugal, pois entre todos os do mundo se vê delle tão amado, tão favorecido, tão sublimado. Assim como toda a terra louva a Deus : *Omnis terra adoret te, et pallat tibi* ; (Psal. — 65) louvem a Deus todas as partes da terra de nossa monarchia, e lembrem-se, pois se não podem esquecer, dos trabalhos, das perdas, das oppressões, das ruinas que padeceram por falta de successão.

Mas porque todos os louvores humanos são limitados, e as mercês que nos fazeis, Senhor, são infinitas ; louvae-vos vós mesmos a vós, infinito Deus, e aceitae em acção de graças tambem infinitas, o infinito merecimento desse sacrificio sacrosanto, que hoje vos offerecemos ; pois o instituistes para supprir os defeitos de nossos agradecimentos com nome de sacrificio de louvor : *Sacrificium laudis honorificabit me*. (Ibid. — 49) Nesse sacrificio de louvor vos louvamos, em quanto creaturas vossas, como a nosso Deus : *Te Deum laudamus* : nesse sacrificio de louvor vos confessamos, em quanto servos vossos, como a nosso Senhor : *Te Dominum confitemur* : nesse sacrificio de louvor vos reverenciamos, em quanto filhos vossos, e vos reverenciaremos eternamente como a nosso Pae : *Te Æternum Patrem omnis terra veneratur*.







